

**L&PMPOCKETNOIR**

**OLONGO  
ADEUS**

**RAYMOND  
CHANDLER**

**UMA AVENTURA DE PHILIP MARLOWE**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Raymond Chandler**

# **O longo adeus**

*(The Long Goodbye)*

Tradução de Flávio Moreira da Costa

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

**L&PM** POCKET

# Prefácio

Raymond Chandler sempre soube — e afirmou várias vezes — que seu detetive Philip Marlowe era um sentimental e um perdedor. Mas nunca isto ficou tão claro como em *O Longo Adeus*, sexto dos nove romances (o último inacabado) que Chandler criou em torno deste singular personagem da mitologia *noir*. Mas o importante é que o próprio Marlowe sabe disso. Ele movimenta-se numa Los Angeles transfigurada pelas pequenas paixões criminosas onde todas as maneiras de ganhar a vida são válidas e não raro significam o assassinato como forma de remover obstáculos. *O Longo Adeus* é o romance de Chandler de trama mais complicada e portanto a tarefa mais difícil das que caíram nas mãos do pobre Marlowe. Esse cavaleiro andante de ternos discretos mete-se com um chefe de polícia particularmente brutal para proteger um amigo e acaba humilhado e preso. Mas isto é apenas o começo desse sombrio mergulho na traição e nas ambigüidades do profissionalismo e da lealdade. Um escritor impotente e bêbado, uma mulher com alucinações, um psiquiatra que mais parece um carcereiro e alguns *gangsters* com um estranho senso de gratidão cobrem Marlowe de mentiras e evasões. As investigações se cruzam como estranhos numa festa porque o fio da cumplicidade, que tudo une, permanece oculto pela vacilação, o interesse e várias formas de culpa. Marlowe mergulha no caso na pior das condições que podem envolver um profissional: está pessoal e emocionalmente envolvido no centro do caso. Isto quebra a tradicional estrutura romanesca de Chandler,

fazendo que tanto ele como alguns de seus amigos não conseguissem perceber que estavam diante do que provavelmente é a única novela policial capaz de ombrear com *O Falcão Maltês* — e, sob vários pontos de vista, ser superior a esse clássico.

A opinião de Chandler não importa muito porque ele sempre olhou com ceticismo seu trabalho, insistindo em afirmar que jamais alguém escreveria um clássico do gênero *noir* como já haviam feito em outras literaturas. Este norte-americano nascido em Chicago em 1888 tinha uma formação um tanto estranha para os escritores de *pulp magazines*. Aos oito anos foi para Londres onde estudou até 1912, exceto por um ano que passou na França e na Alemanha. Lutou na I Guerra, voltou em 1919 aos EUA e, até 1932, foi diretor de várias empresas. Desempregado, voltou a desempenhar atividades literárias, embora diferentes das que exercera quando escrevia para alguns jornais ingleses no seu tempo de estudante.

A revista *Black Mask* publicou seu primeiro conto em 1933 e, em 1939, saiu seu primeiro romance, *The Big Sleep*. Seguiram-se *Farewell, My Lovely*, 1940; *The High Window*, 1942; *The Lady in the Lake*, 1943; *The Little Sister*, 1949; *A Long Goodbye*, 1953; *Playback*, 1958. Deixou inacabado *The Poodle Springs Story*. Raymond Chandler morreu em La Jolla, Califórnia, em 26 de março de 1959.

José Onofre

# 1

A primeira vez que vi Terry Lennox ele estava bêbado, num Rolls Royce Silver Wraith, em frente ao terraço do The Dancers. O manobrista do estacionamento havia trazido o carro e ainda segurava a porta aberta pois o pé esquerdo de Terry se balançava do lado de fora, como se ele tivesse esquecido de que tinha um. Terry mostrava um rosto jovem, mas seus cabelos eram brancos como ossos. Pelos olhos, podia-se dizer que estava no limite do porre total, mas ao mesmo tempo parecia apenas um rapaz decente, de *smoking*, que estivera gastando dinheiro demais numa dessas espeluncas que existem para esse fim e não outro.

Ao seu lado, havia uma garota. Seu cabelo era de um belo tom de ruivo escuro e tinha um sorriso distante nos lábios. Sobre os ombros, havia jogado um casaco de *mink azul*, que quase fazia o Rolls Royce parecer um automóvel qualquer. Bem, nem tanto. Nada conseguiria isso.

O manobrista era o sujeito meio durão de sempre. Usava um paletó branco com o nome do restaurante bordado em vermelho na frente. E estava para explodir.

— Escute, meu senhor — disse, com uma lâmina na voz —, poderia puxar a perna pra dentro do carro, para eu poder fechar a porta? Ou devo abri-la toda para que o senhor possa cair pra fora de vez?

A garota lançou-lhe um olhar que deve ter penetrado pelo menos

alguns centímetros nas suas costas. Mas ele nem ligou, pelo menos não a ponto de se alterar. No The Dancers costuma aparecer este tipo de gente que nos desilude a respeito do que um monte de dinheiro pode fazer à personalidade das pessoas.

Um carro esporte estrangeiro e comum, com a capota arriada, entrou no estacionamento. Um homem desceu e usou o isqueiro do carro para acender um cigarro comprido. Vestia um pulôver quadriculado de gola role, calças amarelas e botas de cavalgar. E foi em frente deixando nuvens de fumaça no ar, sem sequer se importar em dar uma olhada para o Rolls Royce. Com certeza achou que era uma coisa vulgar demais. Aos pés da escada que dava para o terraço, parou um pouco para ajustar um monóculo no olho.

A garota falou com um jeito encantador: — Tive uma idéia incrível, querido. Por que a gente não vai de táxi até a sua casa e pega o conversível para dar uma volta? A noite está tão maravilhosa para um passeio pela costa até Montecito! Conheço um pessoal lá que está dando uma festa em volta da piscina.

O cara de cabelos brancos disse, polidamente: — Sinto muito, mas não tenho mais o carro. Fui obrigado a vendê-lo.

Pela sua voz e pelo seu jeito de falar não se poderia saber se ele tinha bebido alguma coisa mais forte do que suco de laranja.

— Vendeu, meu bem? O que você quer dizer com isso?

Ela se afastou dele, no banco do carro, porém sua voz se afastou um bocado a mais.

— Bem, precisei. Dinheiro para comer.

— Ah, sim, entendi.

Se, nesse instante, alguém encostasse nela um sorvete, ele não conseguiria derreter.

O manobrista não agüentava mais o rapaz de cabelos brancos. E baixou o nível: — Escute aqui, cara. Preciso tirar um carro. A gente se vê outro dia, quem sabe.

Deixou a porta aberta, balançando. O bêbado logo deslizou do banco e aterrissou o traseiro no asfalto. Fui em frente e decidi intervir. Acho que é sempre um erro a gente se meter com um bêbado. Mesmo que ele nos conheça e goste da gente, estará sempre pronto a nos enfrentar e a acertar um soco bem nos dentes. Segurei-o pelo braço e coloquei-o em pé.

— Muito, muito obrigado — ele disse, educadamente.

A garota deslizou para trás do volante.

— Ele fica parecendo um inglês idiota quando enche a cara — disse com um tom de aço inoxidável. — Obrigada por apanhá-lo.

— Vou colocá-lo no banco de trás.

— Desculpe. Tenho um compromisso, estou atrasada. — Ligou a chave e o motor começou a funcionar. — Ele não passa de um cão perdido — acrescentou, com um sorriso gelado. — Talvez você consiga encontrar um lar pra ele. Anda assim, meio sem saber para onde vai.

O Rolls Royce foi até a entrada da auto-estrada em direção ao Sunset Boulevard, dobrou à direita e desapareceu. Fiquei olhando até o sujeito do estacionamento voltar.

Eu ainda segurava o homem, que agora dormia fundo.

— Bem, por essa eu não esperava — falei pro cara de paletó



branco.

— Claro — ele disse, cinicamente. — Por que perder tempo com um bêbado? Eles ficam dando voltas e voltas e coisa e tal.

— Você o conhece?

— A dona chamou-o de Terry, foi o que ouvi. Fora isso, não conseguiria distingui-lo de um vagão de carga. Mas estou aqui só há duas semanas.

— Traga meu carro, por favor. — Dei o *ticket*.

Quando ele chegou com meu Oldsmobile, parecia que eu estava segurando um saco de chumbo. O sujeito de paletó branco me ajudou a colocá-lo no banco dianteiro. Ele abriu um olho, nos agradeceu e voltou a dormir.

— É o bêbado mais educado que eu já encontrei — disse para o cara de paletó branco.

— Eles aparecem por aí de todos os tamanhos e formas, com todo tipo de maneiras. E são todos uns vagabundos. Esse aí ao que parece já andou alguma vez mexendo com bombas.

— É .

Dei-lhe um dólar e ele me agradeceu. Tinha razão a respeito do envolvimento com bombas. O lado direito do rosto do meu novo amigo parecia congelado, era esbranquiçado e marcado com finas e fortes cicatrizes. A pele tinha uma aparência horrível ao longo das cicatrizes. Mexia com bombas, e de um jeito bastante drástico.

— O que vai fazer com ele?

— Levá-lo pra casa até ficar sóbrio e me dizer onde mora.

O de paletó branco sorriu pra mim: — Tudo bem, cara. Se fosse eu, simplesmente jogava ele na sarjeta e seguia em frente. Esses cachorrões de cara cheia só trazem um bocado de encrenca e nenhuma compensação. Eu tenho uma filosofia sobre essas coisas. Do jeito que a luta pela vida é hoje em dia, o cara tem mais é que guardar suas forças pra se proteger na batalha.

— Pelo que vejo, você fez muito sucesso com essa tática.

Pareceu confuso e logo começou a ficar zangado, mas a essa altura eu já estava no carro e em movimento.

Mas o sujeito estava parcialmente certo, claro. Terry Lennox me trouxe um monte de encrencas. Mas, afinal, esse é o meu trabalho.

Naquele ano, eu estava morando numa casa na Avenida Yucca, no distrito de Laurel Canyon. Era uma casinha no alto de uma rua sem saída, com uma comprida escada de degraus de sequóia até a porta da frente e um pequeno bosque de eucaliptos pelo caminho. A casa era mobiliada e pertencia a uma mulher que se mudara para Idaho para passar uns tempos com sua filha viúva. O aluguel era baixo, em parte porque a dona queria poder voltar após um pequeno aviso prévio, e em parte devido aos degraus. A proprietária era velha demais para enfrentar aqueles degraus toda vez que chegasse em casa.

De alguma maneira, subi com o bêbado. Até que ele queria ajudar, mas suas pernas pareciam de borracha e ele caía no sono no meio de uma desculpa. Abri a porta, carreguei-o para dentro e o estendi no sofá, joguei um cobertorzinho em cima dele e deixei que voltasse a dormir. Durante uma hora ele roncou como uma pequena baleia. De repente acordou e quis ir ao banheiro. Quando voltou, me

olhou fixamente, apertou os olhos e quis saber, afinal, onde estava. Eu disse. Falou que seu nome era Terry Lennox e morava num apartamento em Westwood onde ninguém o esperava. Sua voz era clara e bem distinta.

Disse que aceitaria uma xícara de café. Quando a trouxe, ele bebeu cuidadosamente, segurando o pires bem perto da xícara.

— Como é que vim parar aqui? — falou, olhando em volta.

— Você desabou do The Dancers para um Rolls Royce.

E sua amiga te deixou na mão.

— Certo. Sem dúvida, tinha toda a razão.

— Você é inglês?

— Morei lá. Não nasci lá. Se fizer o favor de chamar um táxi, vou embora.

— Meu carro está lá embaixo.

Desceu a escada com as próprias pernas. Não chegou a dizer muita coisa a caminho de Westwood, a não ser que fora muito gentil da minha parte e que estava chateado por incomodar. Provavelmente havia dito isso tantas vezes e para tanta gente, que já era automático.

Seu apartamento era pequeno, atravancado e impessoal. Ele poderia ter se mudado naquela tarde. Numa mesinha em frente a um sofá-cama verde-escuro havia uma garrafa de uísque pela metade, gelo derretido numa tigela, três garrafas vazias de soda, dois copos e um cinzeiro de vidro cheio de pontas de cigarro com e sem marcas de batom. Não havia fotos nem objetos pessoais de espécie alguma. Poderia ser um quarto de hotel alugado para uma reunião ou para uma despedida, para alguns drinques e um bate-papo, um joguinho

de dados. Não parecia um lugar onde alguém morasse.

Me ofereceu um drinque, eu disse não, obrigado. Não me sentei. Quando saí, me agradeceu ainda mais, mas não como se eu tivesse escalado uma montanha por ele, nem como se fosse uma coisa qualquer. Estava um pouco trêmulo e um pouco envergonhado, mas muito bem-educado. Ficou parado na porta aberta até o elevador automático chegar e eu entrar. Podia não possuir muitas coisas, mas tinha boas maneiras.

Não falou de novo na garota. Tampouco mencionou que estava desempregado, sem perspectivas, e que praticamente seu último dólar fora-se embora ao pagar a conta no The Dancers em troca de um pouco de frivolidade de classe, que não duraria muito, mas que lhe daria a certeza de não ser perturbado pela gozação de alguns garotões andando à toa de carro ou de ser atropelado por um táxi e jogado num buraco qualquer.

No elevador, descendo, tive o impulso de voltar e tirar a garrafa de uísque de lá. Mas não tinha nada a ver com isso e não adiantaria grande coisa, de qualquer modo. Eles sempre encontram uma maneira de conseguir uma garrafa quando estão querendo mesmo.

Guiei até minha casa mordendo os lábios. Sou um cara meio durão, mas havia alguma coisa naquele sujeito que me perturbava. Não sabia bem o que era, talvez os cabelos brancos, o rosto com cicatrizes, a voz clara e a gentileza. Desisti de descobrir.

Não havia razão alguma pra que eu o encontrasse novamente. Afinal, ele não passava de um cão perdido, dissera a garota.

## 2

Foi na semana depois do dia de Ação de Graças que o vi novamente. As lojas ao longo do Hollywood Boulevard já começavam a se encher com lixo natalino remarcado e os jornais começavam a anunciar como seria terrível alguém não fazer as compras de Natal antecipadamente. Seria terrível de qualquer maneira; sempre é.

A cerca de três quarteirões do meu escritório vi um carro de polícia estacionado em fila dupla e dois tiras dentro dele que observavam alguma coisa na frente de uma vitrina, junto à calçada. O "alguma coisa" era Terry Lennox — ou o que restava dele — e o que se via não era muito atraente.

Encostava-se na vitrina da loja, precisava encostar em alguma coisa. A camisa estava suja e aberta no pescoço, meio fora da calça. Não se barbeava há quatro ou cinco dias. O nariz estava achatado. A pele, tão pálida que mal se via as longas e finas cicatrizes. E os olhos pareciam buracos feitos na neve. Era evidente que os policiais dentro daquele carro-patrolha estavam a ponto de encaná-lo, de modo que me adiantei e segurei seu braço.

— Fique firme e caminhe — disse, bancando o durão. Pisquei-lhe o olho, de lado. — Vai conseguir? Tá se agüentando?

Olhou para mim vagamente e então sorriu seu pequeno sorriso de canto de boca.

— Tudo bem — e respirou. — Só estou me sentindo um pouco... vazio.

— OK, mas pise firme. Já está a meio caminho de um porre total.

Esforçou-se e deixou que o levasse pela calçada até perto do meio-fio. Havia um táxi parado, escancarei a porta com força.

— Ele está na minha frente — o motorista disse, apontando com o dedo um táxi na frente dele. Virou o rosto para trás e viu Terry. — Se é que faz diferença...

— É uma emergência. Meu amigo está doente.

— Está certo... mas bem que ele podia ficar doente num outro lugar.

— Cinco dólares. Para ir com cara boa.

— Hum, bem — disse, e pôs de lado uma revista com um marciano na capa.

Entrei e deixei a porta aberta. Puxei Terry pra dentro e a sombra do carro de polícia bloqueou a janela do lado de lá. Um tira de cabelos grisalhos se aproximou. Saí, dei a volta no táxi e me encontrei com ele.

— Só um momentinho, cara. O que temos aqui? Esse cavalheiro que estava em frente da loja é amigo seu?

— Amigo o suficiente pra eu saber que ele precisa de ajuda. Não está embriagado.

— Sem dúvida, talvez por razões financeiras — disse o tira.

Esticou a mão e coloquei minha licença nela. Olhou-a e me entregou de volta.

— Hum, hum. Um investigador particular pegando um cliente. — A voz mudou e tornou-se ríspida. — Isso diz alguma coisa sobre o

senhor, sr. Marlowe. E sobre ele?

— Chama-se Terry Lennox. Trabalha em cinema.

— Ótimo — disse o tira, sarcástico. Inclinou-se no táxi e encarou Terry no fundo do banco. — Diria que não tem trabalhado muito ultimamente, nem que tem dormido sob um teto ultimamente. Diria mesmo, em poucas palavras, que se trata de um malandro e que talvez seja o caso da gente levá-lo.

— Sua cota de prisões não pode estar tão baixa. Pelo menos não em Hollywood.

Ele continuava olhando Terry.

— Qual é mesmo o nome do seu amigo, meu chapa?

— Philip Marlowe — disse Terry, lentamente. — Mora na Avenida Yucca, Laurel Canyon.

O tira tirou a cabeça da janela. Voltou-se e fez um gesto com a mão.

— Você pode ter dito seu nome pra ele.

— Podia, mas não disse.

Me encarou por uns segundos.

— Desta vez, vou deixar passar. Mas tire este cara de circulação.

Entrou no carro-patrulha, que partiu.

Entrei no táxi, seguimos três quarteirões até meu estacionamento e mudamos para o meu carro. Dei os cinco dólares pro motorista. Ele me lançou um olhar frio e sacudiu a cabeça.

— Apenas o que marca no taxímetro, cara, ou um dólar a mais se o senhor quiser. Já estive na pior, sei o que é isso. Em Frisco.

Ninguém me pegou e me pôs num táxi. É uma cidade de coração de pedra.

— São Francisco — falei, mecanicamente.

— Chamo ela de Frisco. Abaixo os grupos minoritários. Obrigado.

Pegou o dólar e sumiu.

Fomos para um *drive-in* onde se fazia um hambúrguer que não chegava a ter gosto de qualquer coisa que cachorro não pudesse comer. Terry Lennox comeu dois hambúrgueres e tomou uma lata de cerveja. Levei-o pra casa. Os degraus ainda pareciam difíceis pra ele, mas Terry sorriu, respirou fundo e conseguiu subir. Uma hora mais tarde, estava barbeado e de banho tomado, parecendo novamente um ser humano.

Sentamo-nos à volta de alguns drinques bem fraquinhos.

— Que sorte ter se lembrado do meu nome — falei.

— Fiz questão de não esquecer. Além disso, andei procurando você. Era o mínimo...

— Por que não me ligou, então? Moro aqui o tempo todo. E ainda tenho um escritório.

— Por que deveria incomodá-lo?

— Parece que precisava incomodar alguém. Parece que não tem lá muitos amigos.

— Não, tenho amigos, em certo sentido... — Colocou o copo na mesa. — Pedir ajuda não é uma coisa que faço com facilidade, principalmente quando o problema é todo meu. — Olhou pro alto com um sorriso cansado. — Talvez eu possa parar de beber um dia desses. Todos dizem isso, não é mesmo?



— Leva pelo menos três anos.

— Três anos? — Parecia chocado.

— Geralmente é o que se leva. É um mundo diferente. Vai precisar se acostumar a um conjunto mais pálido de cores, um agregado de sons mais tranqüilos. Precisa levar em conta as recaídas. Todas as pessoas que conhece vão começar a ficar um pouco estranhas. Você não vai, inclusive, gostar mais da maioria delas e elas tampouco vão gostar de você.

— Não, seria uma mudança considerável — disse. Virou-se e olhou o relógio. — Tenho uma valise que vale duzentos dólares guardada na estação de ônibus de Hollywood. Se pudesse recuperá-la, compraria uma mais barata, empenharia a outra e conseguiria dinheiro para chegar a Las Vegas. Lá posso arrumar emprego.

Não disse nada. Apenas concordei com a cabeça e fiquei sentado cuidando do meu drinque.

— Deve estar pensando que eu deveria ter pensado nisso há mais tempo — disse, calmamente.

— Estou pensando que existe alguma coisa por trás disso tudo que não tem nada a ver comigo. Esse emprego é coisa certa ou apenas uma esperança?

— Certíssima. Um cara que conheci muito bem no exército está dirigindo uma grande boate por lá, Terrapin Club. O cara é meio bandido, é claro, todos são, mas a outra metade dele é um cara legal.

— Posso providenciar a passagem de ônibus e algum extra. Mas só faria isso se tivesse certeza que era uma saída por algum tempo. É melhor falar com ele pelo telefone.

— Obrigado mas não é necessário. Randy Starr não vai me deixar na pior. Nunca deixou. E a valise vale uns cinquenta dólares no prego. Sei por experiência própria.

— Escute, posso conseguir o que você precisa. Não sou um otário de coração mole. Portanto, pegue o que ofereço e se comporte. Quero vê-lo longe porque tenho uma sensação esquisita em relação a você.

— Verdade? — Olhou para baixo, para o copo. Estava apenas bebericando. — Nós nos encontramos apenas duas vezes e você foi mais do que legal comigo nas duas. Que tipo de sensação?

— Uma sensação de que a próxima vez irei encontrá-lo numa situação tão ruim, que não vou conseguir livrá-lo dela. Não sei por que tenho essa impressão, mas a verdade é que tenho.

Tocou o lado direito do rosto suavemente, com dois dedos.

— Talvez seja isso. Sei que me dá um ar meio sinistro. Mas é um ferimento honroso, pelo menos o resultado de um ferimento honroso.

— Não é isso. Não ligo nem um pouco. Sou detetive particular. Você é um problema que eu não preciso resolver. Mas o problema existe. Pode chamar isso de cisma. Se quiser ser supereducado, chame de diagnóstico de personalidade. Talvez aquela garota não tenha te deixado na mão lá no The Dancers apenas porque você estava bêbado. Talvez ela também tenha cismado com alguma coisa.

Sorriu polidamente.

— Fui casado com ela. Chama-se Sílvia Lennox. Eu me casei por causa do dinheiro dela.

Levantei-me, olhando-o de lado.

— Vou fazer ovos mexidos. Precisa comer.

— Espere um pouco, Marlowe. Deve estar pensando por que, estando eu na pior e Sílvia tendo tanto dinheiro, não pedi uma nota pra ela. Já ouviu falar de orgulho?

— Assim você me mata, Lennox.

— Mesmo? Meu tipo de orgulho é diferente. É o orgulho de um homem que não tem mais nada. Sinto muito se estou te chateando.

Fui até a cozinha e fritei *bacon* e ovos mexidos, fiz café e torrada. Tomamos nosso *breakfast* na mesinha da copa. A casa era de uma época que sempre tinha uma mesa dessas.

Disse que precisava passar no escritório e que na volta pegaria sua valise. Ele me deu o *ticket*. Seu rosto agora adquirira certa cor e os olhos não estavam mais tão lá no fundo do rosto. Antes de sair, coloquei a garrafa de uísque na mesa em frente do sofá.

— Use seu orgulho pra isso. E ligue pra Las Vegas, me faça esse favor.

Apenas sorriu e encolheu os ombros. Eu ainda estava meio aflito enquanto descia os degraus. Não sabia por quê. Como não sabia por que um homem passava fome e vagava pelas ruas em vez de empenhar seu guarda-roupa. Quaisquer que fossem suas regras, orientava-se por elas.

A valise era a coisa mais esquisita que já vira. De couro de porco clareado, deveria ter sido, quando nova, amarela suave. Tinha detalhes em ouro. Era fabricada na Inglaterra e se eu pudesse comprá-la aqui, custaria uns oitocentos dólares e não duzentos.

Coloquei a valise na frente dele. Olhei para a garrafa em cima da

mesa. Intacta. Ele estava tão sóbrio quanto eu. E fumava, embora não parecesse gostar muito.

— Liguei pra Randy. Ficou chateado por não ter ligado antes.

— Foi preciso um estranhote dar um empurrão. Presente de Sílvia? — aponte para a valise.

Tirou os olhos da janela.

— Não. Um presente que ganhei na Inglaterra muito antes de conhecê-la. Muito antes mesmo. Gostaria de deixá-la com você, se puder me emprestar uma outra, velha.

Peguei cinco notas dobradas de dez dólares da minha carteira e joguei-as à sua frente.

— Não preciso de garantias.

— Não era essa minha intenção. Você não é um agiota. Apenas não quero levá-la comigo a Las Vegas. E não preciso de tanto dinheiro.

— Está certo. Fica com o dinheiro e eu fico com a valise. Mas esta casa é fácil de ser assaltada.

— Não me importaria muito — disse, indiferente. — Não me importaria mesmo.

Trocou de roupa e fomos jantar no Musso's por volta das cinco e meia. Sem drinques. Pegou o ônibus em Cahuenga e voltei para casa pensando nisso e naquilo. Sua valise vazia estava em cima da minha cama, onde a esvaziara e colocara suas coisas na minha sacola leve. A sua tinha uma chave de ouro, que estava num dos fechos. Tranquei a valise vazia, amarrei a chave na alça e coloquei na parte mais alta do armário. Não parecia totalmente vazia, mas o que tinha lá dentro não

era problema meu.

A noite estava tranqüila e a casa parecia mais vazia do que o normal. Sentei em frente ao tabuleiro de xadrez e joguei uma defesa francesa contra Steinitz. Ele me venceu em quarenta e quatro jogadas, mas fiz com que suasse algumas vezes.

O telefone tocou às nove e meia e já escutara antes aquela voz.

— É o sr. Philip Marlowe?

— Sim, sou Marlowe.

— Sílvia Lennox, sr. Marlowe. Nos encontramos rapidamente em frente ao The Dancers numa noite do mês passado. Soube depois que o senhor foi bastante gentil levando Terry pra casa.

— Foi o que eu fiz.

— Creio que já deve saber que não estamos mais casados, mas eu ando um pouco preocupada. Ele entregou o apartamento que tinha em Westwood e ninguém sabe para onde foi.

— Notei o quanto a senhora se preocupa naquela noite em que nos encontramos.

— Escute, sr. Marlowe, fui casada com aquele homem. Não simpatizo muito com bêbados. Talvez tenha sido um pouco insensível, ou talvez eu tivesse alguma coisa mais importante pra fazer. O senhor é um detetive particular e podemos conversar sobre esse caso em bases profissionais, se preferir.

— Não precisamos colocar o caso em base nenhuma, sra. Lennox. Ele está num ônibus a caminho de Las Vegas. Tem um amigo por lá que vai lhe arranjar emprego.

Pareceu iluminar-se de repente.

— Ah... para Las Vegas? Como ele é sentimental. Foi lá que nós nos casamos.

— Talvez ele tenha se esquecido deste detalhe. Senão teria ido pra outro lugar.

Em vez de desligar na minha cara, ela riu. Era um risinho charmoso.

— É sempre rude assim com seus clientes?

— A senhora não é uma cliente, sra. Lennox.

— Mas posso ser um dia desses. Quem sabe? Vamos dizer então, pras suas amigas?

— Mesma resposta. O cara andava na pior, passando fome, sujo, sem uma migalha. A senhora poderia tê-lo encontrado se achasse que valia a pena. Ele não queria nada da senhora e provavelmente nem vai querer.

Ela respondeu friamente:

— Isso é algo a respeito do que o senhor nada pode saber. Boa-noite.

E desligou.

Estava mais do que certa, é claro, e eu mais do que errado. Mas não me senti errado. Apenas me senti chateado. Se ela tivesse ligado meia hora antes, era possível que eu ficasse tão chateado que acabaria vencendo Steinitz de vez — mesmo considerando-se que ele estava morto há cinqüenta anos e a partida de xadrez era tirada de um livro.

### 3

Três dias antes do Natal recebi um cheque ao portador de um banco de Las Vegas no valor de cem dólares. Junto, uma nota escrita em papel timbrado de hotel. Ele me agradecia, me desejava Feliz Natal e toda a sorte do mundo, e esperava me ver novamente em breve. A surpresa estava no pós-escrito. "Sílvia e eu estamos começando uma segunda lua-de-mel. Ela pede pra não ficar chateado com ela por tentar uma segunda vez."

O resto da história eu peguei numa dessas esnobes colunas sociais dos jornais. Não as leio com frequência, só quando fujo de notícias que me desagradam.

"Vosso colunista ficou orgulhoso com a notícia de que Terry e Sílvia Lennox religaram seus laços em Las Vegas, os muito queridos. Ela é a filha mais nova do multimilionário Harlan Potter, de São Francisco, e Pebbe Beach, claro. Mareei e Jeanne Duhaux estão redecorando inteiramente a mansão de Encino, do porão ao teto, tudo no mais arrasante *dernier cri*. Curt Westerheym, o último e singular marido de Sílvia, meus queridos, deu a eles de presente de casamento uma pequena cabana de dezoito quartos, como vocês devem se lembrar. E que fim levou Curt?, vocês devem estar perguntando. A resposta é: em Saint-Tropez, e, pelo que sei, parece que para sempre. Da mesma forma, uma duquesa francesa com muito, muito sangue azul e duas crianças realmente adoráveis. E o que pensa Harlan Potter da volta de Terry e Sílvia?, vocês devem também estar se perguntando. Pode-se apenas adivinhar. O sr.

Potter é o tipo de pessoa que nunca se deixa entrevistar. Quão exclusiva uma pessoa pode se tornar, não é mesmo, queridos?"

Joguei o jornal para o lado e liguei a televisão. Depois da página do vômito canino da coluna social, até a marmelada na TV pareceria boa para se ver. Mas os fatos provavelmente eram verdadeiros. Em sociedade tudo se sabe.

Fiz uma fotografia mental do tipo da "cabana" de dezoito quartos que se acrescentaria a alguns dos milhões dos Potter, sem mencionar as decorações de Duhaux na base do último simbolismo subfálico. Mas não consegui nenhuma foto mental de Terry Lennox andando à toa de bermudas em volta de uma piscina, chamando o mordomo pelo telefone interno para gelar o champanha e esquentar o faisão. Não tinha por que visualizar isso tudo. Se o cara queria ser o ursinho de estimação de alguém, problema dele. Simplesmente não queria mais vê-lo. Mas sabia que iria encontrá-lo — pelo menos por causa de sua maldita valise de couro de porco e placas de ouro.

Eram cinco horas de uma tarde úmida de março quando ele entrou no meu miserável empório mental. Parecia mudado. Mais velho, muito sóbrio e austero, e lindamente calmo. Parecia um sujeito que aprendera a viver na base do frescor. Vestia uma capa de chuva branco-ostrea e luvas; não usava chapéu — seu cabelo branco estava liso como peito de passarinho.

— Vamos até um bar tranqüilo beber alguma coisa — disse, como se tivesse me encontrado dez minutos antes. — Quer dizer, se tiver tempo.

Não nos apertamos as mãos. Nunca nos apertávamos as mãos. Ingleses não apertam mãos o tempo todo como os americanos, e



embora ele não fosse inglês, tinha muito dos maneirismos dos ingleses.

— Vamos até lá em casa pegar sua fantástica valise. Não sei por que ela me preocupa — eu disse.

Ele sacudiu a cabeça.

— Seria gentil de sua parte se continuasse a guardá-la pra mim.

— Por quê?

— Prefiro assim. Se incomoda? É uma espécie de ligação com um tempo em que eu não era um inútil gastador.

— Que coisa mais maluca. Mas é problema seu.

— Mas se te incomoda por achar que alguém pode roubá-la...

— Também será problema seu. Vamos tomar um drinque.

Fomos ao Victor's, no carro dele, um Jowett Júpiter cor-de-ferrugem com uma fina tela no teto, debaixo da qual só havia lugar para nós dois. Tinha uma pálida cortina de couro e um equipamento qualquer prateado. Não sou de me deslumbrar com carros, mas aquele realmente me deixou um pouco com água na boca. Ele disse que o carro era muito rápido. Tinha uma alavanca de câmbio pequena, que mal lhe chegava ao joelho.

— Quatro marchas. Ainda não inventaram um sistema automático de mudança que fizesse o trabalho dessas engenhocas. Mas, na verdade, não preciso disso. Você pode sair em terceira mesmo rua acima, o que é o máximo que se precisa no tráfego.

— Presente de casamento?

— Um presente tipo "Eu tava passando e vi esta lembrancinha na

vitrina". Sou um cara muito mimado.

— Ótimo. Se não tiver etiqueta de preço.

Olhou para mim rapidamente e voltou os olhos para o chão molhado. Duplos limpadores de pára-brisas limpavam delicadamente o pequeno vidro da frente.

— Etiqueta de preço? Sempre existe uma etiqueta de preço, amigão. Você talvez ache que eu não seja feliz.

— Desculpe, me intrometi onde não devia.

— Sou um cara rico. Quem, me diga, deseja ser feliz?

Na sua voz, havia uma amargura que me era desconhecida.

— Como vai a bebida?

— Só bebo com perfeita elegância, socialmente. Por uma estranha razão consegui me sair bem do antigo vício. Mas nunca se sabe, não é mesmo?

— Talvez você nunca tenha sido um bêbado de verdade.

Sentamo-nos num canto do bar do Victor's e bebemos *gimlets*.

— Não sabem prepará-lo bem aqui — ele disse. — O que chamam de *gimlet* é apenas suco de lima ou de limão, gim, um pouco de açúcar e um pouco de *bitter*. O verdadeiro *gimlet* é metade gim, metade suco de Rose's Lime e mais nada. Ganha longe de um martini qualquer.

— Nunca fui muito ligado em drinques. Como se deu com Randy Starr? Lá de onde venho é chamado de barra-pesada.

Recostou-se e me olhou pensativamente.

— Acho que ele é. Acho que todos eles são. Mas nele nem se nota.

Poderia citar vários malandros que atuam no mesmo ramo aqui em Hollywood. Randy não esquentava. Em Las Vegas, é um legítimo homem de negócios. Procure-o da próxima vez que for lá. Será um amigo seu.

— Não creio. Não gosto de marginais.

— Isso é apenas uma palavra, Marlowe. Temos este tipo de mundo, fruto de duas guerras, e vamos continuar tendo. Randy, eu e outro sujeito estivemos encrencados uma vez. Isso criou uma espécie de elo entre nós.

— Então por que não lhe pediu logo ajuda quando precisou?

Bebeu o drinque e chamou o garçom.

— Porque ele não poderia recusar.

O garçom trouxe outros drinques e eu falei: — Conversa... Se por alguma razão um cara lhe deve alguma coisa, sempre pensa nos *seus* objetivos. Ele gostaria de ter uma chance para retribuir qualquer coisa.

Balançou a cabeça lentamente: — Você tem razão. Claro que pedi a ele que me desse emprego. Mas trabalhei nesse emprego depois que o consegui. Quanto a pedir favores ou presentes, não.

— Mas de um estranho você recebeu.

Ele me olhou fixamente.

— Um estranho segue em frente e finge que não ouviu nada.

Bebemos três *gimlets*, simples, não duplos, e não lhe causaram nenhum efeito. Seria o suficiente para um verdadeiro bêbado recomeçar. Portanto, achei que estava curado de vez.

Ele me levou de volta ao escritório.

— Jantamos às oito e quinze. Só milionários podem se dar o luxo. Só empregados de milionários ficam até tarde hoje em dia. Muita gente simpática virá.

Daí em diante virou uma espécie de hábito da parte dele passar pelo escritório por volta das cinco. Nem sempre íamos para o mesmo bar, mas mais constantemente para o Victor's do que qualquer outro. Talvez lhe trouxesse alguma lembrança desconhecida. Nunca bebia demais e ele próprio ficava surpreso com isso.

— Deve ser alguma coisa como uma febre terçã. É terrível quando nos atinge. Quando não se sofre mais dela, é como se nunca a tivéssemos tido.

— O que não entendo é por que um cara com os seus privilégios se incomoda em beber com um detetive decadente.

— Está sendo modesto?

— Não, estou apenas intrigado. Sou um tipo razoavelmente amigável mas não vivemos no mesmo mundo. Não sei nem onde você vive, a não ser que é em Encino. Só posso concluir que a vida em sua casa não é lá essas coisas.

— Não tenho nenhuma vida caseira.

Bebíamos *gimlets* novamente, o bar estava praticamente vazio. Havia o pequeno punhado de bebedores compulsivos, sentados nas banquetas perto do balcão do bar, do tipo que se distingue muito pouco um do outro e que cuidam de suas mãos tentando não bater em nada em volta.

— Não entendi. Seria o caso?

— Grande produção, nenhum roteiro, como diria o pessoal de cinema. Creio que Sílvia é bem feliz, mas não necessariamente comigo. No nosso círculo isso não é muito importante. Sempre existe algo pra se fazer quando não se precisa trabalhar nem pensar nos custos das coisas. Não é exatamente divertido mas os ricos não percebem isso. Nunca se divertem. Nunca desejam realmente nada, exceto talvez a esposa do próximo, o que é um pálido desejo comparado com a força com que a mulher de um operário deseja novas cortinas para a sala de estar.

Não disse nada. Deixei a bola com ele.

— O que mais faço é matar tempo, e o tempo morre pesadamente. Um pouco de tênis, um pouco de golfe, um pouco de natação e equitação, além do estranho prazer de olhar os amigos de Sílvia fazendo hora até a hora do almoço, antes de eles começarem a tratar de suas ressacas.

— A noite em que você foi para Las Vegas ela disse que não gostava de bêbados.

Sorriu falsamente. Estava me acostumando ao seu rosto com cicatrizes, de modo que apenas notei o sorriso quando alguma mudança de expressão salientou o seu lado impassível.

— Queria dizer bêbados sem dinheiro. Com dinheiro eles mudam de figura. Se vomitarem no tapete, o mordomo que se encarregue.

— Não precisava levar a coisa para esse lado.

Terminou o drinque de um gole e se levantou.

— Preciso correr, Marlowe. Além do mais, estou te chateando e só Deus sabe como estou chateando a mim mesmo.

— Não está me chateando. Sou um ouvinte treinado. Mais cedo ou mais tarde vou acabar descobrindo por que gosta de ser um poodle de estimação.

Tocou suavemente as cicatrizes com os dedos. Soltou um remoto e pequeno sorriso.

— Deveria se perguntar por que ela me quer por perto e não por que eu quero ficar lá, esperando pacientemente numa almofada de cetim para ter minha cabeça acariciada.

— Gosta de almofadas de cetim — disse enquanto me levantava para sair com ele. — Gosta de lençóis de seda e campainhas para chamar o mordomo que se aproxima com sorriso prestativo.

— Pode ser. Fui criado num orfanato em Salt Lake City.

Sáímos e ele disse que gostaria de andar um pouco.

Tínhamos vindo no meu carro e pelo menos uma vez eu havia sido suficientemente rápido para pagar a conta. Olhei-o se afastar, saindo do meu campo de visão. A luz de uma vitrina captou por um momento o brilho do cabelo branco enquanto ele desaparecia na neblina luminosa.

Gostava mais dele quando bêbado, na pior, faminto, derrotado e orgulhoso. Será? Talvez eu gostasse de estar por cima dele. As razões que ele atribuía às coisas eram difíceis de entender. Na minha profissão, existe um tempo para perguntas e um tempo de deixar o homem cozinhando até ele ficar no ponto. Qualquer bom policial sabe disso. E um bom lance, como em xadrez ou em boxe. Algumas pessoas a gente tem de pressionar e deixá-las perder o equilíbrio. Outras você apenas cutuca e elas terminam batendo nelas mesmas.

Ele teria me contado a história de sua vida se eu tivesse pedido. Mas nunca perguntei como ele conseguiu aquela cara estragada. Se tivesse perguntado e ele respondido, talvez eu pudesse ter salvo umas duas vidas. Talvez pudesse, não mais do que isso.

## 4

A última vez que tomamos um trago no bar foi em maio; era mais cedo do que de hábito, logo depois das quatro horas. Ele parecia cansado e mais magro, mas olhava em volta com um leve sorriso de prazer.

— Gosto de bares assim, logo que abrem para a noite. Quando o ar interior ainda está fresco e limpo, tudo brilha e o cara do bar dá uma última olhada em si mesmo no espelho, para ver se a gravata está no lugar e se o cabelo está bem penteado. Gosto das garrafas limpas no fundo do bar e dos belos copos brilhantes, dessa expectativa toda. Gosto de ver o cara misturar o primeiro drinque da tarde e colocá-lo no copo com canudo e gelo com um pequeno guardanapo de papel dobrado ao lado. Gosto de apreciar isso tudo bem devagar. O primeiro e tranqüilo drinque da tarde num bar tranqüilo — é ótimo.

Concordei.

— Álcool é como o amor. O primeiro beijo é mágico, o segundo é íntimo, o terceiro, mera rotina. Depois disso, tira-se a roupa da garota.

— E isso é ruim?

— É excitação em alto nível, mas é uma emoção impura, impura no sentido estético. Não estou menosprezando o sexo. É necessário e não precisa ser feio. Mas sempre tem de ser manobrado. Transformado em algo glamoroso, é uma indústria de bilhões de



dólares e custa cada centavo do nosso bolso.

Olhou em volta e bocejou.

— Não tenho dormido bem. É legal aqui. Mas daqui a pouco os chatos vão tomar conta do lugar, falar alto, rir e as malditas mulheres vão começar a abanar as mãos, embonecar os rostos e fazer barulhos com seus malditos braceletes; vão entrar na dança do charme geral que muito mais tarde terá um leve mas inequívoco cheiro de suor.

— Vai devagar. Claro, elas são humanas, suam, ficam sujas, precisam ir ao banheiro. Esperava o que, borboletas douradas esvoaçando numa névoa cor-de-rosa?

Esvaziou o copo, virou-o e observou uma gotinha formar-se na borda, tremer e cair.

— Tenho pena dela — disse, lentamente. — Mas que ela não passa de uma puta, não passa. Pode ser que eu ainda seja louco por ela, de uma maneira muito remota. Um dia ainda vai precisar de mim e serei o único cara disponível sem um cinzel na mão. Mas, como muitos, vou acabar desistindo.

Apenas olhei pra ele.

— Está sendo um ótimo relações-públicas de você mesmo — disse, depois de um momento.

— Sei, estou sabendo. Meu caráter é fraco, não tenho força nem ambição. Peguei um anel de lata e fiquei chocado quando descobri que não era de ouro. Um cara como eu tem uma grande oportunidade na vida, um movimento perfeito no trapézio voador. Depois passa o resto do tempo tentando não cair da calçada pra sarjeta.

— Esse discurso é em favor de quê? — Tirei o cachimbo e comecei a enchê-lo.

— Ela está apavorada, está muito apavorada.

— Com o quê?

— Não sei. Não conversamos muito ultimamente. Talvez com o velho. Harlan Potter é um filho da puta de coração de pedra. Por fora, toda a dignidade vitoriana. Por dentro, é tão impiedoso quanto um criminoso da Gestapo. Sílvia é uma vagabunda. Ele sabe disso, odeia o fato e não pode fazer nada a respeito. Mas espera e espreita; se um dia Sílvia armar um grande escândalo, ele vai parti-la em dois e enterrar as duas partes a cem quilômetros uma da outra.

— Você é o marido dela.

Levantou o copo vazio e lançou-o de volta contra a quina da mesa. O copo partiu-se com um barulho agudo. O *barman* olhou mas não disse nada.

— É isso, amigão. Isso mesmo. Ah, claro, sou o marido dela. É o que diz a certidão. Sou como os três degraus brancos e a porta grande e verde de entrada e a campainha que soa um toque longo e dois curtos, e assim o empregado deixa você entrar na casa da puta de centenas de dólares.

Levantei e deixei algum dinheiro em cima da mesa.

— Anda falando demais pro meu gosto; sobretudo demais sobre você mesmo. A gente se vê outra hora.

Saí, deixando-o sentado, espantado e com o rosto pálido pelo que podia ver com aquele tipo de luz típico de bar. Ainda disse qualquer coisa, mas continuei andando. Dez minutos mais tarde eu estava

arrependido. Mas dez minutos mais tarde eu já estava em outro lugar. Ele não apareceu mais no escritório. Nem uma vez. Devo tê-lo atingido bem onde costuma doer.

Durante um mês não o vi mais. Quando voltei a vê-lo eram cinco da manhã, mal começava a clarear. A insistente campainha da porta me tirou da cama. Mergulhei corredor abaixo, atravessei a sala e abri a porta. Lá estava ele me olhando como se não dormisse há uma semana. Vestia uma capa leve com a gola virada pra cima e parecia trêmulo. A aba do chapéu de feltro preto cobria os olhos.

Na mão, um revólver.

## 5

O revólver não estava apontado para mim, ele apenas o segurava. Era uma automática de calibre médio, de fabricação estrangeira; com certeza não se tratava de um Colt ou um Savage. Com o rosto branco e as cicatrizes, a gola virada pra cima e a aba do chapéu puxada pra baixo, além do revólver, ele parecia ter saído de um velho filme de *gangsters*, tipo um-soco-no-meio-dos-dentes.

— Vai me levar até Tijuana para pegar um avião às 10h15. Tenho um passaporte e um visto e estou praticamente pronto; só me falta o transporte até lá. Por razões que não vêm ao caso, não posso pegar um trem, um ônibus ou um avião aqui de Los Angeles. Quinhentos dólares seria um pagamento razoável pelo seu "táxi"?

Fiquei em pé na porta de entrada e não me mexi para deixá-lo entrar.

— Quinhentos dólares mais essa máquina aí?

Olhou para o revólver distraidamente. Logo colocou-o no bolso.

— Pode ser útil para proteção. Sua proteção, não minha.

— Pois então entre.

Fiquei de lado e ele foi entrando com um ímpeto cansado; caiu numa cadeira. A sala ainda estava escura devido ao crescimento de um arbusto que a dona da casa tinha plantado para esconder as janelas. Acendi a luz e peguei um cigarro. Acendi. Olhei pra ele. Ajeitei meus cabelos que já estavam ajeitados. Abri meu cansado sorriso.

— O que está acontecendo comigo, dormindo numa manhã linda destas? Dez e quinze, hem? Bem, temos muito tempo. Vamos até a cozinha que vou fazer café.

— Me meti numa encrenca que não tem mais tamanho, detetive.

Detetive; era a primeira vez que ele me chamava assim. Mas devia ter a ver com a maneira como chegou, o modo como estava vestido, o revólver, *etc.*

— Vai ser um dia bonito, com brisa leve. A gente pode escutar os velhos eucaliptos do lado de lá da rua assoviando uns para os outros. Conversando sobre os velhos tempos na Austrália quando os cangurus pulavam debaixo dos galhos e os coalas se cutucavam uns aos outros com varas. Claro, já saquei a coisa toda: você está metido numa embrulhada. Vamos falar disso depois de tomar algumas xícaras de café. Na hora de acordar me sinto sempre com a cabeça meio pesada. Vamos conferir com os srs. Huggins e Young...

— Escute, Marlowe, não é hora...

— Não tenha medo, meu velho. O sr. Huggins e o sr. Young são dois dos melhores. Eles fazem o Café Huggins-Young pra mim. É o trabalho da vida deles, orgulho e alegria deles. Um dia desses ainda vou ver se recebem o reconhecimento que merecem. Até agora só estão ganhando dinheiro. Não se pode esperar que só isso os satisfaça.

Deixei-o depois desse papo brilhante e fui até a cozinha. Coloquei a água pra esquentar e peguei a maquininha de fazer café no armário. Sequei a parte central e calculei a medida certa; a esta altura a água estava fervendo.

Joguei-a na maquininha pela metade, ajustei o fogo. Coloquei a

parte de cima, torci um pouco para que se encaixasse bem.

Ele apareceu atrás de mim. Inclinou a cabeça na porta e depois passou pela mesinha do canto e acomodou-se numa cadeira. Tremia. Peguei uma garrafa de uísque no armário e servi-lhe uma boa dose num copo grande. Sabia que iria precisar de um copo grande. Mesmo assim precisou usar as duas mãos para levá-lo à boca. Engoliu, pôs o copo na mesa com um som seco e encostou-se na cadeira com um som agudo.

— Quase desmaiei — murmurou. — Até parece que estou por aí há uma semana. Na noite passada não dormi nem um pouco.

O café estava quase fervendo. Baixei o fogo e observei a água subir. Quase atingia a borda do recipiente de vidro. Aumentei um pouco o fogo, depois baixei-o rapidamente. Mexi o café e tapei-o. Marquei o medidor de tempo pra três minutos; Marlowe, um cara muito metódico. Nada deve interferir na sua técnica de fazer café. Nem um revólver na mão de um sujeito desesperado.

Servi-lhe mais uma dose.

— Fique sentadinho aí. Não diga nada. Apenas sentado...

Segurou a segunda dose com uma mão. Fiz uma rápida arrumação no banheiro e quando voltei o medidor de tempo soou. Apaguei o fogo e arrumei o café em cima de uma esteira de palha na mesa. Por que eu entro nesses detalhes todos? Porque a atmosfera carregada fazia com que cada coisinha dessas assumisse um ar especial, distinto e enormemente importante. Era um desses momentos hipersensíveis quando cada um dos movimentos automáticos, não importa há quanto tempo estabelecidos, não importa se habituais, tornam-se atos separados de vontade. É como

se você fosse um homem aprendendo a andar depois de ter paralisia. Deve-se começar pelo princípio, deve-se começar do zero.

O pó já pousara no fundo e o ar se contaminara com seu cheiro de sempre; o café borbulhou e logo se acalmou.

Retirei a tampa e coloquei-a num canto da mesa. Peguei duas xícaras.

— Café puro pra você, Terry.

Pus duas pedras de açúcar e um pouco de creme no meu. Estava terminando meu ritual. Não cheguei a perceber como abri a geladeira e peguei a caixa de creme.

Sentei na sua frente. Ele não se mexera. Apoiava-se na parede sentado no canto da mesinha, rígido. Depois, sem um sinal prévio, a cabeça se inclinou sobre a mesa e ele começou a soluçar.

Não prestou atenção quando peguei a arma do seu bolso. Era uma Mauser 7.65, uma beleza. Cheirei-a. Não fora disparada. Abri o tambor. Cheio. Nenhuma bala na agulha.

Ele levantou a cabeça, viu o café e tomou lentamente, sem olhar pra mim.

— Não atirei em ninguém.

— Pelo menos, não recentemente. O revólver precisaria ter sido limpo.

— Vou contar como foi.

— Espere um pouco.

Bebi o café quente o mais rápido que pude. Enchi a xícara outra vez.

— Vamos lá, mas seja cuidadoso com o que for me dizer. Se realmente quer que te leve no meu carro até Tijuana, existem duas coisas que não pode me contar. Uma delas — está escutando?

Ele fez que sim com a cabeça, lentamente. Olhava um ponto qualquer da parede atrás da minha cabeça. As cicatrizes estavam bem visíveis naquela manhã. A pele parecia quase morta de tão branca, mas as cicatrizes assim mesmo pareciam brilhar.

— Uma delas — repeti, bem devagar — é que, se cometeu algum crime ou qualquer coisa que a lei chama de crime, um crime sério, vamos dizer assim, eu não poderei saber. Dois, se você sabe que tal crime foi cometido, tampouco posso ficar sabendo. Pelo menos se quiser que eu te leve até Tijuana. Está bem claro?

Olhou para mim. Seus olhos entraram em foco, mas continuavam sem vida. Já havia bebido o café. Estava sem cor, mas firme. Servi mais um pouco de café para ele.

— Já disse que estou numa encrenca.

— Estou ouvindo. Não quero saber que tipo de encrenca. Preciso ganhar a vida, tenho uma licença pra proteger.

— Eu poderia estar apontando o revólver pra você.

Sorri e empurrei o revólver pro outro lado da mesa. Ele olhou-o mas não tocou nele.

— Até Tijuana, não, você não poderia ficar apontando um revólver pra mim, Terry. Não até cruzar a fronteira, nem até subir as escadas de um avião. Sou um cara que vez por outra acaba se envolvendo com armas. Vamos esquecer esse revólver. Eu iria parecer um herói explicando pra polícia que estava tão assustado que



precisava fazer o que você mandasse. Supondo, claro, o que não sei, que não existe nada a dizer pra polícia.

— Escute, antes do meio-dia ou até mais tarde ninguém vai bater na porta. Os empregados têm ordem para não acordá-la quando vai dormir tarde. Mas aí pelo meio-dia a empregada vai bater na porta e entrar. Ela não estará no quarto.

Bebi um gole do café e não disse nada.

— A empregada vai notar que a cama não foi desarrumada. Vai então pensar em procurá-la num outro lugar. Há uma grande casa de hóspedes bem longe da casa principal. Tem seu próprio estacionamento, garagem, *etc.* Sílvia passou a noite lá. Eventualmente a empregada irá encontrá-la.

Franzi a testa:

— Preciso ter muito cuidado com as perguntas, Terry. Ela não poderia ter passado a noite longe de casa?

— Suas roupas estariam espalhadas pelo quarto. Nunca pendura coisa nenhuma. A empregada saberia que ela colocou um robe em cima do pijama e saiu assim mesmo. Portanto, só resta a casa de hóspedes.

— Tem certeza?

— Ela teria ido para a casa de hóspedes. Ou será que acha que esse pessoal não sabe o que acontece naquela casa de hóspedes? Os empregados sempre sabem.

— Continue, então.

Passou um dedo no lado do queixo sem cicatriz, com bastante força a ponto de deixar uma risca vermelha.

— E na casa de hóspedes — prosseguiu, lentamente — a empregada iria encontrar...

— Sílvia bêbada como uma pedra, paralisada, gelada até as sobrancelhas — eu disse, abruptamente.

— Claro, é isso mesmo. Sílvia não é alcoólatra. Mas quando passa dos limites, a coisa fica feia.

— E assim a história termina. Ou quase. Vamos ver. Na última vez que bebemos juntos, fui um pouco brusco com você, deixei-o falando sozinho, se bem se lembra. Você me irritou. Pensando melhor depois, percebi que você estava com a sensação de que mais cedo ou mais tarde aconteceria um desastre. Falou que tem um passaporte e um visto. Leva algum tempo para se obter um visto para o México. Eles não deixam qualquer pessoa entrar no país. Portanto, andou planejando tudo isso. O que eu me perguntava era até quando você agüentaria.

— Acho que me sentia com certa obrigação de ficar por perto. Achava que ela poderia precisar de mim para alguma coisa. Além do mais, sei que sirvo como uma espécie de biombo em relação ao velho, pra ele não ficar xeretando a vida dela. Por falar nisso, liguei para você no meio da noite.

— Meu sono é pesado. Não escutei.

— Daí fui para uma sauna pública. Fiquei lá algumas horas, tomei banho de vapor, mergulhei na piscina, tomei uma ducha, fiz massagem e depois dei uns telefonemas. Deixei meu carro na esquina de La Brea e Fountain. Andei até aqui. Ninguém me viu andando pela tua rua.

— Esses telefonemas têm alguma coisa a ver comigo?

— Um foi para Harlan Potter. O velho viajou ontem para Pasadena a negócios. Não tem parado em casa. Foi difícil localizá-lo. Mas finalmente falei com ele. Disse que sentia muito mas estava me mandando.

Olhava um pouco enviesado enquanto falava, olhava para a janela e para o arbusto que pressionava o vidro.

— Como foi que o velho reagiu?

— Disse que sentia muito. Me desejou boa sorte. Perguntou se precisava de dinheiro. — Terry riu timidamente. — Dinheiro. São estas as primeiras letras do seu alfabeto. Respondi que tinha o suficiente. Depois liguei pra irmã de Sílvia. O mesmo papo. E foi isso.

— Queria perguntar uma coisa. Você alguma vez a encontrou com alguém naquela casa de hóspedes?

Balançou a cabeça:

— Nunca tentei. Não teria sido difícil. Nunca foi.

— Seu café está esfriando.

— Não quero mais.

— Muitos homens, hem? Mas você voltou atrás e casou-se novamente. Concordo que ela seja ótima, mas mesmo assim...

— Não sou um sujeito confiável, já disse isso antes. Porra, por que abandonei Sílvia a primeira vez? E por que, depois disso, ficava caindo de bêbado toda vez que a via? Por que preferia rolar na sarjeta a pedir dinheiro pra ela? Ela já se casou cinco vezes, sem contar comigo. Todos os seus ex-maridos voltariam correndo num simples estalar de dedos. E não apenas por um milhão de dólares.

— Ela é um mulherão — disse. E olhei o relógio. — Por que tem de

ser o vôo das 10h15 para Tijuana?

— Tem sempre lugar nesse vôo. Ninguém de Los Angeles gosta de voar num DC-3 por cima das montanhas quando pode pegar um Constellation e chegar na Cidade do México em sete horas. E o Constellation não pára aonde quero ir.

Levantei e me inclinei junto à mesa.

— Vamos agora amarrar as coisas e por favor não me interrompa. Você veio me procurar nesta manhã, em péssimo estado emocional, querendo ir de carro até Tijuana para pegar o primeiro avião. Trazia um revólver mas eu não precisava ve-lo... Me disse que agüentou o que pôde, mas que na noite passada estourou de vez. Encontrou sua mulher podre de bêbada e um homem esteve com ela. Resolveu sair e entrou numa sauna para passar o tempo até a manhã chegar. Então ligou para os dois parentes mais próximos de sua mulher e contou pra eles o que pretendia fazer. Onde você vai não é de minha conta. Possui os papéis necessários para entrar no México. Como os conseguiu, tampouco é da minha conta. Somos amigos e eu fiz o que me pediu sem pensar muito. Por que não? Você não está me pagando coisa alguma. Tem carro mas está se sentindo meio perturbado para dirigir. Também isso é da sua conta. Você é um cara emocional e arranjou um ferimento bravo durante a guerra. Creio que devo pegar seu carro e estacioná-lo numa garagem qualquer.

Procurou nos bolsos, tirou o chaveiro de couro e pôs em cima da mesa.

— O que lhe parece? — perguntou.

— Depende de quem estiver escutando. Ainda não terminei. Não trouxe nada consigo a não ser a roupa do corpo e algum dinheiro que

conseguiu com seu sogro. Deixou pra trás tudo o que ela lhe deu, inclusive aquele belo exemplar de máquina estacionado na esquina de La Brea com Fountain. Quis se mandar tão limpo quanto possível. Tudo certo. Aceito isso. Agora vou fazer a barba e me vestir.

— Por que está me ajudando, Marlowe?

— Beba mais um drinque enquanto faço a barba.

Saí da cozinha, deixei-o lá sentado e curvado no canto da mesinha. Continuava com o chapéu e com a mesma capa leve. Mas parecia um bocado mais vivo. Entrei no banheiro e fiz a barba. Voltei ao quarto de dormir e dava o laço na gravata quando ele apareceu e encostou-se na porta.

— Lavei os copos em caso de... Mas continuei pensando. Talvez fosse melhor você chamar a polícia.

— Chame você. Não tenho nada pra lhes dizer.

— Quer mesmo que eu chame?

Virei-me rapidamente e lancei-lhe um olhar duro.

— Porra, cara! — gritei praticamente. — Será possível que não possa deixar as coisas rolarem?

— Desculpe.

— Claro, pede desculpas. Caras como você estão sempre pedindo desculpas e sempre tarde demais.

Voltou-se e caminhou pelo corredor até a sala. Acabei de me vestir e fechei a parte dos fundos da casa. Quando cheguei à sala, ele havia caído no sono numa cadeira; cabeça para o lado, o rosto sem qualquer cor, o corpo inteiro paralisado de cansaço. Digno de pena. Quando toquei seu ombro, acordou aos poucos como se fosse uma

longa jornada de onde ele se encontrava até onde eu estava.

Depois de atrair sua atenção, disse: — E que tal a valise? Ainda tenho aquela coisa branca de pele de porco na parte de cima do meu armário.

— Está vazia — disse, sem interesse. — Além disso, chama muito a atenção.

— Vai chamar muito mais a atenção sem nenhuma bagagem.

Voltei ao quarto, subi no degrau do armário e puxei a valise branca de couro de porco da prateleira mais alta. O quadrado do topo do armário estava bem em cima da minha cabeça, de modo que puxei com força, alcancei-a a muito custo e deixei cair seu chaveiro de couro atrás de uma gravata colorida ou seja lá o que fosse.

Fui descendo com a valise, limpei a poeira dela e coloquei algumas coisas dentro, um pijama novo, pasta de dente e escova de dente extra, um par de toalhas baratas e roupas de baixo, um pacote de lenços de algodão, um tubo de quinze centavos de creme de barbear e um desses barbeadores que dão de brinde com um pacote de giletes. Nada usado, nada marcado, nada suspeito, a não ser que as suas próprias coisas seriam de melhor qualidade. Juntei ainda uma garrafinha de bourbon ainda embrulhada. Fechei a valise, deixei a chave num dos fechos e levei tudo comigo. Ele caíra no sono outra vez. Abri a porta sem acordá-lo, carreguei a valise para a garagem e coloquei-a no conversível atrás do banco da frente. Tirei o carro da garagem, fechei-a e voltei para acordá-lo. Terminei de fechar tudo e saímos.

Dirigi rápido mas não o suficiente para ser multado. Praticamente não falamos no caminho. Tampouco paramos pra

comer. Não havia tempo.

O pessoal da fronteira nada tinha a nos dizer. Lá em cima, na pequena elevação onde ficava o aeroporto de Tijuana, parei o carro perto do escritório e fiquei nele enquanto Terry comprava a passagem. As hélices do DC-3 já começavam a funcionar lentamente, apenas para manter o motor aquecido.

Um cara alto da tripulação, de uniforme cinza, conversava com um grupo de quatro pessoas. Um tinha cerca de 1,80m e carregava um revólver no coldre. Havia uma garota de calças compridas ao seu lado, um baixinho de meia-idade e uma mulher de cabelos grisalhos tão alta que fazia o outro sujeito parecer um tampinha. Três ou quatro mexicanos estavam por ali também. Seria esta a "carga" do avião. A escada já estava na porta só que ninguém parecia ter muita pressa. Mas aí uma aeromoça mexicana desceu os degraus e ficou esperando. Parecia não haver nenhum equipamento de chamada por alto-falante. Os mexicanos subiram no avião, mas o piloto continuou batendo papo com os americanos.

Havia um grande Packard estacionado ao lado do meu. Saí do carro e dei uma geral no ambiente. Talvez um dia ainda aprenda a não me meter onde não sou chamado. Tão logo botei minha cabeça pra fora, vi a mulher alta olhando na minha direção.

Terry então se aproximou pisando no chão arenoso.

— Tudo pronto. É aqui que me despeço.

Esticou a mão. Apertei-a. Parecia bem agora, apenas cansado, cansado pra burro.

Tirei a valise de couro de porco de dentro do Oldsmobile e coloquei na areia. Olhou para ela, um olhar zangado.

— Eu disse que não queria essa valise — falou, asperamente.

— Tem um pouco de tudo aí dentro, Terry, pijama, *etc.* E tudo bem anônimo. Se não quiser, despache a valise. Ou jogue-a fora.

— Tenho minhas razões — falou, contrafeito.

— Eu também.

Sorriu de repente. Pegou a valise e apertou meu braço com a mão livre: — Está bem, amigo. Você é quem manda. E lembre-se, se as coisas ficarem pretas, tem um cheque em branco. Não me deve nada. Tomamos alguns drinques juntos, ficamos amigos e eu falava demais sobre mim mesmo. Deixei cinco notas de cem na sua lata de café. Não fique chateado comigo.

— Preferia que não tivesse deixado.

— Nunca vou conseguir gastar metade do que tenho.

— Boa sorte, Terry.

Os dois americanos subiram a escada do avião. Um cara baixo e troncado com um rosto largo e escuro veio até a porta do prédio do aeroporto, abanou a mão e apontou pro avião.

— Suba a bordo — eu disse. — Sei que não matou Sílvia. É por isso que vim até aqui.

Retesou-se. Todo seu corpo estava rígido. Virou-se devagar, depois olhou de volta.

— Sinto muito — falou, tranqüilamente. — Mas está enganado. Vou andar lentamente até aquele avião. Se quiser, poderá me deter.

Andou. Olhei pra ele. O cara na porta da companhia esperava, mas não parecia impaciente demais. Os mexicanos geralmente não



são impacientes. Estendeu a mão, tocou a valise de couro de porco e sorriu para Terry. Pôs-se de lado e Terry atravessou a porta. Em pouco tempo ele aparecia atravessando uma outra porta onde ficavam os agentes alfandegários para quem chega. Caminhava, sempre lentamente, pisando o chão arenoso até chegar à escada. Parou então e olhou de novo pra mim. Não fez nenhum sinal ou abanou. Nem eu.

Entrou no avião e a escada foi retirada.

Entrei no Oldsmobile, dei a partida, e andei meio estacionamento de marcha a ré. A mulher alta e o homem baixinho ainda estavam por lá. A mulher abanava um lenço. O avião foi até o fim da pista, levantando muita poeira. Virou bem lá na ponta e os motores se aceleraram num ruído trovejante. Começou a mover-se pra frente, pegando velocidade aos poucos.

Olhei o avião levantar vôo lentamente no ar pesado e se misturar ao céu nu e azul em direção ao Sudeste.

Fui embora. Ninguém no posto de fronteira olhou pra mim, como se meu rosto fosse tão banal como os ponteiros de um relógio.

## 6

De volta de Tijuana o caminho é longo e um dos mais chatos do Estado. Tijuana não é nada; só querem saber de grana. O garoto que surge do lado do seu carro olha pra você com olhos grandes e cobiçosos e diz: "Dê uma moeda, por favor, *mister*". Vai querer vender sua própria irmã na próxima frase que disser. Tijuana não é México. Nenhuma cidade de fronteira é outra coisa além de uma cidade de fronteira, assim como um porto não passa de um porto. San Diego? Uma das mais belas baías do mundo e com nada nela além de barcos de pesca e da Marinha. A noite, é uma terra de diversões. O ambiente é tão doméstico quanto uma velha dama cantando hinos. Marlowe, no entanto, precisa ir para casa e ficar quietinho.

A estrada do Norte é tão monótona quanto uma cantilena de marinheiro. Você atravessa uma cidadezinha, desce um morro, segue por um pedaço de praia, atravessa outra cidadezinha, desce outro morro, segue por outro pedaço de praia.

Eram duas horas quando cheguei e eles já esperavam por mim no sedã escuro sem nenhum sinal de polícia, sem luz vermelha, apenas a antena dupla, mas não são apenas carros de polícia que têm estas antenas. Eu estava a meio caminho dos degraus de casa quando saíram do carro e gritaram pra mim, a dupla de sempre com a roupa de sempre, com o jeito pesado de caminhar de sempre, como se o mundo estivesse esperando ansioso e silencioso que eles dissessem o que se precisa fazer.

— O senhor se chama Marlowe? Queremos falar com o senhor.

Ele me deixou ver o brilho do distintivo. Pelo que consegui perceber, poderia ser do Setor de Controle de Peste. Era loiro grisalho e parecia firme. Seu parceiro era alto, boa-pinta, bem arrumado e mantinha uma precisa diferença em relação a ele, era um durão mas bem-educado. Ambos tinham os olhos que olhavam e esperavam, olhos pacientes e cuidadosos, frios, olhos desdenhosos, olhos de tira. Eles conseguem este olhar depois de aprovados na parada final da Escola de Polícia.

— Sargento Green, Homicídios. Este é o detetive Dayton.

Continuei subindo e abri a porta. Não se aperta a mão de policiais de cidade grande. Chegar tão perto assim é chegar perto demais.

Eles se sentaram na sala. Abri as janelas e a brisa soprou. Green comandou a conversa.

— Um homem chamado Terry Lennox. Conhece, não?

— Bebemos alguns drinques juntos de vez em quando.

Ele mora em Encino, deu o golpe do baú. Nunca estive na sua casa.

— De vez em quando... Qual a constância desses encontros?

— É uma expressão vaga. Foi o que quis dizer. Poderia ser uma vez por semana ou uma vez em dois meses.

— Encontrou a esposa dele?

— Uma vez, muito rapidamente, antes de se casarem.

— Quando foi a última vez que o viu e onde?

Peguei um cachimbo na ponta da mesa e enchi de fumo.

Green se inclinou na minha direção. O cara alto sentou-se mais afastado segurando uma caneta e uma caderneta com lado vermelho.

— Esta é a hora em que digo: "qual é o assunto", e o senhor responderá: "nós é que fazemos as perguntas".

— Então é melhor só respondê-las, não?

Acendi o cachimbo. O fumo estava um pouco úmido.

Levei algum tempo tentando acendê-lo direito — três fósforos.

— Não tenho pressa — disse Green. — Mas já esperei um bocado aí fora. Portanto, vamos logo com isso. Sabemos quem o senhor é. E o senhor sabe que não viemos até aqui para uma visita social.

— Estava apenas pensando. Costumávamos ir ao Victor's com certa frequência, e com menor frequência ao The Green Lantern e ao The Buli and Bear, que é um lugar no final da Strip que tenta ser alguma coisa parecida com uma taberna inglesa...

— Evite certos detalhes.

— Quem morreu? — perguntei.

O detetive Dayton falou. Tinha uma voz forte, madura, tipo não-tente-me-enganar-cara.

— Responda apenas as perguntas, Marlowe. É uma investigação de rotina. É tudo o que você precisa saber. Talvez eu estivesse cansado e irritado. Talvez me sentisse um pouco culpado. Saberaria como odiar esse cara mesmo sem conhecê-lo. Poderia apenas avistá-lo através da extensão de um bar e dar-lhe uma porrada nos dentes.

— Não venha com esse papo, cara. Guarde pro Departamento Juvenil. Mesmo pra eles é capaz de não colar.

Green refreou um sorriso. Nada mudou no rosto de Dayton que se pudesse notar, mas de repente ele pareceu dez anos mais velho e vinte anos mais antipático. O ar através de suas narinas saiu como um assovio fraco.

— Ele passou nos exames legais — disse Green. — É melhor não brincar com Dayton.

Levantei lentamente e fui até a estante. Tirei de lá um exemplar do Código Penal da Califórnia. Estendi a Dayton.

— Será que você poderia gentilmente me mostrar o artigo que diz que sou obrigado a responder perguntas?

Ele se segurava. Estava a ponto de me esmurrar e nós dois sabíamos disso. Mas esperava que a briga detonasse. Isto é, não confiava que Green o apoiasse no fim de tudo. Mas disse:

— Todo cidadão precisa cooperar com a polícia. A polícia julga necessário fazer perguntas, de qualquer maneira, e especialmente perguntas de caráter não-incriminatório.

Sua voz saiu dura, nítida e calma.

— É assim que as coisas funcionam — disse eu. — Geralmente por intimidação direta ou indireta. Este tipo de obrigação não existe na lei. Ninguém precisa dizer nada à polícia, em nenhum momento, em nenhum lugar.

— Melhor calar a boca — disse Green, impaciente. — Você está pescando em águas turvas e sabe disso. Sente-se. A mulher de Lennox foi assassinada. Na casa de hóspedes de sua mansão em Encino. Lennox fugiu. Pelo menos não conseguimos encontrá-lo. Portanto, estamos procurando um suspeito de um assassinato. Está

satisfeito?

Joguei o livro numa poltrona e voltei a me sentar do outro lado da mesa onde estava Green.

— E por que vieram me procurar? Jamais estive perto daquela casa. Já disse isso.

Green bateu com os dedos, pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo. Dayton não se mexia no seu canto. Seus olhos me comiam.

— Porque seu número de telefone estava escrito numa agenda no quarto dele, pelo menos nas últimas vinte e quatro horas. É uma agenda com data e a folha de ontem chegou a ser rasgada, mas pudemos ver a marca dos números na página de hoje. Só não sabemos quando ele telefonou pra você. Não sabemos para onde ele foi ou por que ou quando. Mas precisamos pelo menos perguntar, não é?

— Por que na casa de hóspedes? — perguntei, sem esperar que respondesse. Mas ele ficou um pouco vermelho e respondeu: — Parece que ela ficava lá com certa frequência, à noite. Recebia visitas. Os empregados podiam ver tudo através das árvores onde as luzes se mostram. Carros vinham e iam embora, às vezes tarde, às vezes muito tarde. Isso diz tudo, hum? Não se engane. Lennox é o cara que procuramos. Ele se mandou aí pela uma da madrugada. O mordomo viu. Voltou sozinho, talvez vinte minutos depois. Depois disso, nada. As luzes continuaram acesas. De manhã, nada de Lennox. O mordomo foi até a casa de hóspedes. A mulher estava nua como uma sereia na cama e posso dizer que não foi reconhecida pelo rosto. Praticamente não tinha mais rosto. Bateram nele com a estatueta de um macaco de bronze até despeçá-lo.

— Terry Lennox não iria fazer uma coisa dessas. Está certo, ela o traía. A velha história. Ela sempre aprontava. Eles estiveram divorciados e se casaram de novo. Não creio que ele ficasse feliz, mas por que iria agora enlouquecer com essa história toda?

— Ninguém sabe a resposta — disse Green pacientemente. — Acontece o tempo todo. Com homens e com mulheres. Um cara agüenta, vai agüentando, vai agüentando. De repente não agüenta mais. Ele mesmo talvez não saiba dizer por que em determinado momento se tomou violento. Acontece que se torna violento e alguém morre. E é aí que temos trabalho pela frente. Daí fazemos a você uma simples pergunta. Pare portanto de despistar ou seremos obrigados a levá-lo conosco.

— Ele não vai falar nada, sargento — Dayton sugeriu, ferinamente. — Ele leu este livro de leis. Como um monte de gente que lê livros de direito, ele pensa que a lei está nos livros.

— Você apenas toma nota — disse Green — e pare de pensar. Se for realmente bom a gente deixa você cantar o hino da escola na sala de estar da Polícia.

— Vá pro inferno, sargento, se é que posso falar assim com o devido respeito pela sua patente.

— Vou deixar vocês dois brigarem — eu disse para Green. — Quando ele estiver caído, vou recolher o que sobrar.

Dayton colocou sua caneta e caderneta de lado cuidadosamente. Levantou-se com um brilho nos olhos. Andou um pouco e colocou-se diante de mim.

— De pé, garotão esperto. Só porque eu fiz faculdade não significa que deva agüentar insultos de um inseto como você.

Comecei a me levantar. Ainda não havia me equilibrado quando ele me atingiu. Me acertou no queixo com a esquerda e arremeteu com o outro punho. Campainhas tocaram, mas não eram chamadas pra jantar. Sentei pesadamente e sacudi a cabeça. Dayton continuava por lá. Estava sorrindo agora.

— Vamos tentar de novo — disse ele. — Você não estava preparado, reconheço. Não foi uma jogada limpa.

Olhei para Green. Ele olhava seu polegar como se examinasse alguma coisa na unha. Não me mexi nem falei nada, esperando que ele me fizesse olhar pra cima. Se eu tornasse a me levantar, Dayton me atingiria de novo. Iria me acertar de novo de qualquer maneira. Mas se ficasse em pé e ele me batesse, eu o deixaria em pedaços porque o soco que ele me deu provava que não era grande coisa em boxe. Colocou o soco no lugar certo, mas precisaria de muito mais para me deixar caído.

Green falou, como se nem estivesse ali: — Belo trabalho, garotão. Deu exatamente o que ele estava pedindo.

Depois olhou para cima e falou suavemente: — Mais uma vez, pro teu controle, Marlowe. A última vez que você viu Terry Lennox, onde e como e sobre o que conversaram, e de onde é que você está chegando. Sim, ou não?

Dayton lá estava em pé, mais relaxado, bem em posição. Em seu olhar havia um brilho suave, macio.

— E sobre o outro sujeito, nada? — perguntei, ignorando-o.

— Que outro sujeito?

— No ninho, na casa de hóspedes, sem roupa. Você não está



querendo dizer que ela precisava ir até lá pra jogar paciência.

— Isso vem depois — depois que a gente pegar o marido.

— Ótimo. Quando se tem um otário, não é preciso se preocupar com outras coisas.

— Não fale, Marlowe, senão vamos ter de levá-lo conosco.

— Como testemunha material?

— Material é meu saco. Como suspeito. Suspeito de cumplicidade pós-crime. Por ter ajudado um suspeito a escapar. Meu palpite é que você levou o cara para algum lugar. E neste momento um palpite é tudo o que preciso. Mas o nosso capitão parece duro na queda. Ele conhece o livro da Lei, só que tem crises de esquecimento. Isso pode ser péssimo pra você. De um modo ou de outro, conseguiremos um depoimento seu. O difícil é consegui-lo, mas estamos certos que precisamos dele.

— Isso é papo furado demais pra cima dele — disse Dayton. — Ele conhece o livro da Lei.

— É papo furado pra todo mundo — disse Green calmamente. — Mas ainda funciona. Vamos nessa, Marlowe. Já dei a partida pra você.

— Tudo bem, dê a partida. Terry Lennox era meu amigo. Eu investi uma grande quantidade de sentimento nele. O suficiente para não estragar essa amizade só porque um tira vem na minha casa. Você tem uma acusação contra ele, talvez muito mais do que me disse. Motivo, oportunidade e o fato de ele ter escapado. O motivo é a velha história, há muito tempo neutralizada, praticamente parte do acordo deles dois. Não admiro esse tipo de acordo, mas esse é o tipo

de sujeito que ele é — um pouco fraco de caráter e extremamente gentil. O resto não quer dizer nada, a não ser por ele saber que ela estava morta; sabia também que seria um pato imóvel à espera da polícia. No julgamento, se houver algum e se eu for chamado, terei de responder perguntas. Não sou obrigado a responder às perguntas de vocês. Posso ver que você é um cara legal, Green. Assim como posso notar que seu parceiro não passa de um homem com distintivo e com um complexo de poder. Se quiser me pôr numa confusão pra valer, deixe que ele me ataque novamente. Quebrarei seu maldito lápis na cara dele.

Green se levantou e olhou para mim, com tristeza. Dayton não se moveu. Era um durão de um lance só. Precisava de tempo para retomar o ímpeto.

Green foi até o telefone e levantou o fone lentamente, seu rosto mostrando uma longa, lenta expressão de agradecimento. Este é o problema com os tiras. A gente está preparada para odiá-los e de repente encontra um deles que tem um comportamento humano em relação a você.

O capitão disse pra me levarem — e logo.

Colocaram algemas nos meus pulsos. Não vasculharam a casa, o que me pareceu descuido da parte deles. Possivelmente calcularam que eu tivesse experiência suficiente para não deixar nada que pudesse me incriminar. No que estavam errados. Uma busca feita por especialistas teria dado com a chave do carro. E quando o carro fosse encontrado, como seria, cedo ou tarde, eles experimentariam a chave nele e saberiam que Terry estivera comigo.

Pra falar a verdade, como acabou acontecendo, isso não

significava nada. O carro nunca foi encontrado por polícia nenhuma. Foi roubado numa hora qualquer durante a noite, levado possivelmente para El Paso, equipado com novas chaves e papéis falsos e colocado no mercado da Cidade do México. Coisa de rotina. Geralmente o dinheiro volta sob a forma de heroína. Parte da política de boa vizinhança, na visão dos malandros.

## 7

O chefe do departamento de homicídios nesse ano era o capitão Gregorius, um tipo feito de cobre que está ficando cada vez mais raro mas nem por isso extinto; o tipo do sujeito que resolve crimes com luz brilhante, solapando devagar, chute nos rins, joelho no baixo ventre, soco no peito aberto e porrete noturno na base da coluna vertebral. Seis meses mais tarde ele foi indiciado por falso juramento, demitido sem julgamento e posteriormente pisado até morrer por um grande garanhão em sua fazenda em Wyoming.

Mas no momento eu lhe servia de matéria bruta. Sentou-se à sua mesa, sem casaco e com as mangas enroladas quase até os ombros. Era careca como um tijolo e sua cintura ganhava volume como geralmente acontece com homens musculosos ao chegarem à meia-idade. Os olhos eram cinza-peixe. O nariz grande era uma rede de veiazinhas saltadas. Bebia café mas não em silêncio. As mãos brutas, fortes, apresentavam grossos pêlos nas costas. Tufos acinzentados apontavam de suas orelhas. Tocou em alguma coisa em cima da mesa e olhou para Green.

Green falou:

— Tudo o que conseguimos dele é que ele não pretende nos dizer nada, capitão. Fomos atrás dele por causa do número de telefone anotado. Ele estava fora com seu carro e não quis nos dizer onde. Conhece Lennox muito bem e não diz quando foi que o viu pela última vez.

— Pensa que é durão — disse Gregorius, com indiferença. — A gente pode mudar isso.

Falou como se não se importasse com uma coisa ou outra. E provavelmente pouco se importava mesmo. Ninguém era durão pra ele. Continuou: — O problema é o procurador-geral, que já está cheirando as manchetes sobre este caso. Não é culpa dele, já que a garota é filha desse velho importante. Acho melhor a gente torcer o nariz desse cara por causa do procurador.

Olhou pra mim como se eu fosse uma ponta de cigarro ou uma cadeira vazia. Apenas uma coisa na sua linha de visão, sem nenhum interesse pra ele.

Dayton falou, respeitosamente: — Parece bastante evidente que a atitude dele destina-se a criar uma situação na qual possa recusar-se a falar. Andou citando leis para nós e me cutucou até eu lhe dar um soco. Ele me fez sair do sério, capitão.

Gregorius olhou para ele friamente: — Deve se deixar cutucar com facilidade, se esse sujeitinho conseguiu te irritar. Quem foi que tirou as algemas dele?

Green disse que tinha sido ele.

— Coloque elas de novo. Bem apertadas. Dê-lhe alguma coisa para ocupar os braços.

Green colocou as algemas de novo ou começou a colocá-las.

— Atrás das costas — disse Gregorius, como se latisse.

Green me algemou com os braços pra trás. Eu estava sentado numa cadeira dura.

— Mais apertado — mandou Gregorius. — Faça com que as

algemas mordam ele.

Green apertou-as mais ainda. Minhas mãos começaram a ficar insensíveis.

Finalmente Gregorius olhou para mim, com ar triste.

— Você pode falar agora. Facilite as coisas.

Não respondi. Ele inclinou-se e arreganhou os dentes.

A mão avançou lentamente procurando a xícara de café e deu a volta nela. Inclinou-se um pouco para a frente. O café voou mas me defendi me jogando pro lado com a cadeira. Caí pesadamente sobre o ombro, virei o corpo e levantei lentamente. Minhas mãos estavam mais insensíveis ainda. Não sentiam nada. Os braços acima das algemas começavam a doer.

Green me ajudou a voltar para a cadeira. O cheiro molhado do café espalhava-se pelo assento e as costas da cadeira, mas a maior quantidade dele estava no chão.

— Ele não gosta de café — Gregorius falou. — É um cara rapidinho. Move-se ligeiro. Tem bons reflexos.

Ninguém disse nada. Gregorius me deu uma geral com seus olhos de peixe.

— Aqui, meu caro, uma licença de detetive particular significa a mesma coisa que um papel qualquer. Vamos agora ao seu depoimento, verbal em primeiro lugar. Depois a gente toma nota. Um depoimento completo. Queremos, vamos dizer, uma descrição pormenorizada de seus movimentos desde as dez horas da noite passada. Eu disse pormenorizada. Esta delegacia está investigando um crime e o maior suspeito sumiu. Você se comunicou com ele. O

cara flagra a mulher traindo-o e bate nela com força, transformando a cabeça da moça numa pasta de carne crua, ossos e cabelos empapados de sangue. Nosso velho amigo usa uma estatueta de bronze. Nada original, mas funciona. Você está pensando que qualquer xereta particular de merda vai ficar citando lei pra cima de mim diante disso tudo, cara? Se for assim, nem imagina o que o espera. Não existe força policial no país que possa fazer seu trabalho com um livro de leis. Você tem informação e eu quero essa informação. Deu pra sacar? Se disser "não" eu posso dizer que não acredito em você. Mas você ainda nem disse não. Não vai querer me fazer de bobo, meu amigo. Não valeria a pena, nem um centavo. Vamos em frente.

— Poderia tirar essas algemas, capitão? Quer dizer, se eu fizer um depoimento?

— Pode ser. Se for direto ao assunto.

— Se eu lhe disser que não vi Lennox nas últimas vinte e quatro horas, não falei com ele e não tenho a menor idéia onde ele possa estar — ficaria satisfeito, capitão?

— Poderia... se acreditasse.

— Se eu lhe disser que andei vendo Lennox e onde e quando, mas não tinha a mínima idéia de que ele tivesse cometido um crime ou que qualquer crime tivesse sido cometido, e além disso não tenho a menor idéia de onde ele está neste momento, isso tampouco iria satisfazê-lo, não é?

— Se der mais detalhes, poderei escutá-lo. Coisas como onde, quando, como ele estava, sobre o que conversaram, pra onde ele se dirigiu. São coisas que podem chegar a dados concretos.

— Com seu tratamento, tudo isso provavelmente poderia me transformar num cúmplice.

Os músculos de seu queixo viraram uma protuberância.

Os olhos pareciam gelo sujo.

— E daí? — disse.

— Não sei. Preciso de assistência legal. Gostaria de cooperar. Que tal se tivéssemos aqui entre nós alguém do escritório do procurador-geral?

Ele soltou um riso curto e rouco. Que chegou ao fim antes do tempo. Levantou-se devagar e circundou a mesa. Inclinou-se na minha direção, uma mãozona em cima da mesa; sorriu. Depois, sem mudança de expressão, me bateu do lado do pescoço com um punho que parecia um pedaço de aço.

O impacto viajou uns dois ou três centímetros, não mais. E quase arrancou minha cabeça. Um gosto de bile na minha boca. Gosto de sangue misturado com bile. Não ouvi nada a não ser um ronronar na minha cabeça. Ele se inclinou sobre mim ainda sorrindo, a mãozona esquerda ainda na mesa. Sua voz parecia vir de muito longe.

— Eu costumava ser durão, mas estou ficando velho. Você levou um bom sopapo, cara, e é tudo o que vai conseguir de mim. Temos rapazes lá na cadeia que deviam estar trabalhando na estiva. Talvez a gente não precise chamá-los porque eles não são muito bonzinhos, nem limpos, nem lutadores de boxe com pó no rosto como o nosso Dayton. Eles não têm quatro filhos e um jardim de rosas como o Green. Eles vivem para estas diversões diferentes. Gostam de qualquer tipo delas e ultimamente anda faltando trabalho. Você ainda tem outra dessas idéias engraçadas a respeito do que vai ou



não vai falar, se é que não se incomoda de nos dizer?

— Não com essas algemas, capitão. — E me doeu mesmo o fato de falar isso.

Inclinou-se sobre mim e senti o cheiro de seu suor e o hálito da corrupção. Então endireitou-se, voltou a circundar a mesa e assentou suas sólidas nádegas na cadeira. Pegou um esquadro e passou o polegar sobre uma de suas extremidades como se fosse uma faca. Olhou para Green.

— O que está esperando, sargento?

— Ordens. — Green disse a palavra como se odiasse o som de sua própria voz.

— Precisa que te digam? Você é um sujeito experiente, é o que diz o teu dossiê. Quero um depoimento pormenorizado dos movimentos deste homem nas últimas vinte e quatro horas. Talvez mais do que isso, mas principalmente nestas últimas vinte e quatro horas. Quero saber o que ele fez cada minuto. Quero isso tudo assinado e com testemunha e tudo checado. Quero isso em duas horas. Depois quero ele de volta aqui, bem limpinho, arrumadinho e sem marcas. E mais uma coisa, sargento...

Fez uma pausa e lançou um olhar a Green que poderia congelar uma batata recém-cozida.

— ...da próxima vez que eu pedir para fazer algumas perguntas civilizadas pra um suspeito, não quero ver você aí em pé, olhando como se eu tivesse puxado suas orelhas.

— Sim, senhor. — Green virou-se para mim. — Vamos — disse asperamente.

Gregorius mostrou os dentes para mim. Que precisavam — e como — de uma boa limpeza.

— Vamos ver o que você tem a dizer, amigão.

— Sim, senhor — respondi, educadamente. — O senhor provavelmente não tinha a intenção, mas acabou me fazendo um favor. Com uma ajuda do detetive Dayton. O senhor resolveu um problema pra mim. Nenhum homem gosta de trair um amigo mas, para o senhor, eu não trairia nem um inimigo. O senhor não é apenas um gorila, é um incompetente. Não sabe como encaminhar uma simples investigação. Eu estava numa corda bamba e o senhor poderia ter me empurrado para um lado ou outro. Mas tinha de me maltratar, jogando café no meu rosto e usando seus punhos quando eu estava numa situação em que minha única reação só poderia ser levar o soco. De agora em diante, não lhe diria nem que horas marcam o relógio da sua parede.

Por alguma estranha razão, ele ficou sentado perfeitamente quieto e permitiu que eu dissesse tudo isso. Depois fez uma careta: — Você não passa de um desses caras que odeiam a polícia, amigo. É isso que você é, xereta, um cara que odeia policiais.

— Há certos lugares onde policiais não são odiados, capitão. Mas nesses lugares o senhor não seria um policial.

Ele engoliu isto também. Creio que podia se dar ao luxo. Provavelmente já ouvira coisas muito piores. Mas então o telefone soou na sua mesa. Olhou-o e fez um gesto qualquer.

Dayton contornou espertamente a mesa e levantou o fone.

— Sala do capitão Gregorius. Fala o detetive Dayton.

Escutou. Um leve risco uniu suas simpáticas sobrancelhas. Falou suavemente: — Um momento, senhor, por favor.

Passou o telefone para Gregorius: — O comissário Allbright, senhor.

Gregorius franziu o cenho: — O quê? O que este filho da mãe quer?

Pegou o fone, segurou-o por um momento, recompôs o rosto: — Gregorius, comissário.

Ouvia.

— Sim, ele está aqui no meu escritório, comissário. Estive fazendo algumas perguntas a ele. Não cooperou, não cooperou nada... Como é?

De repente sua expressão mudou, torcendo todo seu rosto num só nó escuro. O sangue escureceu suas têmporas.

Mas a voz não mudou de tom nem um pouquinho: — Se isto é uma ordem direta, deve vir através do chefe dos detetives, comissário... Claro, vou segurar as pontas até ser confirmada. Claro... Pelo amor de Deus, não. Ninguém encostou um dedo nele... Sim, senhor. Agora mesmo.

Colocou o fone no gancho. Achei que sua mão estava tremendo um pouco. Os olhos se moviam de um lado pro outro pelo meu rosto e depois pelo rosto de Green.

— Tire essas algemas dele — disse, numa voz sem tom.

Green abriu as algemas. Esfreguei minhas mãos, esperando as pontadas e agulhadas da circulação.

— Coloque-o na cela do Condado — Gregorius falou, devagar. —

Suspeito de assassinato. O procurador-geral tirou o caso das nossas mãos. É um sistema maravilhoso, esse nosso.

Ninguém se mexeu. Green estava perto de mim, respirando forte. Gregorius olhava Dayton.

— O que está esperando, seu bosta? Que alguém lhe traga um sorvete, hem?

Dayton quase entrou em pânico.

— Não recebi nenhuma ordem sua, capitão.

— Diga "senhor" quando falar comigo, porra! Sou capitão para os sargentos, no mínimo. Não pra você, garoto. Pra você não. Fora.

— Sim, senhor.

Dayton passou rápido pela porta e saiu. Gregorius levantou, foi até a janela e ficou lá de costas para o escritório.

— Vamos, vamos embora — Green murmurou no meu ouvido.

— Leva esse sujeito daqui antes de eu chutar a cara dele — Gregorius disse lá da janela.

Green foi até a porta e abriu-a. Comecei a sair. De repente, Gregorius gritou: — Pára aí! Fecha essa porta!

Green fechou e deu as costas para ela.

— Você, vem até aqui — Gregorius gritou de novo, desta vez pra mim.

Não me movi. Fiquei onde estava e olhei para ele.

Green tampouco se moveu. Houve uma pausa desagradável. Depois, lentamente Gregorius caminhou através da sala e ficou me encarando, bem de perto. Colocou as mãos duras e grandes nos

bolsos. Balançou nos calcanhares.

— Nunca encostei um dedo nele — disse com seu bafo, como se falasse consigo mesmo. Os olhos, remotos e sem expressão. A boca mexia-se convulsivamente.

Então ele cuspiu na minha cara.

Deu um passo pra trás.

— Isso é tudo, obrigado.

Deu meia-volta e voltou para perto da janela. Green abriu a porta novamente.

Passei por ela procurando o lenço.

## 8

A cela nº 3 no setor criminal tem dois estrados como cama, estilo cama de trem, mas o setor não estava muito cheio e fiquei sozinho. No setor criminal o tratamento costuma ser bom. A gente recebe dois cobertores, nem sujos nem limpos, um colchonete de forma indefinida, com cinco centímetros de espessura, para pôr em cima das tiras cruzadas de metal. Tem banheiro completo, pia, toalhas de papel e sabão áspero cinza. As paredes da cela são limpas e sem cheiro de desinfetante. Os empregados trabalham. E geralmente são em número suficiente.

Os encarregados das celas controlam os presos e são muito vivos. A não ser que você esteja bêbado, seja psicótico ou finja ser louco, eles permitem que você fique com cigarros e fósforos. Pelo menos no início a gente usa a própria roupa. Mais tarde veste-se o uniforme de preso, sem gravata, sem cinto, sem cordão de sapatos. Você senta no estrado e espera. Não há mais nada pra fazer.

No depósito de bêbados não é tão bom assim. Não tem cama, nem cadeira, nem cobertor, nada. Você se deita no chão de cimento. Você se senta na privada e vomita no próprio colo. É o fim da desgraça. Eu vi.

Embora ainda fosse dia, as luzes estavam acesas. Na porta de aço das paredes da cela havia algumas barras também de aço, cobrindo o que chamam de janela de Judas. As luzes eram controladas do lado de fora das celas. Apagavam-se às nove da noite. Ninguém aparecia na porta ou dizia qualquer coisa. A gente podia estar no meio de uma

frase de um jornal ou revista. Sem nenhum som ou aviso — a escuridão. E lá fica a gente até amanhecer, sem nada para fazer a não ser dormir, se se conseguir, fumar, se se tiver alguma coisa pra fumar, e pensar, se se tem alguma coisa pra pensar que não nos faça sentir pior ainda do que não pensar em nada.

Numa prisão um homem não tem personalidade. Ele é um problema menor a ser resolvido e algumas anotações num relatório. Ninguém se importa com quem gosta dele ou o odeia, como é sua aparência, o que ele fez com sua própria vida.

Ninguém reage a ele a não ser que ele cause problemas. Ninguém o maltrata. Tudo que pedem é que ele fique quieto, siga tranqüilo para sua cela e permaneça quieto depois que entrar nela. Não existe nada com que lutar, nenhuma razão para ficar zangado. Os carcereiros são homens quietos, sem animosidade ou sadismo. Todas essas histórias que vocês lêem de homens gritando e berrando, se atirando contra as grades, batendo com colheres nas barras de ferro, guardas correndo com porretes — tudo isso é a penitenciária. Mas uma boa prisão é um dos lugares mais calmos do mundo. Pode-se caminhar por todo o bloco das celas à noite e vislumbrar, através das barras, vultos enrolados em cobertor pardo, os cabelos de uma cabeça ou um par de olhos olhando para coisa nenhuma.

Pode-se ouvir um ronco. Uma vez ou outra pode-se escutar um pesadelo. A vida na prisão está em suspensão, sem objetivo ou significado. Numa outra cela a gente pode ver um homem que não consegue dormir ou mesmo tentar dormir. Está sentado na ponta da sua cama sem fazer nada. Olha ou não para você. Você olha pra ele. Ele não diz nada e você não diz nada. Não existe nada para se dizer.

No canto do bloco das celas pode haver uma segunda porta de aço que dá para o pavilhão de identificação. Uma de suas paredes é de tela de arame pintada de preto. Na parede preta há marcas para se medir a altura dos presos. No teto fica uma luz mortífera. De hábito, entra-se aí de manhã, pouco antes do chefe da noite terminar seu expediente. Você se encosta contra as marcas de altura, a luz flui sobre você e não há outra luz atrás da tela de arame. Mas há muita gente lá atrás: guardas, detetives, cidadãos que foram roubados ou assaltados — ou vítimas de algum golpe ou jogados fora de seus carros com um revólver apontando pra eles. A gente não consegue vê-los nem ouvi-los. Ouve-se a voz do chefe da noite. Escutamos essa voz que soa alta e clara. Ele manda você dar passos como se você fosse um cão amestrado. Está cansado e é cínico e competente. E o diretor de cena da peça que está em cartaz há mais tempo no mundo, mas pela qual ele perdeu o interesse.

— Hei, você aí. Fique em pé direito. Barriga pra dentro. Queixo pra cima. Mantenha os ombros pra trás. Não abaixe a cabeça. Olhe bem pra frente. Vire pra esquerda. Vire pra direita. Rosto pra cá de novo e mantenha as mãos afastadas. Palmas pra cima. Palmas pra baixo. Levante as mangas. Sem cicatriz visível. Cabelos castanho-escuros, alguns grisalhos. Olhos castanhos. Altura, 1,85m. Peso, cerca de oitenta quilos. Nome, Philip Marlowe. Ocupação, detetive particular. Bem, bem, foi bom te ver, Marlowe. Só isso. O próximo.

Meus agradecimentos, chefe. Obrigado pela oportunidade. O senhor se esqueceu de me mandar abrir a boca. Tenho algumas bonitas obturações, um maravilhoso pivô de porcelana e uma jaqueta no valor de oitenta e sete dólares. Esqueceu-se de olhar dentro do meu nariz também, chefe. Uma série de pequenas cicatrizes no



tecido interno está lá esperando-o. Operação do septo feita por um bom açougueiro. Duas horas de trabalho naqueles tempos. Estou sabendo que hoje se faz em vinte minutos. Precisei da operação devido a uma partida de futebol americano, chefe, um leve erro de cálculo na tentativa de bloquear uma jogada. Em vez da bola, segurei o pé do jogador — depois dele ter chutado a bola. Foi pênalti e foram metros e metros de gaze sangrenta que tiraram do meu nariz no dia depois da operação. Não estou brincando, chefe. Estou apenas contando. São as coisas pequenas que devem ser levadas em conta.

No terceiro dia um cara da carceragem abriu a minha cela no meio da manhã.

— Seu advogado está aqui. Apague o cigarro e não no chão.

Joguei-o na privada e puxei a descarga. Ele me levou até a sala de visitas. Um homem alto, pálido, de cabelos pretos estava me esperando, olhando pela janela. Ele virou-se. Esperou que a porta se fechasse. Depois sentou-se perto de sua pasta marrom e gorda no extremo de uma mesa de carvalho toda marcada, talvez originária da Arca de Noé. E Noé deve tê-la comprado de segunda-mão. O advogado abriu um maço prateado de cigarro, colocou-o à sua frente e me olhou.

— Sente-se, Marlowe. Quer um cigarro? Meu nome é Endicott. Sewell Endicott. Fui designado para representá-lo sem honorários ou qualquer custo de sua parte. Acho que você gostaria de sair daqui, não é mesmo?

Sentei e peguei um cigarro. Ele segurou um isqueiro pra mim.

— Prazer em revê-lo, sr. Endicott. Já nos encontramos antes, quando o senhor era promotor.

Ele balançou a cabeça.

— É possível. Mas eu não me lembro — e sorriu palidamente. — Era uma posição não muito adequada pro meu temperamento. Creio que não tenho uma alma de tigre.

— Quem o mandou?

— Não posso dizer. Se me aceitar como seu advogado, alguém se encarregará dos meus honorários.

— Isso é sinal de que eles conseguiram pegá-lo.

Ele apenas me olhou. Dei uma tragada no cigarro. Era um desses de filtro. Tinha gosto de neblina filtrada por algodão.

— Se você se refere a Lennox — ele disse — e é claro que se refere a ele, a resposta é não, eles não o pegaram.

— Por que o mistério, sr. Endicott, sobre quem o mandou aqui?

— Meu cliente deseja ficar anônimo. É um direito dele. Você me aceita como advogado?

— Não sei. Se eles não pegaram Terry, por que então continuam me mantendo preso? Ninguém me perguntou coisa alguma, ninguém se aproximou sequer de mim.

Ele franziu o cenho e olhou para seus longos e delicados dedos.

— O promotor Springer se encarregou pessoalmente do caso. Deve estar muito ocupado para interrogá-lo por enquanto. Mas você já está escalado para uma citação e um interrogatório preliminar. Posso tirá-lo daqui através de uma fiança e um pedido de *habeas-corpus*. Você provavelmente conhece as leis.

— Fui autuado como suspeito de assassinato.

Ele fez uma careta, impaciente.

— É só um expediente. Você poderia ter sido autuado em trânsito para Pittsburgh ou em uma de dúzias de acusações. O que eles provavelmente pretendem passa a ser secundário depois do fato. Você levou Lennox para algum lugar, não levou?

Não respondi. Deixei cair o cigarro sem gosto no chão e pisei nele. Endicott fez uma careta de novo e franziu a testa.

— Digamos que você o levou, apenas para podermos argumentar. Para transformá-lo em cúmplice eles precisam provar. Neste caso, isso significaria conhecimento de que o crime havia sido cometido e que Lennox era um fugitivo. Em qualquer dos casos é passível de fiança. É evidente o que você realmente é: testemunha ocular. Mas um homem não pode ser colocado numa prisão na condição de testemunha pelo menos no nosso estado, isto é, exceto sob ordem judicial. Ninguém é testemunha a não ser que o juiz assim o declare. Mas o pessoal que aplica a lei sempre consegue arrumar uma maneira de fazer o que quer.

— Pois é. Um detetive chamado Dayton me deu um soco. Um capitão do Homicídios chamado Gregorius me jogou uma xícara de café, me bateu no pescoço com tanta força, capaz de inchar uma artéria, o senhor ainda pode vê-la, e quando um telefonema do comissário de polícia Allbright impediu-o de fazer picadinho de mim, ele cuspiu na minha cara. Tem toda razão, dr. Endicott. Os caras da lei sempre fazem o que bem entendem.

Ele olhou pra seu relógio de pulso com atenção exagerada.

— Você quer sair daqui sob fiança ou não?

— Obrigado. Acho que não. Um cara que sai da prisão sob fiança

já é meio culpado aos olhos do público. Se ele sair mais tarde é porque teve um advogado mais esperto.

— É um raciocínio bobo — disse ele, impaciente.

— Tudo bem, é bobo. Eu sou bobo. Caso contrário nem estaria aqui. Se você está em contato com Lennox, diga a ele que pare de se preocupar comigo. Não estou aqui por causa dele. Estou aqui por minha causa. Não reclamo. Faz parte do jogo. No meu trabalho, as pessoas vêm até mim cheias de problemas. Problemas grandes, problemas pequenos, mas sempre problemas que não querem encaminhar à polícia. Por quanto tempo ainda viriam me procurar se qualquer entrevero meu com a polícia me virasse de cabeça pra baixo e esvaziasse minha moral?

— Estou entendendo, mas permita que eu o corrija num ponto. Não estou em contato com Lennox. Eu o conheço vagamente. Faço parte da Corte de Justiça, como todo advogado. Se eu soubesse onde está Lennox, não poderia esconder esta informação do promotor. O máximo que poderia fazer seria concordar em entregá-lo à justiça numa data e num local específicos, depois de ter um encontro com ele.

— Ninguém mais iria se incomodar em mandá-lo aqui para me ajudar.

— Está me chamando de mentiroso? — Ele se inclinou para apagar a ponta do cigarro sob a mesa.

— Se bem me lembro, o senhor nasceu na Virgínia, sr. Endicott. Neste país nós temos uma espécie de fixação histórica em relação aos virginianos. Pensamos neles como a nata da cavalaria e da honra sulina.

Ele sorriu.

— Gentil da sua parte. Gostaria apenas que fosse verdade. Mas estamos perdendo tempo. Se você tivesse um pingo de bom senso, teria dito à polícia que não via Lennox há uma semana. Não precisava ser verdade. Sob juramento, sempre poderia contar a história verdadeira. Não existe lei que impeça uma pessoa de mentir para a polícia. Eles chegam a esperar que isso aconteça. Se sentem bem mais felizes quando alguém mente pra eles do que quando se recusa a falar a eles. Isso é um desafio direto à autoridade deles. O que espera ganhar com isso?

Não respondi. Não tinha, na verdade, uma resposta. Ele se levantou, apanhou o chapéu, a carteira de cigarros e colocou-a no bolso.

— Você tinha de montar uma grande encenação — disse ele, friamente. — Exigir seus direitos, falar sobre a lei. Até onde um homem pode ser tão ingênuo, Marlowe? Um homem como você, que deve saber como se virar na vida! A lei não é a justiça. É um mecanismo muito imperfeito. Se você pressionar exatamente o botão certo e ainda por cima tiver sorte, a justiça poderá surgir como resposta. Um mecanismo é tudo o que a lei sempre pretendeu ser. Não creio que você esteja disposto a ser ajudado. Portanto, vou embora. Me procure se mudar de idéia.

— Vou ficar por aqui mais um dia ou dois. Se pegarem Terry não vão mais querer saber como ele conseguiu fugir. Vão se preocupar com o circo todo que irão montar durante o julgamento. O assassinato da filha do sr. Harlan Potter é manchete no país inteiro. Um adulator de multidões como Springer poderá dirigir-se a si

mesmo como procurador-geral neste show, e daí para a cadeira de governador e daí para... — Parei de falar e deixei o resto da frase flutuar no ar.

Endicott sorriu, um sorriso lento e decisivo.

— Não me parece que você conheça o sr. Harlan Potter muito bem.

— E se eles não pegarem Lennox, não vão querer realmente saber como ele conseguiu fugir, sr. Endicott. Vão mais é querer esquecer logo essa história toda.

— Você tem tudo arrumadinho na cabeça, não é mesmo, Marlowe?

— Tive tempo pra isso. Tudo o que sei sobre o sr. Harlan Potter é que ele deve estar valendo cem milhões de dólares e que é dono de nove ou dez jornais. Como é que vai a repercussão?

— Repercussão?

Sua voz, ao dizer a palavra, era gelo puro.

— Sim. Ninguém da imprensa ainda me entrevistou. Estou esperando fazer um grande barulho pelos jornais com este caso. É ótimo para o trabalho. Detetive particular prefere ir para a cadeia a deixar um amigo na mão.

Ele caminhou até a porta e virou-se pra mim: — Você me diverte, Marlowe. Em certas coisas, é infantil. É verdade que cem milhões de dólares podem comprar uma boa dose de repercussão. Também podem, meu amigo, se forem astutamente empregados, comprar uma boa dose de silêncio.

Abriu a porta e foi-se. Logo depois entrou um chefe do setor e me

levou de volta à cela nº 3 do setor criminal.

— Parece que você não vai ficar conosco muito tempo, se está com Endicott — ele disse brincando, enquanto trancava a porta. Respondi que esperava que estivesse certo.

## 9

O guarda da noite anterior era um cara grande e loiro com ombros musculosos e sorriso amigável. Era de meia-idade e há muito tempo aprendera a conviver tanto com a piedade quanto com a raiva. Ele queria mais é que suas oito horas de trabalho decorressem sem maiores problemas e que praticamente nada dificultasse sua jornada. Ele abriu a porta.

— Companhia para você. Um cara do escritório do promotor. Sem sono, hem?

— É um pouco cedo pra mim. Que horas são?

— Dez e quatorze.

Ele ficou à porta e deu uma olhada na cela. Um cobertor estava esticado na cama de baixo e o outro dobrado para servir de travesseiro. Havia algumas toalhas de papel usadas no cesto de lixo e um montinho de papel higiênico na beira da pia. Balançou a cabeça, aprovando: — Alguma coisa de pessoal aí?

— Apenas eu.

Deixou a porta da cela aberta. Caminhamos por um corredor silencioso até o elevador e descemos até a sala de registro. Um homem gordo num terno cinza estava em pé perto da mesa, fumando um cachimbo de milho. Suas unhas estavam sujas e ele cheirava mal.

— Sou Spranklin, do escritório do promotor — a voz era firme. — O sr. Grenz quer vê-lo lá em cima. — Pôs a mão nas costas e tirou um par de algemas. — Vamos ver se servem no seu pulso.



O chefe do setor e o funcionário da sala riram, achando muita graça: — Qual é o problema, Sprank? Tá com medo que ele lhe dê uma surra no elevador?

— Não quero problemas. Uma vez um cara fugiu das minhas mãos. Eles quase me jantaram. Vam'bora, rapaz.

O funcionário da sala estendeu-lhe um formulário e ele assinou-o com um floreado.

— Nunca corro riscos desnecessários. Nunca se sabe o que vai aparecer nesta cidade.

Um policial de carro-patrolha trazia um bêbado com a orelha sangrando. Fomos para o elevador.

— Você está metido numa encrenca, rapaz — Spranklin me disse já no elevador. — Uma encrenca da grossa. — Isso parecia lhe dar uma vaga satisfação. — Um cara pode se meter num monte de encrencas numa cidade como esta.

O ascensorista virou a cabeça e piscou o olho pra mim.

Eu sorri.

— Não tente nada, rapaz — Spranklin me disse, severamente. — Já dei um tiro num cara antes. Tentou fugir. Eles quase me jantaram.

— Você vai e vem, não é mesmo?

Ele pensou um pouco: — É. De qualquer maneira eles querem me jantar. É uma cidade durona, esta. Não há respeito.

Descemos do elevador e atravessamos a porta dupla do escritório do promotor. Ninguém no painel dos telefones, apenas algumas linhas ligadas para a noite. Ninguém nas cadeiras de espera. Luzes apagadas em várias salas. Spranklin abriu a porta de uma salinha

iluminada, com uma escrivaninha, um arquivo, uma ou duas cadeiras duras e um homem compacto com bochechas duras e olhos estúpidos. De rosto vermelho, estava pondo alguma coisa na gaveta da escrivaninha.

— Podia ter batido — grunhiu para Spranklin.

— Desculpe, sr. Grenz — balbuciou Spranklin. — Estava pensando no prisioneiro. — Me empurrou para dentro do escritório. — Devo tirar as algemas, sr. Grenz?

— Em primeiro lugar, eu não sei por que cargas d'água você as colocou — disse Grenz, acidamente. E ficou vendo Spranklin abrir as algemas do meu pulso. A chave estava no meio de um monte, do tamanho de uma laranja grande, e ele se atrapalhou todo para encontrá-la.

— OK, suma — disse Grenz. — Espere do lado de fora para levá-lo de volta.

— Mas, doutor, já tá no fim do meu expediente...

— Seu expediente é quando eu determinar.

Spranklin ficou vermelho e roçou a ponta de sua barriga na porta. Grenz olhou-o com cara feroz e depois que a porta se fechou lançou o mesmo olhar pra cima de mim.

Afastei uma cadeira e sentei.

— Eu não disse para que se sentasse — ele grunhiu.

Peguei um cigarro do meu bolso e enfiei na boca.

— E tampouco disse que podia fumar — ele grunhiu de novo.

— Tenho permissão para fumar na cela. Por que não aqui?

— Porque aqui é o meu escritório. Aqui sou eu quem cria as regras.

Um aroma de uísque flutuou por sobre a escrivaninha.

— Beba mais um gole — eu disse. — Vai acalmá-lo um pouco. Parece que foi interrompido quando entramos.

Suas costas bateram com força no espaldar da cadeira dura. O rosto ficou vermelho-escuro. Puxei um fósforo e acendi o cigarro.

Depois de um comprido minuto, Grenz disse suavemente: — OK, durão. Um homem e tanto, não é mesmo? Quer saber de uma coisa? As pessoas entram aqui de todas as formas e tamanhos mas todas saem do mesmo tamanho: pequenas. E com a mesma forma: curvadas.

— O senhor desejava me ver a respeito de que, sr. Grenz? E não se importe comigo se tiver vontade de não esconder mais essa garrafa. Também tomo um gole de vez em quando, se estou cansado, nervoso ou quando trabalho demais.

— Não parece muito assustado com a confusão em que se meteu.

— Não consigo perceber por que estaria numa confusão.

— Já veremos. Enquanto isso quero um depoimento completo seu. — Apontou o dedo para um formulário e ficou em pé ao lado da mesa. — Vamos tomá-lo agora e amanhã ele será transcrito. Se o chefe ficar satisfeito com seu depoimento, poderá libertá-lo sob palavra de que não sairá da cidade. Vamos começar.

Ligou o gravador. A voz era fria, decidida e chata, mas sabia como lidar com o gravador. No entanto, sua mão direita continuava se dirigindo para a gaveta da escrivaninha. Era jovem demais para ter

veias no nariz, mas tinha, e o branco dos seus olhos era meio sujo.

— Estou tão cansado disso tudo — falei.

— Cansado de quê? — gritou.

— Homens pequenos e duros em escritórios pequenos e duros falando pequenas e duras palavras que não significam absolutamente nada. Passei cinquenta e seis horas no setor criminal. Ninguém me pressionou, ninguém tentou provar que era durão. Não precisam disso. E por que eu estava lá? Fui indiciado como suspeito. Que merda de sistema legal é este que deixa um homem ser jogado numa cela de criminosos só porque um tira qualquer não conseguiu respostas para certas perguntas? Qual a prova que ele tinha? Um número de telefone numa agenda. E o que estava tentando provar quando me colocou no xadrez? Absolutamente nada a não ser que tinha poder para tanto. E agora vem o senhor no mesmo diapásão, tentando fazer eu sentir o quanto de poder pode gerar aqui desta caixa de charuto que chama de seu escritório. Mandou aquela babá assustada, tarde da noite, pra me trazer aqui. Talvez tenha pensado que sozinho lá com meus pensamentos durante cinquenta e seis horas acabei com alguns buracos no meu cérebro. Acha que vou chorar no seu ombro e pedir para passar a mão na minha cabeça porque estou tão terrivelmente solitário naquela maldita prisão. Ora, Grenz. Tome seu gole e vire um ser humano; estou disposto a compreender que você está apenas fazendo seu trabalho. Mas jogue fora essa couraça antes de começar. Se você for realmente grande não precisa dela e se precisa dela é porque não é suficientemente grande para me pressionar.

Sentado, me escutou até o fim; me olhava. Sorriu então, meio

irônico.

— Belo discurso. Agora que você desabafou bastante, vamos ao depoimento. Quer responder a perguntas específicas ou contar tudo à sua maneira?

— Estava falando à toa. Só pra ouvir o som da minha voz. Não estou fazendo nenhum depoimento. Você é advogado e sabe que não sou obrigado a isso.

— Está certo — disse ele, friamente. — Conheço a lei. Conheço o trabalho policial. Estou lhe oferecendo uma chance para limpar sua barra. Se não quiser, nem ligo. Posso convocá-lo para amanhã de manhã às dez horas e fixar um interrogatório preliminar. Poderá pagar fiança, embora eu possa lutar contra isso, mas se conseguir, vai ser difícil, vai custar muito dinheiro. Esse é um jeito que a gente tem de manobrar essas coisas.

Olhou para um papel na escrivaninha, leu-o e virou-o pro outro lado.

— Sob que alegação? — perguntei.

— Artigo trinta e dois. Cumplicidade pós-fato. É um crime. Com direito a até cinco anos na Penitenciária de San Quentin.

— Melhor pegar Lennox em primeiro lugar — disse, cuidadosamente. Grenz tinha alguma coisa, percebi por seus modos. Não sabia o quanto ou o que, mas que tinha alguma coisa, lá isso tinha.

Inclinou-se para trás apoiando-se na cadeira, pegou uma caneta e esfregou-a lentamente entre as palmas das mãos. Sorriu então. Estava se divertindo.

— Lennox é um cara difícil de se esconder, Marlowe. Com a maioria das pessoas a gente precisa de uma foto, de uma boa e nítida foto. Mas não com um sujeito que tem cicatrizes num lado inteiro do rosto. Não falando nos cabelos brancos, levando-se em conta que ele não tem mais que trinta e cinco anos. Temos quatro testemunhas, talvez mais.

— Testemunhas de quê?

Estava sentindo um gosto meio amargo na boca, como o gosto de bile que senti depois que o capitão Gregorius me agrediu. O que me lembrou que meu pescoço ainda estava machucado e dolorido. Massageei-o suavemente.

— Não seja estúpido, Marlowe. Um juiz da Corte Superior de San Diego e sua esposa por coincidência estavam vendo o filho e a nora deles entrar naquele avião. Os quatro viram Lennox e a mulher do juiz viu o carro que o trouxe e quem veio com ele. Tem alguma oração preferida?

— Interessante. Como chegaram a eles?

— Notícia divulgada nas rádios e tevês. Uma descrição completa era mais do que suficiente. Daí o juiz nos telefonou.

— Parece bom. Mas é preciso um pouco mais do que isso, Grenz. Precisa pegá-lo e provar que ele cometeu um assassinato. Depois terá de provar que eu sabia disso.

Estalou um dedo nas costas de um telegrama.

— Acho que vou tomar aquele drinque. Tenho trabalhado demais à noite. — Abriu a gaveta e colocou uma garrafa e um copo pequeno em cima da escrivaninha. Encheu o copo até a borda e jogou para

dentro num gole só. — É melhor assim. Muito melhor. Desculpe mas não posso lhe oferecer enquanto estiver sob custódia. — Fechou a garrafa e afastou-a mas não o suficiente para deixá-la fora de alcance.

— Ah, claro, precisamos provar alguma coisa, você disse. Bem, é possível que já tenhamos uma confissão, meu chapa. Que chato, não?

Um dedinho muito frio percorreu toda a extensão da minha espinha, como um inseto de gelo avançando.

— Por que precisa então de um depoimento meu?

Sorriu.

— Gostamos de ter um relatório completo. Vamos trazer Lennox de volta e julgá-lo. Precisamos de tudo o que conseguirmos. Não se trata apenas do que queremos de você, com o que, poderemos deixá-lo sair daqui, se você cooperar.

Olhei pra ele. Mexia em alguns papéis. Mexia-se sempre sentado na cadeira, olhou pra garrafa e deve ter precisado de muita força de vontade para não pegá-la novamente.

— Talvez você vá curtir a ópera toda — disse de repente com um tom de desconfiança. — Bem, já que é esperto, aí está, só pra mostrar que não estou brincando.

Inclinei-me sobre a mesa e ele pensou que fosse pegar sua garrafa. Agarrou-a e colocou-a de volta na gaveta. Eu só queria jogar o cigarro no cinzeiro. Voltei à posição inicial e acendi outro cigarro. Ele falou rapidamente: — Lennox desceu do avião em Mazatlan, um ponto de baldeação de uma companhia de aviação e uma cidade de cerca de trinta e cinco mil habitantes. Durante duas ou três horas,

desapareceu. Aí um homem alto, de cabelos pretos, pele escura e o que poderia ser um monte de cicatrizes de faca, embarcou para Torreon sob o nome de Silvano Rodriguez.

Sabia falar bem espanhol mas não tão bem assim para alguém com um nome daqueles. Era alto demais para um mexicano de pele tão escura. O piloto prestou depoimento sobre ele. Os tiros foram lentos demais em Torreon. Tiras mexicanos não são campeões de velocidade. São bons é em atirar nas pessoas. Quando começaram a se mexer, o homem havia fretado um avião e se dirigido para uma pequena cidade nas montanhas chamada Otatoclan, que foi durante pouco tempo um balneário de férias com um lago. O piloto do avião fretado fora treinado no Texas como piloto de guerra. Falava bem inglês. Lennox fingiu não entender o que ele dizia.

— Se é que era Lennox — falei.

— Espere um pouco, meu chapa. Era Lennox, sem dúvida. Bem, ele desce em Otatoclan e se registra no hotel de lá, desta vez como Mario de Cerva. Estava armado, com uma Mauser 7.65, o que não significa grande coisa no México, claro. Mas o piloto achou que o cara não parecia muito legal e resolveu trocar umas palavrinhas com a polícia local. Começaram a vigiar Lennox. Fizeram algumas checagens na Cidade do México e então resolveram agir.

Grenz pegou uma régua e ficou olhando-a com cuidado, só para evitar me olhar.

Eu disse:

— Ham-ham. Rapaz esperto esse piloto e muito legal com seus fregueses. Essa história cheira mal.

Olhou-me subitamente e falou num tom seco: — O que nós



estamos querendo é um julgamento rápido, uma defesa de segundo grau, que aceitaremos. Existem certas nuances que preferimos evitar. Afinal de contas, a família é extremamente influente.

— Quer dizer Harlan Potter.

Concordou rapidamente.

— Acho que a história toda está bem armada. Springer podia fazer sua fama com ela. A história tem de tudo. Sexo, escândalo, dinheiro, esposa linda e infiel, marido herói ferido de guerra — creio que foi lá que obteve aquelas cicatrizes. Puxa, será manchete da primeira página por semanas. Todos os caretas do país vão se alimentar dessas manchetes. Por isso estamos torcendo um pouco as coisas para que elas se apaguem logo, logo. Está bem, se o chefe quer que seja assim, o problema é dele. Vou ou não vou conseguir seu depoimento?

Virou-se para o gravador que estivera zumbindo o tempo todo com a luzinha acesa na frente.

— Pode desligar — disse.

Mexeu-se todo e me lançou um olhar malicioso: — Gosta da cadeia?

— Não é tão ruim assim. Claro, a gente não se encontra com as melhores pessoas, mas quem está se importando com isso? Seja razoável, Grenz. Está querendo me transformar num delator. Talvez seja cabeça-dura ou mesmo sentimental, mas também sou um cara prático. Vamos supor que você precise contratar um detetive particular — sim, claro, sei como iria odiar essa idéia — mas suponhamos que estivesse numa situação em que esta seria sua única saída. Contrataria um detetive particular que bancou o

informante contra seus amigos?

Lançou-me um olhar de ódio.

— Mais alguns itens — prossegui. — Não acha estranho que a tática de fuga de Lennox seja tão transparente? Se quisesse ser pego, não precisaria passar por todas essas atribulações. Se não quisesse ser pego, ele tem inteligência suficiente para não se disfarçar como um mexicano no México.

— O que quer dizer? — Grenz agora quase rosnava pra mim.

— Quero dizer que você poderia estar enchendo meus ouvidos com uma série de histórias inventadas, e que não existe nenhum Rodriguez com cabelo tingido de preto e que não existe nenhum Mario de Cerva em Otatoclan e que você sabe tanto onde está Lennox quanto sabe onde o Pirata Barbanegra enterrou o tesouro.

Pegou a garrafa da gaveta mais uma vez. Serviu-se de uma dose e bebeu rapidamente, como antes. Relaxou aos poucos. Virou-se na cadeira e desligou o gravador.

— Gostaria de ter de julgá-lo — disse, num tom desagradável. — É o tipo do cara esperto em quem eu gostaria de dar um jeitinho. Esta marca vai acompanhá-lo por muito, muito tempo, gracinha. Você vai caminhar com ela, vai comer com ela e vai dormir com ela. E da próxima vez que mijar fora do penico, vamos te matar com essa marca e tudo. Mas por agora preciso fazer uma coisa que embrulha o meu estômago.

Inclinou-se sobre a mesa e puxou o papel que estava virado, desvirou-o e assinou-o. A gente sempre sabe quando alguém está escrevendo seu próprio nome. Tem uma maneira especial de mover a mão. Depois disso levantou, caminhou em volta da escrivaninha,

abriu a porta da sua caixa de sapato e chamou Spranklin.

O gordo entrou. Grenz lhe entregou o papel.

— Acabo de assinar a ordem de soltura — disse. — Sou um servidor público e às vezes tenho deveres desagradáveis. Você por acaso quer saber por que eu assinei?

Eu levantei.

— Se quiser me dizer.

— O caso Lennox está encerrado, meu caro. Não existe nenhum caso Lennox. Ele escreveu uma confissão completa hoje de tarde no seu quarto de hotel e se matou. Em Otatoclan, como eu havia dito.

Fiquei ali, olhando pra coisa nenhuma. Pelo canto do olho vi Grenz se afastar lentamente como se pensasse que eu poderia bater nele. Devo ter ficado com uma aparência assustadora por instantes. Logo ele estava de novo atrás da mesa e Spranklin se grudou no meu braço.

— Vamos, ande — disse, num tom de voz lamentoso. — As pessoas gostam de voltar pra casa à noite de vez em quando.

Fui saindo com ele e fechei a porta. Fechei silenciosamente como se saísse de uma sala onde alguém tivesse acabado de morrer.

## 10

Tirei o carbono do meu cartão de propriedade, devolvi e recebi o original. Coloquei minhas coisas no bolso. Havia um homem encostado no final da sala de recepção; quando me virei ele se aproximou e falou comigo. Tinha quase um metro e noventa de altura e era magro como um arame.

— Precisa de uma carona pra casa?

Sob aquela luz opaca ele parecia um jovem-velho, cansado e cínico, mas não parecia mau-caráter.

— Por quanto?

— De graça. Sou Lonnie Morgan, do *Journal*. Terminei meu trabalho..

— Ah, plantonista de delegacia.

— Só esta semana. Geralmente cubro a prefeitura.

Fomos andando para fora do prédio e encontramos seu carro no estacionamento. Olhei para o céu. Havia estrelas mas havia também névoa demais. Estava frio, uma noite agradável. Respirei fundo. Depois entrei no carro e ele começou a dirigi-lo pra longe dali.

— Moro em Laurel Canyon. Pode me deixar em qualquer lugar...

— Eles trazem você de carro, mas não se preocupam em como volta pra casa. Este caso me interessa, de uma forma meio repulsiva.

— Parece que não existe caso nenhum — falei. — Terry Lennox se matou hoje à tarde. É o que eles dizem. É o que dizem.

— Muito conveniente — Lonnie Morgan falou, olhando pra frente. O carro deslizava tranqüilamente ao longo de ruas tranqüilas. — Ajuda-os a construir um muro.

— Que muro?

— Alguém está construindo um muro em volta do caso Lennox, Marlowe. Você é bastante inteligente para perceber isso, não é mesmo? Não é o tipo de peça de teatro que eles estão acostumados a montar. O promotor parte hoje à noite para Washington. Uma convenção qualquer. Ele está saindo desta com a melhor publicidade que conseguiu em muitos anos. E por quê?

— Não adianta perguntar pra mim. Eu estive em recesso...

— Porque alguém conseguiu que as coisas saíssem bem pra ele, aí é que está. Não estou querendo dizer com isso que se trate de um vulgar pacotinho de grana. Alguém prometeu a ele alguma coisa importante e só existe um homem relacionado com este caso que está em posição de oferecer alguma coisa desse tipo. O pai da garota.

Encostei a cabeça num canto do carro.

— Parece pouco provável. E a imprensa? Harlan Potter é dono de alguns jornais, mas o que me diz da concorrência?

Ele me deu um olhar breve e divertido; depois se concentrou na direção.

— Já trabalhou alguma vez em jornal?

— Não.

— Os jornais são editados e de propriedade de homens ricos. Homens ricos pertencem ao mesmo clube. Claro, existe concorrência — uma concorrência dura, acirrada, pela circulação, furos de

notícias, por reportagens exclusivas. Mas até o ponto de não arranhar o prestígio, o privilégio e a posição dos proprietários. Se isso acontece, lá se vai a máscara. A máscara, meu caro, caiu no caso Lennox. O caso Lennox, com uma boa cobertura, poderia ter vendido jornal como banana. Tem tudo o que é necessário. O julgamento iria atrair repórteres especiais de todo o país. Mas não vai haver julgamento. Devido ao fato de Lennox ter encerrado o caso antes dele começar. Como eu disse, muito conveniente. Para Harlan Potter e sua família.

Me endireitei no banco e olhei fixo para ele.

— Você acha que foi tudo arranjado?

Mexeu os lábios, sarcasticamente: — Talvez... pura encenação. Pode ser que Lennox tenha tido alguma ajudazinha para cometer suicídio. Tenha resistido à prisão. A polícia mexicana tem coceira no dedo pra puxar o gatilho. Se você quiser fazer uma aposta, eu lhe dou muita vantagem sobre como ninguém se incomodou em contar os buracos de bala.

— Acho que está enganado. Conhecia Terry Lennox bastante bem. Ele já havia renunciado a si mesmo há muito tempo. Se o trouxessem de volta vivo, deixaria as coisas acontecerem como eles quisessem. Teria confessado qualquer coisa.

Lonnie Morgan balançou a cabeça. Eu sabia o que iria dizer e que acabou dizendo: — Não havia possibilidade. Se tivesse dado um tiro nela ou quebrado seu crânio, tudo bem. Mas houve brutalidade demais. O rosto dela se transformou numa pasta. O crime dele poderia ser, no máximo, de segundo grau, e mesmo assim...

Falei:

— Você pode ter razão.

Ele me olhou novamente.

— Você diz que conhecia o cara. Não acha que foi encenação?

— Tou cansado. Não estou com disposição de pensar.

Houve uma longa pausa. Depois Lonnie Morgan falou, calmamente: — Se eu fosse um cara realmente brilhante e não um jornalista de aluguel, apostaria que Terry simplesmente não matou a mulher.

— É uma idéia.

Ele enfiou um cigarro na boca e acendeu, riscando o fósforo no painel do carro. Fumou em silêncio com a preocupação estampada no rosto magro. Chegamos a Laurel Canyon e disse pra ele onde dobrar no *boulevard* e onde virar novamente pra entrar na minha rua. O carro escalou a colina e parou aos pés da minha escada de madeira.

Desci.

— Obrigado pela carona, Morgan. Aceita um drinque?

— Fica pra outra vez. Acho que você deve preferir ficar sozinho.

— Tenho muito tempo para ficar sozinho. Tempo demais, até.

— Você tem um amigo de quem precisa se despedir — ele disse. — Ele deve ter sido amigo, já que você não abriu o bico por causa dele.

— Quem lhe disse isso?

Ele sorriu.

— Só porque eu não posso publicar, não quer dizer que eu não saiba das coisas, meu chapa. Até mais. A gente se vê.

Fechei a porta do carro, ele deu meia-volta e foi-se colina abaixo. Quando as luzes traseiras desapareceram virando a esquina, comecei a subir os degraus, peguei os jornais do lado de fora e entrei na casa vazia. Acendi todas as luzes e abri todas as janelas. O ambiente estava pesado.

Fiz café, bebi e peguei as cinco notas de cem na lata de café. Estavam bem enroladas e enterradas no café, do lado. Andei pra cima e pra baixo com uma xícara de café na mão, liguei a televisão, desliguei, sentei, levantei e sentei de novo.

Passei os olhos nos jornais que haviam se empilhado lá embaixo na escada. O caso Lennox tinha começado com destaque, mas já nesta manhã de hoje passara pras páginas de dentro. Havia uma foto de Sílvia; nenhuma de Terry. Havia uma nota sobre mim que não sabia que existia: "Detetive Particular de Los Angeles Detido para Interrogatório". Havia uma grande foto da casa de Lennox em Encino. Estilo pseudo-inglês com um monte de telhados pontudos; devia custar uma nota mandar lavar aquelas janelas. Ficava em cima de uma pequena colina de 8.000m, o que é muito terreno para a área de Los Angeles. Havia uma foto da casa de hóspedes, que era uma miniatura da casa principal, cercada de árvores. Ambas as fotos obviamente tinham sido tiradas de certa distância e depois ampliadas e retocadas. Não havia foto nenhuma do que os jornais chamavam de "quarto da morte".

Já tinha visto todo esse material antes, na prisão, mas li e olhei de novo tudo aquilo com olhos diferentes. Nada me dizia, exceto que uma mulher rica e bonita fora assassinada e que a imprensa estivera bastante afastada do fato. Portanto, a influência começara bem cedo. Os rapazes do crime deviam ter rangido os dentes mas rangido em



vão. Era o que eu calculava. Se Terry havia falado com seu sogro em Pasadena na própria noite que ela fora assassinada, uma dúzia de guardas deviam ter cuidado da propriedade antes mesmo da polícia ser avisada.

Mas havia uma coisa que eu não conseguia conceber — a maneira como ela fora agredida. Ninguém ia me convencer que Terry fizera aquilo.

Apaguei as luzes e sentei perto de uma janela aberta. Num arbusto um rouxinol correu pelos galhos e se auto-admirou antes de se preparar para a noite.

Meu pescoço cocou, fui fazer a barba, tomei uma ducha e caí na cama deitado de costas; fiquei ouvindo, como se de muito longe, da escuridão, pudesse ouvir uma voz, o tipo de voz calma e paciente que torna todas as coisas claras. Não ouvi a voz e sabia que não iria ouvi-la. Ninguém iria me explicar o caso Lennox. Nenhuma explicação era necessária. O assassino havia confessado e estava morto. Não haveria nem mesmo uma investigação.

Como Lonnie Morgan do *Journal* comentara — muito conveniente. Se Terry Lennox tinha assassinado sua mulher, tudo bem. Não havia necessidade de levá-lo a julgamento e trazer à tona alguns detalhes desagradáveis sobre o assunto. Se ele não a matara, tudo bem também. Afinal, um morto é o melhor cara do mundo. Porque nunca pode contra-argumentar.

## 11

Pela manhã me barbeei novamente, me vesti, peguei o carro até a cidade como sempre, estacionei no lugar de sempre e se o cara do estacionamento por acaso sabia que eu me tornara uma importante figura pública fez um bom trabalho não demonstrando. Subi pro meu andar e no corredor tirei as chaves para abrir a porta do escritório. Alguém me olhava: um cara escuro e de aparência suave.

— Você é Marlowe?

— E daí?

— Não desapareça — ele falou. — Tem um sujeito que quer vê-lo.

Descolou da parede e deslizou pra longe com certo balanço.

Entrei no escritório e peguei a correspondência. Havia mais cartas ainda em cima da mesa colocadas pela faxineira da noite. Abri os envelopes depois de abrir as janelas e jogar fora o que não queria, praticamente quase tudo. Liguei a máquina que dá sinal se alguém chega na sala de espera, enchi o cachimbo, acendi e então me sentei à espera de que alguém aparecesse gritando por socorro.

Pensei em Terry Lennox de uma maneira desapaixonada. Ele já começava a desaparecer a distância, com seu cabelo branco, rosto marcado, charme débil e sua pitada específica de orgulho. Não o julguei ou o analisei, assim como nunca lhe fiz perguntas sobre como fora ferido ou como conseguira se casar com uma pessoa como Sílvia. Ele era como alguém que a gente encontra a bordo de um navio e chega a conhecer muito bem embora nunca o conheça realmente. Ele

foi-se como o cara que diz até logo no cais, vamos ficar em contato, meu velho, e você sabe que não e ele também. E é mais do que provável que você nunca mais veja o cara de novo. Se encontrá-lo, ele será uma pessoa totalmente diferente, apenas mais um rotariano num vagão de trem. Como vão os negócios? Bem, nada mal. Você está ótimo. Você também. Oh, ganhei uns quilinhos a mais. Nós todos, não é?

Lembra-se daquela viagem no *Franconia* (ou qualquer que seja o navio)? Ah, claro, uma viagem legal, não é mesmo?

Viagem legal o diabo. Uma chateação só. Você apenas bateu papo com o cara porque não tinha ninguém mais por perto que interessasse. Talvez tenha sido assim com Terry Lennox e eu. Não, não foi bem assim. Eu ganhei as rebarbas dele. Sobrou pra mim. Investi tempo e dinheiro nele, e três dias na geladeira, sem contar o soco no queixo e uma porrada no pescoço que ainda doía cada vez que eu engolia. Agora ele estava morto e eu nem podia sequer lhe devolver os quinhentos dólares. Isto me chateava. São sempre as coisas pequenas que chateiam a gente.

A campainha da porta e o telefone tocaram ao mesmo tempo. Atendi primeiro ao telefone porque a campainha significava apenas que alguém havia entrado na minha minissaia de espera.

— É o sr. Marlowe? O sr. Endicott quer falar com o senhor. Um momento, por favor.

Ele entrou na linha:

— Sewell Endicott — disse, como se não soubesse que sua maldita secretária já me adiantara seu nome.

— Bom-dia, sr. Endicott.

— Gostei de saber que eles afrouxaram com você. Acho que você deve ter pensado melhor e não criou mais resistência.

— Não pensei melhor. Foi pura burrice.

— Não creio que você vá ouvir mais sobre esse assunto. Mas em caso contrário, e se precisar de uma ajuda, não deixe de me procurar.

— Por quê? O homem está morto. Eles tiveram muita dificuldade em provar sequer que ele esteve comigo. Não precisariam provar que eu tinha conhecimento do crime. E ainda teriam de provar que ele realmente cometeu um crime ou que era um fugitivo.

Ele limpou a garganta. E disse, cuidadosamente: — Talvez você ainda não saiba que ele deixou uma confissão completa.

— Me disseram, sr. Endicott. Mas estou falando com um advogado. Estaria saindo das minhas atribuições se sugerisse que essa confissão também precisaria ser comprovada, para ver se é genuína e diz realmente a verdade?

— Não tenho muito tempo para discutir leis — disse ele, ríspido.  
— Estou embarcando para o México com uma tarefa bastante melancólica. Talvez o senhor possa adivinhar o que é?

— Ham-ham. Depende de quem o senhor representa. Não chegou a me dizer, lembra?

— Lembro muito bem. Bom, adeus, Marlowe. Minha oferta de ajuda continua em pé. Mas deixe-me oferecer também um pequeno conselho. Não fique tão seguro assim de estar de mãos limpas. Sua profissão é bastante vulnerável.

Desligou. Coloquei o fone no gancho cuidadosamente.

Fiquei sentado por um instante com a mão no fone, o cenho

cerrado. Mas logo mudei de expressão e me levantei para abrir a porta interna que dava para a sala de espera.

Um homem sentado perto da janela folheava uma revista. Vestia um terno cinza-azulado com um padrão azul-pálido quase invisível. Em seus pés cruzados, mocassins pretos com tiras, o tipo de mocassim com dois desenhos circulares em forma de olho que são quase tão confortáveis quanto pés descalços e não comem a meia cada vez que se anda uma quadra. O lenço branco dobrado no bolso do casaco mostrava atrás um par de óculos escuros. Tinha cabelos abundantes pretos e ondulados. Era muito bronzeado.

Levantou os olhos brilhantes, de pássaro, e sorriu sob o bigode que parecia uma risca. A gravata era marrom-avermelhada escura e o nó pontudo caía sobre uma camisa branca ofuscante.

Jogou a revista de lado:

— Estes caras escrevem cada porcaria. Estava lendo um artigo sobre Costello. Sim, eles sabem tanto sobre Costello quanto eu sei sobre Helena de Tróia.

— O que posso fazer pelo senhor?

Ele me olhou sem nenhuma pressa.

— Tarzan num grande carrinho de brinquedo vermelho.

— O quê?

— Você, Marlowe. Tarzan num grande carrinho de brinquedo vermelho. Eles andaram te pressionando demais?

— Aqui e ali. O que você faz?

— Depois que Allbright falou com Gregorius?

— Não. Não depois.

Balançou um pouco a cabeça.

— Teve muita dificuldade em conseguir apoio de Allbright contra aquele sujo?

— Eu lhe perguntei qual é sua profissão. Por falar nisso, não conheço o comissário Allbright e não lhe pedi coisa nenhuma. Por que ele iria fazer qualquer coisa por mim?

Ficou me olhando calmamente. Levantou bem devagar, gracioso como uma pantera. Caminhou pela sala e olhou pra dentro do meu escritório. Mexeu a cabeça pra mim e entrou. Era o tipo da pessoa que parecia dona do lugar onde estivesse. Fui atrás dele e fechei a porta. Ele ficou em pé perto da mesa olhando em volta, divertido.

— Você é café pequeno — ele disse. — Café muito pequeno.

Fui pra trás da minha mesa e aguardei.

— Quanto ganha por mês, Marlowe?

Deixei o tempo rolar, acendi meu cachimbo.

— Setenta e cinco dólares no máximo — ele disse.

Joguei o fósforo apagado no cinzeiro e dei a primeira baforada.

— Você é um cara limitado, Marlowe. Um caçador de piolhos. É tão pequeno que a gente precisa de uma lente para poder enxergá-lo.

Fiquei firme; não disse nada.

— Um cara de emoções baratas. Você é todo barato. Circula um pouco com um cara, bebe uns drinques com ele, diz algumas besteiras, escorrega uma nota pra ele quando ele está duro e tem o cara na mão. Você não tem peito, não tem cabeça, não tem ligações,

não tem malandragem e por isso sai por aí com uma atitude falsa esperando que as pessoas chorem por você. Tarzan num grande carrinho de brinquedo vermelho. — Deu um sorriso pequeno e característico.

— Pra mim você não vale um centavo furado.

Inclinou-se sobre a mesa e me tocou no rosto com as costas da mão, num gesto casual e insolente, mas sem querer me machucar — e o pequeno sorriso permaneceu em seu rosto. Depois, quando sequer me mexi por causa disso, sentou-se lentamente, apoiou um ombro na mesa e cocou o queixo pardo com sua mão parda. Os olhos de pássaro fixaram-se em mim sem mais nada neles do que um brilho fugaz.

— Sabe quem eu sou, meu chapa?

— Seu nome é Menendez. O pessoal te chama Mendy. Você trabalha na Strip.

— É? E como fiquei tão rico?

— Não saberia dizer. Provavelmente começou a vida como gigolô num puteiro mexicano.

Ele pegou uma cigarreira dourada do bolso e acendeu um cigarro marrom com o isqueiro de ouro. Deu uma tragada e balançou a cabeça. Colocou a cigarreira dourada na mesa e acariciou-a com os dedos.

— Sou um grande homem mau, Marlowe. Faturó uma nota preta. Preciso faturar alto para pôr no bolso os caras que preciso. Tenho uma casa em Bel-Air que custou noventa mil dólares e praticamente já gastei mais do que isso em reformas. Tenho uma esposa loira

platinada adorável e dois garotos em escola particular. Minha mulher tem cento e cinqüenta mil em jóias e mais uns setenta e cinco mil em peles e roupas. Tenho um mordomo, duas empregadas, um cozinheiro, chofer, sem contar o macaco que me segue por toda parte. Em qualquer lugar que vou, sou o bom. O melhor de tudo, a melhor comida, as melhores bebidas, as melhores roupas, as melhores suítes de hotel. Tenho um cantinho lá na Flórida e um iate pra andar no mar com uma tripulação de cinco homens. Possuo um Bentley, dois Cadillacs, uma perua Chrysler e um MG pro meu garoto. Daqui a alguns anos minha garota também terá um. O que é que você tem?

— Não muito. Neste ano consegui uma casa para morar — sozinho.

— Não tem mulher?

— Só eu. Além disso, tenho o que você pode ver aqui, mil e duzentos dólares no banco e alguns milhares em ações. Está respondida sua pergunta?

— Qual foi o máximo que você faturou num só trabalho?

— Oitenta e cinco.

— Meu Deus, como é que um cara pode ser tão barato...

— Pare com essa cantilena e diga logo o que você quer.

Apagou o cigarro fumado pela metade e imediatamente acendeu outro. Encostou-se na cadeira. Seu lábio encrespou-se para mim.

— Nós éramos três comendo numa trincheira. Estava frio como o caralho, neve em volta. Comíamos em latas. Rango frio. Pouco tiro de canhão, mais fogo de morteiro. A gente estava azul de frio, e quero



dizer azul mesmo, Randy Starr, eu e Terry Lennox. Uma granada resolve explodir bem perto da gente e por alguma razão eu não voei pelos ares. Esses caras têm um monte de truques. Um senso de humor esquisito. As vezes a gente pensa que a granada falhou mas bastam três segundos para ver que não. Terry pegou uma e foi jogado pra fora da trincheira antes que Randy e eu pudéssemos sequer começar a nos esconder. E tudo rápido, meu irmão. Como um bom jogador de beisebol. Ele se joga de cara no chão e atira a coisa pra longe dele e vai ele mesmo pelos ares. Muita coisa volta e um pedaço da granada atinge um lado de seu rosto. Aí então os alemães avançam e a próxima coisa que a gente fica sabendo é que não estamos mais lá.

Menendez parou de falar e me lançou o brilho mais firme de seus olhos negros.

— Obrigado por me contar.

— Você é um cara com boa cancha, Marlowe. Um cara legal. Randy e eu conversamos sobre aquilo tudo e decidimos que o que havia acontecido a Terry Lennox era mais do que suficiente para foder a cuca de qualquer sujeito. Por muito tempo pensamos que ele estivesse morto, mas não estava. Os alemães pegaram ele. Consertaram o rosto dele por um ano e meio. Fizeram um bom trabalho mas machucaram ele demais. Custou dinheiro pra gente encontrar ele. Mas ganhávamos muita grana no mercado negro depois da guerra. Podíamos gastar. Tudo o que Terry teve por ter salvo nossas vidas foi uma metade de cara nova, cabelos brancos e uns nervos abalados. De volta ao Leste ele se ligou na garrafa, era pego uma vez ou outra, do tipo que vai se partindo aos pedaços. Havia alguma coisa na cuca dele mas nunca chegamos a descobrir o

que era. A próxima notícia que tivemos dele foi que havia acabado de se casar com essa mulher rica e estava numa boa. Separou-se dela, abraçou as garrafas de novo, casou-se novamente com ela e ela foi assassinada. Randy e eu nada pudemos fazer por ele. E ele nem deixaria a não ser aquele curto emprego em Las Vegas. E quando se meteu numa grande encrenca sequer nos procurou, procurou um cara barato como você, um cara de quem os tiras podem fazer o que quiserem. E aí *é ele* quem morre, sem nos dizer adeus e sem nos dar uma chance de pagar de volta o que ele fez por nós. Eu tenho minhas ligações no México que poderiam tê-lo escondido para sempre. Poderia tirá-lo do país mais rápido que um jogador saca um ás. Mas ele veio chorando até você. Isso me deixa chateado. Um detetive barato, um cara que a polícia vem e pressiona.

— A polícia pode pressionar qualquer pessoa. O que você quer que eu faça a respeito disso tudo?

— Fique de fora — disse Menendez, incisivo.

— Ficar de fora de quê?

— Não tente faturar ou ganhar publicidade em cima do caso Lennox. Terminou, evaporou-se. Terry está morto e não queremos que ele seja incomodado mais. Ele sofreu demais.

— Um marginal sentimental — disse. — Realmente, fico muito tocado.

— Cuidado com a língua, meu chapa. Cuidado com a língua. Mendy Menendez não discute com ninguém. Diz o que tem pra dizer. Arrume outro jeito de ganhar uns dólares. Entendeu?

Levantou-se. O encontro acabara. Ele pegou as luvas.

Eram luvas de couro de porco brancas de neve. Não parecia que alguma vez as tivesse usado. Um tipo bem vestido, o sr. Menendez. Mas bem durão atrás de tudo isso.

— Não estou atrás de publicidade. E ninguém me ofereceu grana nenhuma. Por que iria oferecer e para quê?

— Não brinque comigo, Marlowe. Você não passou três dias na geladeira só porque é um amor de pessoa. Recebeu algum. Não digo de quem, mas tenho cá minhas suspeitas. E a turma em que estou pensando tem muito mais grana. O caso Lennox está encerrado mesmo que... — parou e bateu com as luvas na ponta da mesa.

— Mesmo que Terry não a tenha matado.

Sua surpresa foi tão fina quanto o ouro de um anel de casamento de fim de semana.

— Gostaria de seguir por essa pista com você, detetive barato. Mas não faz nenhum sentido. Caso fizesse algum sentido — e Terry queria que acontecesse como aconteceu —, mesmo assim as coisas ficariam como estão.

Não disse nada. Depois, sorriu lentamente.

— Tarzan com um grande brinquedinho vermelho — separou bem as sílabas. — Um cara durão. Deixa só eu entrar aqui e caminhar na sua direção. Um cara que é alugado por centavos e é pressionado por qualquer um. Sem dinheiro, sem família, sem perspectivas, nada. A gente se vê, detetive barato.

Continuei sentado com meus maxilares apertados, olhando para o brilho da cigarreira dourada num canto da mesa. Sentime velho e cansado. Levantei lentamente e alcancei a cigarreira.

— Está esquecendo isso — disse, circundando a mesa.

— Tenho meia dúzia delas.

Quando eu estava bem próximo dele, estendi-a. Sua mão tocou-a por tocar.

— Que tal meia dúzia disso?

Perguntei e o acertei o mais forte possível bem no meio da barriga. Dobrou-se, gemendo. A cigareira caiu no chão. Ele bateu as costas na parede e as mãos remexiam na barriga convulsivamente. A respiração lutou para entrar nos pulmões.

Suava. Muito lentamente e com um esforço intenso, foi se endireitando e ficamos cara a cara. Me inclinei pra frente e corri um dedo ao longo do osso de seu queixo. Ele se agüentou. Finalmente conseguiu armar um sorriso no rosto pardo.

— Não sabia que você era de briga.

— Da próxima vez traga uma arma — ou então não me chame de detetive barato.

— Tenho um cara que carrega uma arma pra mim.

— Traga ele com você. Vai precisar.

— Você custa a se chatear, Marlowe.

Puxei a cigareira com o pé pra mais perto, apanhei e entreguei a ele. Que pegou e colocou no bolso.

— No começo não conseguia imaginar — disse eu — por que você teria vindo até aqui contratar meus serviços. Depois a coisa foi ficando monótona. Todo durão é monótono. É como jogar cartas com um baralho que só tem ases. Você tem tudo e não tem nada. Fica

sentado olhando pra si mesmo. Entendo por que Terry não foi lhe pedir ajuda. Teria sido como pedir dinheiro emprestado a uma prostituta.

Delicadamente, pressionou o estômago com dois dedos.

— Sinto muito você me dizer isso, detetive barato. Ficou impertinente demais, pro meu gosto.

Andou até a porta e abriu-a. Lá fora o capanga se afastou da parede oposta e se aproximou. Menendez balançou a cabeça. O capanga veio até o escritório e ficou me olhando sem nenhuma expressão nos olhos.

— Olhe bem este cara, Chick. Fique certo de reconhecê-lo quando for o caso. Num dia desses, você e ele poderão se encontrar.

— Já vi o cara, chefe — o sujeito escuro, macio, de lábios apertados falou da maneira que todos eles fingem falar.

— Ele não vai me dar nenhum trabalho.

— Não deixe que ele o acerte no estômago — Menendez disse com tom amargo. — A sua direita não é nada engraçada.

O capanga apenas me encarou: — Ele não chegaria tão perto assim.

— Bem, adeus, detetive barato — Menendez falou e saiu.

— A gente ainda se vê — disse o capanga, friamente. — Meu nome é Chick Agostino. Você ainda vai me conhecer.

— Como a um jornal sujo — disse eu. — Na hora vê se me lembra pra não pisar na sua cara.

Os músculos do queixo dele tremeram. Mas ele deu as costas

rapidamente e seguiu seu patrão. A porta fechou-se lentamente devido à mola. Não consegui ouvir os passos em direção à saída. Caminhavam macios como gatos. Só para me assegurar, passado um minuto abri a porta de novo e fiquei olhando. O corredor estava vazio.

Voltei pra minha mesa, sentei e fiquei um tempo pensando por que um bandido razoavelmente importante como Menendez iria perder seu tempo vindo pessoalmente a meu escritório só para me ameaçar, para que eu ficasse de fora do caso, e isso minutos depois de eu ter recebido uma sugestão semelhante, embora expressa de maneira diferente, por parte de Sewell Findicott.

Não fui muito longe com esses pensamentos, portanto pensei em dar uma dentro. Levantei o fone e pedi uma ligação para o Terrapin Club, em Las Vegas, dizendo que era Philip Marlowe chamando o sr. Randy Starr. Sem rodeios. O sr. Starr está viajando, gostaria de falar com outra pessoa? Não. Não queria nem falar com Starr, pra dizer a verdade. Tinha sido apenas uma lembrança passageira. Ele estava longe demais para poder me atingir.

Depois disso, nada mais aconteceu por três dias. Ninguém me agrediu, me deu um tiro, me telefonou ou me ameaçou para tirar o nariz do caso. Ninguém me contratou para encontrar a filha desaparecida, a esposa errante, o colar de pérolas que se perdeu ou o testamento que se evaporou. O caso Lennox morreu quase tão rapidamente quanto havia nascido. Houve um breve inquérito para o qual não fui chamado a depor. Aconteceu num horário esquisito, sem aviso prévio e sem júri. O juiz do tribunal deu seu próprio veredicto, que dizia ser a morte de Sílvia Potter Westerheym di Giorgio Lennox causada com intenção homicida pelo marido, Terence William

Lennox, depois disso falecido fora da jurisdição daquela corte. Possivelmente uma confissão constou dos autos. Possivelmente, foi suficientemente comprovada para satisfazer o juiz daquele tribunal.

O corpo foi levado para ser enterrado. Viajou para o Norte, onde foi colocado no mausoléu da família. A imprensa não foi convidada. Ninguém deu entrevista, muito menos Harlan Potter, que nunca dava entrevistas. Era quase tão difícil vê-lo quanto ao Dalai Lama. Sujeitos com centenas de milhões de dólares vivem uma vida peculiar, atrás de uma cerca de empregados, guarda-costas, secretários, advogados e executivos. Possivelmente eles comem, dormem, cortam o cabelo e usam roupas. Mas nunca se sabe ao certo. Tudo o que se lê ou se ouve a respeito deles já foi pasteurizado por uma quadrilha de relações-públicas pagos a peso de ouro para criar e manter uma personalidade útil, alguma coisa de simples, limpa e eficiente, como uma agulha esterilizada. Não precisa ser verdadeira. Basta ser coerente com os fatos conhecidos e a gente pode contar nos dedos os fatos conhecidos.

No fim da tarde do terceiro dia, o telefone tocou e eu falei com um homem que disse se chamar Howard Spencer, representante de uma editora de Nova Iorque, em breve viagem de negócios pela Califórnia. Ele tinha um problema que gostaria de discutir comigo, se eu me encontrasse com ele no bar do Ritz Beverly Hotel às onze horas da manhã do dia seguinte.

Perguntei que tipo de problema.

— Bastante delicado, mas tudo dentro da ética. Se não chegarmos a um acordo, pagarei mesmo assim por seu tempo, evidentemente.

— Obrigado, sr. Spencer, mas isso não será necessário. O senhor

foi recomendado por alguém que eu conheça?

— Alguém que sabe de sua existência, inclusive seu recente envolvimento com a lei, sr. Marlowe. Posso dizer que foi isso que me chamou a atenção. Meu problema, no entanto, não tem nada a ver com esse caso trágico. E só que — bem, vamos discutir o assunto com um drinque na mão; é melhor do que por telefone.

— Tem certeza que quer tomar esse drinque com um sujeito que esteve na geladeira?

Ele riu. Tanto seu riso quanto sua voz eram agradáveis. Falava da maneira que o pessoal de Nova Iorque costumava falar antes de aprender a falar como qualquer um.

— Do meu ponto de vista, sr. Marlowe, isso é uma boa recomendação. Não, permita-me acrescentar, pelo fato de que o senhor esteve, como diz, na geladeira, mas devido ao fato de que o senhor parece ter sido extremamente reticente, mesmo sob pressão.

Era um cara que falava com vírgulas, como num romance pesado. Pelo menos pelo telefone.

— OK, sr. Spencer, estarei lá de manhã.

Ele me agradeceu e desligou. Fiquei imaginando quem havia falado sobre mim. Pensei que poderia ser Sewell Endicott e liguei para ele para saber direitinho. Mas ele saíra da cidade há uma semana e ainda continuava fora. Não que importasse muito. Mesmo numa profissão como a minha, de vez em quando a gente tem um cliente satisfatório. E eu precisava de um cliente porque precisava de dinheiro — ou pensava que precisava, até chegar em casa nessa noite e encontrar a carta com um retrato do presidente Madison.



## 12

A carta estava na caixinha que parecia uma casa de passarinho vermelha e branca, no pé da minha escada. Levantei o picapau no alto da caixa preso pela asa e mesmo assim talvez não tivesse olhado lá dentro porque nunca recebia correspondência em casa. Mas o picapau perdera a ponta do bico recentemente. A madeira quebrara há pouco.

Algum garoto espertinho brincando de tiro ao alvo. A carta tinha escrito "Correo Aéreo" e um punhado de selos mexicanos e palavras que poderiam ou não ser reconhecidas se o México não estivesse na minha cabeça constantemente nesses últimos tempos. Não consegui ler o carimbo. Fora selada à mão e a tinta do carimbo praticamente desaparecera. A carta era grossa. Subi os degraus e sentei na sala para lê-la. O fim de tarde parecia silencioso.

Talvez a carta de um morto traga consigo seu próprio silêncio. Começava com a data e, sem mais preâmbulos:

"Estou sentado em frente a uma janela do segundo andar de um quarto de hotel não muito limpo, numa cidade chamada Otatoclan, uma cidade montanhosa com um lago.

Tem uma caixa de correio bem ao pé da janela e quando o *mozo* chegou trazendo café pedi que mandasse a carta para mim e a segurasse pra cima de modo que eu pudesse vê-la até colocá-la na caixa. Vai ganhar uma nota de cem pesos quando fizer isso, o que

significa muita grana pra ele.

Por que todo este blabláblá? Tem um cara moreno com sapatos de bico fino e uma camisa suja do outro lado da porta me vigiando. Espera alguma coisa, não sei o que, mas não me deixará sair. Não chega a importar muito, desde que a carta seja colocada no correio. Quero que você receba este dinheiro porque não preciso mais dele e a polícia local iria certamente acabar ficando com ele. A intenção não é de comprar o que quer que seja. Chame de meu gesto de desculpas por ter lhe causado tanto trabalho e um sinal de estima por um cara muito decente. Como sempre, acabei fazendo tudo errado, mas ainda tenho o revólver. Minha intuição me diz que a essas alturas você já deve ter chegado a certas conclusões. Eu poderia ter matado Sílvia e talvez tenha feito isso, embora jamais pudesse ter feito o resto. Esse tipo de brutalidade não faz parte do meu estilo. Portanto, temos aí alguma coisa que não se ajusta. Mas não importa, não importa a mínima. O principal agora é evitar um escândalo desnecessário e inútil. O pai e a irmã dela nunca me fizeram nada de mal. Eles viviam a vida deles e eu estou até aqui de desgosto em relação à minha. Sílvia não me transformou num vagabundo, eu já era um vagabundo quando nos encontramos.

Não posso lhe dar nenhuma resposta clara sobre por que ela chegou a se casar comigo. Suponho que tenha sido um mero capricho. Pelo menos ela morreu jovem e bonita. Costuma-se dizer que a luxúria envelhece os homens mas deixa as mulheres jovens. Costuma-se dizer um monte de besteiras.

Costuma-se dizer que os ricos sempre podem proteger a si mesmos e que no mundo deles é sempre verão. Eu vivi com eles e eles são pessoas entediadas e solitárias.

Escrevi uma confissão. Me sinto um pouco doente e, mais do que isso, um pouco assustado. A gente lê sobre estas coisas em livros mas não lê a verdade. Quando acontece com você, quando tudo o que lhe resta é uma arma no bolso, quando você está encurralado num pequeno e sujo hotel num país estranho, e só tem uma saída — acredite, meu chapa, não há nada de engrandecedor ou mesmo de dramático nisso tudo. É um negócio simplesmente imundo, sórdido, incolor e horrível.

Portanto esqueça-se disso tudo e de mim. Mas antes beba um *gimlet* por mim no Victor's. E da próxima vez que você fizer café, sirva-me uma xícara, ponha um pouco de bourbon nela, acenda-me um cigarro e coloque perto da xícara. E depois disso esqueça-se desta coisa toda. Terry Lennox já era. Portanto, adeus.

Estão batendo na porta. Calculo que seja o *mozo* com o café. Se não for, vai haver tiroteio. Gosto dos mexicanos, em geral, mas não das prisões mexicanas. Adeus, Terry."

Era tudo. Dobrei a carta de volta e coloquei no envelope. Deve ter sido o *mozo* com o café, claro. Caso contrário, nunca teria recebido a carta. Não com um retrato do presidente Madison dentro dela. Um retrato de Madison é uma nota de cinco mil dólares.

Lá estava ela na minha frente, verde e amassada em cima da mesa. Nunca tinha visto uma nota dessas antes. Muita gente que trabalha em banco também nunca viu. É possível que personagens como Randy Starr e Menendez andem com elas no bolso. Mas se você for a um banco e pedir uma nota dessas, eles não vão ter à mão. Vão precisar pedir pra você na *Federal Reserve*. Pode levar vários

dias. Existem apenas cerca de mil destas notas em circulação por todos os Estados Unidos. A minha tinha um lindo brilho a sua volta. Como se criasse um pequeno e íntimo brilho de sol, só dela.

Fiquei sentado, olhando a nota por muito tempo. Finalmente coloquei na gaveta e fui até a cozinha fazer aquele café. Sentimental ou não, fiz como ele me disse pra fazer.

Servi duas xícaras, acrescentei um pouco de bourbon na sua, coloquei no lado da mesa em que ele havia se sentado naquela manhã que o levei até o avião. Acendi um cigarro pra ele e deixei no cinzeiro ao lado da xícara. Olhei o vapor do café subir e o branco da fumaça subir do cinzeiro. Lá fora um pássaro voava, como se falasse consigo mesmo em curtos trinados, com um breve bater de asas.

Daí então o vapor do café acabou, o cigarro parou de fumar a si mesmo e era como se não passasse de uma ponta apagada no fundo do cinzeiro. Joguei tudo na lata de lixo.

Derramei o café na pia, lavei a xícara e coloquei no lugar. Foi isso. Não era muita coisa em troca de cinco mil dólares. Fui à última sessão de cinema. Não significou nada. Mal vi o que aconteceu na tela. Apenas barulho e rostos grandes. Quando voltei para casa, tentei armar uma jogada Ruy Lopez, bem chata, e que também dão quis dizer nada. Fui pra cama.

Mas não pra dormir. As três da manhã andava pela casa, ouvindo Katchaturian trabalhando numa fábrica de trator. Quer dizer: ele chama aquilo de concerto de violino.

Uma noite em branco pra mim é tão rara quanto um carteiro gordo. Se não fosse pelo sr. Howard Spencer na manhã seguinte, no Ritz-Beverly, teria enxugado uma garrafa e apagado. E da próxima

vez que eu encontrar um personagem bem-educado e bêbado dentro de um Rolls Royce Silver Wraith, melhor seria virar as costas e me mandar por várias direções ao mesmo tempo. Não existe armadilha mais mortal do que a armadilha que a gente arma pra gente mesmo.

## 13

As onze horas estava sentado no terceiro reservado do o direito de quem entra no anexo do restaurante. De costas contra a parede, podia ver quem entrasse ou quem saís-se. Era uma manhã clara, sem poluição nem grande nevoeiro; o sol brilhava na superfície da piscina que começava do outro lado da parede de vidro do bar e se esparramava até o final do restaurante. Uma garota de maião colante branco, com um rosto agradável, subia a escada para o trampolim.

Olhei a faixa branca que havia entre o bronzeado das coxas e a roupa. Olhei-a sexualmente. Logo ela estava fora do meu ângulo de visão, cortada pela profunda caída do teto. Um momento depois eu a vi cintilar num relance. As gotas subiram a ponto de pegar o sol e formar arco-íris quase tão bonitos quanto a garota. Mas daí, ela subiu a escadinha da piscina, tirou a touca branca e a sacudiu. Rebolou até uma mesinha branca e sentou-se perto de um sujeito grande de calças brancas de algodão, óculos escuros e um bronzeado tão escuro que ele só poderia ser o sujeito encarregado de cuidar da piscina. Ele esticou a mão e deu-lhe umas pancadinhas na coxa. Ela abriu a boca como se fosse um balde, e sorriu.

Meu interesse por ela terminou. Não cheguei a ouvir o riso, mas aquela abertura no rosto quando ela mostrou os dentes foi mais do que o suficiente.

O bar estava vazio. Três compartimentos antes do meu um casal moderninho vendia um para o outro partes da Twentieth Century-Fox, com gestos dos dois braços em vez de dinheiro. Tinham um

telefone na mesa e a cada dois ou três minutos tiravam a sorte pra ver quem conseguia chamar Zanuck e lhe apresentar uma idéia quente. Eram jovens, morenos, ansiosos e cheios de vitalidade. Punham tanta atividade muscular numa conversa telefônica quanto eu poria ao carregar um gordo por quatro lances de escada.

No balcão do bar um cara triste conversava com garçom, que por sua vez passava um pano no copo e escutava com aquele sorriso de plástico que as pessoas usam quando na verdade estão é se segurando para não gritar. O freguês, de meia-idade, bem vestido, estava bêbado. Queria conversar e não conseguia parar mesmo se não quisesse realmente conversar. Era bem-educado e amigável; quando escutei o que dizia não me pareceu enrolar muito as palavras, mas dava pra notar que já estava com meia garrafa entornada e só a abandonaria quando o sono chegasse, à noite. Com ele, seria assim pelo resto da vida; assim era a sua vida. Nunca se conseguiria saber como havia chegado a esse ponto, mesmo se contasse, pois não estaria dizendo a verdade. Na melhor das hipóteses, seria uma lembrança distorcida da verdade como ele a via. Existe um homem triste como ele em todos os bares tranqüilos do mundo.

Olhei para o relógio e vi que o ativo editor já estava atrasado vinte minutos. Esperaria meia hora mais e depois me mandava. Nunca funciona deixar o cliente criar as regras todas.

Se ele conseguir pressioná-lo aqui e ali, vai chegar à conclusão de que outras pessoas também poderão te pressionar e não é para isso que ele te contrata. Não preciso de trabalho, pelo menos não preciso muito a ponto de permitir que qualquer sujeitinho do Leste me deixe aqui esquentando cadeira, qualquer executivo instalado em

almofadados escritórios num octagésimo quinto andar, com uma rede de botões pra apertar, interfone e secretária executiva com um par de olhos grandes, bonitos e prometedores. É o tipo de executivo que lhe dirá para estar em tal lugar às nove à sua disposição e se você não estiver lá sentado no seu traseiro bem quietinho e com um sorriso nos lábios quando ele entrar flutuando, duas horas mais tarde, num Gibson duplo, vai ter um paroxismo de competência executiva ultrajada que necessitará de cinco dias em Acapulco antes de voltar à normalidade.

O velho garçom passou de mansinho e olhou de leve para meu fraco copo de uísque e água. Abanei a cabeça, ele balançou o medidor de uísque. Bem aí, um sonho entrou no bar. Me pareceu por um instante que não havia som algum no ambiente, que os espertinhos tinham parado de ser espertos e que o bêbado do balcão fechara sua matraca. Era como o instante em que o maestro bate na sua estante de música, levanta os braços e os mantém imóveis.

Ela era magra e um pouco alta com um conjunto de linho branco, lenço de bolas pretas e brancas em volta do pescoço. Seu cabelo era de um dourado pálido de princesa de conto de fadas. Nele, havia um chapeuzinho, que seu cabelo ouro-pálido acolhia como um pássaro no ninho. Seus olhos eram azuis profundos, uma cor rara, e as pestanas longas e quase que claras demais. Ela foi até a mesa do outro lado do corredor e começou a tirar uma luva fina e branca; o velho garçom havia afastado a mesa de uma maneira que nenhum garçom fria afastá-la pra mim. Ela sentou, deslizou as luvas pra dentro da bolsa e agradeceu ao garçom com um sorriso tão gentil, tão especialmente puro, que por pouco ele não ficou paralisado. Disse alguma coisa a ele em voz bem baixa. Ele partiu com pressa, corpo



inclinado para a frente.

Como um sujeito que parecia ter realmente uma missão a cumprir na vida.

Olhei-a. Ela captou meu olhar. Levantou seu olhar um milímetro e eu não estava mais lá. Mas em qualquer lugar que estivesse, minha respiração estava presa.

Existem loiras e loiras, e isto é quase que uma piada hoje em dia. Todas as loiras têm pontos em comum, exceto talvez as loiras metálicas que são tão loiras quanto um zulu embranquecido e com uma disposição tão macia quanto uma calçada. Há a loira pequena e engraçadinha, que anda perto do chão e ri agitada, a loira grande como uma estátua, que nos abraça com um simples olhar azul-gelado. Há a loira que nos dá uma olhada de alto a baixo e cheira bem que é uma beleza, brilha e se dependura no seu braço e está sempre muito, muito cansada quando você a leva em casa. Ela faz um gesto desamparado e tem uma dor de cabeça danada e você tem vontade de bater nela e só não bate porque no fundo está satisfeito de ter descoberto a dor de cabeça antes de investir tempo, dinheiro e esperanças demais nela. Porque esta dor de cabeça vai sempre existir, uma arma que nunca falha e é tão mortal quanto o espadim de um bravo ou o anel de veneno de Lucrecia.

Existe a macia e alcoólica loira que está a fim e não se importa com a roupa que veste desde que seja *mink*, ou para onde vai desde que seja o Starlight Roof, onde tem champanha seco à beca. Existe a pequena e viva loira, um pouco pálida, que faz questão de pagar sua parte e vive cheia de raios de sol, bom senso, e sabe lutar judô, e pode puxar um chofer de caminhão por cima do ombro sem perder mais

que uma linha do editorial da *Saturday Review*. Há a loira pálida com anemia de algum tipo não fatal mas incurável. É bem lânguida, bem sombria e fala macio sobre qualquer coisa.

Você não pode tocar um dedo nela porque, em primeiro lugar, você não está a fim, e, em segundo lugar, ela está lendo *The Waste Land* ou Dante no original, ou Kafka ou Kierkegaard — ou então está estudando provençal. Ela adora música e quando a Filarmônica de Nova Iorque toca Hindemith é capaz de dizer qual dos seis contrabaixos vai aparecer num quarto de compasso depois. Ouvi falar que Toscanini também consegue isso. São dois, portanto.

E por último existe aquela maravilha que vai fazer hora com três *gangsters* da pesada e depois se casar com alguns milionários, um milhão por cabeça, e termina a vida com uma *villa* rosa-pálido em Cap d'Antibes, um Alfa-Romeo equipado com piloto e co-piloto, e um rebanho de sólidos aristocratas, sendo que a cada um deles ela irá tratar com uma afeição distraída, como se fosse um velho duque dizendo boa-noite ao seu mordomo.

Este sonho ali no bar não era nenhuma dessas loiras, nem mesmo deste mundo. Era inclassificável, tão remota e clara como água da montanha, tão ilusória quanto sua cor. Ainda olhava pra ela quando uma voz perto do meu ombro falou: — Estou terrivelmente atrasado. Peço desculpas. A culpa é disto aqui. Sou Howard Spencer. Você é Marlowe, claro.

Virei a cabeça e olhei pra ele. De meia-idade, com certa pose, vestido como se nem ligasse pra isso, mas bem barbeado e com cabelos finos penteados pra trás cuidadosamente, em cima de uma cabeça larga entre as orelhas. Vestia um temo *double-face* brilhante,

que raramente a gente vê na Califórnia a não ser quando algum visitante de Boston passa por aqui. Os óculos eram sem aros; segurava uma maleta miserável e gasta que evidentemente era o "isto aqui" da desculpa dele.

— Três originais novinhos em folha. Ficção. Seria chato perdê-los antes de termos a chance de rejeitá-los. — Fez sinal para o velho garçom que havia acabado de colocar um copo alto de algo verde em frente do sonho. — Tenho um fraco por gim e suco de laranja. É um drinque meio bobo, pra falar a verdade. Você me acompanha? Bom.

Fiz que sim com a cabeça e o garçom desapareceu, Apontando para a maleta de mão, eu disse: — Como sabe que vai rejeitar esses originais?

— Se fossem realmente bons, não teriam sido entregues no meu hotel, pelos próprios escritores. Algum agente de Nova Iorque se encarregaria deles.

— Mas então por que levá-los?

— Em parte, para não ferir os sentimentos de ninguém. Em parte por uma possibilidade em mil que todo editor procura. Geralmente quando a gente está num coquetel, é apresentado a todo tipo de pessoas. Algumas delas têm romances escritos e você bebeu o suficiente para ficar benevolente e cheio de amor pela raça humana, então a gente diz que adoraria ler seus originais. No dia seguinte lá estão os originais no hotel com uma velocidade tão inoportuna, que a gente se força a lê-los. Mas não creio que esteja muito interessado em editoras e seus problemas.

O garçom trouxe os drinques. Spencer agarrou o seu e tomou um gole respeitável. Não estava percebendo a garota dourada do outro

lado. Toda a sua atenção era pra mim. Era um bom profissional.

— Se é parte do trabalho — eu falei —, posso ler um livro de vez em quando.

— Um dos nossos mais importantes autores mora perto daqui — disse, como quem não quer nada. — Talvez você já tenha lido alguma coisa dele. Roger Wade.

— Hum-hum.

— Entendo o que quer dizer — disse, meio triste. — Você não liga pra romances históricos. Mas eles vendem bastante.

— Não quis dizer nada, sr. Spencer. Uma vez dei uma olhada num livro dele. Achei que era puro lixo. Será que não deveria ter dito isso?

Ele sorriu:

— Ah, não. Existe muita gente que concorda com você. Mas o fato é que neste momento ele é automaticamente um *best-seller*. E todo editor precisa ter alguns *best-sellers* com os custos de hoje em dia.

Olhei para a garota dourada. Ela havia terminado sua limonada com o que quer que fosse e olhava para um microscópico relógio de pulso. O bar começava a encher, mas ainda não estava barulhento. Os dois espertinhos ainda abanavam as mãos, o bebedor solitário do balcão conversava com uns amigos. Olhei de volta para Howard Spencer.

— Alguma coisa a ver com seu problema? — perguntei.

— Quero dizer, esse sujeito, Wade.

Concordou com a cabeça. Ele estava me examinando cuidadosamente.

— Fale-me um pouco sobre você, Marlowe. Isto é, se não achar inoportuno um pedido desses.

— Que tipo de coisa? Sou um detetive particular com uma licença, e não é de hoje. Sou um lobo solitário, solteiro, chegando à meia-idade e pobre. Estive na prisão mais de uma vez e não trabalho em casos de divórcio. Gosto de bebidas, mulheres, de jogar xadrez e algumas outras coisas. Os tiras não vão muito com a minha cara, mas conheço uns dois ou três com quem me dou bem. Sou daqui mesmo, nasci em Santa Rosa, pais mortos, sem irmãos ou irmãs, e quando levo porrada num beco à noite de vez em quando, quando isso acontece, como pode acontecer a qualquer um no meu ramo e a muita gente de qualquer profissão ou sem profissão nenhuma nos dias de hoje, sei que ninguém vai achar que uma flor murchou na sua vida.

— Entendi. Mas o que eu gostaria de saber, na verdade, não é nada disso.

Terminei o gim com suco de laranja. Não gostei. Sorri pra ele.

— Deixei de fora um item importante, sr. Spencer. Tenho no bolso um retrato de Madison.

— Um retrato de Madison? Acho que não.

— Uma nota de cinco mil dólares. Sempre ando com ela. Meu amuleto de sorte.

— Meu Deus. Não é muito perigoso?

— Quem foi mesmo que disse que depois de um certo ponto todos os perigos são iguais?

— Acho que foi Walter Bagehot. Ele se referia à construção de

prédios. — Sorriu. — Desculpe, mas eu sou um editor. Está certo, Marlowe. Vou confiar em você. Se não confiasse, você me mandaria à merda, não é?

Sorri de volta. Chamou o garçom e pediu mais duas bebidas.

— É isso aí — falou, cuidadosamente. — Estamos com um grande problema em relação a Roger Wade. Ele não consegue terminar seu livro. Está perdendo a garra e existe alguma coisa atrás disso. O homem parece estar ficando em pedaços. Grandes lances de bebida e de falta de autocontrole. De vez em quando desaparece por dias sem fim. Há não muito tempo, jogou a esposa escada abaixo e deixou-a no hospital com cinco costelas quebradas. Não existe nenhum problema especial entre eles, nenhum mesmo. O cara simplesmente fica louco quando bebe demais. — Spencer inclinou-se pra trás e me olhou, com os olhos brilhando. — Nós precisamos deste livro terminado. Precisamos, e como! Em certo sentido, meu emprego depende dele. Mas precisamos mais ainda. Queremos salvar um escritor muito hábil e que é capaz de coisas muito melhores do que ele fez até agora. Alguma coisa de muito errado está acontecendo. Nesta minha viagem ele não quer me ver. Sei que este seria um trabalho para um psicanalista. A sra. Wade discorda. Está convencida de que ele está perfeitamente sadio mas alguma coisa o preocupa mortalmente. Um chantagista, por exemplo. Os Wade estão casados há cinco anos. Alguma coisa do passado pode estar atrapalhando. Pode mesmo ser — apenas uma suposição — um acidente fatal e alguém ter provas contra ele. Não sabemos o que é. Queremos saber. E estamos dispostos a pagar bem para descobrir. Se chegar a ser um caso clínico, bem, nada se pode fazer. Caso contrário, tem de haver uma resposta. Enquanto isso, a sra. Wade

precisa ser protegida. Da próxima vez ele poderá matá-la. Nunca se sabe.

A segunda rodada chegou. Não toquei no meu drinque e vi-o esvaziar a metade do seu num gole só. Acendi um cigarro e fiquei olhando pra ele.

— Você não quer um detetive. Quer um mágico. O que acha que eu poderia fazer? Se acontecesse de eu estar lá exatamente na hora certa, e se ele não for forte demais pra mim, eu poderia lhe dar um soco e colocá-lo na cama. Mas precisaria estar lá. As chances são de cem contra uma. Você sabe disso.

— Ele é mais ou menos da sua altura, mas não tem seu preparo físico. E você poderia estar por lá o tempo todo.

— Dificilmente. E bêbados são cheios de manha. Ele conseguiria escolher uma hora que eu não estivesse por perto e fazer a festa. Não estou no mercado para trabalhar como enfermeiro.

— Um enfermeiro não nos seria útil. Roger Wade não é do tipo de homem que aceitasse um. É um sujeito muito talentoso, que tem seu autocontrole abalado. Ganhou dinheiro demais escrevendo porcaria para semi-intelectuais. Mas a única salvação para um escritor é escrever. Se existe alguma coisa boa nele, um dia isso vem à tona.

— Está certo, você venceu — eu disse, cansado. — Ele é incrível. E também terrivelmente perigoso. Tem uma culpa secreta e tenta afogá-la em álcool. Mas esse não é o meu tipo de problema, sr. Spencer.

— Compreendo. — Olhou o relógio com uma certa preocupação no rosto, traduzida em forma de rugas que o envelhecera e fizeram com que parecesse menor do que era.

— Mas não se pode dizer que eu não tenha tentado.

Procurou a maleta gorda. Olhei para a garota dourada. Ela se preparava para sair. O garçom de cabelos brancos girava em volta dela com a conta na mão. Ela deu-lhe algum dinheiro e um sorriso maravilhoso — ele parecia ter apertado a mão de Deus. Ela tocou nos lábios, colocou as luvas e o garçom puxou a mesa quase que até o dobro da distância necessária para que ela saísse.

Olhei para Spencer. Ele estava fixo no copo vazio na beira da mesa. A maleta gorda nos joelhos.

— Escute — eu disse. — Posso ver o cara e tentar dar um jeito nele, se ele aceitar. Posso falar com a esposa dele. Mas meu palpite é que ele vai me expulsar da sua casa.

Uma voz que não era de Spencer falou: — Não, sr. Marlowe, não creio que ele fizesse isso. Pelo contrário, acho que gostaria do senhor.

Olhei pra cima e vi um par de olhos violeta. Ela estava em pé perto da quina da mesa. Levantei e encostei contra a parede do compartimento, daquela maneira estranha de quem quer se erguer mas não pode ficar em pé.

— Por favor, não se levante — ela disse com uma voz igual ao material que se usa para alinhar as nuvens do verão.

— Sei que lhe devo desculpas, mas achei importante observá-lo antes de me apresentar. Sou Eileen Wade.

Spencer disse, asperamente: — Ele não está interessado, Eileen.

Ela sorriu, gentilmente:

— Discordo.

Me recompus. Eu estava meio em pé, sem equilíbrio com a boca



aberta e respirando por ela como uma doce estudante. Era realmente qualquer coisa. Ela assim, em *cl ose up*, era qualquer coisa de paralisante.

— Não disse que não estava interessado, sra. Wade. O que eu disse ou quis dizer foi que não acreditava que pudesse ser útil, que poderia ser um erro eu tentar fazer alguma coisa. Poderia piorar a situação.

Ela ficou muito séria. O sorriso foi-se.

— Sua decisão é prematura. Não se pode julgar as pessoas pelo que elas fazem. Se for o caso de julgá-las, devemos julgá-las pelo que são.

Concordei vagamente. Porque eu havia pensado exatamente assim em relação a Terry Lennox. Os fatos que conhecia a respeito dele não pareciam grande coisa, a não ser pelo breve raio de glória na trincheira — se é que era verdade o que Menendez contou — mas os fatos não contavam a história toda, de jeito nenhum. Ele era um homem de quem dificilmente as pessoas não gostavam. Quantos você encontra pela vida de quem se pode dizer a mesma coisa?

— E as pessoas devem conhecer as outras por isso — acrescentou ela, gentilmente. — Adeus, sr. Marlowe. Caso mude de idéia... — Abriu a bolsa rapidamente e me deu um cartão. — E obrigada por ter vindo.

Cumprimentou Spencer e saiu. Olhei-a saindo do bar, abaixo do vidro que dava para o anexo. Ela caminhava lindamente. Vi-a dobrar a meio caminho dirigindo-se para a entrada. Vi o último detalhe da sua saia de linho branco quando virou no canto. Então resolvi me acalmar no reservado e peguei o gim com suco de laranja.

Spencer me olhava. Havia alguma coisa de duro no seu olhar.

— Bom trabalho — disse eu. — Mas você deveria ter olhado pra ela de vez em quando. Um sonho como esse não fica sentado perto de você por vinte minutos sem que você note.

— Estupidez minha, não é? — Tentava sorrir mas, na verdade, não queria sorrir. Não tinha gostado da maneira como olhei pra ela. — As pessoas têm umas idéias esquisitas a respeito de detetives particulares. Quando se pensa em ter um na casa da gente...

— Não pense em ter este aqui na sua casa — disse eu. — De qualquer modo, é melhor bolar outra história, em primeiro lugar. Você pode criar uma história melhor do que essa de que alguém, bêbado ou sóbrio, iria jogar aquela beldade escada abaixo e quebrar cinco costelas dela.

Ele ficou vermelho. As mãos crispavam-se na maleta.

— Está me chamando de mentiroso?

— Qual é a diferença? Você montou a sua peça. Talvez esteja meio caído pela dona...

Ele levantou de repente.

— Não gosto do tom da sua conversa. Não tenho certeza se gosto de você. Faça-me o favor, esqueça toda esta conversa. Acho que devo pagá-lo por seu tempo.

Jogou uma nota de vinte em cima da mesa e depois acrescentou uma outra para o garçom. Ficou me encarando por um momento. Seus olhos brilhavam e seu rosto continuava vermelho.

— Sou casado e tenho quatro filhos — disse, abruptamente.

— Parabéns.

Fez um barulho na garganta, como se engolisse algo, virou as costas e saiu. Bastante rápido. Olhei-o um pouco e depois desisti. Bebi o que restava no meu copo e peguei um cigarro. Bati na mesa para deixá-lo durinho, coloquei na boca e acendi. O velho garçom se aproximou e viu o dinheiro.

— Deseja mais alguma coisa?

— Não. O dinheiro é todo seu.

Lentamente, pegou o dinheiro: — É uma nota de vinte dólares, senhor. O cavalheiro se enganou.

— Ele sabe ler. O dinheiro é todo seu, foi o que eu disse.

— Com certeza. Estou muito grato. Se acha...

— Tudo bem.

Sacudiu a cabeça e se afastou, ainda olhando, preocupado. O bar estava ficando cheio. Uma dupla de semivirgens moderninhas passou cantarolando e gingando. Elas conheciam os dois ases do reservado distante do meu. O ar começou a ficar cheio de "queridos" e unhas vermelhas. Fumei metade do cigarro e algo bateu nas minhas costas.

Era o que eu precisava. Virei-me e vi o perfil de um gostosão super bem vestido. Tinha um braço comprido que parecia de borracha como o herói dos quadrinhos, e um sorriso superior nos lábios de quem nunca perde uma.

Segurei o braço de borracha e balancei-o.

— Qual é o problema, cara? Será que não existe espaço suficiente para expandir a sua personalidade?

Deu um safanão no braço e falou, ríspido: — Não banque o

engraçadinho, cara. Eu posso te pegar de jeito.

Fechou o punho, um punho de carne e músculo.

— Querido, pense na sua manicure — disse pra ele.

Ele se controlou.

— Você é maluco, cara. Da próxima vez, quando tiver menos coisa na cabeça, você não me escapa.

— É possível ter menos coisa ainda...

— Porra, qual é? — rosnou. — Mais uma gracinha e você vai precisar de um pivô novo.

Sorri.

— Procure por mim, garotão. Mas com um papo melhorzinho.

Sua expressão mudou. Ele riu.

— Trabalha em cinema, cara?

— Só em filme de bandido, tipo "Procurado pela Justiça".

— Então vejo a tua cara um dia desses nas páginas policiais — ele disse, e se afastou, ainda sorrindo.

Tolice minha, mas tinha sido bom pra descarregar. Fui para o anexo e atravessei a entrada do hotel em direção à saída principal. Parei para colocar meus óculos escuros. Só Quando cheguei no meu carro lembrei de olhar o cartão de Eileen Wade. Era um cartão com relevo, não um cartão de visita formal; havia um endereço e um telefone: Sra. Roger Stearns Wade, 1247 Idle Valley Road. Tel. Idle Valley 5-6324.

Sabia muita coisa sobre Idle Valley, sabia que mudara muito desde o tempo em que existia um arco de entrada, uma polícia

particular, um cassino no lago e as garotas de vida alegre por cinquenta dólares. Muito dinheiro deve ter sido desviado de lá depois que fecharam o cassino. Muito dinheiro que fez a alegria dos sócios do sonho. Um clube era dono do lago e da entrada do lago, e se não quisessem que você entrasse lá, não adiantava se jogar na água. Era exclusivo no sentido literal da palavra, o que não queria dizer simplesmente caro.

Eu tinha tanto a ver com Idle Valley quanto uma rodela de cebola numa *banana split*.

Howard Spencer me telefonou à noite. Estava mais calmo e pediu desculpas, não soubera lidar com a situação direito; será que eu tinha refletido sobre a proposta dele?

— Irei vê-lo se ele me pedir. De outra forma, não.

— Sei. Haverá um pagamento substancial...

— Escute, sr. Spencer — eu disse, meio impaciente — não se pode controlar o destino. Se a sra. Spencer está com medo do sujeito, ela pode se mudar. Este problema é *dela*. Ninguém poderá protegê-la do seu próprio marido durante vinte e quatro horas por dia. Não existe tanta proteção assim no mundo. Mas isso não é tudo que o senhor deseja. Quer saber por que, como e quando o cara passou dos limites e depois que se fixe esses limites para ele não repetir a dose — pelo menos até terminar o livro. E isso é problema dele. Se quiser escrever esse maldito livro suficientemente ruim, ele vai encontrar forças para isso. O senhor está querendo demais, demais mesmo.

— Tudo isso está ligado. É um problema só. Mas entendo. É um pouco sutil demais para seu tipo de ação. Bem, adeus. Estou voando para Nova Iorque esta noite.

— Tenha uma boa viagem.

Agradeceu e desligou. Esqueci de lhe dizer que havia dado a nota de vinte dólares ao garçom. Pensei em ligar de volta, mas achei que já deveria estar bastante chateado comigo.

Fechei o escritório e fui ao Victor's tomar um *gimlet*, como Terry havia pedido na carta. Mudei de idéia. Não estava me sentindo sentimental. Fui ao Lowry's e pedi um martini, umas costeletas de primeira e um pudim.

Quando cheguei em casa, liguei a tevê e fiquei olhando as lutas. Não eram bons lutadores, apenas um bando de dançarinos que deveriam estar trabalhando em alguma academia de dança. Tudo o que sabiam era dar um *jab* e socos rápidos pra cima e pra baixo, se desequilibrando mutuamente. Nenhum deles conseguia bater com força suficiente para assustar suas vovozinhas. O público vaiava, o juiz batia as mãos exigindo mais ação, mas eles continuavam se movendo de um lado pro outro, nervosos, dando longos socos com a esquerda. Mudei de canal e assisti a um policial. A ação se desenrolava num *closet* e os rostos pareciam cansados, mais do que familiares e nada bonitos. O diálogo era uma coisa que até a Monogram não usaria. O detetive tinha um empregado doméstico negro para os intervalos cômicos. Não era necessário, ele sozinho já era engraçado. E os comerciais eram capazes de adoecer uma cabra criada com arame farpado e garrafas de cerveja quebradas.

Desliguei e fumei um cigarro longo, mentolado e enrolado bem apertadinho. Caiu bem na minha garganta. Feito com os melhores fumos. Me esqueci de notar a marca. Estava a ponto de verificar isso quando o sargento-detetive Green, de Homicídios, me telefonou.

— Achei que você gostaria de saber que enterraram seu amigo Lennox há dois dias naquela cidadezinha mexicana onde ele morreu. Um advogado representando a família foi até lá e se encarregou de tudo. Você teve muita sorte desta vez, Marlowe. Da próxima vai pensar direitinho se ajuda ou não um amigo a sair do país, não é mesmo?

— Quantos buracos de bala ele tinha?

— Por que isso? — ele quase latiu. Ficou em silêncio.

Depois falou, com cuidado: — Um só. É geralmente o suficiente para estourar os miolos de uma pessoa. O advogado trouxe uma série de impressões digitais e tudo o que ele tinha no bolso. Mais alguma coisa que gostaria de saber?

— Sim, mas você não poderia me dizer. Eu gostaria de saber quem matou a mulher de Lennox.

— Porra, Grenz não te disse que ele deixou uma confissão completa? Saiu nos jornais, de qualquer forma. Não lê mais jornais?

— Obrigado por ter ligado, sargento. Foi muita gentileza sua — Escute aqui, Marlowe — a voz saiu áspera —, se tem algumas idéias estranhas sobre o caso, é melhor ficar calado se não quiser se machucar. O caso está encerrado, liquidado, e jaz num canto do arquivo. Sorte sua que assim seja. Cumplicidade *post-factum* dá pena de cinco anos neste estado. E deixe eu lhe dizer mais uma coisa. Não é de hoje que sou policial e aprendi que nem sempre é o que você faz que o leva à cadeia. É o que aparenta quando o caso chega no tribunal. Boa-noite.

Bateu o telefone no meu ouvido. Coloquei o fone no gancho, pensando que um policial honesto mas com a consciência pesada

sempre age como se fosse um durão. Da mesma forma que um policial desonesto. Da mesma forma que qualquer um, inclusive eu.



## 14

Na manhã seguinte, a campainha tocou quando eu tirava o talco da orelha. Quando abria a porta, dei com uns olhos azul-violeta. Desta vez ela vestia um conjunto de linho bege, com um lenço colorido e sem brincos ou chapéu. Parecia um pouco pálida, mas não como se alguém a tivesse jogado escada abaixo. Seu sorriso foi curto e hesitante.

— Sei que não deveria ter vindo aqui incomodá-lo, sr. Marlowe. O senhor provavelmente ainda nem tomou seu café da manhã. Mas não estava querendo ir até seu escritório e detesto telefonar para falar sobre assuntos pessoais.

— Claro. Entre, sra. Wade. Aceita um café?

Ela entrou na sala e sentou-se no sofá-cama sem olhar para nada. Ajeitou a bolsa no colo e acomodou-se com os pés juntos. Parecia bastante formal. Abri as janelas, escancarei as venezianas e tirei um cinzeiro sujo de cima da mesinha próxima a ela.

— Obrigado. Café preto, por favor. Sem açúcar.

Fui até a cozinha e passei um guardanapo de papel na bandeja verde de metal. Era uma bandeja barata como um colar de celulóide. Limpei direitinho e peguei um desses apetrechos que vêm em conjunto com guardanapos triangulares. Tudo isso tinha vindo com a casa, como a maioria dos móveis. Servi duas xícaras de café e levei na bandeja.

Ela deu o primeiro gole:

— Muito gentil. Você faz um bom café.

— Da última vez que alguém tomou café comigo foi quase na véspera de ser preso. Creio que a senhora sabe que eu estive na geladeira, não, sra. Wade?

— Sei. O senhor era suspeito de ter ajudado alguém a fugir, não é?

— É o que eles disseram. Encontraram meu número de telefone no quarto dele. Me encheram de perguntas que não respondi — principalmente devido ao modo como perguntaram. Mas não creio que a senhora esteja interessada nessa história.

Ela pousou a xícara no pires cuidadosamente, recostou-se e sorriu. Ofereci-lhe um cigarro.

— Obrigado, não fumo. Claro que estou interessada. Um vizinho nosso conhecia os Lennox. Ele devia estar louco. Pelo menos não aparentava ser esse tipo de pessoa.

Enchi um dos meus cachimbos e acendi.

— Creio que sim. Provavelmente, devia... Durante a guerra, ele foi seriamente ferido. Mas agora está morto e tudo acabou. E não me parece que a senhora veio até aqui para falar sobre isso.

Balançou lentamente a cabeça.

— Era um amigo seu, sr. Marlowe. O senhor deve ter urna opinião formada sobre o assunto. E o senhor me parece uma pessoa bastante determinada.

Apertei o fumo no cachimbo e acendi novamente.

Deixei passar um tempo. Olhei-a por cima do cachimbo enquanto seguia meu ritual.

— Sra. Wade — disse finalmente —, a minha opinião nada significa. Acontece todo dia. As pessoas mais improváveis cometem os crimes mais improváveis. Adoráveis velhinhas envenenam famílias inteiras. Garotos bem criados cometem vários assaltos e se metem em tiroteios. Gerentes de banco com passados profissionais impecáveis de vinte anos são descobertos como autores de desfalques de longa data. E romancistas de sucesso, populares e supostamente felizes, se embebedam e chegam a mandar suas esposas para o hospital. Sabemos muito pouco o que mesmo nossos melhores amigos conseguem fazer.

Pensei que isto iria deixá-la zangada, mas o máximo que ela fez foi apertar os lábios e cerrar os olhos.

— Howard Spencer não devia ter lhe contado isso. O erro foi meu. Não soube ficar longe dele. Mas, depois disso, aprendi que nunca se pode tentar fazer parar um homem que anda bebendo demais. O senhor provavelmente sabe disso bem melhor do que eu.

— Certamente não se pode fazê-lo parar apenas com palavras. Se a gente tiver sorte, e se tiver *força*, pode-se às vezes evitar que se machuque ou machuque outra pessoa. Mesmo para isso é preciso um pouco de sorte.

Ela pegou devagar a xícara. As mãos eram lindas, como o resto. As unhas estavam lindamente aparadas, polidas e apenas levemente pintadas.

— Howard chegou a dizer para o senhor que desta vez ele não conseguiu encontrar meu marido?

— Sim.

Terminou o café e pôs a xícara na bandeja cuidadosamente.

Brincou com a colher por um instante. Depois falou, sem olhar pra mim: — Ele não lhe disse o porquê, porque não sabia. Gosto muito de Howard, mas ele é um homem de negócios, quer se encarregar de tudo. Julga-se muito executivo.

Esperei, não disse nada. Outra pausa. Ela me olhou rapidamente, mas depois olhou pra outro lugar qualquer.

Muito suavemente, ela disse: — Meu marido desapareceu há três dias. Não sei onde está. Vim até aqui para lhe pedir para encontrá-lo e trazê-lo para casa. Claro, já aconteceu antes. Uma vez foi de carro até Portland, lá ficou doente num quarto de hotel e foi preciso chamar um médico para deixá-lo sóbrio de novo. É um mistério como conseguiu ir tão longe sem que nada acontecesse. Não comeu nada durante três dias. Outra vez ele foi num lugar de banhos turcos ou sauna em Long Beach, um desses lugares suecos que levantam o moral de qualquer um.

E na última vez foi num sanatório pequeno qualquer, provavelmente não de muito boa reputação. Aconteceu há menos de três semanas. Não quis me dizer o nome do sanatório nem onde ficava, disse apenas que esteve lá para se curar e que estava curado. Mas mostrava uma palidez mortal, estava fraco. Dei uma rápida olhadela no homem que o trouxe pra casa. Um homem alto, vestido com aquele tipo de roupa de *cowboy* superenfeitada que a gente só vê no palco ou em musicais em technicolor. Ele deixou Roger na entrada, deu meia-volta e partiu no seu carro. Tudo muito rápido.

— Poderia ser um empregado de um hotel-fazenda. Alguns desses domadores de vaca gastam tudo pra comprar uma roupa incrementada assim. As mulheres ficam loucas por eles. É para isso

que eles se arrumam dessa maneira.

Abriu a bolsa e tirou de lá um papel dobrado.

— Trouxe-lhe um cheque de quinhentos dólares, sr. Marlowe. O senhor aceita como adiantamento?

Colocou o cheque dobrado em cima da mesa. Olhei pra ele, mas não toquei.

— Por quê? A senhora disse que ele se foi há três dias. Três ou quatro dias é tempo suficiente para um homem ficar sóbrio e se alimentar um pouco. Será que ele não vai voltar agora, como nas outras vezes? Ou alguma coisa lhe diz que desta vez é diferente?

— Ele não pode mais agüentar essas coisas, sr. Marlowe. Vai acabar morrendo. Os intervalos estão cada vez mais curtos. Estou terrivelmente preocupada. Estou mais do que preocupada, estou assustada. Não é natural. Estamos casados há cinco anos. Roger sempre foi de beber, mas não um bêbado psicopata. Existe alguma coisa de completamente errado nisso. Quero que ele seja encontrado. Não consegui dormir mais do que uma hora na noite passada.

— Sabe por que ele bebe tanto assim?

Os olhos violeta me olhavam, firmes. Ela parecia um pouco frágil nessa manhã, mas não inapelavelmente. Mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça. Finalmente falou, a voz saindo como num sussurro: — A menos que seja eu. Os homens costumam deixar de amar suas esposas.

— Sou apenas um psicólogo amador, sra. Wade. No meu ramo, a gente precisa ser um pouco. Eu diria que é mais por ele ter deixado de amar o tipo de coisa que escreve.

— É possível — disse ela, mais tranqüila. — Imagino que todo escritor passa por uma crise dessas. É verdade que ele não consegue terminar o livro em que trabalha no momento. Mas não é como se precisasse acabar o livro por causa do dinheiro do aluguel. Não creio que seja uma razão suficiente...

— Que tipo de pessoa é ele quando está sóbrio?

Ela sorriu:

— Bem, sou suspeita para dizer. Acho ele uma pessoa realmente muito legal.

— E como é ele, quando bebe?

— Horrível. Brilhante, duro e cruel. Pensa que está sendo inteligente quando está sendo apenas chato.

— A senhora deixou de fora uma palavra: violento.

Ela levantou as sobrancelhas claras.

— Apenas uma vez, sr. Marlowe. Fizeram barulho demais por causa disso. Nunca contei para Howard Spencer. O próprio Roger contou pra ele.

Levantei e andei pela sala. Ia ser um dia quente. Puxei a cortina de uma das janelas para evitar o sol. Depois virei pra ela: — Procurei o nome dele no *Who 's Who* ontem à noite. Tem quarenta e dois anos, o de vocês é seu primeiro casamento, sem filhos. Seu pessoal é da Nova Inglaterra, estudou em Andover e Princeton. Participou da guerra, com uma boa atuação. Escreveu doze desses romances históricos cheios de sexo e brigas de capa e espada, e todos acabaram na lista de *best-sellers*. Deve ter faturado bastante. Se não amasse mais sua mulher, me parece do tipo que falaria francamente com ela

e pediria o divórcio. Se anda por aí com outra mulher, a senhora provavelmente saberia. De qualquer forma, não precisaria se embriagar apenas pra mostrar que se sentia mal consigo mesmo. Se vocês estão casados há cinco anos, então ele tinha trinta e sete quando isso aconteceu. Eu diria que nessa idade ele já sabia quase tudo o que se precisa saber sobre as mulheres. Digo quase tudo porque ninguém chega a conhecer tudo a esse respeito.

Parei e olhei pra ela, que sorriu pra mim. Eu não estava indo longe demais. Continuei: — Howard Spencer sugeriu — até que ponto não saberia dizer — que o problema de Roger Wade se relaciona com alguma coisa que aconteceu há muito tempo, antes de vocês terem se casado, e que é isso que o atormenta agora, muito mais do que ele consegue suportar. Spencer pensava em chantagem. A senhora saberia alguma coisa sobre isso?

Lentamente, ela sacudiu a cabeça.

— Se o Roger andou pagando muito dinheiro a alguém eu não saberia. Não costumo bisbilhotar suas contas pessoais. Ele poderia jogar fora um monte de dinheiro sem que eu ficasse sabendo.

— Está bem. Sem conhecer o sr. Wade não posso ter uma idéia formada a respeito de qual seria sua reação com alguém vigiando seus passos. Se possui um temperamento violento, pode perfeitamente quebrar o pescoço de qualquer um. Se o segredo, qualquer que seja, pode arruinar sua situação social e profissional, ou mesmo, em caso extremo, fazer com que os caras da lei apareçam em sua casa, ele poderia pagar e me despedir — por uns tempos, pelo menos. Só que nada disso nos leva a lugar nenhum. A senhora quer encontrá-lo, está preocupada, mais do que preocupada. Mas por

onde deveria começar para encontrá-lo? Não quero o seu dinheiro, sra. Wade, pelo menos, não por enquanto.

Ela vasculhou dentro da bolsa e retirou a mão de lá com um punhado de pedaços de papel amarelo. Pareciam folhas de cópia, dobradas, e uma delas amassada. Endireitou-a e me entregou os papéis todos.

— Um dia eu achei na escrivaninha dele. Era tardíssimo, ou melhor, cedo, de madrugada. Sabia que andava bebendo e sabia que não tinha subido para o segundo andar.

Por volta das duas horas, desci para ver se tudo ia bem, pelo menos relativamente bem, se ele tinha desmaiado no sofá ou qualquer coisa do gênero. Havia saído. O outro papel estava na cesta, bem em cima, de forma que consegui apanhá-lo.

Olhei o primeiro pedaço de papel, o que não estava amassado. Havia um pequeno parágrafo batido à máquina, não mais do que isso. Li: "Não me importo de estar apaixonado por mim mesmo e já não existir ninguém mais por quem eu possa me apaixonar. Assinado: Roger (F. Scott Fitzgerald) Wade. Eis porque eu nunca concluí *O Último Magnata*".

— Isso lhe diz alguma coisa, sra. Wade?

— Tenho uma idéia. Ele sempre foi um grande admirador de Scott Fitzgerald. Diz que Fitzgerald é o melhor escritor bêbado desde Coleridge, que se dopava. Note a datilografia, sr. Marlowe. Clara, alinhada, nenhum erro.

— Já notei. A maioria das pessoas não consegue nem escrever seu próprio nome, quando embriagada.



Abri o papel amassado. Mais datilografia, igualmente sem nenhum erro ou desvio. Nela, lia-se: "Não gosto do senhor, dr. V. Mas neste momento o senhor é o homem que eu preciso".

Ela falou enquanto eu ainda olhava o papel: — Não tenho a mínima idéia de quem seja esse dr. V. Não conhecemos nenhum doutor com um sobrenome que comece com essa letra. Imagino que seja o daquele sanatório onde Roger esteve na última vez.

— Quando o *cowboy* enfeitado o trouxe de carro? Seu marido não mencionou nenhum nome, nem nome de lugar?

Sacudiu a cabeça:

— Nada. Procurei na lista telefônica. Existem dezenas de doutores de um tipo ou de outro cujos nomes começam com V. Além do mais, pode não ser do sobrenome.

— Pode ser que ele nem seja um doutor. O que nos leva de volta à questão do dinheiro em casa. Um homem dentro da lei receberia um cheque, mas um chantagista não. Poderia ser uma prova contra ele. E um sujeito deste tipo não seria um cara barato. Cama e mesa na casa dele deve ser coisa muito cara. Pra não falar na agulha.

Ela pareceu confusa:

— Agulha?

— A maioria usa drogas nos clientes. É mais fácil lidar com eles dessa forma. Ficam derrubados durante dez ou onze horas e, quando voltam a si, viram bons meninos. No entanto, usar narcótico sem permissão pode dar a uma pessoa cama e mesa fornecidas por Tio Sam. E a pena pode ser bastante dura.

— Entendi. Roger provavelmente teria centenas de dólares com

ele. Tem mania de guardar quantias assim na escrivaninha. Não sei por quê. Talvez mero capricho. Não há dinheiro nenhum lá agora.

— Muito bem, vou tentar encontrar o dr. V. Só não sei como, mas farei o que for possível. Leve o cheque de volta, sra. Wade.

— Mas, por quê? O senhor não se encarregou...

— Mais tarde, obrigado. E preferiria recebê-lo do sr. Wade. De qualquer forma, ele não vai gostar muito do que eu vou fazer.

— Mas se estiver doente e em mau estado...

— Poderia ter chamado seu médico pessoal ou pedido que a senhora fizesse isso. Mas, não. O que significa que não queria.

Ela colocou o cheque na bolsa e levantou. Parecia bem contrariada.

— Nosso médico recusou tratar de Roger — disse, com certa amargura.

— Existem centenas de médicos, sra. Wade. Qualquer um deles cuidaria dele uma vez ou outra. Muitos ficariam com ele por algum tempo. A medicina, hoje em dia, é um negócio bastante competitivo.

— Sei. Claro que o senhor deve estar certo. — Ela caminhou lentamente em direção à porta e eu a segui. Abri-a.

— A senhora mesma poderia ter chamado um médico. Por que não chamou?

Ela me encarou. Os olhos brilhavam. Talvez tenha havido uma ponta de lágrima neles. Uma bela mulher — inegavelmente.

— Porque amo meu marido, sr. Marlowe. Faria qualquer coisa no mundo para ajudá-lo. Mas também sei que tipo de homem ele é. Se

chamasse um médico cada vez que ele bebesse demais, não teria um marido por muito tempo. Não se pode tratar um homem adulto como se fosse uma criança com dor de garganta.

— Poder, pode, se ele é um bêbado. E não é raro se ter de tratá-los desta forma.

Ela estava em pé, perto de mim. Senti o cheiro do seu perfume. Ou pensei senti-lo. Não havia sido posto com *spray*. Talvez fosse apenas aquele dia de verão.

— Vamos supor que de fato exista alguma coisa de vergonhoso em seu passado — ela disse, soltando as palavras uma a uma como se cada uma delas tivesse um gosto amargo. — Mesmo alguma coisa de criminoso. Não faria nenhuma diferença para mim. Mas não seria eu o meio através do qual tudo isso viria à tona.

— Mas Spencer não queria me contratar para trazer isso à tona?

Sorriu, devagar:

— O senhor realmente pensa que eu esperava que desse outra resposta a Howard do que aquela que deu — um homem que preferiu ir para a cadeia a entregar um amigo?

— Obrigado pela lembrança honrosa, mas não foi por isso que eles me seguraram.

Depois de um momento de silêncio, balançou a cabeça, disse adeus e começou a descer a escada de sequóia. Vi-a entrar no carro, um Jaguar elegante, cinza, parecendo novo em folha.

Guiou até o fim da rua e deu meia-volta na praça circular. Sua luva abanou para mim quando começou a descer a ladeira. O carrinho virou a curva rapidamente e desapareceu.

Havia um arbusto vermelho em frente a um trecho da parede frontal da casa. Escutei um barulho de asas e um passarinho filhote começou a chilrear ansiosamente. Consegui vê-lo pendurado num dos galhos mais altos, batendo as asas como se tivesse problemas para se equilibrar. Dos ciprestes na esquina da parede veio um único e agudo chilreio de advertência. O barulho parou de repente e o pequeno pássaro gordinho ficou em silêncio.

Entrei em casa e fechei a porta, deixando que continuasse com suas aulas de vôo. Os pássaros também precisam aprender.

## 15

Por mais inteligente que você se julgue, precisa sempre de um ponto de partida; um nome, um endereço, uma vizinhança, um passado, uma atmosfera, um ponto de referencia qualquer. Tudo o que eu tinha era uma folha de papel amassada com umas linhas datilografadas: "Não gosto do senhor, dr. V. Mas neste momento o senhor é o homem que eu preciso". Com isso eu poderia esquadrihar o Oceano Pacífico, passar um mês debruçado sobre as listas de associações médicas de meia dúzia de cidades e terminar com um grande e redondo zero.

Na nossa cidade chantagistas nascem como coelhos. Existem oito municípios num raio de duzentos quilômetros da nossa Prefeitura e em cada cidade há doutores, alguns bons médicos, alguns mecânicos que fizeram curso por correspondência, com licença para cortar verrugas ou ficar pulando em cima da espinha da gente. Dos médicos de verdade alguns são ricos e outros pobres, alguns éticos, outros sem muita convicção disso. Um paciente bem de vida com incipientes sinais de *delirium tremens* poderia significar dinheiro para muitos dos conhecidos espertinhos que vivem atrás do comércio de vitaminas e antibióticos. Mas sem uma pista não havia por onde começar. Eu não tinha essa pista nem Eileen Wade; pelo menos eu não sabia se ela a tinha ou não. E mesmo se encontrasse alguém que se ajustasse ao modelo e que tivesse a mesma inicial, ele poderia se revelar uma ilusão em relação ao caso de Roger Wade. Aquele V. — poderia ser alguma coisa que simplesmente passou pela sua cabeça

no momento em que enchia a cara. Assim como a alusão a Scott Fitzgerald poderia ser simplesmente uma maneira original de se despedir.

Numa situação destas, o que acontece é que o pequeno tenta conseguir alguma coisa do cérebro do grande. Portanto, liguei para um homem que conhecia na Carne Organization, uma agência incrementada de Beverly Hills que se especializara em proteção aos grandes chefões do comércio — proteção que significava praticamente qualquer coisa com um pé dentro da lei. O nome do cara era George Peters; ele disse que poderia me conceder dez minutos se eu fosse rápido.

Estava instalado na metade de um segundo andar de um desses prédios de quatro andares cor-de-rosa em que as portas dos elevadores se abrem automaticamente com um olho eletrônico, em que os corredores são frios e silenciosos, o estacionamento tem um nome em cada lugar de carro, e o porteiro da porta principal tem o punho torcido de tanto encher garrafas com pílulas para dormir.

A porta era cinza do lado de fora, e tinha uma placa de metal dependurada, limpa e brilhante como uma faca nova.

THE CARNE ORGANIZATION, INC.

GERALD C. CARÍ

PRESIDENT.

Embaixo e em letras menores:

## ENTRADA.

Poderia ser o escritório de uma companhia de investimentos.

Na parte de dentro havia uma pequena e feia sala de recepção, mas a feiúra era deliberada e cara. Móveis escarlates e verde-escuro, paredes de um verde cansado e quadros com molduras em verde três tons mais escuro do que o da parede. Os quadros mostravam rapazes de casacos vermelhos montando grandes cavalos loucos para pular cercas enormes.

Havia dois espelhos sem molduras levemente pintados nas bordas de um rosa horrível. As revistas na mesinha envernizada eram as últimas edições e cada uma delas vinha envolta numa capa de plástico transparente. O sujeito que tinha decorado a sala não era uma pessoa com medo de cores. Provavelmente usava camisa vermelho-pimentão, calças cor-de-amora, sapatos zebrados e ceroulas vermelhas berrantes com suas iniciais bordadas numa bela e amigável cor de tangerina.

A coisa toda parecia pura aparência. Os clientes da Carne Organization tinham de pagar o mínimo de cem mangos por dia se esperavam algum serviço. Eles não iam e se sentavam numa sala de recepção. Carne era um ex-coronel da polícia militar, um cara grande, branco e rosado, tão duro quanto uma tora de madeira. Certa vez me ofereceu emprego, mas nunca cheguei a ficar tão desesperado assim para aceitar. Existem cento e noventa e nove maneiras de a gente ser um filho da mãe e Carne conhecia todas elas.

Uma divisória se abriu e a recepcionista me olhou.

Tinha um sorriso de aço e olhos que poderiam contar o dinheiro

dentro de uma carteira no bolso.

— Bom-dia. Posso lhe ser útil?

— George Peters, por favor. Meu nome é Marlowe.

Ela colocou um caderno verde de couro na borda de uma mesa.

— Ele está esperando o senhor? Não vejo seu nome na lista...

— È um assunto particular. Acabei de falar com ele no telefone.

— Compreendo. Como se escreve seu nome, sr. Marlowe? E seu primeiro nome, por favor.

Disse. Ela foi escrevendo numa ficha longa e estreita, depois enfiou-a no orifício de um relógio de ponto.

— A quem vocês pretendem impressionar com isso? — perguntei a ela.

— Somos muito cuidadosos com os detalhes — respondeu, friamente. — O coronel Carne diz que nunca se sabe quando um fato, por mais trivial que seja, pode se tornar vital.

— O contrário também é verdade — eu disse, mas ela não pegou a coisa. Quando terminou seu trabalho de registro, levantou os olhos: — Vou anunciá-lo ao sr. Peters.

Disse a ela que isso me deixava muito feliz. Um minuto depois uma porta se abriu e Peters me fez entrar num corredor pintado de cinza militar com pequenas salas alinhadas como celas. Seu escritório era à prova de som, uma escrivaninha cinza de aço com duas cadeiras combinando um gravador cinza numa estante cinza, um telefone e um conjunto de canetas da mesma cor das paredes e do chão.



Havia algumas fotografias emolduradas nas paredes, uma delas de Carne de uniforme, com seu chapéu de neve, e outra dele como civil sentado atrás de sua escrivaninha, parecendo inescrutável. Também com moldura e na parede, via uma pequena inscrição inspirada, em letras cor de aço contra fundo cinza. Lia-se: Um funcionário da Carne se veste, fala e se comporta como um cavalheiro, todo o tempo e em todos os lugares.

Não há exceção para esta regra.

Peters atravessou o escritório com dois longos passos e tirou um dos quadros. Atrás dele, na parede cinza, havia um microfone cinza. Desligou-o, tirou o fio, e recolocou-o no lugar. Pôs o quadro em cima dele de novo.

— Neste momento não estou trabalhando — disse. — Pelo menos o filho da puta está fora, preparando alguma malandragem tipo piscina-e-bebida com um ator. Todos os terminais dos microfones ficam no seu escritório. Ele mantém toda esta tralha ligada. Uma manhã dessas sugeri a ele que pusesse uma câmera de microfilme instalada na recepção com luz infravermelha atrás de um espelho transparente. Não gostou muito da idéia. Talvez porque alguém já tivesse pensado nisso antes.

Sentou numa das cadeiras cinza, pesadona. Olhei pra ele.

Era desengonçado, um cara de pernas compridas com um rosto simpático, cabelos penteados pra trás. A pele mostrava que era acostumado a ficar ao ar livre, sob qualquer tipo de clima. Possuía os olhos afundados no rosto e um lábio superior quase tão grande quanto o nariz. Quando sorria, a metade de baixo do seu rosto desaparecia formando dois enormes buracos que iam de suas narinas

até o final de sua enorme boca.

— Como é que você agüenta? — perguntei.

— Sente-se, meu chapa. Respire com tranqüilidade e mantenha a voz baixa; lembre-se que um agente de Carne está para um detetive barato como você assim como Toscanini está para um macaco que estuda órgão — fez uma pausa e sorriu. — Agüento porque estou pouco ligando. O dinheiro é bom e se Carne começar a agir como se pensasse que eu estou naquela prisão de máxima segurança que dirigi na Inglaterra durante a guerra, pego meu cheque e me mando. Qual é o seu problema? Fiquei sabendo que teve uns dias duros, há pouco tempo.

— Sobre isso, nenhuma reclamação. Gostaria de dar uma olhada no arquivo de vocês, sobre quem já estive atrás das grades. Sei que têm um arquivo desses. Eddie Dowst me disse, depois que saiu da firma.

— Eddie era um cara sensível demais para a Carne Organization. O arquivo que você mencionou é supersecreto. Em nenhuma circunstância podemos fornecer qualquer informação confidencial pra gente de fora. Já vou apanhá-lo.

Saiu da sala e olhei para a cesta de lixo cinza, para o linóleo cinza e para os cantos de couro cinza do mata-borrão cinza em cima da mesa. Peters voltou com um pequeno arquivo nas mãos. Apoiou-o e o abriu.

— Meu Deus do céu, será que vocês não têm nada neste lugar que não seja cinza?

— As cores do clube, meu chapa. O espírito da organização. Sim, eu tenho uma coisa que não é cinza.

Abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou um charuto enorme.

— Um legítimo Upmann Thirty. Ganhei de presente de um velho agente inglês que está há quarenta anos na Califórnia mas ainda não perdeu o sotaque. Sóbrio, ele é um velho cara com uma boa dose de charme superficial, o que pra mim é legal porque a maioria das pessoas não tem charme nenhum, superficial ou não, inclusive Carne. Este, aliás, tem tanto charme quanto as cuecas de um metalúrgico. Mas esse inglês, quando está sóbrio, tem a estranha mania de assinar cheques de bancos que nunca ouviram falar dele. Sempre se sai bem e com a minha eficiente ajuda conseguiu até agora não ir pra geladeira. Foi ele quem me deu. Quer fumar junto como dois chefes índios planejando um massacre?

— Não consigo fumar charutos.

Peters olhou para o enorme charuto, meio triste.

— Eu também não. Pensei em dá-lo a Carne. Mas não se trata de um charuto pra uma pessoa só, mesmo que essa pessoa seja Carne. Sabe de uma coisa? Estou falando demais de Carne. Devo estar até aqui... — Jogou o charuto de volta na gaveta e olhou para o arquivo aberto. O que quer com isso?

— Estou procurando um rico alcoólatra com gostos caros e muito dinheiro pra satisfazê-los. Até agora, que eu saiba pelo menos, ele não entrou nessa de cheque sem fundo. Tem certos impulsos de violência e a esposa dele anda muito preocupada. Acha que ele se escondeu em alguma espelunca de recuperação mas não tem muita certeza. A única chave que eu tenho é uma folha onde ele menciona um doutor V. Apenas a inicial. Desapareceu há três dias.

Peters me olhou pensativamente: — Não é muita coisa... Qual é a

preocupação básica?

— Se eu encontrá-lo, vou ser pago.

Olhou pra mim um pouco mais e balançou a cabeça — Não entendo, mas tudo bem. Vamos ver. — Começou a virar as fichas do arquivo. — Não é muito fácil. Esse pessoal vai e vem. Uma inicial não chega a ser uma boa dica. — Virou uma ficha, virou várias fichas, mais uma e finalmente outra. — Três deles... Dr. Amos Varley, um osteopata. Grande consultório em Altadena. Atende ou costumava atender chamadas noturnas por cinqüenta dólares. Duas enfermeiras registradas. Teve problemas com o Departamento Estadual de Narcóticos, há alguns anos... A informação não está muito atualizada.

Anotei o nome e o endereço em Altadena.

— Depois temos o dr. Lester Vukanich. Ouvidos, nariz e garganta, Edifício Stockwell, no Hollywood Boulevard. Este cara é um craque. Prática de consultório principalmente e parece ser especialista em infecções nasais crônicas. Uma rotina, evidentemente. Você entra no consultório, se queixa de dor de cabeça de sinusite e ele limpa tudo. Primeiro, é claro, precisa anestesiá-lo com novocaína. Mas se ele for com a sua cara não precisa ser novocaína, sacou?

— Claro.

Tomei nota.

— Este é quente. — Peters foi em frente. — Obviamente seu problema é o de suprir o mercado. Portanto, nosso dr. Vukanich costuma pescar bastante em Ensenada e voa no seu avião particular.

— Não creio que ficaria tanto tempo impune se ele mesmo

trouxesse a droga — eu disse.

Peters pensou um pouco e balançou a cabeça.

— Não, não concordo. Pode ficar impune a vida toda se não for ganancioso demais. O único perigo que enfrenta é algum cliente — desculpe, quis dizer paciente — descontente, mas ele provavelmente sabe como lidar com isso. Há quinze anos trabalha no mesmo consultório.

— Onde consegue essas informações?

— Nós somos uma organização, garotão. Não um lobo solitário como você. Alguns dados os próprios clientes nos fornecem, outros vêm de dentro mesmo. Carne não tem medo de gastar dinheiro. É um bom articulador quando quer.

— Ele iria adorar o nosso papo.

— Que se foda. Temos em oferta hoje um outro "V", Verringer. O funcionário que fez a ficha dele já não trabalha mais aqui há muito tempo. Parece que uma dona poetisa suicidou-se num sítio de Verringer em Sepulveda Canyon... Ele mantém lá uma espécie de colônia de arte para escritores e pessoas que precisam de isolamento e atmosfera apropriada. Preços moderados. Parece legal. Ele se chama de doutor, mas não pratica a medicina. Poderia ser um Ph.D. Para falar a verdade, não sei por que ele está aqui. A menos que exista alguma coisa a respeito daquele suicídio. — Pegou um recorte de jornal colado numa folha branca. — Sim, superdose de morfina. Nenhuma insinuação que Verringer soubesse de alguma coisa.

— Gostei desse Verringer. Gostei muito dele.

Peters fechou o arquivo e pôs a mão em cima.

— Você não viu este material.

Levantou e saiu da sala. Quando voltou, eu me preparava para ir embora. Ia lhe agradecer, mas ele abanou a mão como se fosse nada.

— Deve haver centenas de lugares onde seu chapa pode ter ido.

Falei que sabia disso.

— Por falar nisso, ouvi uma conversa sobre seu amigo Lennox que deve lhe interessar. Um dos nossos homens cruzou com um sujeito em Nova Iorque, há cinco ou seis anos, que corresponde às descrições do cara. Mas o nome dele não era Lennox, segundo ele. Era Marston. É claro que ele podia estar mentindo. O sujeito estava bêbado o tempo todo, portanto nunca se sabe.

— Duvido que seja o mesmo homem. Por que mudaria o nome? Ele tinha um passado de guerra que podia ser checado.

— Não sabia disso. Nosso agente está em Seattle, no momento. Você pode conversar com ele quando voltar, se isso lhe adiantar alguma coisa. O nome dele é Ashterfelt.

— Obrigado por tudo, George. Teus dez minutos foram bem espichados.

— Posso precisar da sua ajuda um dia.

— A Carne Organization nunca precisa de nada de ninguém.

Ele fez um gesto feio com o polegar e o indicador. Deixei-o em sua cela metálica e cinza e saí pela sala de recepção. Parecia legal agora. As cores berrantes faziam sentido depois daquele cinza todo.

## 16

Saindo da auto-estrada no fim de Sepulveda Canyon existem dois arcos de entrada amarelos. Num deles, uma porteira aberta. Sobre a entrada, há um aviso pendurado: ESTRADA PARTICULAR. PROIBIDA A ENTRADA. O ar estava agradável e tranqüilo, cheio do aroma insinuante dos eucaliptos.

Entrei e segui uma estrada de chão batido que contornava uma colina, até uma suave inclinação, depois subia de novo e baixava do outro lado num vale com sombras. Estava quente no vale, muitos graus mais quente do que na auto-estrada. Podia ver agora que a estrada de chão batido terminava num semicírculo com grama em volta, margeada com pedras que pareciam ter sido polidas. A minha esquerda havia uma piscina vazia e nada parece mais vazio do que uma piscina vazia. A sua volta, o que restara de um campo gramado com espreguiçadeiras de sequóia com lonas desbotadas. Os encostos tinham sido de várias cores: azul, verde, amarelo, laranja, vermelho-ferrugem. A parte da lona que se juntava à madeira estava frouxa, os assentos cheios de buracos e a lona havia se rasgado em vários lugares. No outro lado havia um alto alambrado de quadra de tênis. O trampolim sobre a piscina vazia parecia torto e fatigado. Seu revestimento pendia em tiras e as peças de ferro tinham marcas de ferrugem.

Cheguei ao semicírculo final e parei em frente de uma construção de sequóia com um telhado desmantelado e uma entrada ampla. A entrada tinha portas duplas de tela. Enormes moscas pretas

voejavam nas telas. Alguns caminhos apontavam para os carvalhos sempre verdes da Califórnia. Por entre os carvalhos, havia cabanas rústicas encravadas na colina, algumas completamente escondidas. Tinham aquele ar desolado de fora de temporada. As portas fechadas, janelas tapadas por cortinas esticadas de algodão grosso ou qualquer coisa do gênero. Quase que se podia sentir o pó denso dos peitoris das janelas.

Desliguei a chave e fiquei lá com as mãos no volante, escutando. Nenhum som. O lugar parecia tão morto quanto um faraó, a não ser pelas portas atrás das portas de tela, abertas, com alguma coisa que se movia na obscuridade da sala de entrada. Ouvi então um leve e preciso assobio e a figura de um homem mostrou-se contra a tela da porta, abriu-a e começou a descer os degraus. Valia a pena vê-lo.

Usava um enorme chapéu preto de gaúcho amarrado sob o queixo. E uma camisa de seda branca, imaculada, aberta no pescoço, com punhos apertados e mangas fofas. Em volta do pescoço, um lenço escuro amarrado de forma desigual, uma ponta pequena e a outra caindo quase que até o peito. Tinha um colete preto e calças pretas, apertadas nos quadris e costuradas com fio dourado, botões dourados em ambos os lados do colete. Nos pés, sapatilhas de couro.

Ele parou no fim da escada e olhou pra mim, sempre assobiando. Era gracioso como uma gazela. Tinha os olhos cor de fumaça maiores e mais vazios que jamais vi, sobrancelhas longas, de seda. A figura era delicada e perfeita sem ser fraca. O nariz era reto e quase — embora não chegasse a tanto — fino, a boca com um tique simpático. Tinha uma covinha no queixo e suas pequenas orelhas situavam-se graciosamente na cabeça. A pele mostrava aquela palidez profunda que o sol nunca toca.



Ele ensaiou uma posição com a mão esquerda no quadril e a direita fazendo uma curva graciosa no ar.

— Salve — disse. — Dia lindo, não é mesmo?

— Quente demais pro meu gosto.

— Eu gosto do calor.

A afirmação foi conclusiva e não dava margem à discussão. Mas o que eu queria era outra coisa. Ele sentou-se num degrau, tirou uma lixa de algum lugar e começou a lixar as unhas.

— O senhor é do banco? — perguntou, sem olhar pra cima.

— Estou procurando o dr. Verringer.

Ele parou com a lixa e olhou pra longe.

— Quem é ele? — perguntou, sem interesse nenhum.

— É o dono disso aqui. Você é bastante lacônico, não é mesmo? Como se não soubesse.

Voltou para a lixa e as unhas.

— Alguém informou você errado, meu bem. Este lugar aqui é do banco. Está hipotecado, sob caução ou qualquer coisa assim. Esqueci os detalhes.

Olhou pra mim com a expressão de um homem para quem detalhes nada significam. Saí do Oldsmobile e me apoiei na porta quente do carro, depois me afastei um pouco procurando alguma brisa.

— E que banco é esse?

— O senhor não sabe, o que significa que não veio da parte do banco. Se não veio da parte do banco, não tem nada pra tratar aqui.

Pegue a estrada, benzinho. Vai, rapidinho.

— Preciso encontrar o dr. Verringer.

— Esta joça não está funcionando, benzinho. Como diz lá na placa, esta é uma estrada particular. Algum esquilo esqueceu de fechar o portão.

— Você toma conta daqui?

— Mais ou menos. Não me faça mais perguntas, benzinho. Não tenho um temperamento muito paciente.

— O que faz quando fica zangado — dança um tango com um esquilo?

Ele levantou de repente e cheio de graça. Sorriu rapidamente, um sorriso vazio.

— Parece que eu vou ter de empurrá-lo pro seu carrinho velho.

— Mais tarde. Onde eu poderia encontrar o dr. Verringer?

Ele colocou a lixa no bolso da camisa e alguma coisa surgiu na sua mão direita. Um movimento rápido e seu punho apareceu com um soco inglês acoplado a ele. A pele em cima do osso facial estava mais tensa e havia uma chama profunda nos seus grandes olhos de fumaça.

Veio na minha direção. Dei um passo pra trás para ter mais espaço. Ele voltou a assobiar, desta vez um assobio forte e penetrante.

— A gente não precisa brigar — eu disse. — Não temos nenhuma razão pra brigar. E você pode rasgar essas calças adoráveis.

Ele foi rápido como um raio. Chegou perto com um salto macio e

contorceu a mão esquerda no ar como uma cobra. Esperava por um soco e por isso movi minha cabeça pra longe, mas o que ele queria era agarrar meu pulso direito, o que consegui. Segurou com força, me desequilibrou e a mão com o soco inglês fez um arco no ar se aproximando. Uma porrada com aquilo atrás da cabeça e eu seria um inválido no hospital. Se eu o empurrasse, ele me pegaria do lado do rosto ou no alto do braço, na altura do ombro. O resultado seria um rosto morto ou um braço morto, qualquer que fosse o alvo.

Numa situação dessa, só havia uma coisa a fazer.

Fui em frente com um empurrão. De passagem, bloqueei seu pé esquerdo por trás, agarrei a camisa e cheguei a escotá-la se rasgando. Alguma coisa me atingiu no pescoço, por trás, mas não era metal. Avancei para a esquerda e lá foi ele para o lado, aterrissando como um gato, mas logo estava em pé de novo enquanto que eu continuava sem equilíbrio.

Sorria desta vez. Estava adorando aquilo tudo. Gostava do que fazia. Veio rápido em minha direção.

De algum lugar uma voz fortíssima gritou: — Earl! Pare com isso! Pare logo, tá ouvindo?

O garotão gaúcho parou. Havia um sorriso meio doentio nos lábios dele. Virou-se num movimento rápido e o soco inglês desapareceu no grande bolso de suas calças.

Virei-me e olhei para o homem troncudo e forte vestindo uma camisa havaiana, que corria na nossa direção descendo uma das estradinhas e agitando os braços. Chegou arfando.

— Você tá louco, Earl?

— Nunca diga uma coisa dessas, *Doc* — disse Earl, baixinho. Depois sorriu, deu as costas e foi sentar nos degraus da casa. Tirou o chapéu vistoso, pegou um pente e começou a pentear os cabelos duros e negros com uma expressão ausente. Logo em seguida pôs-se a assobiar suavemente.

O homem pesado de camisa berrante parou e me olhou. Eu parei e olhei pra ele.

— O que está acontecendo? Quem é o senhor?

— Meu nome é Marlowe. Estava procurando o dr. Verringer. Esse sujeito aí, que o senhor chamou de Earl, quis brincar. Talvez seja o calor.

— O dr. Verringer sou eu — disse, com certa dignidade.

Virou o rosto. — Vai pra dentro. Earl.

Earl levantou devagar. Lançou um olhar pensativo para o dr. Verringer, seus olhos grandes e de fumaça, sem expressão alguma. Depois subiu os degraus e abriu a porta de tela.

Uma nuvem de moscas se deslocou, zumbindo, e depois da porta fechada voltou para a tela.

— Marlowe? — A atenção de Verringer voltou-se para mim novamente. — E em que posso lhe ser útil, sr. Marlowe?

— Earl disse que seu local aqui não está mais funcionando.

— Correto. Estou apenas aguardando certas formalidades legais antes de me mudar. Só eu e Earl estamos aqui.

— Sinto muito — disse eu, fazendo ar de quem sente mesmo. — Pensei que o senhor tivesse um hóspede chamado Wade.

Ele levantou as duas sobrancelhas que poderiam interessar um vendedor de escovas.

— Wade? É bem possível que eu conheça alguém com esse nome — é um nome bastante comum —, mas por que ele estaria aqui?

— Se curando.

Franziu as sobrancelhas. Quando um sujeito tem as sobrancelhas grandes como ele, é um franzir e tanto.

— Sou médico, mas há muito tempo não pratico. A que tipo de cura o senhor se refere?

— Ele é alcoólatra. De vez em quando sai do seu canto e desaparece. Às vezes volta pra casa com suas próprias pernas, às vezes chega carregado e às vezes é preciso encontrá-lo.

Tirei um cartão e entreguei a ele. Que o leu, pouco à vontade.

— O que há com esse Earl? Ele pensa que é Rodolfo Valentino ou qualquer coisa do gênero?

As sobrancelhas mexeram-se novamente. Elas me deixavam fascinado. Partes delas moveram-se sozinhas, cerca de meio centímetro. Ele encolheu os ombros musculosos.

— É praticamente inofensivo, sr. Marlowe. Às vezes fica um pouco sonhador. Vive num mundo de brinquedos, podemos dizer.

— O senhor é quem diz. Do meu ponto de vista, ele joga duro.

— Ora, ora, sr. Marlowe. O senhor certamente exagera. Earl gosta de se vestir bem. É meio infantil nesse aspecto.

— É um louco, é o que o senhor quer dizer. Este lugar é — ou era — algum tipo de sanatório?

— Certamente que não. Quando funcionava era uma colônia de artistas. Eu fornecia comida, alojamento, locais para exercícios e diversão, e acima de tudo isolamento. E a preços moderados. Artistas, como o senhor provavelmente sabe, raramente são pessoas ricas. Quando digo "artista" quero dizer escritores, músicos e assim por diante. Enquanto durou, foi uma ocupação bastante gratificante pra mim.

Pareceu triste. As sobrancelhas caíram nos lados em harmonia com a boca. Fossem elas um pouquinho maiores e chegariam à sua boca.

— Sei disso. Consta do arquivo. Inclusive o suicídio que houve aqui há pouco tempo. Um caso de drogas, não foi?

Ergueu o peito, enrijeceu o corpo. E perguntou, contundente: — Que arquivo?

— Temos um arquivo do que chamamos de garotos de janelas gradeadas. Lugares onde não podem se atirar pela janela quando perdem totalmente o controle. Pequenos sanatórios particulares ou qualquer coisa que trate os bêbados, drogados e outras pequenas fobias.

— Esses lugares precisam de licença legal — o dr. Verringer disse, asperamente.

— Claro. Em teoria pelo menos. Às vezes eles simplesmente se esquecem desse detalhe.

Ele se recompôs, adquiriu uma postura sólida. O sujeito tinha certa dignidade.

— O que está sugerindo é um insulto. Não tenho conhecimento de

que meu nome conste de nenhuma lista desse tipo. Agora gostaria que o senhor fosse embora.

— Voltemos a Wade. Ele não poderia estar registrado com outro nome?

— Não existe ninguém aqui a não ser Earl e eu. Só nós. Agora, se o senhor me desculpar...

— Gostaria de dar uma olhada...

Às vezes podemos deixar uma pessoa zangada só por dizer alguma coisa fora de hora. Mas não o dr. Verringer. Ele não perdia a dignidade. As sobrancelhas agiam de acordo. Olhei para a casa. De dentro dela vinha um som de música, música para dançar. E mais baixo, ouvia-se um estalar de dedos.

— Aposto que ele está lá em cima dançando. É um tango. Aposto com o senhor como ele está lá dançando sozinho. É um sujeito e tanto...

— Vai ou não vai embora, sr. Marlowe? Ou devo pedir a Earl para ajudá-lo a encontrar o caminho da saída?

— Tudo bem, vou embora. Sem rancores, doutor. Havia apenas três nomes começando com V e o seu parecia o mais indicado. É a única chave que possuímos — dr. V. Ele escreveu isto numa folha de papel antes de partir. Doutor V.

— Deve existir dúzias deles.

— Ah, claro. Mas não dúzias no nosso arquivo dos garotos de janelas gradeadas. Obrigado por enquanto, doutor.

Earl me chateou um pouco, mas...

Virei as costas e fui para o carro; entrei. Ao fechar a porta, o dr.

Verringer estava ao lado. Inclinou-se com um ar agradável: — Não precisamos brigar, sr. Marlowe. Sei que na sua profissão o senhor tem de ser bastante intrometido. Mas o que o chateia tanto assim em relação a Earl?

— Ele é tão obviamente falso. Quando encontramos uma coisa falsa assim, é sinal que podemos esperar por outras. Aquele sujeito é maníaco-depressivo, não é? No momento está em fase de euforia.

Ele fixou os olhos em mim, em silêncio. Parecia grave e bem-educado.

— Muita gente interessante e talentosa esteve aqui, sr. Marlowe. Nenhuma delas tinha tanto bom senso como o senhor parece ter. Pessoas de talento geralmente são neuróticas. Mas não temos acomodações para cuidar de lunáticos ou alcoólatras, mesmo que eu apreciasse esse tipo de trabalho. Não tenho pessoal, a não ser Earl, e ele está longe de ser o tipo apropriado para cuidar de doentes.

— E que tipo de gente o senhor acha que ele é, doutor?

Além de ficar dançando e coisas do gênero?

Inclinou-se em direção à porta. Sua voz ficou baixa e confidencial: — Os pais de Earl eram grandes amigos meus, sr. Marlowe. Alguém tem de olhar por ele e seus pais não se encontram mais entre nós. Earl precisa viver uma vida tranqüila, longe do barulho e das tentações da cidade. Ele é instável, mas basicamente não faz mal a ninguém. Consigo controlá-lo com bastante facilidade, como viu.

— O senhor tem muita coragem.

Ele me olhou. As sobrancelhas abanaram suavemente, como



antenas de algum inseto desconfiado.

— Tem sido um sacrifício. Um sacrifício bastante pesado. Pensei que Earl pudesse me ajudar no trabalho. Joga tênis muito bem, nada e mergulha como um campeão e pode dançar a noite inteira. Quase sempre é a gentileza em pessoa. Mas de vez em quando ocorrem... incidentes. — Abanou a enorme mão como se empurrasse dolorosas lembranças. — No fim, ou eu desistia de Earl ou desistia deste lugar aqui.

Virou as duas palmas das mãos para cima, afastou-as, virou-as para baixo e deixou-as cair ao longo do corpo. Os olhos pareceram encher-se de lágrimas.

— Vendi tudo. Este pequeno e tranqüilo vale vai se transformar num loteamento. Vai haver calçadas e postes de luz, e crianças com motonetas e rádios... Vai até haver — lançou um olhar de desesperança — televisões. — Balançou a mão num gesto como se afastasse algo. — Espero que poupem as árvores, mas acho que nem isso farão. Ao longo destas trilhas vão construir antenas de televisão. Mas Earl e eu estaremos longe daqui, espero.

— Adeus, doutor. Sinto muito pelo senhor.

Ele estendeu a mão. Estava suada mas firme.

— Obrigado pela simpatia e compreensão, sr. Marlowe.

E sinto muito não poder ajudá-lo na sua investigação a respeito do sr. Slade.

— Wade.

— Perdão, Wade, claro. Adeus e boa sorte.

Liguei o carro e voltei pela estrada de areia por onde tinha vindo.

Me sentia triste, mas não tão triste quanto o dr. Verringer gostaria que eu ficasse.

Passsei pelo portão e dirigi até além da curva para entrar na auto-estrada; estacionei o carro de modo a não ser visto. Saí e caminhei de volta pela margem da estrada até onde pudesse ver a entrada ao longo da cerca de arame farpado. Fiquei lá debaixo de um eucalipto, esperando.

Passaram-se cinco minutos ou mais. Aí então chegou um carro pela estrada particular. Escondi-me atrás da árvore; recuei mais ainda até um arbusto. Escutei um barulho de metal pesado e um arrastar de corrente. O motor do carro soou de novo e o carro voltou pela estrada particular.

Quando o barulho do carro cessou, fui pra meu Oldsmobile e fiz uma curva em U a fim de voltar para a cidade. Quando passei em frente da entrada da estrada particular do dr. Verringer, vi que o portão estava fechado com corrente e cadeado. Chega de visitas por hoje, muito obrigado.

Dirigi os quase vinte quilômetros de volta à cidade e resolvi comer alguma coisa. Enquanto comia me sentia cada vez mais bobo em relação àquele assunto todo. Jamais conseguiria encontrar uma pessoa da maneira como estava tentando. Pode-se encontrar personagens interessantes como Earl e o dr. Verringer, mas não se encontra o cara que a gente está procurando. Gasta-se pneus, gasolina, palavras e energia num jogo sem vencedor. E nem se está sequer apostando o limite da roleta no Preto 28. Com os três nomes começados por V eu tinha tanta chance de agarrar o homem em questão quanto teria de ganhar de Nick, o Grego, num jogo de dados.

De qualquer forma, a primeira é sempre a pista errada, beco sem saída, a pista promissora que explode na sua cara no maior silêncio. Mas ele não deveria ter dito Slade em vez de Wade. Era um cara inteligente. Não se esqueceria com tanta facilidade assim do nome e, se esquecesse, esqueceria de todo.

Talvez sim, talvez não. Não chegamos a nos conhecer tão bem assim. Quando tomava o café, pensei sobre os drs.

Vukanich e Varley. Sim ou não? Eu poderia ligar para a mansão de Wade em Idle Valley e talvez alguém me dissesse que o dono da casa estava de volta, e que tudo agora estava no melhor dos mundos.

O dr. Vukanich era fácil. Apenas doze quarteirões de onde eu me encontrava. Mas o dr. Varley morava longe como o diabo, lá pros lados das colinas de Altadena, um trajeto comprido, quente e chato.

Sim ou não?

A resposta foi sim. Por três boas razões. A primeira era que nunca se sabe o que acontece em certos lugares sombrios e a respeito das pessoas que circulam nesses lugares.

A segunda era que qualquer coisa que eu pudesse acrescentar às informações que o arquivo de Peters me fornecera seriam bem-vindas e valeriam alguma coisa. A terceira razão era que eu não tinha nada mais para fazer.

Paguei a conta, deixei o carro onde estava e caminhei até o Stockwell Building. Era um prédio antigo com uma tabacaria na entrada e um elevador que se operava manualmente, quando se dignava a funcionar. O corredor do sexto andar era estreito e as portas tinham painéis de vidro enfumaçados. Era mais velho e mais sujo do que o meu prédio. Estava cheio de médicos, dentistas, seguidores da Ciência Cristã não muito bem de vida, o tipo de advogado que a gente quer que a outra parte tenha, o tipo de médico e dentista que a gente indicaria para um inimigo. Nada de muito hábil ou muito limpo, nada de muito apropriado, apenas três dólares e por favor pague à enfermeira; pessoas cansadas, desencorajadas e que sabem exatamente onde estão, que tipo de pacientes conseguem e quanto é que vão tirar deles. Por Favor Não Peça Fiado. O Doutor Está, o Doutor Saiu. Seu bonito molar está frouxo, sra. Kasinski. Agora, se a senhora quiser esta capa de acrílico, tão boa como se fosse ouro, posso colocá-la por quatorze dólares. Novocaína, mais dois dólares, se quiser. O Doutor Está, o Doutor Saiu. Três dólares, por favor. Pague à enfermeira, por obséquio.

Num edifício como este sempre haverá alguns sujeitos faturando

alto, embora não aparentem. Eles se encaixam bem neste cenário miserável, que lhes serve de proteção.

Advogados de porta de cadeia que são sócios na agiotagem do escritório ao lado (apenas cerca de dois por cento do que é recolhido chega a ser declarado). Fazedores-de-anjo — aborteiros — posando de qualquer coisa importante que explique o mobiliário do consultório. Passadores de droga posando de urologistas, dermatologistas ou qualquer ramo da medicina em cujos tratamentos o uso regular e freqüente de anestesia local é normal.

O dr. Lester Vukanich tinha uma sala de espera pequena e mal mobiliada, na qual uma dúzia de pessoas aguardava, todas mal acomodadas. Pareciam pessoas como outras quaisquer. Nenhum sinal especial. Não se pode distinguir um viciado sob controle de um guarda-livros vegetariano. Tive de esperar três quartos de hora. Os pacientes iam entrando um a um numa das duas portas. Um especialista ativo em ouvido, nariz e garganta pode tratar de quatro sofredores ao mesmo tempo, se tiver espaço suficiente.

Finalmente entrei. Precisei me sentar numa cadeira de couro marrom em frente a uma mesa coberta com uma toalha branca em cima da qual havia um conjunto de instrumentos.

Junto da parede fervia um recipiente de esterilização. O dr Vukanich surgiu de repente com seu avental branco e seu espelho redondo na testa. Sentou à minha frente, num banco.

— Sinusite, não é? Muito forte? — Ele olhava para a ficha que a enfermeira lhe dera. Disse que era terrível. Chegava a cegar. Principalmente quando acordava, de manhã. Ele balançou a cabeça, concordando sabiamente.

— Bem característico — disse, e ajustou um apetrecho de vidro numa coisa que parecia uma caneta-tinteiro.

Empurrou-o pela minha boca.

— Feche os lábios mas não os dentes...

Ao mesmo tempo que dizia isso, apagou a luz. Não havia janelas. Um ventilador estava ligado em algum lugar. O dr. Vukanich retirou seu tubo de vidro e acendeu a luz de novo. Me olhou com cuidado.

— Nenhuma congestão, sr. Marlowe. Se tem dor de cabeça, não é originária dos sinus. Arrisco a dizer que nunca teve problema de sinusite na sua vida. O senhor sofreu uma operação do septo há algum tempo, pelo que vi.

— Sim, doutor. Levei um chute jogando futebol.

— Existe uma leve concha de osso que deve ter sido cortada. Não a ponto de interferir com a respiração, no entanto.

Inclinou-se pra trás, ainda no banco, e segurou os joelhos.

— Muito bem, o que espera que eu faça pelo senhor?

Tinha um rosto fino, de uma palidez desinteressante. Parecia um rato branco tuberculoso.

— Gostaria de conversar com o senhor sobre um amigo meu. Que está em péssima situação. É um escritor. Cheio da grana, mas tem os nervos fracos. Precisa de ajuda. Vive conservado em álcool por dias e dias. Necessita daquele algo mais. Seu médico resolveu não cooperar mais com ele.

— O que quer dizer, exatamente, com *cooperar*!

— Ora, tudo o que ele precisa é de uma injeção de vez em quando

pra se acalmar. Pensei que pudesse descobrir outra saída. Dinheiro ele tem.

— Desculpe, sr. Marlowe. Não lido com esse tipo de problema. — Ficou em pé. — Uma abordagem bastante desajeitada, eu diria. Seu amigo poderá vir me consultar, se ele quiser. Mas é melhor que tenha alguma coisa que exija tratamento. A consulta é dez dólares, sr. Marlowe.

— Vamos com calma, doutor. O senhor está na lista.

O dr. Vukanich encostou-se na parede e acendeu um cigarro. Estava deixando passar o tempo. Soprou a fumaça e ficou olhando pra ela. Dei a ele um dos meus cartões. Ele olhou-o.

— E que lista seria essa?

— Dos garotões de janelas quadradas. Calculei que já conhecesse meu amigo. Chama-se Wade. Calculei que o senhor poderia tê-lo guardado por uns tempos num quarto branco qualquer. O cara desapareceu de casa.

— O senhor é um cretino. — Foi a reação do dr. Vukanich. — Não ando atrás de centavos nem tenho gente suficiente para curar bêbados em quatro dias. Essas clínicas não curam nada, de qualquer maneira. Não tenho nenhum quarto branco e não conheço o sujeito que mencionou — e nem sei se ele existe. São dez dólares, em dinheiro — e agora. Ou prefere que eu chame a polícia e denuncie que o senhor me pediu narcótico?

— Ia ser uma gracinha — respondi. — Vamos nessa.

— Saia logo daqui, seu espertinho barato.

Levantei.

— Devo ter me equivocado, doutor. Da última vez que ele sumiu, acabou se encontrando com um doutor cujo nome começava com V. Era uma operação estritamente sigilosa.

Eles o pegaram tarde da noite e o trouxeram de volta da mesma maneira, isto é, mal das pernas. Nem esperaram para vê-lo entrar em casa. Portanto, quando ele tem uma recaída e não dá as caras por algum tempo, é natural que nós procuremos alguma pista no arquivo. E chegamos a três doutores cujos nomes começam com V.

— Interessante — ele disse com um sorriso apagado. Continuava a deixar o tempo passar. — Qual é a base da sua escolha?

Encarei-o. A mão direita movia-se lentamente para cima e para baixo da parte de cima do braço esquerdo. Seu rosto cobria-se com um leve suor.

— Sinto muito, doutor. Nossa operação é bastante confidencial.

— Desculpe-me por um instante. Tenho um outro paciente que...

Deixou o resto da frase pendurada no ar e saiu. De pois que saiu a enfermeira pôs a cabeça pela porta entreaberta, olhou pra mim rapidamente e se retirou.

Pouco depois o dr. Vukanich entrava descontraído alegre. Sorria, bem à vontade. Os olhos brilhando.

— Como? O senhor ainda está aqui? — Estava bastante surpreso, ou fingia estar. — Pensei que nosso breve encontro já tivesse terminado.

— Estou de saída. Pensei que o senhor quisesse que eu esperasse.

Riu para si mesmo.

— Quer saber de uma coisa, sr. Marlowe? Vivemos numa época



extraordinária. Por uns meros quinhentos dólares eu poderia jogá-lo num hospital com vários ossos quebrados. Cômico, não é mesmo?

— Hilariante — respondi. — Injetou-se na veia, não é, doutor? Puxa, como o senhor ficou ligado!

Comecei a sair.

— *Hasta luego*, amigo. Não se esqueça dos meus dez dólares. Pague à enfermeira.

Virou-se para um interfone e começou a falar através dele quando saí. Na sala de espera, as mesmas doze pessoas ou doze pessoas como as outras aguardavam, mal acomodadas. A enfermeira estava trabalhando.

— São dez dólares, por favor, sr. Marlowe. Nosso consultório exige pagamento imediato e em espécie.

Parei num lugar cheio de gente, perto da porta. Ela recuou a cadeira para trás e correu contornando a mesa.

Empurrei a porta aberta.

— E o que acontece quando não se paga? — perguntei.

— O senhor vai ver o que acontece — ela disse, zangada.

— Certo. Você está apenas cumprindo seu dever. Eu também estou. Dê uma olhadinha no cartão que deixei lá dentro e verá qual é minha profissão.

Saí. Os pacientes à espera me olharam com olhos desaprovadores. Não se trata o doutor dessa maneira.

Com o dr. Amos Varley a conversa foi outra. Clinicava numa velha mansão com um jardim enorme e antigo, cheio de enormes e antigos carvalhos fazendo sombra. Era uma estrutura maciça com um elaborado trabalho de parede ao longo de uma elevada varanda; a porta da varanda branca estava virada de pernas pra cima como as pernas de um grande piano fora de moda. Alguns idosos frágeis sentavam-se em cadeiras espreguiçadeiras na varanda forrada com tapetes.

A porta de entrada era dupla e tinha painéis de vidro colorido. Dentro, o saguão era amplo e frio, e o assoalho bem encerado, sem nenhum tapete. Altadena é um lugar quente no verão. Fica como que empurrada contra as colinas e a brisa precisa passar por cima delas. Há oito anos, as pessoas sabiam como construir casas para um clima como este.

Uma enfermeira de branco brilhante pegou meu cartão e depois de uma espera o dr. Varley condescendeu em me receber. Era um sujeito grande, careca, de sorriso alegre.

Seu longo avental branco era imaculado; caminhava sem fazer barulho, com solas de borracha.

— Em que lhe posso ser útil, sr. Marlowe?

A voz era rica e macia para amenizar a dor e levar conforto aos corações ansiosos. O médico está aqui, não precisa se preocupar com nada, tudo vai dar certo. Tinha maneiras de beira de cama, em

camadas grossas e açucaradas.

Era maravilhoso — e era também duro como uma couraça.

— Doutor, estou procurando um homem chamado Wade, um rico alcoólatra que desapareceu de casa. Sua história pregressa sugere que está internado em alguma clínica discreta que possa tratá-lo apropriadamente. Minha única pista é uma referência a um dr. V. O senhor é o terceiro dr. V. que procuro e estou começando a desanimar.

Sorriu, benignamente.

— Apenas seu terceiro V, sr. Marlowe? Com certeza deve existir uma centena de médicos em Los Angeles e pelos arredores cujos nomes começam com V.

— Certo, mas só alguns deles teriam quartos com grades nas janelas. Notei algumas no andar de cima, do lado de fora.

— Idosos — disse o dr. Varley, com tristeza, mas uma tristeza plena e rica. — Solitários idosos, deprimidos e infelizes, Marlowe. Às vezes... — fez um gesto expressivo com a mão, um movimento em curva, para baixo, depois uma pausa, em seguida uma queda suave, como uma folha morta flutuando até o chão. — Eu não costumo tratar de alcoólatras aqui — acrescentou, precisamente. — Agora, se o senhor me desculpar...

— Desculpe, doutor. Por acaso o senhor está na nossa lista. Provavelmente um erro. Alguma coisa sobre um probleminha com o pessoal do Departamento de Narcóticos, há alguns anos.

— Realmente? — Pareceu perturbado, mas a luzinha interna se acendeu. — Ah, claro, um assistente a quem empreguei, sem ter tido

muito cuidado. Por muito pouco tempo. Ele abusou de minha confiança de um modo terrível. Sim, realmente.

— Não foi isso que me disseram. Mas é possível que tenha sido informado errado.

— E como foi informado, sr. Marlowe? — Continuava a me dar um tratamento condigno com seu sorriso, o tom de voz doce.

— Que o senhor teve de entregar o livro de receitas de narcóticos.

Abalou-se um pouco. Não chegou a fechar a cara, mas seu charme ficou algo amortecido. Os olhos azuis apresentavam um brilho frio.

— E qual é a fonte dessa fantástica informação?

— Uma grande agência de detetives que teve facilidades para montar um arquivo sobre este tipo de coisa.

— Uma coleção de chantagistas baratos, sem dúvida.

— Baratos, não, doutor. Eles costumam cobrar cem dólares por dia. A agência é dirigida por um antigo coronel da polícia militar. Não é coisa de centavos, doutor. Cobram alto.

— Deverei dar a ele um pedaço do meu cérebro? — disse o dr. Varley, frio, com certo desgosto. — O nome dele?

O sol acompanhava a disposição do dr. Varley. Ia esfriar à noite.

— Confidencial, doutor. Mas não esquente a cabeça. O nome Wade não lhe lembra nada?

— O senhor deve saber como sair daqui, sr. Marlowe.

A porta de um pequeno elevador abriu-se atrás dele. Uma enfermeira empurrava uma cadeira de rodas. A cadeira continha o que restava de um velho alquebrado. Olhos fechados, pele com um

branco de roupa quarada. Bem coberto. A enfermeira empurrava o carro silenciosamente através do chão encerado, saindo por uma porta lateral. O dr. Varley falou, baixinho: — Idosos. Idosos doentes. Idosos solitários. Não volte, sr. Marlowe. O senhor poderá me chatear. Quando chateado posso ser bastante desagradável. Ou *muito* desagradável.

— Por mim, tudo bem, doutor. Obrigado por perder seu tempo. Um lugar agradável para se morrer este seu, aqui.

— O que disse? — Deu um passo na minha direção e livrou-se de todas as camadas remanescentes de doçura. As linhas suaves do seu rosto transformaram-se em rudes sulcos — Qual é o problema? — disse eu. — Posso ver que o homem que procuro não deve estar aqui. Não procuraria por ninguém neste lugar que não estivesse fraco demais para reagir. Idosos doentes. Solitários idosos. O senhor mesmo disse, doutor. Idosos rejeitados, mas com dinheiro e com herdeiros famintos. A maioria deles provavelmente julgada incompetente pela Justiça.

— Estou ficando chateado — o dr. Varley avisou.

— Comida leve, sedativos leves, tratamento firme. Ponha-os lá fora no sol, ponha-os cá dentro na cama. Coloque grades em algumas janelas no caso de persistir alguma coragem neles. Eles adoram o senhor, doutor, cada um deles.

Morrem segurando a sua mão e vendo a tristeza nos seus olhos. Genuína, além do mais.

— Com toda a certeza — disse ele com um leve ruído da garganta. Suas mãos viraram punhos cerrados. Eu deveria dar o primeiro soco. Mas ele começava a me dar náuseas.

— Certamente. Ninguém gosta de perder um paciente que paga bem. Especialmente aqueles a quem o senhor nem necessita agradar.

— Alguém precisa fazer esse trabalho. Alguém precisa se preocupar com esses tristes idosos, sr. Marlowe.

— Alguém precisa limpar os depósitos de lixo. Chego a achar esse trabalho limpo e honesto. Adeus, dr. Varley. Quando meu trabalho começar a me fazer sentir sujo, pensarei no senhor. Na certa me reanimará muito.

— Seu nojento — disse o dr. Varley por entre os dentes brancos e grandes. — Deveria quebrar seu pescoço. O meu ramo é um ramo honrado, de uma profissão honrada.

— Certo — olhei pra ele sem preocupações. — Sei disso. Apenas tem cheiro de morte.

Ele não me agrediu, portanto fui caminhando em direção à porta. Olhei pra trás das portas duplas e enormes. Não se mexera. Ele tinha um trabalho pela frente: recompor sua aura de doçura.

## 19

Entrei no carro e voltei para Hollywood sentindo-me meio arrasado. Era cedo demais para comer — e quente demais. Liguei o ventilador no meu escritório. Não que ele fosse esfriar o ar: deixava-o apenas mais agitado. Lá fora, na rua, o tráfego fazia um barulho sem fim. Dentro, os pensamentos na minha cabeça se grudavam como moscas em papel pega-mosca.

Três tentativas, três frustrações. Tudo o que havia feito fora visitar médicos demais.

Liguei pra casa dos Wade. Um sotaque meio mexicano atendeu e disse que a sra. Wade não estava. Perguntei pelo sr. Wade. A voz disse que o sr. Wade também não estava. Dei meu nome. Parece que ele tomou nota sem maiores problemas. Disse que era o empregado.

Liguei pra George Peters, na Carne Organization. Talvez ele soubesse de mais alguns médicos. Não estava. Dei um nome falso e o número do telefone certo. Uma hora se arrastou como uma barata doente. Eu era um grão de areia no deserto do esquecimento. Eu era um *cowboy* com dois revólveres mas sem munição. Três tiros, três erros. Odeio quando essas coisas vêm em três. Você visita o sr. A. Nada.

Visita o sr. B. Nada. Visita o sr. C. Outra vez a mesma coisa.

Uma semana depois descobre que deve ter sido o sr. D. Apenas voce não sabia que ele existia e, quando o descobre, o cliente mudou de idéia e encerrou a investigação.

Os drs. Vukanich e Varley eram inviáveis. Varley era rico demais pra ficar brincando com casos de bebum.

Vukanich era um parasita, um cara que fazia as coisas no próprio consultório. A ajudante dele devia saber de tudo.

Pelo menos alguns pacientes também. Para acabar com ele só precisava de uma cabeça doendo e um telefonema. Wade não teria se aproximado dele, sóbrio ou bêbado. Talvez não fosse o cara mais brilhante do mundo — gente de muito sucesso está longe de ser superinteligente — mas não podia ser tão estúpido a ponto de se meter com Vukanich.

A única possibilidade era o dr. Verringer. Ele tinha espaço e reclusão. E provavelmente tinha paciência. Mas Sepulveda Canyon ficava muito longe de Idle Valley. Onde estava o ponto de contato, como eles chegaram a se conhecer? Se Verringer possuía aquela propriedade e tinha um comprador para ela, estava a meio caminho para ficar cheio de grana. O que me deu uma idéia. Liguei para um cara que eu conhecia numa pequena imobiliária, para descobrir qual a situação da propriedade. Sem resposta. A firma já havia terminado o expediente.

Acabei meu expediente também, peguei o carro e fui até La Cienega, até o Bar-B-Q, do Rudy. Dei meu nome para o mestre de cerimônias e aguardei no bar pelo grande momento, com um uísque — *sour* na minha frente e as valsas de Marek Weber nos meus ouvidos. Pouco depois atravessei a corda de veludo que dava para o restaurante e comi um dos "mundialmente famosos" filés *salisbury* do Rudy, que vêm a ser hambúrgueres servidos numa prancha de madeira queimada, rodeados de purê de batatas, ornamentados com



anéis de cebola frita e uma dessas saladas misturadas que os homens costumam comer docilmente nos restaurantes, embora em suas casas provavelmente começariam a gritar com as esposas se elas tentassem servi-las.

Depois disso, fui pra casa. Ao abrir a porta da frente o telefone começou a tocar.

— Eileen Wade, sr. Marlowe. O senhor pediu que eu lhe telefonasse.

— Apenas para saber se surgiu alguma novidade. Estive atrás de médicos o dia inteiro e não fiz nenhum amigo novo.

— Não, sinto muito. Ele ainda não voltou. Não consigo conter a minha ansiedade. Quer dizer que o senhor não tem nada pra me dizer...

Sua voz estava baixa e sem força.

— Esta é uma cidade muito grande, sra. Wade.

— Agora à noite, está fazendo quatro dias...

— Certo, mas não é muito tempo.

— Pra mim, é. — Ficou quieta por um instante. — Tenho pensado muito, tentando me lembrar de alguma coisa... Deve existir algum dado, alguma espécie de fato ou de lembrança. Roger costuma falar muito sobre todo tipo de assunto.

— O nome Verringer lhe diz alguma coisa, sra. Wade?

— Não, creio que não. Deveria me dizer?

— A senhora mencionou que seu marido veio pra casa carregado por um homem alto, vestido de *cowboy*. Reconheceria esse homem

se o visse de novo?

— É possível — ela disse, hesitante —, se as condições forem as mesmas. Mas eu apenas o vi de relance. Ele se chamava Verringer?

— Não, Verringer é um homem pesado, de meia-idade, que dirige, ou, mais exatamente, dirigia, um hotel-fazenda em Sepulveda Canyon. Com ele trabalha um garotão que se veste vistosamente e que se chama Earl. E Verringer se diz médico.

— Isto é ótimo — ela disse, mais entusiasmada. — Não sente que está na pista certa?

— Poderia estar mais por fora do que um gato afogado. Ligo assim que souber. Queria apenas me certificar de que Wade não havia voltado e que a senhora não havia descoberto nada de decisivo.

— Sinto muito por não estar ajudando-o como gostaria. Mas, por favor, pode me ligar a qualquer hora, mesmo que seja tarde da noite.

Disse que faria isso e desligamos. Desta vez levei um revólver e uma lanterna comigo. A arma era um 32, pequeno e compacto com o tambor de munição cheio. O garotão Earl do dr. Verringer podia ter outros brinquedos além do soco inglês. Se fosse o caso, podia ser suficientemente estúpido para querer brincar com suas armas.

Peguei novamente a auto-estrada e dirigi o mais rápido que podia. Era uma noite sem lua e estaria totalmente escuro quando chegasse na entrada do rancho do dr. Verringer. Escuridão era o que eu estava precisando.

Os portões continuavam fechados com corrente e cadeado. Levei o carro mais pra frente e estacionei bem longe da rodovia. Havia ainda alguma luz sob as árvores mas não por muito tempo. Escalei o

portão e fui para o lado da colina, procurando uma trilha mais escondida. Pensei ter ouvido, lá longe no vale, o grito de alguma ave. Um pombo selvagem clamando contra os mistérios da vida. Não havia nenhuma trilha ou pelo menos não consegui encontrá-la; voltei portanto para a estrada e fui caminhando por sua margem.

Os eucaliptos deram lugar aos carvalhos, atravessei a elevação e lá longe pude ver algumas luzes. Levei três quartos de hora para contornar a piscina por trás e a quadra de tênis até chegar num lugar onde podia olhar pra baixo, na direção da construção principal no final da estrada. Estava iluminada e ouvi música vindo de lá. Mais distante ainda, três cabanas estavam acesas. Havia cabanas pequenas e escuras pontilhando o lugar todo, no meio das árvores. Segui então uma trilha e de repente uma luz se acendeu nos fundos da cabana principal. Parei como se estivesse morto. A luz da lanterna não procurava por nada. Apontava bem pra baixo e fez um enorme círculo de luz na varanda dos fundos e no terreno em volta. Aí então uma porta se abriu e Earl apareceu. Sabia agora que estava no lugar certo.

Earl vestia-se de *cowboy* nesta noite e havia sido um *cowboy* que levara Roger Wade pra casa, na última vez. Ele enrolava um laço. Vestia uma camisa escura com partes brancas e um lenço de bolinhas amarrado frouxamente no pescoço; um cinto largo de couro com uma grande fivela de prata e um par de cartucheiras trabalhadas com revólveres de cabo de marfim. Usava calças de montaria elegantes e botas com fios brancos, brilhando de novas. Nas costas, usava um sombrero branco e o que parecia ser uma corda prateada caía frouxamente sobre a camisa, com as pontas soltas.

Ficou lá, sozinho, sob aquela luz, girando o laço no ar à sua volta,

pisando pra frente e pra trás, um ator sem audiência, um mocinho alto, elegante e simpático fazendo um espetáculo para ele mesmo e adorando tudo o que fazia. *Two-Gun* Earl, o Terror de Chochise County. Parecia personagem de um desses hotéis-fazendas tão metidos a autênticos, em que até a telefonista usa botas de *cowboy* para trabalhar.

De repente ouviu um barulho ou fingiu ouvir. O laço caiu, as mãos tiraram os dois revólveres dos coldres e a ponta dos polegares já levantavam o gatilho quando os revólveres estavam retos. Seus olhos vasculharam a escuridão. Não me atrevia a mexer um músculo. As malditas armas podiam estar carregadas. Mas a luz que caía em cima dele parecia cegá-lo e ele não enxergava nada. Os revólveres voltaram para os coldres; agarrou o laço, enrolou-o e voltou pra dentro da casa. A luz se foi e eu também.

Dei a volta por trás das árvores e cheguei perto da pequena cabana iluminada na ladeira. Nenhum som vinha de lá. Aproximei-me de uma janela protegida com tela e espiei. A luz vinha de uma lâmpada na mesinha ao lado da cama. Havia um homem deitado de costas, corpo relaxado, braços em mangas de pijamas do lado de fora das cobertas, olhos bem abertos, fixos no teto. Parecia grande. O rosto estava parcialmente coberto por uma sombra, mas podia ver que ele parecia pálido, que precisava fazer a barba e não era de hoje. Os dedos abertos jaziam imóveis no lado de fora da cama. Ele parecia estar sem se mover há horas.

Escutei passos ao longo da trilha no lado de fora da cabana. A porta de tela rangeu e então a sólida figura do dr. Verringer surgiu na entrada. Trazia o que parecia ser um copo grande de suco de tomate. Acendeu a luz interna. Sua camisa havaiana brilhou amarelamente.

O homem na cama nem olhou pra ele.

O dr. Verringer colocou o copo na mesinha de cabeceira, puxou uma cadeira pra perto e se sentou. Pegou um dos braços do homem e ficou tomando o pulso.

— Como está se sentindo agora, sr. Wade? — a voz era gentil e solícita.

O homem deitado não respondeu, sequer olhou pra ele. Continuou com os olhos fixos no teto.

— Vamos, vamos, sr. Wade. Não sejamos temperamentais. Seu pulso está apenas levemente acima do normal. O senhor está fraco, mas por outro lado...

— Tejjy — disse o homem na cama de repente —, diga a esse homem que se ele sabe como estou me sentindo, o filho da puta não precisa se incomodar em me fazer perguntas. — A voz era boa e clara, mas o tom era amargo.

— Quem é Tejjy? — perguntou o dr. Verringer, pacientemente.

— Minha interlocutora. Está lá em cima no teto.

O dr. Verringer olhou pro alto.

— Estou vendo uma pequena aranha. Pare de representar, sr. Wade. Comigo, não é necessário.

— *Tegenaria domestica*, a popular e comum aranha, meu caro. Gosto de aranhas. Elas praticamente nunca usam camisas havaianas.

O dr. Verringer mordeu os lábios.

— Não tenho tempo para brincadeiras, sr. Wade.

— Não há nada de brincadeira em relação a Tejjy. — Wade virou a

cabeça lentamente, como se ela pesasse demais, e olhou insolentemente para o dr. Verringer. — Tejjy é séria como o diabo. Ela sobe em cima da gente. Quando a gente não está olhando, ela dá saltos rápidos e silenciosos. Depois de certo tempo, se aproxima bastante. A gente fica seco, chupado, doutor. Muito seco. Tejjy não come a gente. Apenas chupa o sumo até não restar mais nada, a não ser a pele. Se o senhor pretende usar essa camisa por mais tempo, doutor, eu diria que isso não irá acontecer tão cedo.

O dr. Verringer encostou-se na cadeira.

— Eu preciso de cinco mil dólares — disse, calmamente. — Quando vou conseguir...

— O senhor tem seiscentos e cinqüenta paus. Assim como meus trocados. Quanto mais é que custa ficar aqui neste bordel?

— Isso é comida pras galinhas. Já lhe disse que os preços subiram.

— Não disse que elas foram removidas para Mount Wilson?

— Não brinque comigo, Wade. Não está em posição de ser engraçadinho. Além do mais, traiu minha confiança.

— Não sabia que tinha alguma confiança.

O dr. Verringer bateu de leve no braço da cadeira.

— Você me chamou no meio da noite. Estava numa situação desesperadora. Disse que ia se matar se eu não viesse. Eu não queria e você sabia muito bem por quê. Não tenho licença pra praticar medicina neste estado. Estou tentando me livrar desta propriedade sem perder tudo. Tenho Earl pra tomar conta e ele está a ponto de entrar em crise. Eu lhe disse que lhe custaria muito dinheiro. Mesmo

assim insistiu e eu fui. Quero cinco mil dólares.

— Eu estava de bebida até aqui — disse Wade, levando a mão à testa. — Não se pode negociar com uma pessoa nesse estado. Você já foi mais do que bem pago.

— Além do mais — o dr. Verringer continuou lentamente —, você disse meu nome à sua esposa. Disse a ela que eu estava vindo apanhá-lo.

Wade surpreendeu-se.

— Não fiz nada disso, nem cheguei a vê-la. Ela dormia.

— Numa outra oportunidade, então. Um detetive particular esteve aqui à sua procura. Não havia como ele descobrir onde procurá-lo, a não ser que alguém lhe dissesse. Consegui me livrar dele, mas ele pode voltar. Você precisa ir pra casa, Wade. Mas antes quero meus cinco mil dólares.

— Você não é o sujeito mais inteligente do mundo, não é mesmo? Se a minha mulher sabia onde eu estava, por que precisaria de um detetive? Poderia ter vindo em pessoa, supondo que ela se importe comigo. Poderia ter vindo com Candy, nosso empregado. Candy cortaria seu Garotão Azul em pedacinhos enquanto seu Garotão Azul estivesse pensando que filme ele iria estrelar hoje.

— Você tem uma língua nojenta, Wade. E uma cabeça nojenta.

— E tenho também cinco mil dólares nojentos. Tente pegá-los.

— Você vai me fazer um cheque — disse o dr. Verringer, com voz firme. — E agora mesmo. Depois vai se vestir e Earl vai levá-lo pra casa.

— Um cheque? — Wade quase ria. — Claro que vou lhe dar um

cheque. Ótimo. Como irá descontá-lo?

O dr. Verringer sorriu, tranqüilamente.

— Você pensa que vai suspender o cheque, Wade. Mas não vai, não. Garanto que não vai.

— Seu larápio gordo! — Wade gritou.

O dr. Verringer balançou a cabeça.

— Em algumas coisas, sim. Não em todas. Sou uma personalidade complexa, como a maioria das pessoas. Earl vai levá-lo pra casa.

— Necas. Esse sujeitinho faz minha pele toda se arrepiar.

O dr. Verringer levantou-se gentilmente, inclinou-se e bateu no ombro do homem na cama.

— Pra mim Earl não faz mal a ninguém, Wade. Sei como controlá-lo.

— Pois diga como — uma nova voz surgiu e Earl entrou no quarto com sua fantasia de Roy Rogers. O dr. Verringer virou-se pra ele, sorrindo.

— Mantenha esse psicótico longe de mim — Wade gritou, revelando medo pela primeira vez.

Earl pôs as mãos no cinturão enfeitado. Seu rosto não revelava nenhuma expressão. Um leve som de assobio surgiu por entre seus dentes. Moveu-se lentamente pra dentro do quarto.

— O senhor não devia ter dito isso. — O dr. Verringer falou rapidamente, virando-se para Earl. — Tudo bem, Earl. Eu mesmo tomo conta do sr. Wade. Vou ajudá-lo a se vestir enquanto você traz o carro até aqui, o mais próximo possível da cabana. O sr. Wade está



um pouco fraco.

— E vai ficar muito mais fraco ainda — Earl falou com uma voz que era quase um assobio. — Sai da frente, gorducho.

— Escute, Earl... — o dr. Verringer jogou-se pra frente e agarrou o braço do jovem —, você não vai querer voltar para Camarillo, vai? Uma palavra minha e...

Foi até onde conseguiu falar. Earl deu um arrancão com o braço e sua mão direita surgiu com um brilho de metal. O punho com a soqueira chocou-se contra o maxilar do dr. Verringer. Ele caiu como se atingido por um tiro no coração. A queda sacudiu a cabana.

Comecei a correr.

Cheguei até a porta e escancarei-a. Earl voltou-se rapidamente, inclinando-se um pouco pra frente e olhando sem me reconhecer. Havia um som estranho saindo de seus lábios. Partiu rápido pra cima de mim.

Puxei o revólver e mostrei pra ele. Não se importou.

Ou os revólveres dele não estavam com balas ou ele simplesmente se esquecera deles. O soco inglês era tudo o que precisava. Mas continuou se aproximando.

Dei um tiro através da janela aberta do outro lado da cama. O barulho que o revólver fez dentro do pequeno quarto foi muito maior do que esperava. Earl parou, imóvel. Virou a cabeça e olhou para o buraco na tela da janela. Olhou de volta pra mim. Lentamente seu rosto se reavivou e ele sorriu.

— O que está havendo? — perguntou, alegremente.

— Joga fora o soco inglês — disse, olho no olho.

Surpreso, olhou para sua mão. Tirou o soco inglês e jogou num canto.

— Agora o cinturão. E não toque nos revólveres...

— Não estão carregados — ele sorriu. — Porra, não são nem revólveres, são armas de fantasia.

— O cinturão. Depressa.

Ele olhou pra meu 32, cano curto.

— Esse aí é de verdade? Ah, claro que é. A tela. Sim, o buraco na tela.

O homem na cama não estava mais na cama. Estava atrás de Earl. Rápido, ele puxou um dos revólveres. Earl não gostou. Dava pra ver no seu rosto.

— Fique de olho nele — disse, com raiva. — Ponha isso onde você pegou.

— Ele tem razão — disse Wade. — São revólveres de brinquedo. — Recuou e colocou a pistola brilhante em cima da mesa. — Meu Deus, como estou me sentindo fraco...

— Tire esse cinturão — eu disse pela terceira vez. Quando se começa alguma coisa com um cara como Earl, é melhor ir até o fim. Faça tudo com simplicidade e não mude de idéia. Finalmente ele obedeceu, com modos gentis. Depois segurando o cinturão, caminhou até a mesa, pegou a outra pistola, pôs no coldre e novamente colocou o cinturão. Deixei que fizesse isso. Só então ele viu o dr. Verringer esparramado no chão contra a parede. Soltou um som de preocupação atravessou rapidamente o quarto e entrou no banheiro, voltando com uma jarra de água. Jogou a água no rosto do

dr. Verringer. Ele reagiu e rolou o corpo. Depois gemeu, levou a mão ao queixo e começou a se levantar. Earl ajudou-o.

— Desculpe, Doc. Devo ter deixado minha mão agir sem ver quem era...

— Está bem, nada quebrado — disse Verringer, afastando-o com a mão. — Traga o carro até aqui, Earl. E não esqueça da chave do portão.

— Carro até aqui, claro. Agora mesmo. Chave do portão. Já peguei. Agora mesmo, *Doc*.

Saiu do quarto assobiando.

Wade estava sentado num lado da cama, trêmulo, olhando.

— Você deve ser o detetive que ele mencionou. Como conseguiu me encontrar?

— Perguntando aqui e ali pras pessoas que conhecem essas coisas. Se quer ir pra casa é melhor se vestir.

O dr. Verringer estava encostado contra a parede, massageando o queixo. Disse, numa voz densa: — Vou ajudá-lo. Não faço outra coisa senão ajudar as pessoas e tudo o que elas me dão de volta é um soco nos dentes.

— Entendo como o senhor se sente — eu disse.

E saí, deixando os dois ocupados.

## 20

O carro estava perto quando eles saíram, mas Earl havia desaparecido. Parou o carro, apagou as luzes e desceu em direção à grande cabana sem me dizer nada. Continuava assobiando, tentando lembrar uma música meio esquecida.

Wade entrou com muito cuidado no banco de trás e me sentei ao seu lado. O dr. Verringer dirigia. Se seu queixo doía terrivelmente ou sua cabeça latejava, ele nada demonstrou nem disse. Fomos pela trilha acima e depois abaixo até o final da estrada arenosa. Earl já havia descido e aberto o cadeado e o portão. Falei pro dr. Verringer onde estava meu carro e ele parou bem próximo, Wade entrou nele e sentou-se em silêncio, olhando pra coisa nenhuma.

O dr. Verringer desceu e deu a volta, ficando do lado dele.

Gentilmente, falou com Wade.

— A respeito dos meus cinco mil dólares, sr. Wade. O cheque que me prometeu...

Wade recostou-se e descansou a cabeça na parte de trás do banco.

— Vou pensar no seu caso.

— O senhor prometeu. Eu preciso.

— Coação, esta é a palavra, Verringer; uma ameaça. Agora eu estou protegido.

— Eu alimentei você e dei banho em você — o dr. Verringer insistiu. — Fui buscá-lo no meio da noite. Protegi você, curei você,

pelo menos por enquanto.

— Não chega a valer cinco mil. Você já pegou o suficiente do meu bolso.

O dr. Verringer não estava a fim de desistir.

— Tenho uma promessa de contato em Cuba, sr. Wade.

O senhor é um homem rico. Deveria ajudar os outros que passam necessidade. Tenho Earl pra tomar conta. Para me candidatar a esta oportunidade, preciso de dinheiro. Vou pagá-lo de volta integralmente.

Me senti meio contrafeito. Queria fumar mas temia que Wade ficasse enjoado.

— Vai me pagar de volta uma pinóia. Você não vai viver pra tanto. Numa noite dessas, o Garotão Azul vai matá-lo enquanto estiver dormindo.

O dr. Verringer deu um passo pra trás. Eu não podia ver sua expressão, mas sua voz endureceu: — Há formas mais desagradáveis de morrer. Acho que sua morte será por uma dessas maneiras.

Voltou para seu carro e entrou. Guiou até o portão e desapareceu. Dei marcha a ré, depois meia-volta e me dirigi para a cidade. Uma ou mais milhas mais tarde, Wade murmurou: — Por que eu deveria dar cinco mil dólares para esse gordo pegajoso?

— Por razão nenhuma.

— Então por que estou me sentindo um sacana por não dar o dinheiro a ele?

— Por razão nenhuma.

Virou a cabeça só a ponto de poder me olhar.

— Ele cuidou de mim como de um bebê. Raramente me deixou sozinho, com medo que Earl aparecesse e me batesse. Tirou cada centavo que encontrou nos meus bolsos.

— Provavelmente você disse para ele fazer isso.

— Você está do lado dele?

— Esquece. Pra mim, isto é apenas um trabalho.

Silêncio por alguns quilômetros mais. Passamos pelas cercanias de um dos subúrbios marginais à cidade. Wade falou de novo: — Talvez eu ainda dê o dinheiro a ele. Ele está falido. O local está fechado. Não vai conseguir nem um centavo com ele. Tudo por culpa daquele psicótico. Por que ele faz isso?

— Não sei.

— Sou um escritor. Eu deveria saber por que as pessoas piram. Mas não entendo porra nenhuma a respeito de ninguém.

Virei o carro num sinal e depois de uma elevação as luzes do vale se esparramaram à nossa frente. Baixamos para a auto-estrada Norte e Oeste que vai dar em Ventura. Depois de algum tempo, atravessamos Encino. Parei num sinal e olhei as luzes lá no alto da colina onde ficavam as grandes mansões. Numa delas os Lennox haviam morado. Fomos em frente.

— A entrada pra minha casa está perto. Talvez você saiba.

— Sei.

— Por falar nisso, não me disse seu nome.

— Philip Marlowe.

— Bom nome. — Sua voz mudou visivelmente, dizendo: — Espera um minuto. Você é o cara que estava envolvido com Lennox?

— Sou.

Ele me olhava dentro da escuridão do carro. Passamos o último edifício da avenida principal de Encino.

— Eu conhecia a sra. Lennox. Um pouco. Nunca cheguei a vê-lo. Trabalho esquisito o seu. Os caras da polícia lhe deram um tratamento duro, não foi?

Não respondi.

— Talvez não goste de falar sobre isto.

— Pode ser. Por que iria lhe interessar?

— Ora, sou um escritor. Deve ser uma história e tanto.

— Fique de folga esta noite. Você deve estar se sentindo bastante fraco.

— Tudo bem, Marlowe. Tudo bem. Você não gosta de mim. Entendi.

Chegamos à curva final e deixei o carro deslizar por ela, em direção às colinas baixas e ao vale entre elas que era o Idle Valley.

— Não gosto nem desgosto, não conheço você. Sua esposa pediu para que eu o encontrasse e o trouxesse pra casa. Quando entregá-lo em casa, tarefa cumprida. Por que ela me escolheu, não sei. Como disse, é apenas um trabalho.

Viramos numa encosta da colina e chegamos a uma rua bem mais ampla e pavimentada. Disse que sua casa ficava pouco além, do lado direito. Disse o número, que eu já sabia. Para um sujeito na sua

situação, até que era um conversador insistente.

— Quanto é que ela está lhe pagando?

— Não discutimos isso.

— O que quer que seja, não será o suficiente. Devo-lhe muitos agradecimentos. Você fez um grande trabalho, cara. Eu não valia o risco.

— É apenas como se sente nesta noite.

Ele riu.

— Quer saber de uma coisa, Marlowe? Eu até que poderia gostar de você. Você é meio sacana, como eu.

Chegamos à casa. Era uma casa de dois andares com um teto de zinco rodeando-a toda, um pequeno portal com colunatas e um longo terreno de entrada até uma compacta fileira de arbustos na parte de dentro da cerca branca. Havia uma luz acesa no lado de fora. Entrei no estacionamento e parei perto da garagem.

— Vai conseguir sair sem ajuda?

— Claro. — Saiu do carro. — Não quer entrar pra tomar um drinque ou qualquer coisa?

— Hoje, não, obrigado. Vou esperar aqui até você entrar.

Ele aspirou fundo, parado.

— Tudo bem — disse, rapidamente.

Virou-se e foi caminhando com cuidado ao longo da aléia de entrada até a porta da frente. Segurou-se numa das colunatas brancas por um instante, depois tentou a porta. Abriu e entrou. A porta ficou aberta e a luz se esparramou pela relva. Houve um súbito



ruído de vozes. Comecei a dar marcha a ré, seguindo a luz da entrada. Alguém chamou.

Olhei e vi Eileen Wade parada na porta aberta. Continuei avançando e ela começou a correr. Tive portanto de parar. Desliguei os faróis e desci do carro. Quando ela se aproximou, eu disse: — Eu deveria ter ligado, mas fiquei com medo de deixá-lo sozinho.

— Claro. Teve muito trabalho?

— Bem mais do que simplesmente apertar uma campainha.

— Por favor entre um pouco e me conte tudo.

— Ele precisa ir pra cama. Amanhã estará novinho em folha.

— Candy vai colocá-lo na cama. Ele não vai beber hoje, se é isso que você está pensando.

— Nem me ocorreu. Boa-noite, sra. Wade.

— O senhor deve estar cansado. Não quer mesmo beber alguma coisa?

Acendi um cigarro. Parecia que não sentia o gosto do fumo há algumas semanas. Fumei como se bebesse.

— Talvez só uma tragada — disse ela.

— Certo. Pensei que a senhora não fumasse.

— Nem sempre. — Ela se aproximou e lhe ofereci o cigarro. Puxou a fumaça e tossiu. Devolveu o cigarro, rindo.

— Sou uma fumante amadora, como pode ver.

— Quer dizer que conhecia Sílvia Lennox? Foi por isso que resolveu me contratar?

— Conhecia quem? — Ela parecia perturbada.

— Sílvia Lennox. — Com o cigarro de volta, parecia agora comê-lo, voraz.

— Ah — ela disse, surpresa. — Aquela moça que foi... assassinada. Não, não a conhecia pessoalmente. Sábua quem ela era. Não cheguei a lhe dizer?

— Desculpe, simplesmente devo ter esquecido o que a senhora me disse.

Ela continuava lá em pé tranqüilamente, perto de mim, magra e alta em seu vestido branco. A luz que vinha da porta principal tocava as pontas de seus cabelos, fazendo-os brilhar levemente.

— Por que me perguntou se isso tinha alguma coisa a ver com minha intenção de, como você diz, contratá-lo? — Como não respondi logo, ela acrescentou: — Roger disse que conhecia ela?

— Ele falou qualquer coisa sobre o caso quando eu lhe disse meu nome. Não ligou o nome diretamente, mas logo depois. É que falava tanto que não lembro da metade do que disse.

— Entendo. Preciso entrar, sr. Marlowe, e ver se meu marido necessita de alguma coisa. E se o senhor não quiser entrar...

— Tenho algo para deixar... — disse eu.

Agarrei-a e puxei-a contra mim, segurando as costas de sua cabeça por trás. Beijei-a nos lábios com força. Ela não lutou nem correspondeu. Afastou-se de mim em silêncio e continuou me olhando.

— O senhor não devia ter feito isso. Foi um erro. O senhor parece uma pessoa tão legal.

— Certo, um erro meu — concordei. — Mas tenho sido um

cãozinho armado tão fiel e bem comportado o dia inteiro, me envolvendo com uma das aventuras mais tolas que já me envolvi na vida, que chego a duvidar se tudo não passe de um roteiro que alguém escreveu para eu interpretar. Sabe de uma coisa? Acho que a senhora sabia todo este tempo onde ele estava — pelo menos conhecia o nome do dr Verringer. Queria apenas que me envolvesse com ele, tivesse uma alteração qualquer com ele, para que sentisse certa responsabilidade pelo caso. Ou será que estou louco?

— É claro que está louco — disse ela, friamente. — Esse foi o maior absurdo que eu já ouvi.

Começou a voltar pra casa.

— Espere — disse eu. — Este beijo não vai deixar cicatriz nenhuma. A senhora apenas acha que vai. E não me diga que eu sou um cara legal. Prefiro ser um cafajeste.

Ela olhou de volta:

— Por quê?

— Se eu não tivesse sido um cara legal com Terry Lennox, ele ainda estaria vivo.

— Mesmo? — disse ela, tranqüilamente. — Como pode ter tanta certeza assim? Boa-noite, sr. Marlowe. E muito obrigado por quase tudo.

Caminhou de volta pelo gramado. Olhei-a entrar na casa. A porta fechou-se. A luz do lado de fora apagou-se.

Abanei a mão para ninguém e fui embora.

## 21

Na manhã seguinte, levantei tarde por conta dos altos honorários que ganhara na noite anterior. Bebi uma xícara extra de café, fumei um cigarro extra, comi uma fatia extra de bacon e pela trezentésima vez jurei que nunca mais iria usar um barbeador elétrico. Tudo isso torna o dia normal. Cheguei ao escritório por volta das dez, peguei os altos e baixos da correspondência; abri os envelopes e deixei tudo cair na mesa. Abri bem as janelas para deixar sair o cheiro de poeira e sujeira que se juntara durante a noite e que permanecia ainda pelo ar, nos cantos da sala e nas venezianas. Uma mariposa morta estava, de asas abertas, num canto da escrivaninha. Na janela uma abelha com asas partidas zumbia de uma maneira remota e cansada, como se soubesse da inutilidade do gesto, pois estava no fim; havia voado num demasiado número de missões e nunca mais voltaria para sua colméia.

Sabia que ia ser um daqueles dias malucos. Acontece com todo mundo. Dias em que ninguém dava as caras a não ser os sujeitos de parafusos soltos, os pirados que misturam seus cérebros com goma de mascar, os esquilos que não conseguem encontrar nozes, os mecânicos que sempre têm um pneu sobressalente.

O primeiro foi um sujeito grande, loiro, truncado chamado Kuissenen ou qualquer nome finlandês como esse.

Esparramou seu traseiro na cadeira de clientes e plantou suas duas enormes e desengonçadas mãos na minha escrivaninha, dizendo que era um operário especializado que morava em Culver

City e que a maldita mulher que morava na casa ao lado estava tentando envenenar seu cachorro. Todas as manhãs antes de deixar o cachorro dar uma volta pelo pátio, ele precisava vasculhar o local de cerca a cerca procurando um bolo de carne jogado na plantação de batata da vizinha.

Já havia encontrado nove bolos de carne misturados com um pó esverdeado que tinha certeza ser arsênico.

— Quanto custa vigiá-la e pegá-la com a mão na botija? — Ele me olhou sem piscar como um peixe no aquário.

— Por que o senhor mesmo não se encarrega disso?

— Preciso trabalhar pra viver, meu senhor. Estou perdendo quatro dólares e vinte e cinco centavos por hora pra vir até aqui consultá-lo.

— Já tentou a polícia?

— Tentei. Talvez lá pro próximo ano eles se aproximem do meu quintal. No momento estão ocupados vigiando a MGM.

— E a Sociedade Protetora de Animais? O Tailwaggers?

— O que é isto?

Expliquei o que era o Tailwaggers. Mas estava longe de se interessar. Sabia da Sociedade, que podia resolver tudo num pulo. Mas eles não podem ver nada menor do que um cavalo.

— Lá na porta diz que o senhor é um investigador — ele disse, truculento. — Pois muito bem, saia em campo e investigue. Cinquenta mangos se conseguir apanhá-la.

— Sinto muito, estou ocupado. Passar algumas semanas escondido num buraco qualquer do seu quintal está fora da minha

linha de trabalho, de qualquer forma — mesmo por cinquenta dólares.

Ele levantou-se, me fulminando com o olhar.

— Grande figurão. Não precisa de dinheiro, hem? Não pode ser incomodado salvando a vida dum totozinho. Bolas pra você, grande figurão.

— Também tenho meus problemas, sr. Kuissenen.

— Vou torcer aquele pescoço de merda se pegar ela — disse, e eu não tinha dúvidas que ele faria isso mesmo. Poderia torcer a perna de um elefante. — É sempre isso que acontece quando eu preciso de alguém. Só porque meu cachorro late quando um carro entra em casa. Aquela velha cadela azeda.

Foi indo pra porta.

— O senhor tem certeza que é o cachorro que ela quer envenenar? — perguntei-lhe pelas costas.

— Claro que tenho certeza. — Ele estava a meio caminho da porta quando percebeu o que eu havia dito. Virou-se então, rápido. — Repete isso aí, cara.

Apenas balancei a cabeça. Não queria brigar. Ele poderia atingir minha cabeça com a escrivantina. Fez uma cara feia e foi-se, praticamente levando a porta com ele.

A próxima delícia que me caiu no prato foi uma mulher, não muito velha nem muito jovem, nem muito limpa nem muito suja, obviamente pobre, miserável, briguenta e estúpida. A moça com quem dividia um quarto — no meio dela qualquer mulher que trabalha é uma moça — estava tirando dinheiro da sua carteira. Um

dólar hoje, quatro notas amanhã, no fim das contas, uma boa soma. Calculava que já havia perdido nesta história uns vinte dólares. Era muito pra ela. Não tinha condições de se mudar. Não tinha condições também de contratar um detetive. Achava que eu poderia dar um susto na sua companheira de quarto, talvez apenas por telefone, sem mencionar nomes.

Levou vinte minutos ou mais pra me contar isso. Vasculhava a bolsa sem parar enquanto falava.

— Qualquer pessoa que a senhora conhece poderia fazer isso.

— Sim, mas o senhor sendo um detetive e tudo o mais...

— Eu não tenho permissão para assustar pessoas sobre quem nada sei.

— Vou dizer a ela que estive com o senhor. Não preciso dizer que se trata dela. Digo apenas que o senhor está trabalhando no caso.

— Eu não faria isso, se fosse a senhora. Se mencionar meu nome, ela poderá me ligar. E se ela me ligar, contarei a verdade.

Levantou-se e apertou sua bolsa miserável contra o estômago.

— O senhor não é um cavalheiro.

— Onde está escrito que eu deva ser?

Saiu resmungando.

Depois do almoço, recebi o sr. Simpson W. Edelweiss.

Tinha um cartão de visita para provar quem era. Gerente de uma loja de máquinas de costura. Era um homem pequeno e cansado de cerca de quarenta e oito anos ou cinqüenta, mãos e pés pequenos, vestindo um terno marrom com mangas longas demais, e um

colarinho branco rígido atrás de uma gravata púrpura com pontinhos pretos. Sentou na beira da cadeira sem nervosismos e me olhou com seus olhos negros e tristes. Os cabelos também eram pretos, duros e rudes, sem nenhum fio branco que eu notasse.

Tinha um pequeno bigode com um tom avermelhado. Poderia passar por um sujeito de trinta e cinco anos se não se visse as costas de suas mãos.

— Pode me chamar de Simp. Todo mundo me chama assim. Me acostumei. Sou um judeu casado com uma mulher de outra religião, de quarenta e quatro anos, bonita. Ela já saiu de casa algumas vezes antes.

Tirou uma foto e me mostrou. Ela poderia parecer bonita pra ele. Pra mim, era grande, tipo da mulher desleixada e avacalhada, com a boca murcha.

— Qual é seu problema, sr. Edelweiss? Não trato de divórcios. — Tentei dar-lhe a foto de volta. Ele abanou a mão.

— Sempre trato meus clientes de "senhor". Pelo menos até eles me contarem algumas dúzias de mentiras.

Sorriu.

— Mentira não é comigo. Não se trata de um caso de divórcio. Apenas quero Mabel de volta. Mas ela não voltará até eu encontrá-la. Pra ela, é como se fosse uma espécie de jogo.

Falou a respeito da mulher, pacientemente, sem rancor.

Bebia, dava suas voltinhas por aí, não era uma esposa muito boa pelos seus padrões, mas ele possivelmente havia sido criado de uma forma meio rígida. Ela tinha um coração tão grande quanto uma



casa, disse, e ele a amava. Não era de se enganar, não era um sonhador, apenas um trabalhador que trazia o pagamento pra casa. Tinham conta bancária conjunta. Ela havia esvaziado a conta, mas ele estava preparado pra isso. Tinha uma boa idéia com quem ela andava dormindo, e se estivesse certo o sujeito iria pegar todo o dinheiro e jogá-la no olho da rua.

— O nome dele é Kerrigan. Monroe Kerrigan. Não sou de falar mal dos católicos. Existem muitos judeus ruins também. Este Kerrigan é barbeiro, quando trabalha. Tampouco estou a fim de falar mal dos barbeiros. Mas a maioria deles é meio malandra. Não são estáveis.

— Você quer encontrá-la depois que ela estiver dura?

— Ela fica terrivelmente envergonhada. Pode chegar a se machucar.

— É um trabalho para o Departamento de Pessoas Desaparecidas, sr. Edelweiss. O senhor devia ir até a polícia e contar a história toda.

— Não. Não estou querendo falar mal da polícia, mas não é assim que pretendo lidar com o caso. Mabel seria humilhada.

O mundo parecia estar cheio de pessoas sobre quem o sr. Edelweiss não estava a fim de falar mal. Pôs algum dinheiro em cima da escrivania.

— Duzentos dólares. Pagamento antecipado. Prefiro fazer a coisa a minha maneira.

— Irá acontecer de novo — disse eu.

— Claro. — Encolheu os ombros e esticou a mão, gentilmente. — Mas ela tinha vinte e quatro anos e eu quase cinquenta. Como

poderia ser diferente? Depois de certo tempo, ela irá se acomodar. O problema é... sem filhos. Ela não pode ter filhos. Um judeu gosta de ter família. E Mabel sabe disso. Se sente humilhada.

— O senhor é um homem que perdoa muito, sr. Edelweiss.

— Bem, não sou um cristão. E não estou a fim de falar mal dos cristãos, o senhor compreende. Mas, comigo, é a realidade. Não sou apenas de falar. Faço as coisas. Ah, quase ia me esquecendo do mais importante...

Tirou uma foto do tamanho de um cartãopostal e me estendeu através da escrivaninha, além do dinheiro.

— Ela me mandou isto de Honolulu. O dinheiro vai rápido em Honolulu. Um dos meus tios tinha uma joalheria por lá. Está aposentado. Mora em Seattle.

Peguei a foto novamente.

— Terei de subdividir o trabalho com outros. E vou precisar de cópias disto.

— Sabia que o senhor diria isso, sr. Marlowe, antes mesmo de entrar aqui. Por isso vim preparado.

Tirou um envelope com cinco cópias.

— Tenho uma de Kerrigan também, mas é apenas um instantâneo. — Pôs a mão num outro bolso e puxou outro envelope. Olhei para Kerrigan. Tinha uma cara levemente desonesta, o que não chegou a me surpreender. Três cópias de Kerrigan.

O sr. Simpson W. Edelweiss deu-me outro cartão, com seu nome, endereço residencial, número de telefone. Disse que esperava que não custasse muito mais do que duzentos, mas que atenderia de

imediatamente qualquer pedido meu por mais fundos e esperava notícias minhas.

— Duzentos dólares estão bem próximos do que será necessário, se ela ainda estiver em Honolulu. O que eu preciso agora é de uma descrição física detalhada dos dois, para redigir um telegrama. Peso, altura, idade, cor, alguma cicatriz visível ou outra marca identificável qualquer, que roupa ela estava usando e que roupas levou, quanto dinheiro tinha na conta que ela raspou. Se já passou por isso antes, sr. Edelweiss, sabe do que preciso.

— Tenho uma intuição muito especial sobre esse Kerrigan. Perturbadora.

Passei outra meia hora espremendo o homem e tomando nota do que ele dizia. Depois ele se levantou tranqüilamente, tranqüilamente apertou minha mão, baixou a cabeça, e tranqüilamente saiu do escritório.

— Diga a Mabel que está tudo bem — disse, antes de desaparecer.

Tudo transformou-se em rotina. Mandei um telegrama para uma agência em Honolulu e um envelope contendo as fotos e as informações. Eles a encontraram trabalhando como ajudante de camareira num hotel de luxo, esfregando banheiras, chãos de banheiros e assim por diante. Kerrigan havia feito exatamente o que o sr. Edelweiss esperava: levou todo o dinheiro dela enquanto ela dormia e se mandou, deixando-a com a conta do hotel para pagar. Ela tinha um anel que Kerrigan só poderia ter tirado com violência e vendeu-o para pagar a conta do hotel. Mas não conseguiu comprar a passagem de volta.

Edelweiss não teve dúvidas: pegou um avião e foi atrás dela. Ele

era bom demais pra ela. Mande-i-lhe uma conta de vinte dólares e os custos do longo telegrama. A agência de Honolulu ficou com os duzentos dólares. Com um retrato de Madison guardado no escritório, eu podia me dar ao luxo de ser subpago.

Assim se passam os dias na vida de um I.P<sup>[1]</sup> Não um dia típico exatamente, mas também não totalmente atípico. o que faz um homem continuar neste tipo de trabalho é coisa que ninguém sabe. Não se fica rico, nem mesmo se chega a se divertir muito. Às vezes leva-se uma surra ou um tiro ou se é jogado numa cadeia. Vez ou outra, consegue-se ser morto. Todo mês a gente decide que vai desistir e encontrar uma ocupação mais tranqüila, que nos permita caminhar sem ficar virando a cabeça. Mas então toca a campainha da porta, você abre a porta interna que dá para a sala de recepção e lá está um novo rosto com um novo problema, um novo conjunto de aflições e um pouquinho de dinheiro.

— Pode entrar, sr. Thingummy. O que posso fazer pelo senhor?

Deve haver uma razão.

Três dias depois, no começo da noite, Eileen Wade me ligou, convidando pra aparecer na sua casa para um drinque, na noite seguinte. Iam receber um pequeno grupo de amigos para um coquetel. Roger gostaria de me ver e de me agradecer adequadamente. E, por favor, o senhor me traria a conta?

— A senhora não me deve nada, sra. Wade. Pelo pouco que fiz, já fui pago.

— Eu devo ter parecido uma boba, reagindo como uma puritana. Um beijo hoje em dia parece que não significa muita coisa. Mas virá, não é mesmo?

- Acho que sim. Contra todos meus princípios.
- Roger está bastante bem, de novo. Está conseguindo trabalhar.
- Ótimo.
- Está meio solene, hoje. Acho que leva a vida a sério demais.
- De vez em quando. Por quê?

Ela riu muito gentilmente, disse adeus e desligou. Fiquei sentado onde estava pensando seriamente na vida. Depois tentei pensar em alguma coisa engraçada, para que pudesse dar uma boa gargalhada. Não funcionou. Peguei a carta de adeus de Terry Lennox do cofre e reli. O que me lembrou que ainda não tinha ido ao Victor's para beber aquele *gimlet* que me pedira para beber por ele. Agora era a hora certa do dia para encontrar o bar quase vazio, como ele teria gostado, se estivesse por aqui para ir comigo. Pensei nele com uma vaga tristeza mas também com amargura. Quando cheguei ao Victor's, quase continuei caminhando. Quase, mas não realmente. Ainda me sobrava bastante dinheiro dele. Ele me fizera de bobo, mas havia pago muito bem por esse privilégio.

Estava tão silencioso no Victor's que a gente quase ouvia a temperatura cair quando se entrava pela porta. Num banquinho do bar, uma mulher de *tailleur* preto que, na época do ano, poderia ser de qualquer coisa menos de material sintético, estava sentada sozinha com um drinque verde-pálido na frente, fumando um cigarro que jazia numa grande piteira de jade. O olhar era bem penetrante, intenso, o que às vezes é sintoma de neurose pura, às vezes de fome de sexo e às vezes apenas o resultado de uma dieta rigorosa.

Sentei a dois banquinhos dela e o barman me saudou com a cabeça mas não sorriu.

— Um *gimlet* — pedi. — Que não seja amargo.

Colocou um pequeno guardanapo na minha frente e continuou me olhando. Depois disse, numa voz agradável: — Sabe de uma coisa? Ouvi o senhor e aquele seu amigo conversando numa noite dessas e preparei a bebida numa garrafa de Rose's Lime. Mas depois vocês não voltaram mais e só abri a garrafa esta noite.

— Meu amigo viajou. Sirva dois então, se quiser. E obrigado pela atenção.

Ele se afastou. A mulher de negro me deu uma rápida olhadela, depois voltou a encarar o copo.

— Quer dizer que alguém bebe *gimlet* por aqui — comentou, tão baixo que a princípio nem percebi que estava falando comigo. Depois olhou novamente na minha direção. Tinha olhos negros bem

grandes, as unhas mais vermelhas que já vi na vida. Mas não parecia uma profissional e não havia nenhuma insinuação na sua voz. — *Gimlet*, quem diria.

— Um amigo me ensinou a gostar — falei.

— Deve ser inglês.

— Por quê?

— O suco de lima. É tão inglês quanto peixe cozido com aquele terrível molho de anchovas que parece que o cozinheiro sangrou o dedo e deixou pingar. E por isso que o pessoal chama eles de limeiros (*limeys*). Os ingleses, não o peixe.

— Pensei que fosse mais uma bebida tropical, coisa de clima quente. Da Malásia ou algum lugar assim.

— Você pode ter razão — e ela virou-se para o copo novamente.

O barman pôs o copo na minha frente. Com o suco de lima, ficou meio pálido, esverdeado-amarelado, um aspecto enevoado. Provei. Era doce e forte ao mesmo tempo. A mulher de negro me olhava. Depois levantou o copo na minha direção. Bebemos os dois. Só então notei que o dela era o mesmo drinque.

O próximo movimento seria coisa de rotina, portanto não me mexi. Fiquei lá sentado.

— Ele não era inglês — disse, depois de um instante. — Acho, pelo menos, que estive lá durante a guerra. Costumávamos vir aqui de vez em quando, cedo como agora. Antes do bar começar a ferver.

— É uma hora agradável. Num bar, praticamente é |a única hora agradável. — Esvaziou seu copo. — Talvez eu conheça seu amigo. Como ele se chama?

Não respondi logo. Acendi um cigarro e vi quando ela tirou a ponta do que estava na piteira de jade e colocou outro no lugar. Estendi-lhe o isqueiro.

— Lennox.

Agradeceu pelo fogo e deu-me um breve olhar de curiosidade.

— Sim, conhecia-o muito bem. Talvez bem demais até.

O barman se aproximou e olhou para meu copo.

— Mais dois do mesmo — eu disse.

Desci do banquinho e fiquei esperando. Ela poderia ou não me dar um contra. Não estava particularmente interessado. De vez em quando neste país demasiadamente ligado em sexo, um homem e uma mulher podem se encontrar e conversar sem colocar uma cama entre eles. É o que poderia ser, ou então ela poderia pensar que eu estava em plena paquera. Se fosse assim, o problema era dela.

Hesitou, mas não por muito tempo. Pegou um par de luvas pretas e uma bolsa de couro também preta, com um fecho dourado, e caminhou em direção a um reservado do bar, sentando sem dizer uma palavra. Sentei do outro lado da mesa.

— Meu nome é Marlowe.

— O meu, Linda Loring — falou calmamente. — Um sentimental e tanto, não é, sr. Marlowe?

— Por ter vindo aqui beber um *gimlet*? E quanto a você?

— Talvez eu tenha uma queda pra essas coisas.

— Por que não? Mas seria coincidência demais.

Ela sorriu para mim, vagamente. Trazia brincos de esmeraldas e



um broche de esmeraldas na lapela. Pareciam pedras legítimas pela maneira como tinham sido cortadas — chatas com arestas bem anguladas. E mesmo naquela luz meio mortiça do bar, tinham um brilho intenso.

— Quer dizer que você é o homem — ela disse.

O garçom trouxe as bebidas e pôs na mesa. Quando se afastou, eu falei: — Eu sou um sujeito que conhecia Terry Lennox, gostava dele e bebia de vez em quando um drinque com ele. Era um tipo de acordo, uma amizade acidental. Nunca freqüentei sua casa nem conhecia sua esposa. Vi-a uma vez num estacionamento.

— Havia um pouco mais do que isso nessa relação, não havia?

Ela pegou seu copo. Tinha um anel de esmeralda cravado num ninho de diamantes. Junto, uma aliança de prata dizia que era casada. Classifiquei-a como uma mulher no começo da segunda metade dos trinta.

— Talvez — eu disse. — Ele me perturbava. Ainda perturba. E você?

Apoiou-se num cotovelo e me olhou sem nenhuma expressão particular.

— Disse que conhecia ele muito bem. Bem demais para me perturbar com o que aconteceu. Ele tinha uma esposa rica que lhe dava todos os luxos da vida. Tudo o que ela pedia em troca era que ele a deixasse sozinha.

— Parece razoável.

— Não seja sarcástico, sr. Marlowe. Algumas mulheres são assim. Não podem ser diferentes. E não que ele não soubesse disso desde o

começo. Se ele precisasse ter uma crise de auto-estima, a porta estava aberta. Não precisava matá-la.

— Concordo.

Ela se endireitou e olhou duramente pra mim. Seus lábios se curvaram.

— No entanto ele fugiu, se o que ouvi é verdade, e você ajudou-o. Suponho que se sinta orgulhoso disso.

— Eu, não. Fiz o que fiz por dinheiro.

— Não é nada engraçado, sr. Marlowe. Francamente, não sei por que me sentei aqui bebendo com o senhor.

— Nada é irreversível, sra. Loring. — Peguei meu copo e o guardanapo. — Pensei que talvez a senhora pudesse me dizer alguma coisa sobre Terry que eu não soubesse. Não estou interessado em especular por que Terry bateu no rosto de sua esposa até transformá-la numa esponja de sangue.

— Que maneira mais brutal de falar sobre isso — ela disse, zangada.

— A senhora não gosta das palavras? Nem eu. E não estaria aqui bebendo um *gimlet* se acreditasse que ele fez qualquer coisa do gênero.

Ela me encarou. Depois de um tempo, disse, lentamente: — Ele se matou e deixou uma confissão completa. O que mais quer?

— Ele estava armado. No México este fato pode ser uma desculpa mais do que suficiente para algum policial afoito acabar com a vida dele. Muita gente da polícia americana anda matando da mesma maneira, alguns deles através de portas que não se abrem

suficientemente rápido. Quanto à confissão, eu não a vi.

— Sem dúvida a polícia mexicana falsificou-a — disse ela, sarcasticamente.

— Eles não saberiam como, pelo menos não num lugar pequeno como Otatoclan. Não, a confissão é provavelmente verdadeira, o que não prova que ele matou a esposa. Não pra mim, pelo menos. Tudo o que ela prova, é que ele não viu outra saída. Numa situação dessas, um bom número de homens — a senhora pode chamá-los de fracos, frouxos ou sentimentais, se isso lhe agradar — pode decidir salvar outras pessoas de muita publicidade dolorosa.

— Fantástico. Um homem não se mata ou deliberadamente acaba com sua vida para evitar um pequeno escândalo. Sílvia já estava morta. Quanto à irmã e ao pai dela, tanto um quanto outro poderiam muito bem cuidar de suas vidas. Gente com muito dinheiro, sr. Marlowe, sempre consegue se autoprotoger.

— Está bem, estou equivocado quanto ao motivo. Talvez equivocado do começo ao fim. Um minuto atrás a senhora estava zangada comigo. Quer que eu saia agora para poder tomar seu *gimlet* sozinha?

De repente, ela sorriu.

— Desculpe. Estou começando a achar que você é sincero. O que eu tinha pensado naquele minuto é que estava se justificando, muito mais do que a Terry. Mas agora acho que não.

— Não mesmo. Eu fiz uma coisa boba e paguei por isso. Paguei até determinado ponto, pelo menos. Não nego que a confissão dele me salvou de coisas muito piores. Se eles o tivessem trazido de volta e levado a julgamento, talvez me julgassem também. O mínimo que

isso teria me custado seria muito mais dinheiro do que eu posso gastar.

— Sem falar na sua licença — ela lembrou, secamente.

— Talvez. Já houve época em que qualquer policial de ressaca podia me prender. Hoje a coisa é um pouco diferente. Você presta depoimento a uma comissão estadual de licenças. E essa gente não chega a ser fanática em relação à polícia da cidade.

Degustou seu drinque e falou devagar: — Levando tudo em conta, não acha que as coisas foram melhores assim como aconteceram? Sem julgamento, sem manchetes sensacionalistas, sem lama no ventilador só para vender jornal, sem a mínima consideração pela verdade ou pelos sentimentos de pessoas inocentes?

— Mas não foi isso que eu disse? E a senhora disse que era "fantástico"...

Ela recostou-se, apoiando a cabeça na parte de cima do reservado em que nos encontrávamos.

— Fantástico que Terry Lennox tenha se matado só pra atingir esse objetivo. Não fantástico que assim fosse melhor para todas as partes, que não chegasse a haver julgamento.

— Preciso de mais um drinque — disse, e abanei para o garçom. — Sinto um sopro de gelo atrás do meu pescoço. Está, de alguma forma, relacionada à família Potter, sra. Loring?

— Sílvia Lennox era minha irmã — disse ela, simplesmente. — Pensei que soubesse disso.

O garçom se aproximou e fiz-lhe o pedido, com urgência. A sra. Loring balançou a cabeça e disse que não queria mais. Quando o

garçom se afastou, falei: — Com este velho Potter calado — desculpe, sr. Harlan Potter —, cancelando o caso, eu teria sorte se chegasse a saber com certeza que a esposa de Terry tinha uma irmã.

— Exagera, com certeza. Meu pai não chega a ser tão poderoso assim, sr. Marlowe — e com certeza não tão rude assim. Admito que ele tem idéias antiquadas a respeito da sua privacidade. Nunca dá entrevistas nem para seus próprios jornais. Nunca se deixa fotografar, nunca faz discursos, geralmente viaja de carro ou no seu próprio avião com sua própria tripulação. Mas é bastante humano. Gostava de Terry. Dizia que Terry era um *gentleman* vinte e quatro horas por dia, e não apenas dez ou quinze minutos entre a hora que as visitas chegam e a hora em que se bebe o primeiro coquetel.

— Mas, no final, ele deu uma deslizada. Terry, quero dizer.

O garçom veio saltitante com meu terceiro *gimlet*. Provei para sentir o sabor, pois deixei na mesa com o dedo dando voltas na borda do copo.

— A morte de Terry foi um tremendo golpe para ele, sr. Marlowe. E novamente o senhor está sendo sarcástico. Por favor, não seja. Papai sabia que tudo isso iria parecer limpo demais para certas pessoas. Teria preferido que Terry simplesmente tivesse desaparecido. Se Terry lhe pedisse ajuda, acho que ele teria dado.

— Ah, não, sra. Loring. Sua própria filha havia sido assassinada.

Ela se mexeu, irritada, e me lançou um olhar frio.

— O que vou dizer pode lhe soar meio duro. Papai já havia largado minha irmã de mão há muito tempo. Quando se encontravam, ele raramente falava com ela. Se fosse emitir algum comentário, coisa que não fazia nem irá fazer, tenho certeza que teria

tantas dúvidas em relação a Terry Lennox quanto o senhor. Mas já que Terry está morto, que importância isso tem? Eles poderiam ter morrido num desastre de avião ou num acidente de carro. Se ela tinha de morrer, era esse o melhor momento possível para que morresse. Daqui a dez anos, Sílvia seria uma dessas velhucas que só pensam em sexo como uma dessas mulheres horrorosas que a gente vê nas festas de Hollywood, ou pelo menos via há alguns anos. O lixo do *international set*.

De repente fiquei zangado, por nenhuma razão em particular. Levantei e olhei por cima do reservado. O vizinho ainda estava vazio. No reservado além desse, um sujeito lia o jornal, sozinho. Sentei fazendo barulho, afastei meu drinque da frente e me inclinei na mesa. Tive controle suficiente para manter minha voz baixa: — Pelo amor de Deus, sra. Loring, o que está querendo me vender? Que Harlan Potter é uma personalidade tão doce e adorável que nem sonharia em usar sua influência em cima de um promotor para ele abafar a investigação de um crime de modo que o assassinato nunca chegasse a ser realmente investigado? Que ele tenha dúvidas sobre a culpabilidade de Terry mas não permitiu que ninguém levantasse um dedo para descobrir quem realmente foi o assassino? Que ele não mexeu os pauzinhos de modo que um advogado domesticado e ninguém mais, ninguém do escritório do promotor ou da polícia da cidade, fosse até o México para ter certeza de que Terry realmente havia aberto um buraco na cabeça, em vez de ser abatido por algum índio só de brincadeira? Seu velho vale cem milhões de dólares, sra. Loring. Eu não saberia dizer como ele conseguiu chegar a tanto, mas sei muitíssimo bem que não conseguiu essa grana sem colocar em volta dele uma organização muito bem montada e segura.

Ele não é um desses sofisticados, é um homem duro, forte.

Hoje em dia, as pessoas precisam ser assim para ganhar tanto dinheiro. E essas pessoas fazem negócios com gente estranha. Talvez você não chegue a encontrá-las ou apertar suas mãos, mas elas estão lá à margem, transando com você.

— O senhor é um tolo — ela disse, zangada. — Pra mim, chega.

— Ah, claro. Não toco o tipo de música que gosta de ouvir. Deixa eu dizer uma coisa. Terry falou com seu velho na noite em que Sílvia morreu. Sobre o quê? O que seu velho disse a ele? "Fuja logo pro México e dê um tiro na cabeça, meu chapa. Vamos deixar isto tudo em família. Eu sei que minha filha é uma vagabunda e que qualquer um de uma dúzia de filhos da mãe bêbados poderia ter estourado seus miolos e esmagado seu rosto. Mas isto é um mero acidente, meu chapa. O sujeito vai se arrepender quando passar o porre. Você teve vida boa e agora é o momento de pagar por isso. O que nós queremos é manter o bom nome Potter tão doce quanto um monte de açúcar. Ela se casou com voce porque precisava manter as aparências. Precisa mais do que nunca, agora que está morta. E você é esta aparência. Se puder desaparecer e ficar desaparecido, ótimo. Mas se for encontrado, adeus. A gente se vê no necrotério."

— O senhor realmente pensa — a mulher de negro falou como se tivesse uma pedra de gelo na boca — que meu pai fala dessa maneira?

Encostei as costas e ri, sem prazer algum.

— Poderíamos polir um pouco o diálogo, se isso ajudasse.

Ela juntou suas coisas e deslizou pelo banco.

— Gostaria de lhe dar um conselho — disse lenta e cuidadosamente —, uma simples palavra de conselho. Se pensa que meu pai é esse tipo de pessoa e se anda por aí espalhando essa versão dele, sua carreira nesta cidade ou outra carreira qualquer que escolher será extremamente curta e poderá terminar abruptamente.

— Perfeito, sra. Loring. Perfeito. Um dia é a lei, outro um *gangster*, hoje uma senhora elegante. As palavras mudam, mas o significado é o mesmo. Esqueça tudo. Eu entrei aqui pra beber um *gimlet* porque um cara assim me pediu. Agora olhe para mim. Estou praticamente na berlinda.

Ela levantou e concordou com a cabeça.

— Três *gimlets*. Duplos. Talvez o senhor esteja embriagado.

Deixei dinheiro em cima da mesa, levantei e fiquei ao seu lado.

— Bebeu um e meio, sra. Loring. Por que tanto assim? Algum homem pediu para a senhora vir me ver ou foi uma idéia sua mesmo? Sua língua está um pouco pastosa.

— Quem sabe, sr. Marlowe? Quem sabe? Quem realmente sabe alguma coisa? Há um homem lá do outro lado do bar nos olhando. É alguém que o senhor conhece?

Olhei em volta, surpreso pelo fato dela ter percebido. Um sujeito esbelto e preto estava sentado perto da porta.

— Ele se chama Chick Agostino. É pistoleiro de um cara que vive de jogo, chamado Menendez. Vamos derrubá-lo e pular por cima dele.

— O senhor com toda certeza está bêbado — disse ela rapidamente e começou a caminhar. Fui atrás. O homem perto da



porta virou o rosto e ficou olhando pra frente. Quando cheguei perto, parei e rapidamente procurei sob suas axilas. Talvez eu estivesse um pouco bêbado.

Ele se mexeu furioso e se afastou do banco.

— Cuidado, garotão — rosnou. Com o rabo dos olhos, vi que ela havia parado bem sob a porta para olhar.

— Sem revólver, sr. Agostino? Mas que falta de cuidado!

Já está ficando escuro. E se encontrar um anãozinho valentão?

— Se manda! — disse ele, brutalmente.

— Ah, você está citando uma frase do *New Yorker*?

Sua boca se mexeu mas ele não. Deixei-o e segui a sra. Loring pela porta até o lado de fora. Um motorista de cabelos grisalhos conversava com o garoto do estacionamento. Ele tocou seu quepe, se afastou e voltou com uma brilhante limusine Cadillac. Abriu a porta e a sra. Loring entrou. Fechou a porta como se estivesse lidando com a tampa de uma caixa de jóias. Deu a volta no carro até o lugar do motorista.

Ela baixou o vidro e me olhou, meio sorrindo.

— Boa-noite, sr. Marlowe. Foi bom... ou não foi?

— Tivemos uma boa briga.

— Quer dizer que o senhor teve... e quase que consigo o mesmo.

— Geralmente é assim. Boa-noite, sra. Loring. Não mora pela vizinhança, não é mesmo?

— Pra falar a verdade, não. Vivo em Idle Valley. Bem no final do lago. Meu marido é médico.

— Conhece um sujeito chamado Wade?

Ela franziu a testa:

— Sim, conheço os Wade. Por quê?

— Por que eu estou perguntando? São as únicas pessoas em Idle Valley que conheço.

— Ah, bom. Bem, boa-noite de novo, sr. Marlowe.

Encostou-se no assento do carro e o Cadillac rolou suavemente e entrou no tráfego da Strip.

Me virei e quase que me choquei com Chick Agostino.

— Quem é a dondoca? E da próxima vez que você bancar o espertinho, vai desaparecer.

— Ninguém que gostaria de te conhecer — respondi.

— Tudo bem, espertinho. Tomei nota do número da placa. Mendy gosta de saber detalhes como este.

A porta de um carro se abriu e um homem de dois metros de altura e um metro e meio de largura pulou fora, olhou para Agostino. Veio até ele num jato e agarrou sua garganta com uma só mão.

— Quantas vezes preciso te dizer que bandidinhos de merda não devem ficar por perto de onde eu vou comer? — rosnou ele.

Sacudiu Agostino e jogou contra a parede. Chick se esparramou, tossindo.

— Da próxima vez — o enorme homem gritou — abro uma cratera na tua testa e podes crer que você estará com um revólver na mão quando te descobrirem.

Chick balançou a cabeça com força e não disse nada.

O homem grande me deu uma olhada rápida e murmurou: —  
Bonita noite — e dirigiu-se para o Victor's.

Fiquei olhando Chick se recompor, pouco a pouco.

— Quem é teu chapinha?

— Big Willie Magoon. Um tira do departamento de entorpecentes. Ele pensa que é durão.

— Você quer dizer que ele não tem certeza se é durão ou não?

Ele me olhou com olhos vazios e saiu andando. Tirei meu carro do estacionamento e fui pra casa. Em Hollywood acontece de tudo, de tudo mesmo.

Um Jaguar baixinho deslizou pela colina à minha frente e diminuiu a marcha de forma a não me jogar no terreno arenoso do meio quilômetro do pavimento mal-cuidado da entrada de Idle Valley. Parecia que preferiam que a rua ficasse nesta situação para desencorajar os motoristas perdidos de fim de semana. Captei um lenço de pescoço brilhante e um par de óculos escuros. Uma mão abanou pra mim gratuitamente, de vizinho pra vizinho. Depois a poeira levantou-se da rua e acrescentou-se à camada branca já bastante espalhada sobre as árvores e a grama ressequida. Dei a volta num terreno elevado, o asfalto ficou bom, tudo começou a parecer macio e bem-cuidado. Carvalhos vivos margeavam a rua, como se curiosos de ver quem passava por ali, e pardais de cabeças rosadas catavam coisas que só pardais pensariam que valia a pena catar.

Depois havia alguns algodoeiros, mas eucaliptos, não.

Em seguida um compacto grupo de alamos da Carolina cercando uma casa branca. Uma garota andava a cavalo pelo lado da rua. Vestia calças e uma blusa larga e mastigava um pedaço de grama. O cavalo parecia arisco e a garota cantarolava suavemente para ele. Além de um muro de pedra e hera, um jardineiro tocava uma máquina de aparar grama por uma enorme ondulação que terminava atrás do pórtico da mansão em estilo colonial de Williamsburg, tipo tamanho de luxo. Em algum lugar alguém fazia exercícios de piano para mão esquerda.

Passei por tudo isso, e o brilho do lago revelou-se, quente, e

comecei a olhar os números das casas. Havia visto apenas uma vez a casa dos Wade — e no escuro. Não era tão grande como parecia à noite. O pátio de entrada estava cheio de carros, por isso estacionei à beira da rua e fui caminhando. Um mordomo mexicano de casaco branco abriu a porta.

Era esguio, limpo, bem apessoado e o casaco caía-lhe muito bem, elegante — parecia um mexicano que ganhava cinqüenta dólares por semana sem se matar de muito trabalho.

— Buenas tardes, *señor*. Su nombre, por favor?

— Marlowe, e a quem você está querendo impressi nar, Candy? Falamos pelo telefone, lembra?

Ele sorriu e eu entrei. Era o coquetel de sempre, todo mundo falando alto demais, ninguém escutando, todo mundo querendo boa vida, olhos brilhando, faces rosadas, pálidas ou doces dependendo da quantidade de álcool consumido e da capacidade individual de absorção. De repente, Eileen Wade materializou-se à minha frente vestida de azul-claro, o que não lhe caía nada mal. Tinha um copo na mão, mas o copo parecia que só era um suporte.

— Estou contente de você ter vindo. Roger quer vê-lo no escritório. Odeia festas como esta. Está trabalhando.

— Com toda esta zoeira em volta?

— Parece que não chega a se incomodar com isso. Candy vai lhe trazer uma bebida... mas se preferir ir até o bar...

— Prefiro. Desculpe pelo que aconteceu na outra noite.

Sorriu.

— Acho que já se desculpou. Não foi nada.

— Como não foi nada?

Conservou o sorriso o tempo de balançar a cabeça, dar meia-volta e ir-se. Avistei o bar num dos cantos com alguns grandes biombos em volta. Desses que a gente muda de lugar quando quer. Estava no meio da sala, tentando não esbarrar em ninguém, quando uma voz me disse: — Alô, sr. Marlowe.

Virei e vi a sra. Loring num sofá ao lado de um homem aparentemente superformal, com um foco gorduroso na bochecha como se ali tivesse havido barba. Segurava uma bebida e parecia entediada. Ele estava sentado com os braços cruzados e a cara fechada.

Fui até lá. Ela sorriu e me deu a mão.

— M e u marido, sr. Loring. Sr. Philip Marlowe, Edward.

O sujeito com a mancha gordurosa me deu uma breve olhadela com um gesto menor ainda com a cabeça. O resto do corpo não se moveu. Parecia guardar suas energias para coisas melhores.

— Edward está muito cansado — Linda explicou. — Edward está sempre muito cansado...

— Isso geralmente acontece com os médicos — eu disse.

— Posso lhe trazer uma bebida, sra. Loring. Ou para o senhor?

— Ela já bebeu demais — ele disse, sem olhar pra nenhum de nós.  
— Eu não bebo. Quanto mais vejo o efeito nas pessoas que bebem, mais satisfeito fico de não beber.

— *Come back, little Sheba*<sup>[2]</sup> — disse a sra. Loring, com ar sonhador.

Ele levantou e foi dar uma volta. Eu me afastei e cheguei até o

bar. Na companhia do marido, Linda parecia uma pessoa diferente. Havia um tom na sua voz e um toque na sua expressão que não tinha usado comigo nem quando estava zangada.

Candy estava atrás do bar. Perguntou o que eu queria beber.

— Por enquanto, nada, obrigado. O sr. Wade quer falar comigo.

— *Es muy ocupado, señor.* Muito ocupado.

Não pensei que iria gostar de Candy. Quando fixei os olhos nele, ele acrescentou: — Mas vou ver. *De pronto, señor.*

Delicadamente, enfiou-se por entre a multidão e voltou num pulo.

— Tudo bem, vamos — disse, alegre.

Segui-o pela sala no sentido do comprimento. Abriu uma porta, entrei, ele fechou-a às minhas costas, e muito do barulho desapareceu. Era uma sala lateral, grande, fria e silenciosa, com portas francesas e rosa do lado de fora, um ar-condicionado instalado num dos lados da janela. Podia-se ver o lago e eu podia ver Wade recostado relaxadamente num sofá de couro grande. Havia uma escrivaninha de madeira, uma máquina de escrever e uma pilha de papel ao lado da máquina.

— Que bom você ter vindo, Marlowe. Fique à vontade.

Já bebeu alguma coisa?

— Ainda não. — Sentei e olhei pra ele, que ainda parecia um pouco pálido e tenso. — Como vai o trabalho?

— Bem, a não ser pelo fato de me cansar com muita facilidade. É uma pena que seja tão doloroso se livrar de um porre de quatro dias. Geralmente escrevo muito melhor depois de uma bebedeira. Nessas

ocasiões, é fácil amarrar as coisas e deixá-las correr. Mas, depois, o material não é nada bom. Quando é bom, a coisa vem com facilidade. Qualquer coisa que você tenha lido ou ouvido ao contrário disto que tou te dizendo, é puro blablablá.

— Depende talvez de cada escritor. Para Flaubert, nada vinha com facilidade e seu material é bom.

— Está certo. Quer dizer que leu Flaubert, o que faz de você um intelectual, um crítico, um sábio do mundo literário. — Passou a mão na testa. — Eu estou na dança e odeio isto tudo. Odeio qualquer pessoa com um drinque na mão. Tenho de ir até lá e sorrir para esses horrorosos. Cada um desses filhos da mãe sabe que eu sou um alcoólatra. Por isso devem estar se perguntando do que ando fugindo. Algum freudiano filho da mãe fez disso um lugar-comum. Qualquer criança sabe disso hoje em dia. Se eu tivesse um filho de dez anos, Deus me livre, o sacana estaria me perguntando: "De que o senhor está fugindo quando fica de porre, papai?".

— Pelo que entendi, tudo isso é coisa recente.

— Está piorando, mas eu sempre fui fundo em matéria de garrafa. Quando se é jovem e se vive em condições difíceis, a gente consegue absorver uma série de punições. Quando a gente se aproxima dos quarenta, não reage mais da mesma maneira.

Inclinei-me para trás e acendi um cigarro: — Por que razão você queria me ver?

— De que você acha que ando fugindo, Marlowe?

— Não tenho a mínima idéia. Não possuo informações suficientes. Além do mais, todo mundo está fugindo de alguma coisa.



— Mas nem todo mundo se embebedada. De que você anda fugindo? Da sua juventude, de um complexo de culpa ou por saber que não passa de um cara com pouco trabalho numa profissão não muito solicitada?

— Entendi. Você precisa de alguém para insultar. Vai fundo, meu chapa. Quando começar a doer, ficará sabendo.

Ele sorriu e passou a mão pelos cabelos encaracolados. Espetou o peito com o indicador.

— Você está olhando exatamente para um profissional de pouco trabalho numa profissão que exige pouco trabalho. Todos os escritores são lixo e eu sou o lixo maior de todos. Escrevi doze *best-sellers* e se chegar a terminar este monte de folhas em cima da escrivaninha, é possível que escreva o décimo terceiro. E nenhum deles vale um punhado de pó pra se jogar fora. Tenho uma casa adorável num lugar altamente exclusivo, que pertence a multimilionários altamente exclusivos. Tenho uma esposa adorável, que me ama, e um adorável editor, que me ama, e eu me amo mais do que ninguém. Sou um filho da puta de um egoísta, uma prostituta literária ou um cafetão — escolha você mesmo as palavras. Portanto, o que você pode fazer por mim?

— O que eu posso fazer?

— Por que não fica triste?

— Não há nada pra se ficar triste. Estou apenas ouvindo como você se odeia. É chato, mas não chega a me tocar.

Ele riu, com esforço.

— Gosto de você. Vamos tomar umas e outras.

— Aqui não, meu chapa. Não você e eu sozinhos. Não me importo de ver você beber o primeiro copo. Ninguém consegue impedi-lo e não creio que ninguém iria tentar. Mas nem por isso vou incentivá-lo.

Levantou-se.

— Não precisamos beber aqui. Vamos lá pra dentro dar uma olhada e escolher algumas pessoas que a gente é obrigada a conhecer quando fatura muito a ponto de se morar por aqui.

— Escute. Corta essa. Eles não são diferentes de ninguém.

— É, mas deveriam ser. Se não são, pra que servem? Eles são a nata da cidade e não são melhores do que um bando de choferes de caminhão cheios de uísque barato na cuca. Pior ainda.

— Corta essa — disse de novo. — Se você estiver a fim de esquentar a cuca, vá em frente. Mas no meio de uma multidão que fica de porre, sem precisar ligar para o dr. Verringer ou perder a cabeça e jogar a sua esposa escada abaixo. É melhor ir com calma.

— É — disse ele, e ficou calmo de repente e pensativo. — Passou no teste, meu chapa. O que acha da idéia de viver aqui por uns tempos? Poderia me fazer um bem enorme só pelo fato de ficar por aqui.

— Não sei como.

— Mas eu sei. Apenas ficando por aqui. Mil por mês lhe interessa? Sou perigoso quando bêbado. Não quero ser perigoso e não quero ficar bêbado.

— Eu não poderia fazer com que você parasse.

— Tente três meses. Terei terminado este livro de merda e depois

vou me mandar por aí. Descansar em algum lugar nas montanhas suíças e me desintoxicar.

— O livro, hum. Você precisa desse dinheiro?

— Não. Preciso apenas terminar alguma coisa que comecei. Se não conseguir, estou liquidado. Estou lhe pedindo como a um amigo. Fez mais do que isso por Lennox.

Levantei e dei uns passos na sua direção; olhei-o fixamente.

— Consegui que Lennox fosse assassinado, cara. Assassinado.

— Não vá me dar uma de coração mole, Marlowe. — Colocou a mão no pescoço. — Estou até aqui com bebês chorões.

— Coração mole? Ou apenas bonzinho?

Ele deu um passo pra trás e se apoiou contra a borda do sofá, sem perder o equilíbrio.

— Vá pro inferno — disse, suavemente. — Acordo desfeito. Não estou culpando você, claro. Existe uma coisa que eu quero saber, que eu preciso saber. Você não sabe o que é e eu não tenho certeza de que sei. Tudo o que estou certo é que existe alguma coisa e eu preciso saber o que é.

— Sobre quem? Sua esposa?

Moveu os lábios, um sobre o outro.

— Acho que é sobre mim mesmo. Vamos tomar aquele drinque.

Caminhou até a porta, deixou-a aberta, saímos.

Se ele estava tentando me deixar numa situação desconfortável, certamente fez um trabalho de primeira.

## 24

Quando ele abriu a porta a zoeira da sala explodiu nas nossas caras. Parecia mais alto do que antes, se é que fosse possível. Cerca de duas doses mais alto. Wade cumprimentou aqui e ali, e as pessoas pareciam contentes de vê-lo. Mas a essa altura ficariam contentes de ver um estripador em pessoa com um furador de gelo especial. A vida não passava de um grande show de revista.

A caminho do bar nos encontramos cara a cara com o dr. Loring e sua esposa. O doutor deu um passo à frente em direção a Wade. Tinha no rosto um olhar quase doente de tanto ódio.

— Que bom vê-lo, doutor — Wade disse, amigavelmente. — Oi, Linda. Por onde têm andado ultimamente? Não, quer dizer, acho que esta pergunta é estúpida. Eu...

— Sr. Wade — disse Loring e em sua voz havia um certo tremor —, tenho algo a lhe dizer. Trata-se de uma coisa muito simples e, espero, bastante conclusiva: afaste-se de minha mulher.

Wade olhou para ele com curiosidade.

— Doutor, o senhor está cansado. E não está bebendo.

Vou lhe trazer um drinque.

— Não bebo, como o senhor sabe muito bem. Estou aqui por uma simples razão, e esta razão já foi explicada.

— Bem, acho que entendi — Wade disse, ainda amável. — E na medida que o senhor é um convidado em minha casa, não tenho

nada a dizer a não ser que está um pouco fora de sintonia.

O papo que havia em volta cessara: homens e mulheres eram todos ouvidos. Grande produção. O dr. Loring tirou um par de luvas do bolso, ajeitou-as, segurou uma delas pela ponta dos dedos e lançou-a com força contra o rosto de Wade.

Wade nem piscou:

— Pistolas e café pela madrugada? — perguntou tranqüilamente.

Olhei para Linda. Estava vermelha de raiva. Levantou-se lentamente e encarou o marido.

— Meu Deus, que chato você é, querido. Pare de agir como um estúpido, por favor. Ou prefere ficar aí até que alguém bata na sua cara?

Loring deu meia-volta e pegou as luvas. Wade deu um passo em sua direção.

— Vamos com calma, doutor. Por estas bandas nós só batemos em nossas esposas em particular.

— Se está falando por você, estou cansado de saber — grunhiu Loring. — E não preciso de lições suas de bom comportamento.

— Só aceito alunos promissores. Sinto muito que o senhor tenha de sair tão cedo. — Levantou a voz. — *Candy! Que el doctor Loring salga de aqui en el acto!* — Virou-se para Loring. — Caso não compreenda espanhol, acabo de dizer que a porta está ali mesmo — e apontou para ela.

Loring olhou-o, sem se mexer. Depois falou, com voz de gelo: — Já lhe fiz minha advertência, sr. Wade. E muita gente ouviu o que eu disse. Não vou falar mais uma vez.

— Claro que não — disse Wade, seco. — Mas, se fizer isso, é bom que estejamos num território neutro. Terei mais liberdade de ação. Desculpe, Linda. Mas foi você quem se casou com ele.

Passou a mão suavemente no local da face onde fora atingido pela luva. Linda Loring estava sorrindo, um sorriso amargo. Os ombros contraídos.

— Estamos de saída — disse Loring. — Vamos, Linda.

Ela sentou-se novamente e procurou os óculos. Lançou um olhar de silencioso desprezo ao marido: — Você vai sair... Tem uma série de telefonemas pra dar, lembra-se?

— Você vai sair daqui comigo — disse ele, furioso.

Ela virou as costas. Ele aproximou-se rapidamente e segurou o braço dela. Wade agarrou-o no ombro e deu-lhe um safanão.

— Vamos com calma, doutor. Não se vence todas.

— Tire suas mãos de mim!

— Claro, mas acalme-se. Tenho uma boa idéia, doutor. Por que não procura um bom médico?

Alguém riu alto. Loring ficou tenso como um animal preparado para correr. Wade sentiu a barra e simplesmente deu-lhe as costas e se afastou. O que fez com que o dr. Loring ficasse com a batata quente nas mãos. Se fosse atrás de Wade, pareceria mais tolo do que tinha sido até então. Não havia nada que pudesse fazer a não ser ir embora, e foi o que ele fez.

Deu passos rápidos através da sala, olhando fixamente à sua frente, onde Candy segurava a porta aberta. Saiu. Candy fechou a porta, impassível, e voltou para o bar. Fui até lá e pedi um uísque.

Não vi pra onde Wade tinha ido. Simplesmente desapareceu. Tampouco vi Eileen. Virei as costas para a sala e deixei que voltasse a zoeira enquanto servia meu uísque.

Uma garota baixinha com cabelos cor de barro, com uma faixa em volta da testa, apareceu no meu lado, colocou o copo no bar e gemeu qualquer coisa. Candy serviu-lhe outro drinque. A garota baixinha virou-se pra mim: — Você se interessa por comunismo? — Seus olhos estavam vidrados e tinha a pequena e vermelha língua dançando em volta dos lábios, como se procurasse um restinho de chocolate. — Eu acho que todo mundo deveria estar interessado. Mas quando a gente pergunta pra alguém aqui, eles simplesmente dão de ombros.

Fiz que sim com a cabeça e olhei pra meu copo, pra seu nariz arrebitado, pra sua pele queimada de sol.

— Não que me importe muito se a resposta for gentil — disse ela, segurando o novo drinque. Mostrou-me seus molares enquanto engolia metade da bebida.

— Não ponha a culpa em mim — disse eu.

— Como é que você se chama?

— Marlowe.

— Com um "e" no final?

— Sim.

— Ah, Marlowe. Que nome mais bonito e triste — ela colocou o copo no bar praticamente vazio, fechou os olhos, jogou a cabeça pra trás e soltou os braços, quase acertando meu olho. A voz saiu cheia de emoção: É este o rosto que dá partida a mil navios E faz arder as

torres vazias de Ilium? Doce Helena, tornai-me imortal com um beijo.

Abriu os olhos, agarrou o copo e piscou o olho pra mim.

— Até que você não é má, garota. Tem escrito muita poesia ultimamente?

— Não muita. Você pode me beijar, se quiser — disse ela, pretensamente tímida.

Um cara com uma jaqueta de xantungue e uma camisa de colarinho aberto aproximou-se por trás e sorriu pra mim por cima da cabeça da garota. Tinha um cabelo vermelho curto e um rosto que mais parecia um pulmão em colapso.

Nunca vira ninguém tão feio. Deu uma pancadinha no alto da cabeça da garota.

— Vamos nessa, Gatinha. Hora de ir embora.

Ela virou-se para ele, furiosa: — Vai querer me dizer que está na hora de regar aqueles malditos bulbos de begônia de novo?

— O que é isso, Gatinha...

— Tire suas mãos de mim, seu estuprador — ela berrou, jogando o resto da bebida no rosto dele. O resto não era mais do que caberia numa colher de chá além de dois pedacinhos de gelo.

— Pelo amor de Deus, meu bem, eu sou seu marido — ele gritou de volta, procurando um lenço e enxugando a cara.

— Entendeu? Seu marido!

Ela soluçou intensamente e jogou-se nos braços dele.

Dei uns passos pra trás e me afastei. Toda festa é igual, até os



diálogos.

A casa começava a expulsar os hóspedes levando-os para o anoitecer. Vozes diminuíam, carros ligavam o motor, ouvia-se "até logo" pelos ares, ricocheteando como bola de borracha.

Fui até uma janela e depois caminhei até o terraço de lajotas. O chão descia em direção ao lago, imóvel como um gato adormecido. Havia lá um pequeno cais de madeira, com um barco amarrado num pau branco. Em direção à outra margem, que não ficava muito longe, um marreco negro desenhava curvas preguiçosas como um patinador. A água ondulava suavemente.

Sentei numa cadeira de alumínio, acendi o cachimbo, fumando em paz e pensando o que estava fazendo ali.

Roger Wade parecia ter controle suficiente para se controlar caso quisesse. Fora muito eficiente em relação a Loring.

Não teria estranhado se ele desse um bom soco no pequeno e pontudo queixo do doutor. Teria saído dos trilhos, segundo as regras, mas Loring havia ido longe demais.

Se as regras sociais ainda significam alguma coisa, uma delas é que você não escolhe uma multidão para ameaçar uma pessoa e atingi-la no rosto com uma luva, quando sua esposa está sentadinha bem ao seu lado e você praticamente está acusando-a de dar umas voltinhas por fora do casamento. Para um homem ainda se recuperando de um golpe duro, Wade saiu-se muito bem. É bem verdade que não chegara a vê-lo bêbado. Não sabia do que seria capaz depois de umas e outras. Não sabia nem se ele era realmente um alcoólatra. Existe uma diferença muito grande. Um cara que bebe demais às vezes continua sendo o mesmo homem quando sóbrio. Um

alcoólatra, um alcoólatra verdadeiro, não é o mesmo homem quando bebe. Não se pode prever nada em relação a ele, exceto que revelará ser alguém que voce nunca conheceu antes.

Passos leves soaram. Eileen Wade atravessou o terraço e sentou-se perto de mim, na beira de uma cadeira.

— Bem, o que achou? — perguntou, tranqüila.

— Sobre o cavalheiro com as luvas?

— Não. — Ela franziu o cenho. Depois riu. — Odeio pessoas que fazem cenas como essa. Não que ele não seja um bom médico. Mas já interpretou essa cena com metade dos homens daqui. Linda não é uma mulher à-toa. Não parece assim, não fala assim, nem se comporta assim. Não sei o que faz o dr. Loring agir como se ela fosse uma vagabunda.

— Talvez ele seja um bêbado regenerado. Muitos deles se tornam bastante puritanos.

— É possível — disse ela, e olhou em direção ao lago. — Aqui é um lugar tranqüilo. Era de se esperar que um escritor vivesse feliz num lugar como este — se é que um escritor consegue ser feliz em qualquer lugar. — Voltou a olhar pra mim. — Quer dizer que não vai atender ao pedido de Roger?

— Não vejo sentido, sra. Wade. Não há nada que eu pudesse fazer. Já disse isso antes. Não poderia ter certeza de estar por perto e na hora exata quando as coisas acontecessem. Teria de estar por perto o tempo todo. O que é impossível, mesmo que eu não tivesse mais nada pra fazer. Se ele ficar doido, por exemplo, aconteceria de repente. E não vi nenhum indício de que ele fique doido. Me parece bastante razoável.

Ela olhou para as suas mãos.

— Se conseguisse terminar o livro, creio que as coisas ficariam bem melhores.

— Mas pra isso, não posso ajudá-lo.

Ela olhou pro alto e colocou as mãos na beirada da cadeira. Inclinou-se um pouco pra frente.

— Você pode, se ele pensa que você pode. Este é o problema. Será que se sentiria desconfortável sendo hóspede em nossa casa e ainda por cima sendo pago pra isso?

— Ele precisa de um psiquiatra, sra. Wade. Se é que conhece algum que não seja charlatão.

Ela pareceu espantada:

— Um psiquiatra? Por quê?

Bati as cinzas do cachimbo e continuei sentado segurando-o, esperando que esfriasse para guardá-lo.

— Se quiser uma opinião de leigo, ei-la: ele pensa que tem um segredo enterrado no fundo da mente, do qual não pode se livrar. Pode ser um complexo de culpa em relação a ele mesmo, ou em relação a outra pessoa. Ele acredita que isto é que o faz beber, por não poder resolver esse tal problema. Provavelmente acha que o que quer que tenha acontecido, aconteceu enquanto esteve bêbado e que precisa descobrir isso no estado em que as pessoas ficam ao se embriagar realmente embriagadas, como ele. Eis um trabalho para um psiquiatra. Até aí, tudo bem.

Se não for isso, aí então ele fica bêbado porque quer ou porque não consegue evitar e a idéia do tal segredo é apenas uma desculpa.

Não consegue escrever o tal livro, pelo menos não consegue terminá-lo. Porque se embriaga. Quer dizer, tudo leva a crer que ele não consegue terminar o livro porque bebe até cair.

Mas pode ser exatamente o contrário.

— Ah, não. Não. Roger tem muito talento. Tenho certeza que seu melhor livro ainda está por ser escrito.

— Disse-lhe antes que era a opinião de um leigo. Num outro dia a senhora falou que era possível que ele tenha deixado de amar sua esposa. Este é outro problema que pode ser encarado do ponto de vista oposto.

Ela olhou em direção à casa, depois virou-se, deixando a casa às suas costas. Olhei na mesma direção. Wade estava lá em pé, na porta, olhando pra nós. Enquanto olhei-o, ele dirigiu-se para o bar e procurou uma garrafa.

— Não adianta interferir — ela disse. — Nunca interfiro. Nunca. Talvez o senhor tenha razão. Não há nada que se possa fazer a não ser deixá-lo seguir seu caminho.

O cachimbo esfriara; guardei-o no bolso.

— Já que estamos remexendo no fundo da gaveta, que tal inverter a situação?

— Amo meu marido — disse ela, simplesmente. — Talvez não como uma garota. Mas amo meu marido. Uma mulher é garota uma vez só na vida. O homem que amei quando garota está morto. Morreu na guerra. O nome dele, por estranho que pareça, tinha as mesmas iniciais que o seu. Não importa mais — exceto pelo fato de às vezes ainda não conseguir acreditar que ele está morto. Nunca

encontraram seu corpo. Mas isso aconteceu há muito tempo.

Ela me lançou um olhar interrogativo.

— As vezes, nem sempre, claro, quando entro num bar tranqüilo ou no saguão de um bom hotel numa hora tranqüi-la, ou no convés de um navio de manhã cedo ou tarde da noite, parece que percebo-o esperando por mim em algum canto cheio de sombras. — Fez uma pausa e abaixou os olhos.

— Tudo isto é bobagem. Estou envergonhada. Estávamos muito apaixonados, o tipo de amor selvagem, misterioso e improvável que só aparece uma vez na vida.

Parou de falar e permaneceu sentada, meio em transe, olhando para o lago... Olhei de volta para a casa. Wade estava lá na porta aberta com um copo na mão. Voltei meus olhos para Eileen. Para ela, eu não estava mais ali. Levantei e fui para a casa. Wade continuava lá com a bebida e a bebida parecia da pesada. E seus olhos pareciam estranhos.

— Como vai a paquera com minha mulher, Marlowe? — disse, com uma careta.

— Ninguém foi longe demais, se é isso que quer saber.

— É isso exatamente o que quero saber. Você chegou a beijá-la na outra noite. Provavelmente se divertindo numa jogada rápida, mas está perdendo seu tempo, meu chapa. Mesmo se você tivesse certa classe de abordagem...

Tentei passar por ele, mas ele me bloqueou com seu ombro sólido.

— Que pressa é essa, meu velho? Nós gostamos de tê-lo por aqui.

Temos tão poucos detetives particulares na nossa casa.

— Sou um apenas mas sou demais.

Ele agarrou o copo e deu um gole. Quando baixou-o riu pra mim, de lado.

— Você precisa de mais tempo para reconstruir sua regência — disse-lhe. — Palavras vazias, não é?

— Está bem, chefe. Você é um construtor de personalidades, não é mesmo? Precisa apenas de mais percepção para tentar educar um bêbado. Bêbados não são educados, meu amigo. Eles se desintegram. E parte do processo é bastante divertida. — Bebeu mais um gole, baixando o copo praticamente vazio. — A outra parte é terrível. Mas se eu puder citar as palavras cintilantes do bom dr. Loring, um filho da mãe muito do filho da mãe, fique longe da minha mulher, Marlowe. Claro que você tem uma queda por ela. Todos têm. Você gostaria de dormir com ela. Todos gostariam. Você gostaria de compartilhar os sonhos dela e cheirar a rosa das lembranças dela. Talvez eu também queira. Mas não existe nada a ser compartilhado, meu chapa — nada, nada, nada. Você está sozinho no escuro.

Terminou a bebida e virou o copo de cabeça pra baixo.

— Vazia como este copo, Marlowe. Nada lá dentro. Eu é que sei.

Colocou o copo na beirada do bar e foi caminhando rígido, até o pé da escada. Chegou a subir uns doze degraus, segurando-se no corrimão, depois parou e se inclinou sobre ele. Olhou-me lá do alto com um sorriso amargo.

— Desculpe o sarcasmo, Marlowe. Você é um cara legal. Não gostaria que nada lhe acontecesse de ruim.

— Nada, como?

— Talvez ela ainda não tenha se libertado do mágico fantasma do seu primeiro amor, o cara que desapareceu na Noruega. Você não gostaria de desaparecer também, não é, meu chapa? Você é meu detetive particular especial. Me encontrou quando eu estava perdido no esplendor selvagem de Sepulveda Canyon. — Fez círculos com a palma da mão no corrimão bem envernizado. — Ficaria chateado de ter de chutá-lo se você perdesse. Como o inglês da anedota. Ele ficou tão perdido, que às vezes a gente se pergunta se chegou mesmo a existir. Você calcula que ela talvez tenha inventado o namorado para ter um brinquedinho?

— Como eu iria saber?

Ele me olhou lá do alto. Havia agora profundos sulcos em volta de seus olhos e sua boca torceu-se com amargor.

— Como qualquer pessoa saberia? Talvez nem ela mesma saiba. Mas a criança aqui está cansada. A criança brincou demais com brinquedos quebrados. Bebê quer nanar.

Subiu o resto dos degraus. Fiquei ali em pé até Candy chegar e começar a arrumar o bar, colocando copos numa bandeja, examinando garrafas pra ver o que havia sobrado, sem me dar nenhuma atenção. Pelo menos foi o que eu pensei. Mas aí ele disse: — *Señor*. Ainda dá para mais um drinque. É uma pena desperdiçar. — Ele segurava uma garrafa.

— Beba você.

— *Gracias, señor, no me gusta. Un vaso de cerveza, no más.* Um copo de cerveja é o meu limite.

— Sujeito esperto.

— Um bêbado na casa é o suficiente — ele disse, me olhando. — Eu falo bem inglês, não?

— Claro, fala.

— Mas penso em espanhol. As vezes penso em uma faca. O chefe é o meu alvo. Ele não precisa de muita ajuda, *hombre*. Eu cuido dele, entende?

— Pois está fazendo um bom trabalho, bestalhão.

— *Hijo de la flauta* — disse ele por entre dentes brancos. Segurou uma bandeja cheia e levantou-a à altura dos ombros apoiando-a na palma da mão, no estilo dos garçons.

Fui até a porta e saí, imaginando como uma expressão significando "filho de uma flauta" chegou a virar insulto em espanhol. Mas não pensei muito sobre isso. Tinha mais no que pensar. Alguma coisa além de álcool era o problema da família Wade. O álcool não passava de uma reação, de um despiste.

Mais tarde, nessa noite, entre nove e meia e dez, liguei para o número dos Wade. Depois de tocar oito vezes, desliguei, mas assim que tirei a mão do aparelho, ele começou a tocar. Era Eileen Wade.

— Alguém ligou pra cá há pouco. Tive um pressentimento que poderia ser o senhor. Eu estava me preparandp pra tomar banho.

— Era eu, mas nada de importante. O sr. Wade me pareceu um pouco chumbado quando saí. Talvez a esta altura eu esteja me sentindo meio responsável por ele.

— Ele está muito bem. Na cama, num sono profundo Acho que o dr. Loring deixou-o mais chateado do que aparentou. Sem dúvida ele



deve ter dito uma série de coisas sem sentido pra você.

— Disse que estava cansado e que queria ir pra cama.

Muito sensível, achei.

— Se foi só isso que disse... Bem, boa-noite e obrigada por ter ligado.

— Não disse que foi só isso que ele falou. Disse que falou isso.

Uma pausa. Depois:

— Todo mundo de vez em quando tem idéias mirabolantes. Não leve Roger muito a sério, sr. Marlowe. Afinal, a imaginação dele é altamente desenvolvida. Ele não deveria ter bebido tão logo, depois daquilo que aconteceu. Por favor, tente esquecer tudo isso. Suponho que ele tenha sido rude com você, entre outras coisas.

— Ele não foi rude comigo. E o que me falou fazia sentido. Seu marido é um sujeito que consegue olhar pra dentro de si mesmo longa e duramente, e descobrir o que está acontecendo. Não é um dom muito comum. A maioria das pessoas passa pela vida usando metade de sua energia para proteger uma dignidade que nunca tiveram. Boa-noite, sra. Wade.

Ela desligou e eu me sentei em frente ao tabuleiro de xadrez. Enchi o cachimbo, preparei as peças, inspecionei suas formas francesas e joguei um jogo de campeonato entre Gortchakoff e Meninkin, setenta e dois movimentos para um xeque-mate, um item premiado da irresistível força de encontro a um objeto, imóvel, uma batalha sem armaduras, uma guerra sem sangue e tão elaborada quanto o desperdício de inteligência que se pode encontrar em qualquer lugar a não ser numa agência de publicidade.

## 25

Durante uma semana não aconteceu nada, a não ser o fato de eu ir para o meu trabalho, que de trabalho nada teve.

Certa manhã, George Peters, da Carne Organization, me ligou e contou que havia estado em Sepulveda Canyon de passagem e dado uma olhada no lugar do dr. Verringer por mera curiosidade. Mas o dr. Verringer não estava mais por lá. Meia dúzia de grupos de agrimensores de obras mapeavam o terreno para um loteamento. Ninguém, por ali, sabia dar qualquer informação sobre o dr. Verringer.

— O pobre sacana foi envolvido numa manobra qualquer — disse Peters. — Chequei tudo. Deram-lhe alguns milhares de dólares, apenas para ganhar tempo e dinheiro, e agora alguém irá lucrar milhões de dólares por ano, só loteando o terreno para residências. Esta é a diferença entre crime e negócios. Para um negócio, você precisa ter capital.

As vezes penso que é a única diferença.

— Um comentário apropriadamente cínico — falei. — Mas às vezes grandes crimes também precisam de capital.

— E de onde é que esse dinheiro vem, meu chapa? Não de caras que assaltam lojas. Até mais. A gente se vê.

Faltavam dez minutos para as onze na quinta-feira à noite quando Wade me telefonou. A voz me chegava grossa, quase gutural, mas a reconheci logo, de alguma maneira. Podia ouvir uma

respiração curta, difícil, rápida, pelo telefone.

— Estou em péssimo estado, Marlowe. Péssimo mesmo. Perdendo o controle. Você poderia vir até aqui, rápido?

— Claro, mas me deixa falar com a sra. Wade um minuto.

Não respondeu. Houve um som de coisa se quebrando, depois um silêncio mortal, em seguida, rápido, um barulho de coisas estalando. Gritei pelo telefone sem conseguir nenhuma resposta. O tempo passou. Finalmente o "clique" de desligar e o zumbido do telefone.

Em cinco minutos eu estava a caminho. Fiz o percurso praticamente em meia hora e até agora não sei como. Cortei caminho voando, cheguei a Ventura Boulevard sem respeitar os sinais e virei à esquerda sei lá como por entre caminhões, no geral fazendo loucuras. Atravessei Encino a mais de cem com o farol alto, de modo a amedrontar quem viesse em direção contrária. Nada de guarda, nada de sirenes, nada de sinais vermelhos. Apenas a visão do que poderia estar acontecendo na residência dos Wade, e uma visão nada agradável. Ela estava sozinha na casa com um louco bêbado; ela jazia aos pés da escada com o pescoço quebrado; ela estava atrás de uma porta fechada e alguém forçava do lado de fora tentando quebrar a porta; ela estava correndo pela estrada enluarada, descalça, com um garanhão negro segurando um facão de açougueiro atrás dela.

Mas não era nada disso. Quando entrei com meu Oldsmobile no estacionamento deles, todas as luzes da casa estavam acesas; ela me esperava na porta com um cigarro nos lábios. Desci e me aproximei dela, que vestia calças compridas e uma blusa decotada. Parecia calma. Se havia alguma agitação por ali, certamente eu é que a havia trazido.

A primeira coisa que disse foi tão irrelevante quanto meu comportamento: — Pensei que você não fumasse.

— Como? Não, geralmente não fumo. — Jogou o cigarro no chão e pisou em cima. — Só uma vez ou outra. Ele chamou o dr. Verringer.

Era uma voz plácida e remota, uma voz ouvida à noite debaixo d'água. Completamente relaxada.

— Mas não podia. O dr. Verringer não mora mais lá.

— Ele me ligou.

— Ah, sim? Eu vi ele telefonando e pedindo pra alguém vir até aqui com a maior urgência. Pensei que fosse o dr. Verringer

— Onde ele está?

— Caiu. Deve ter se recostado demais na cadeira. Já aconteceu antes. Cortou a cabeça em alguma coisa. Tem um pouco de sangue, não muito.

— Bem, ótimo. Ele não gostaria que houvesse uma poça de sangue. Onde está agora, é o que eu quero saber.

Ela me olhou solenemente. Depois apontou: — Lá fora, em algum lugar. Na beira da estrada ou pelos arbustos da cerca.

Inclinei-me um pouco e encarei-a: — Pelo amor de Deus, você não foi olhar...?

Achei então que ela estava sob estado de choque. Depois olhei pra trás, através do gramado. Não vi nada mas havia uma sombra densa perto da cerca.

— Não, não vi — disse ela, com bastante calma. — Encontre-o você. Já agüentei mais do que posso. Agüentei muito mais do que

poderia. Encontre-o você.

Deu-me as costas e entrou na casa, deixando a porta aberta. Não foi até muito longe. Poucos metros adiante ela simplesmente caiu e ficou estendida no chão. Levantei-a e carreguei-a até um dos dois sofás que havia no local, um em frente ao outro, separados por uma mesinha. Senti o pulso dela. Não me pareceu muito fraco ou inconstante. Os olhos estavam fechados. Deixei-a lá e saí.

Lá estava ele, como ela dissera. Deitado de lado à sombra de um arbusto. O pulso estava forte, batendo rápido, e a respiração não era normal. Havia alguma coisa atrás, na cabeça, pegajosa. Falei com ele e sacudi-o um pouco. Bati no seu rosto algumas vezes. Murmurou qualquer coisa mas não voltou a si. Arrastei-o para uma posição sentada, passei um dos seus braços sobre meus ombros e ergui-o contra minhas costas, tentando encontrar sua perna. Perdi-a. Ele era tão pesado quanto um bloco de cimento. Sentamos ambos na grama, tomei fôlego e tentei de novo. Finalmente consegui ajeitá-lo na posição que os bombeiros agarram as pessoas e fui andando pelo terreno em direção à porta da casa. A distância dava a impressão de ser a de uma viagem ao Sião. Os dois degraus da entrada tinham dois metros de altura. Consegui aterrissar perto do sofá, fiquei de joelhos e rolei-o para lá. Quando pude me ajeitar de novo, minha espinha parecia ter se partido em, pelo menos, três lugares.

Eileen não estava mais lá. A sala era minha. Estava exausto demais para me preocupar onde estivesse qualquer pessoa. Sentei, olhei pra ele e esperei que minha respiração voltasse ao normal. Depois olhei pra cabeça dele. Empapada de sangue. O cabelo estava grosso de sangue. Não parecia muito grave mas, com ferimentos na cabeça, nunca se sabe.

Daí Eileen colocou-se de pé ao meu lado, olhando pra ele com aquela mesma e remota expressão.

— Desculpe, eu desmaiei. Não sei por quê.

— Acho melhor chamar um médico.

— Telefonei pro dr. Loring. Ele é meu médico, sabe.

Ele não quis vir.

— Tente outro médico, então.

— Ah, mas ele está vindo. Não queria, mas vem. Virá assim que puder.

— Onde está Candy?

— Hoje é seu dia de folga. Quinta-feira. O cozinheiro e Candy têm folga na quinta. É normal aqui em casa. Será que você consegue levá-lo até a cama?

— Não sem uma ajuda. Veja se consegue uma manta ou um cobertor. A noite está quente, mas casos como este podem facilmente resultar em pneumonia.

Ela disse que ia pegar uma manta. Achei que era gentileza demais da parte dela. Mas eu não pensava de forma muito inteligente. Estava ocupado demais em carregá-lo.

Espalhamos uma manta não muito grossa em cima dele e em quinze minutos o dr. Loring chegava, todo paramentado com jaleco de médico, estetoscópio e a expressão de quem havia sido chamado pra fazer a limpeza depois que o cachorro da casa caíra doente.

Examinou a cabeça de Wade. — Um corte bastante superficial. Nenhuma possibilidade de concussão. Diria que seu hálito indica sua

condição, é óbvio.

Tirou o chapéu. Pegou a maleta.

— Deixe-o aquecido. Pode lavar suavemente a cabeça dele pra se livrar deste sangue. Ele vai dormir.

— Eu não consigo levá-lo até lá em cima, doutor — falei.

— Pois então deixe-o aqui. — Me olhou sem interesse.

— Boa-noite, sra. Wade. Como sabe, não cuido de alcoólatras. E mesmo se cuidasse, seu marido não seria um dos meus pacientes. Tenho certeza que a senhora entende.

— Ninguém está pedindo pro senhor tratar dele — disse eu. — Estou pedindo uma ajuda pra levá-lo até o quarto para eu tirar a roupa dele.

— E quem é o senhor? — o dr. Loring perguntou, frenético.

— Meu nome é Marlowe. Estive aqui há uma semana. Sua esposa foi quem nos apresentou...

— Interessante. E como chegou a conhecer minha esposa?

— Mas o que isso importa numa hora destas? Tudo o que eu quero...

— Não me interessa saber o que o senhor quer — cortou ele. Virou-se para Eileen, fez um gesto breve com a cabeça, e foi saindo. Me meti entre ele e a porta.

— Espere só um minuto, doutor. Deve fazer muito tempo que o senhor não põe os olhos naquele pequeno trecho de prosa conhecido como o Juramento de Hipócrates. Este homem me chamou pelo telefone e eu moro bem longe daqui. Ele parecia muito mal e eu

violei todas as leis de trânsito do estado para chegar aqui. Encontrei-o caído no chão e carreguei-o até esta sala e pode crer que não se trata de um saco de plumas. O empregado está de folga e não há ninguém por aqui que possa me ajudar a levá-lo escada acima. Que acha disso tudo?

— Saia da minha frente — disse ele por entre os dentes. — Ou vou acabar chamando a polícia. Como um profissional...

— Como profissional o senhor não passa de um monte de merdinha de mosca — disse, e saí de sua frente.

Ele ficou vermelho — devagar, mas deu pra perceber.

Pegou suas coisas, depois abriu a porta e saiu. Fechou-a cuidadosamente. Ao fechá-la, olhou pra mim. Era um olhar tão de asco, como nunca senti, e um rosto tão de asco, com nunca tinha visto antes.

Quando me virei de costa pra porta, Eileen sorria.

— Qual é a graça?

— Você. Você não se importa com o que diz pras pessoas, não é? Não sabe quem é o dr. Loring?

— Sim, e sei o que ele é.

Ela deu uma olhada no relógio de pulso.

— Candy já deve ter chegado. Vou ver. Ele tem um quarto atrás da garagem.

Ela saiu, eu me sentei e olhei pra Wade. O grande escritor roncava. O rosto estava suado, mas deixei a manta em cima dele. Num ou dois minutos Eileen estaria de volta — e com ela, Candy.



## 26

O mexicano usava uma camisa xadrez, branca e preta, calças largas e pretas, sem cinto, sapatos de duas cores, também branco e preto, sem uma mancha de sujeira. Seu cabelo grosso e preto estava penteado para trás e brilhava com algum tipo de creme especial ou óleo.

— *Señor* — disse e levantou as sobrancelhas leve e sarcasticamente.

— Ajude o sr. Marlowe a carregar meu marido escada acima, Candy. Ele caiu e se machucou um pouco. Desculpe incomodá-lo.

— *De nada, señora* — disse Candy, sorrindo.

— Vou logo dizendo boa-noite — disse ela pra mim. — Estou exausta. Candy lhe dará o que quiser.

Lentamente foi subindo os degraus. Candy e eu olhamos pra ela.

— Que boneca — falou Candy, confidencialmente. — O senhor vai passar a noite aqui?

— Dificilmente.

— *Es lástima*. Ela é muito solitária.

— Tire esse brilho dos seus olhos, garoto. Vamos levar este cara pra cama.

Ele pareceu triste vendo Wade roncando no sofá.

— *Pobrecito* — murmurou, como se estivesse realmente sentido.

— *Borrachito como una cuba*.

— Ele pode estar bêbado mas certamente não é pequenino. Você pega pelos pés.

Carregamos Wade e mesmo pra dois ele parecia tão pesado como um caixão de chumbo. No alto da escada seguimos por um corredor e passamos por uma porta fechada.

Candy apontou para lá com o queixo.

— *La señora* — ciciou. — Se você bater bem de leve, talvez ela o deixe entrar.

Não disse nada porque precisava dele. Continuamos o caminho com a carcaça de Wade, entramos no outro quarto e o jogamos em cima da cama. Depois segurei o braço de Candy à altura do ombro, onde meus dedos poderiam machucá-lo. Apertei os dedos. Ele fez uma careta e depois seu rosto endureceu.

— Como é seu nome, *cholo*?

— Tire as mãos de mim. E não me chame de *cholo*.

Não sou um mexicano ilegal no país. Meu nome é Juan Garcia de Soto y Sotomayor. Sou chileno.

— Tudo bem, don Juan. Mas trate de não sair da linha por aqui. Mantenha seu nariz e sua boca limpos quando falar sobre seus patrões.

Fez um movimento com o braço e deu um passo pra trás. A mão deslizou pra dentro da camisa e voltou com uma faca longa e fina. Balançou-a na mão sem sequer olhar pra ela. Depois moveu a mão e pegou a faca pelo cabo, enquanto ela caía do ar. Tudo muito rápido e sem nenhum esforço aparente. Sua mão elevou-se à altura do ombro, depois esticou-se pra frente, a faca atravessou o ar e cravou-se na

madeira do caixilho da janela.

— *Cuidado, señor* — disse, com um sorriso esperto. — E tire as patas de mim. Ninguém brinca comigo.

Caminhou com leveza pelo quarto, tirou a faca da madeira, jogou para o alto, aparou na mão, atrás dele. Com um gesto rápido, a faca desapareceu dentro da camisa.

— Jogo limpo — disse eu — mas um pouco espetacular pro meu gosto.

Ele me encarou, sorrindo abusadamente.

— E você poderia acabar com um ombro quebrado — disse. — Assim.

Segurei seu punho direito, fiz com que perdesse o equilíbrio, joguei-o para o lado e um pouco pra trás, levei meu braço pra cima até a parte de trás da junta de seus ombros.

Pressionei-o, usando meus dedos com força.

— Um movimento brusco e seu ombro se quebra. Quebra só num lugar e já é o suficiente. Você estará fora de forma como atirador de faca por vários meses. Tente um movimento mais brusco e estará fora de forma para sempre. Tire os sapatos do sr. Wade.

Deixei-o se aprumar; ele sorriu amarelo pra mim.

— Bom golpe. Não vou me esquecer disso.

Voltou-se para Wade e procurou um dos sapatos, depois parou. Havia um fio de sangue no travesseiro.

— Quem feriu o patrão?

— Eu não fui, meu chapa. Ele caiu e cortou a cabeça em alguma

coisa. É apenas um corte superficial. O médico já esteve aqui.

Candy tornou a respirar normalmente.

— Viu ele cair?

— Foi antes de eu chegar aqui. Você gosta dele, não gosta?

Não respondeu. Tirou os sapatos dele. Tiramos a roupa de Wade pouco a pouco e Candy trouxe um pijama verde e prateado. Colocamos Wade dentro do pijama e dentro da cama, bem coberto. Continuava suando e roncando. Candy olhou pra ele com tristeza, balançando a cabeça lentamente.

— Alguém precisa tomar conta dele — disse. — Vou mudar de roupa.

— Vá dormir. Pode deixar que tomo conta dele. Se precisar, eu o chamo.

Ele me olhou e disse, baixinho: — É melhor tomar conta direitinho. Direitinho.

Saiu do quarto. Fui até o banheiro e peguei uma pequena toalha molhada e uma toalha grande. Virei Wade um pouco e passei a toalha no travesseiro, limpando o sangue da sua cabeça suavemente para que não começasse a sangrar novamente. Vi então um corte superficial de quase um centímetro.

Não era nada. O dr. Loring acertara. Não o machucaria se roçasse no corte, mas isso provavelmente não seria necessário. Achei uma tesoura e cortei o cabelo em volta, de modo que pudesse colocar o curativo. Depois virei-o de frente e limpei o rosto. Acho que foi um erro.

Ele abriu os olhos. Eram olhos vagos e desfocados a princípio,

depois se fixaram e ele me viu ali em pé ao lado da cama. Sua mão se moveu e alcançou a cabeça, sentindo o curativo. Seus lábios murmuraram algo, depois sua voz tornou-se clara: — Quem me feriu? Você? — a mão tocou o curativo.

— Ninguém. Você caiu.

— Caí? Quando? Onde?

— De onde você estava me telefonando. Você me ligou. Ouvi você caindo. Pelo telefone.

— Liguei pra você? — Sorriu lentamente. — Sempre disponível, não é mesmo, amigo? Que horas são?

— Já passa da uma da manhã.

— Onde está Eileen?

— Foi pra cama. Ela não agüentou.

Ele ficou pensando em silêncio. Os olhos cheios de dor.

— Será que eu... ? — Parou e estremeceu.

— Você não tocou nela, pelo que sei. Se é isso que quer dizer. Apenas saiu andando e desmaiou perto da cerca. Mas pare de falar. Durma.

— Dormir — ele falou tranqüila e lentamente, como uma criança recitando a lição. — O que isso significa?

— Talvez uma pílula ajude. Tem alguma?

— Na gaveta. Da mesinha.

Abri a gaveta e achei uma garrafa de plástico com cápsulas vermelhas dentro. Seconal. Receita do dr. Loring. O bom dr. Loring. Receita para a sra. Roger Wade.

Tirei duas, coloquei a garrafa de volta na gaveta e procurei um copo d'água na mesinha de cabeceira. Ele falou que uma seria o suficiente. Pegou-a, bebeu a água, deitou-se de novo e novamente ficou olhando pro teto. O tempo passava. Sentei na cadeira e fiquei olhando pra ele. Não parecia cair no sono. Em seguida, lentamente, ele falou: — Me lembrei de alguma coisa. Me faça um favor, Marlowe. Escrevi um negócio meio maluco mas não quero que Eileen veja. Está em cima da máquina de escrever, debaixo da capa. Rasgue pra mim.

— Certo. Isso é tudo de que se lembra?

— Eileen está bem? Tem certeza?

— Sim. Ela está apenas cansada. Deixa rolar, Wade.

Pare de pensar. Eu não devia ter lhe perguntado nada.

— Pare de pensar, diz ele. Pare de pensar, pare de sonhar, pare de amar, pare de odiar. Boa-noite, doce príncipe.

Vou tomar a outra pílula.

Dei-a com mais um pouco de água. Recostou-se na cama, desta vez com a cabeça virada para me ver.

— Olhe aqui, Marlowe, escrevi um negócio e não quero que Eileen...

— Já sei. Assim que você dormir vou providenciar.

— Obrigado. É bom vê-lo por aqui. Muito bom.

Outra longa pausa. Seus olhos estavam ficando pesados.

— Você já matou um homem, Marlowe?

— Sim.

— Uma sensação terrível, não é mesmo?

— Tem gente que gosta.

Seus olhos foram se fechando. Mas logo se abriram novamente, mas pareciam vagos.

— Como é que pode?

Não respondi. Os olhos se fechavam de novo, gradualmente, como uma lenta cortina de teatro. Ele começou a rressonar.

Esprei mais um pouco. Depois apaguei a luz do quarto e saí.

Parei perto da porta de Eileen e fiquei escutando. Nenhum som vinha de dentro, portanto não bati. Se ela quisesse saber como ele estava passando, era problema dela. Lá embaixo, a sala vazia parecia brilhar. Acendi algumas luzes.

Na altura da porta principal, dei uma olhada pelo balcão. A parte do meio da sala tinha o pé-direito da altura das paredes da casa e era cruzada por vigas aparentes que também sustentavam o balcão. Que era largo e limitado, em dois lados, por uma grade sólida que parecia ter mais ou menos um metro de altura. A parte de cima e suas pequenas colunas eram quadradas para combinar com as vigas. A sala de jantar ficava além de um arco quadrado, fechado por portas duplas de venezianas. Em cima, imaginei que ficassem as dependências dos empregados. Essa parte do segundo andar possuía amuradas, de forma que existia outra escada que a atingia, para quem viesse da cozinha. O quarto de Wade ficava no canto, em cima do seu escritório. Podia ver a luz através da porta aberta, refletida contra o teto alto, e podia ver o alto da porta do escritório.

Apaguei todas as luzes menos uma central e passei para o escritório. A porta estava fechada, mas duas luzes estavam acesas, um abajur de pé alto ao lado do sofá de couro e uma lâmpada de escrivaninha. A máquina de escrever estava em cima da mesa e em volta dela havia uma desordem total de folhas de papel. Sentei numa poltrona e estudei o ambiente. O que queria saber era como ele conseguira aquele corte na cabeça. Sentei na cadeira da escrivaninha,



com o telefone à esquerda. Se me inclinasse pra trás e depois pra frente, minha cabeça poderia atingir a quina da mesa. Tirei o lenço e passei pela madeira. Nada de sangue, nada de nada. Muita coisa na escrivaninha, incluindo uma fila de livros entre dois elefantes de bronze, e um tinteiro quadrado e antigo. Fiz minha tentativa sem resultado nenhum. Não fazia muito sentido de qualquer maneira, pois se alguém o tivesse agredido, a arma não estaria ali. E não havia ninguém ali, claro. Levantei e acendi a luz do canto. Ela atingia as quinas sombrias do escritório e descobri afinal. Uma cesta quadrada de metal estava virada contra a parede, com pedaços de papéis. Não poderia ter andado até lá, portanto havia sido jogada ou atirada. Passei o lenço em suas bordas afiadas. Desta vez consegui manchas de sangue. Não havia mistério. Wade caíra e batera com a cabeça na quina aguda da cesta, que mais parecia a ponta de uma flecha, depois se levantara e jogara o negócio pra longe. Fácil.

Depois provavelmente teria tomado mais um drinque.

A garrafa de bebida continuava na mesinha de coquetel em frente do sofá. Uma garrafa vazia, uma outra com três quartos, uma garrafa térmica de água e um recipiente de prata cheio de água que antes fora gelo. Havia apenas um copo e era dos grandes.

Tendo bebido, sentiu-se um pouco melhor. Percebeu o telefone fora do gancho distraidamente e é possível que não se lembrasse mais pra quem havia ligado. Caminhou então até o telefone e colocou de volta no gancho. O tempo conferia. Há alguma coisa de compulsivo a respeito de telefones. O homem com mania de técnica da nossa época adora um telefone, louva-o e tem medo dele. Mas sempre o trata com respeito, mesmo quando bêbado. O telefone é um fetiche.

Qualquer pessoa normal teria dito "alô" no bocal antes de colocá-lo no gancho, só para se garantir. Mas não necessariamente um homem meio zozzo de bebida e que acabou de cair no chão. De qualquer forma, não importa. A esposa dele poderia ter recolocado o fone no gancho, poderia ter ouvido ele cair, o barulho da cesta sendo jogada contra a parede, e vindo até o escritório. A esta altura o último drinque já havia subido à cabeça dele e ele teria saído da casa, atravessado o gramado da entrada e chegado até onde eu o encontrara. Alguém estava vindo em seu auxílio. Àquela altura ele nem sabia quem era. Talvez o bom dr. Verringer.

Até aqui, tudo bem. Mas o que a mulher dele fez? Não podia lidar ou argumentar com ele; poderia até ter medo de tentar qualquer dessas coisas. Portanto, iria chamar alguém para ajudá-la. Os empregados estavam fora, era necessário usar o telefone. Bem, ela *havia* chamado alguém. O gentil dr. Loring. Eu pensava que ela havia ligado pra ele depois que eu estava lá. Mas ela não me disse isso.

Daqui em diante, as coisas não se casavam muito bem.

Era de se esperar que ela fosse procurá-lo e encontrá-lo para assegurar-se que não estivesse ferido. Não faria nenhum mal a ele ficar deitado na grama por uns tempos numa noite quente de verão. Ela não conseguiria movê-lo. Precisei de todas as minhas forças pra carregá-lo. Mas não seria de se esperar encontrá-la em pé na porta aberta fumando um cigarro, sem saber a não ser vagamente onde estava Wade. Ou será que sim? Não sabia o que havia acontecido entre os dois, quão perigoso seria ele numa situação destas, quanto medo ela sentiria de se aproximar dele. "Já agüentei mais do que posso", disseme ela quando cheguei. "Encontre-o você." Depois

entrou na casa e desmaiou.

A coisa ainda me incomodava, mas tinha de deixar assim mesmo. Precisava me convencer de que ela estava tão acostumada com situações como aquelas, que sabia no fundo que nada podia fazer a não ser deixar rolar, e era isso que tinha feito. Apenas. Deixar rolar. Deixar que ficasse lá na grama até que alguém viesse com os apetrechos médicos para tratar dele.

A coisa ainda me incomodava. Me incomodava também o fato de ela ter dado uma olhada geral e ido pra seu quarto enquanto Candy e eu levávamos Wade lá pra cima.

Ela disse que amava o sujeito. Ele era seu marido, estavam casados há cinco anos, ele era um cara muito legal quando sóbrio — foi ela mesmo quem disse isso. Bêbado, era meio diferente, uma pessoa de quem era bom ficar distante porque podia se tornar perigosa. Tudo bem, esquece. Mas de alguma forma a coisa continuava me incomodando. Se ela estivesse realmente assustada, não estaria lá em pé na porta, fumando. Se estivesse apenas magoada, indiferente ou chateada, não teria desmaiado.

E tinha mais uma coisa. Outra mulher, quem sabe. Que ela acabara de descobrir. Linda Loring? Talvez. O dr. Loring pensava assim e disse isso em público.

Parei de pensar no assunto e tirei a capa da máquina de escrever. O papel estava lá; várias folhas datilografadas que eu deveria destruir para que Eileen não visse. Levei comigo para o sofá e achei que merecia um drinque para acompanhar minha leitura. Havia um minibanheiro no escritório.

Lavei o copo grande, me servi e sentei com ele ao lado para ler. E

o que eu li era realmente chocante. Assim:

"Quatro dias de lua cheia e há um pedaço quadrado de luar na parede e ele está me olhando como olhos grandes, cegos, leitosos, olhos de parede. Piada. Droga de imagem besta. Escritores. Tudo precisa ser como alguma coisa. Minha cabeça está tão molenga quanto creme batido mas não tão doce. Mais comparações. Poderia vomitar só de pensar na nojenta sacanagem. Poderia vomitar de qualquer maneira. Provavelmente vou vomitar. Não me pressione. Me dê tempo. Os vermes no meu plexo solar rastejam e rastejam e rastejam. Eu estaria muito melhor na cama, mas lá teria aquele animal escuro debaixo da cama e o animal escuro iria rastejar e dar voltas e ronronar e dar pulos e urros nos lados da cama, e então eu daria um grito que não resultaria em nenhum som a não ser pra mim. Um grito de sonho, um grito de pesadelo. Não há nada a temer e eu não tenho medo porque não há nada a temer, mas assim mesmo estava gritando quando o animal escuro estava em cima de mim na cama, pulando contra os lados da cama, e eu tive um orgasmo. Isso me desagradou mais do que qualquer coisa nojenta que eu tenha feito.

"Estou sujo. Preciso fazer a barba. Minhas mãos tremem. Estou suando. Cheiro mal. A camisa está molhada debaixo dos meus braços, no peito e nas costas. As mangas estão molhadas na dobra do cotovelo. O copo na mesa está vazio. Precisaria de ambas as mãos pra enchê-lo agora. Poderia tirar uma da garrafa pra me segurar. O gosto desta coisa é terrível. E eu não agüentaria mais. No fim não

conseguiria nem mesmo dormir e o mundo inteiro iria gritar no horror de nervos torturados. Boa droga, hem, Wade? Mais.

"É bom pros primeiros dois ou três dias mas depois é negativo. A gente sofre e bebe umas e outras, e por pouco tempo sente-se melhor. Mas o preço continua subindo, subindo e o que se tem por ele é menos e menos, e então chega o ponto em que não se chega a nada a não ser à náusea. Aí a gente chama Verringer. Tudo bem, Verringer, aqui vou eu. Não existe mais nenhum Verringer. Ele foi pra Cuba ou morreu. O veado matou ele. Pobre velho Verringer, que destino, morrer na cama com uma boneca — aquele tipo de boneca. Vamos nesta, Wade, vamos levantar e ir aos lugares. Lugares onde nunca estivemos e para onde nunca mais voltaremos depois de lá ter estado. Será que esta frase faz sentido? Não. Tudo bem, não estou pedindo dinheiro nenhum por ela. Uma breve pausa aqui pra um longo comercial.

"Bem, eu consegui. Me levantei. Que homem. Fui até o sofá e eis-me aqui ajoelhado ao lado do sofá com as mãos nele e o rosto nas minhas mãos, chorando. Depois rezei e me lamentei por ter rezado. Bêbado de Terceiro Grau se autolamentando. Por que diabos está você rezando, seu bobo? Se um homem legal reza, isto é fé. Um homem doente rezando quer dizer apenas que está aterrorizado. Este é o mundo que você construiu e você o construiu sozinho, o pouco de auxílio do lado de fora que conseguiu — bem, também isso você criou. Pare de rezar, seu bestalhão. Fique em pé e beba este drinque. Agora é tarde demais pra qualquer outra coisa.

"Bem, peguei. Ambas as mãos. Derramei o líquido no copo. Praticamente nenhum pingo fora. Posso agora segurá-lo sem vomitar. Melhor juntar um pouco de água. Agora levantá-lo

lentamente. Devagar, uma coisa depois da outra. Ficou mais quente. Se eu pudesse parar de suar. O copo está vazio. Novamente em cima da mesa.

"Há uma neblina em volta do luar mas coloquei o copo na mesa a despeito disso, cuidadosamente, cuidadosamente, como um buquê de rosas num vaso alto e fino. As rosas inclinam a cabeça com gotas de orvalho. Talvez eu seja uma rosa. Irmão, como eu tenho gotas de orvalho. Agora, ir lá pra cima. Talvez mais um gole rápido pra agüentar a estirada. Não? Está bem, o que você disser. Beba lá em cima quando chegar lá. Se eu chegar lá, eis um objetivo a seguir. Se eu chegar lá em cima merecerei uma compensação. Um presente de mim para mim. Sinto um amor tão bonito por mim mesmo e — o melhor dele — sem rivais.

"Espaço duplo. Vai pra cima e vem pra baixo. Não gostei lá de cima. A altitude faz meu coração flutuar. Mas continuo a bater naquelas teclas da máquina de escrever. Que mágica é o subconsciente. Se pelo menos ele trabalhasse em horário regular. Há um lugar lá em cima também. Provavelmente a mesma lua. Não há variedade a respeito da lua. Ela vem e vai como o leiteiro e o leite da lua é sempre o mesmo. A lua do leite é sempre — vamos com calma, meu chapa. Você acabou cruzando os pés. Agora não é hora de se envolver nessa história de lua. Você tem história suficiente pra lidar neste vale inteiro.

"Ela dormia no seu lado sem emitir nenhum som. Os joelhos pra cima. Imóvel demais pro meu gosto. A gente sempre faz algum barulho quando dorme. Talvez não quando se dorme, mas quando se tenta dormir. Se eu me aproximar, saberei. Mas poderei cair também. Um dos olhos aberto — ou não? Olhou pra mim ou não?

Não. Teria se erguido e dito: 'Você está doente, querido?' Sim, estou doente, querida. Mas não esquente, querida, porque esta doença é a minha doença e não a sua doença, vá dormir imóvel e adorável e nunca se lembre e sem esta de eu jogar lama em você e que nada a atinja, nada de terrível, de cinza, de feio.

"Você é um nojento, Wade. Três adjetivos, seu escritor nojento. Será que nem em sua consciência consegue escrever nojentamente sem três adjetivos, pelo amor de Deus? Fui até o andar de baixo de novo me segurando no corrimão. Minhas entranhas se removiam com os passos mas segurei-as com uma promessa. Cheguei ao andar principal, ao escritório, ao sofá e esperei que meu coração batesse mais devagar. A garrafa à mão. Uma coisa que se pode dizer sobre a arrumação dos Wade é que há sempre uma garrafa à mão. Ninguém esconde, ninguém tranca as garrafas num armário. Ninguém diz: 'Você não acha que já bebeu demais, querido? Vai ficar doente, querido'. Ninguém diz isso. Apenas se dorme no seu lado suavemente como rosas.

"Dei dinheiro demais pra Candy. Erro. Deveria ter começado com amendoim e chegado a um cacho de bananas. Depois uma pequena mudança, lenta e fácil, sempre o deixaria de olhos abertos. A gente dá a ele de início um bom dinheiro e logo, logo um montão. Ele pode viver no México por um mês, viver numa boa com o que custa aqui por dia. Portanto, quando ganha um montão de grana, o que ele faz? Bem, será que o homem tem dinheiro que lhe baste quando pensa que pode ganhar mais? Talvez seja isso mesmo. Talvez eu devesse matar o sacana de olhos brilhantes. Um bom homem morreu por mim certa vez, por que não um cucaracha de casaco branco?

"Esqueça Candy. Sempre existe uma maneira de se enfiar uma



agulha. O outro jamais irei me esquecer. Está gravado no meu fígado com fogo verde.

"Melhor telefonar. Perdendo controle. Começo a senti-lo pulando, pulando, pulando. Melhor chamar alguém rápido antes que aquelas coisas cor-de-rosa comecem a rastejar no meu rosto. Melhor ligar, ligar, ligar. Ligar para Sioux City Sue. Alô, telefonista, chamada interurbana. Alô, Interurbano, ligue-me para Sioux City Sue. Qual o número dela? Não tem numero, só o nome, telefonista. Você irá encontrá-la caminhando pela Rua Dez, no lado da sombra, sob as altas árvores com suas orelhas crescentes... Está bem, telefonista, está bem. Cancele tudo mas deixa eu lhe dizer uma coisa. Isto é, lhe perguntar uma coisa. Quem vai pagar por estas festas faustosas que Gifford está dando em Londres, se você cancelar minha chamada interurbana? Claro, você acha que seu trabalho está garantido. Acha. Olha aqui, é melhor eu falar diretamente com Gifford. Ponha-o na linha. Seu criado acaba de lhe trazer o chá. Se ele não puder falar, a gente manda alguém que possa.

"Agora me diga uma coisa, por que eu escrevi isso tudo? Sobre o que eu estava tentando não pensar? Telefone. Melhor telefonar agora. Ficando muito ruim, muito, muito..."

Era tudo. Dobrei as folhas e coloquei no bolso de dentro do meu casaco, junto da carteira de dinheiro. Fui até às portas laterais e as escancarei. Saí até o terraço. O luar estava um pouco estragado. Mas era verão em Idle Valley e o verão nunca é realmente arruinado. Fiquei ali olhando o lago imóvel e incolor, e pensando e cismando.

Foi quando ouvi um tiro.

No balcão duas portas iluminadas se abriram — a de Eileen e a dele. O quarto dela estava vazio. Do quarto dele vinha um barulho de briga e eu cheguei na porta e pulei para encontrá-la encostada na cama, lutando com ele. O brilho negro de um revólver surgia no ar, duas mãos, uma mão grande de homem e uma mão pequena de mulher seguravam o revólver, nenhuma delas pelo cabo. Roger estava sentado na cama e inclinado pra frente, pressionando. Ela vestia um casaco de pijama azul claro, dessas coisas acolchoadas. Os cabelos caíam pelo rosto e ela tinha agora as duas mãos na arma. Com um gesto rápido, consegui tirá-la dele. Fiquei surpreso com a força dela, mesmo meio dopado como ele estava. Ele caiu pra trás, com os olhos brilhando, a respiração ofegante, e ela deu uns passos pra trás e jogou-se na minha direção.

Lá ficou ela encostando-se em mim, segurando o revólver com as duas mãos, pressionando-o com força contra o corpo, tomada por soluços entrecortados. Estendi a mão à volta do seu corpo e pus a mão na arma.

Ela me afastou como se percebesse pela primeira vez que eu estava lá. Seus olhos se arregalaram e seu corpo se curvou contra o meu. Largou a arma. Era pesada, grosseira, uma Webley dupla. O tambor estava quente. Segurei-a com um braço, coloquei a arma no meu bolso e olhei pra ele por cima da cabeça dela. Ninguém dizia nada.

Mas então ele abriu os olhos e aquele sorriso cansado surgiu nos

lábios, murmurando: — Ninguém se feriu. Apenas um tiro maluco no teto.

Senti que ela se recompunha. Afastou-se de mim. Os olhos claros e bem focados. Deixei-a ir.

— Roger — disse ela, numa voz que mais parecia um assobio doente —, precisava fazer isso?

Ele olhou com olhos noctívagos, lambeu o lábio e não disse nada. Ela deu uns passos e inclinou-se em direção à mesinha com espelho. A mão se movia mecanicamente e jogava os cabelos pra trás tirando-os do rosto. Ele tremeu da cabeça aos pés, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Pobre Roger. Pobre e miserável Roger.

Olhava para o alto, olhos fixos no teto. Falou lentamente: — Tive um pesadelo. Alguém com uma faca se inclinava sobre a cama. Não sei quem. Parecia um pouco com Candy. Mas não podia ser o Candy.

— Claro que não, querido — disse ela, suavemente. Sentou-se ao lado da cama. Começou a passar a mão na testa dele. — Candy foi pra cama há muito tempo. E por que Candy iria andar com uma faca?

— Ele é mexicano. Eles todos andam com faca — Roger disse na mesma e remota voz impessoal. — Eles gostam de facas. E ele não gosta de mim.

— Ninguém gosta de você — disse eu, duramente.

Ela virou a cabeça rapidamente pra mim: — Por favor... por favor, não fale assim. Ele não sabe...

Estava sonhando...

— E onde estava o revólver? — disse, rudemente, olhando pra ela,

sem prestar atenção a ele.

— Na mesinha de cabeceira. Na gaveta. — Ele virou a cabeça e seus olhos encontraram os meus. Não havia nenhum revólver na gaveta e ele sabia muito bem disso. Havia pílulas e outras coisas, mas não um revólver.

— Ou debaixo do travesseiro — acrescentou ele. — Não tenho certeza. Dei apenas um tiro — levantou a mão pesada e apontou — lá em cima.

Olhei pra cima. Parecia haver um buraco no teto, com certeza. Fui até onde podia vê-lo melhor. Sim. O tipo de buraco que uma bala pode fazer. Daquele revólver era de se esperar que atravessasse o teto e chegasse ao sótão. Voltei pra perto da cama e fiquei olhando pra ele, com um olhar duro.

— Loucura. Você queria se matar. Não teve pesadelo nenhum. Anda nadando num mar de autopiedade. Não tinha revólver nenhum na gaveta e muito menos debaixo do travesseiro. Você se levantou, pegou o revólver, voltou pra cama e aí ficou pra terminar com a confusão toda que virou a sua vida. Mas não acredito que tivesse a coragem necessária. Deu um tiro pra não acertar em nada. E sua esposa veio correndo — era isso que você queria. Apenas piedade e simpatia, meu chapa. Nada mais. Mesmo a luta foi mais uma simulação. Ela não conseguiria tirar o revólver de você se você não quisesse.

— Estou doente. Mas pode ser que você tenha razão. Que importa?

— Importa, sim. Eles vão pôr você num manicômio de psicóticos e, pode crer, o pessoal que cuida dum lugar assim é tão simpático

quanto os guardas de uma penitenciária barra pesada.

Eileen levantou-se rapidamente. E falou, ríspida: — Chega. Ele está doente e você sabe disso.

— Ele quer estar doente. Estou apenas lembrando a ele o quanto isso lhe custaria.

— Não é hora de lhe dizer essas coisas.

— Volte pro seu quarto.

Seus olhos azuis brilharam: — Como se atreve...

— Volte pro seu quarto. A não ser que deseje que eu chame a polícia. Essas coisas precisam ser relatadas à polícia, você sabe...

Ele quase sorriu:

— Isto, chame a polícia, como fez no caso de Terry Lennox.

Fingi que não entendi. Continuei olhando pra ela. Parecia exausta, frágil e muito bonita. O momento de ódio fulminante havia passado. Pus minha mão no seu braço.

— Está tudo bem. Ele não vai tentar de novo. Volte pro quarto.

Ela deu uma longa olhada pra ele e foi embora pra seu quarto. Quando a porta aberta ficou vazia de sua presença, sentei no lado da cama onde ela estivera antes.

— Mais pílulas?

— Não, obrigado. Não importa se eu dormir ou não. Me sinto bem melhor.

— Acertei quando falei do tiro? Foi apenas uma representação louca?

— Mais ou menos — virou o rosto pro outro lado. — Acho que eu

estava meio fora do ar.

— Ninguém poderá impedi-lo de se matar, se você realmente estiver a fim. Eu sei disso. E você também sabe.

— É — continuava olhando pra longe. — Você fez o que eu lhe pedi... aquelas folhas na máquina de escrever?

— Ham, ham. Estou surpreso por se lembrar. É um texto muito louco. E, engraçado, muito bem datilografado.

— Isso eu sempre consigo. Bêbado ou sóbrio. Pelo menos até certo ponto.

— Não se preocupe com Candy. Engana-se quando diz que ele não gosta de você. E eu menti quando disse que ninguém gosta de você. Estava querendo provocar Eileen, deixá-la zangada.

— Por quê?

— Ela já havia desmaiado hoje à noite.

Ele mexeu levemente a cabeça.

— Eileen nunca desmaia.

— Então foi encenação.

Ele não gostou da idéia tampouco.

— O que você quis dizer com "um bom homem morreu por mim"?

Fechou a cara, pensando no assunto.

— Bobagem. Disse que tive um sonho...

— Estou me referindo ao texto que você escreveu.

Olhou então para mim, virando a cabeça no travesseiro como se a cabeça estivesse pesando.

— Outro sonho.

— Vou tentar de novo. O que Candy tem a ver com você?

— Corta essa — disse e fechou os olhos.

Levantei e fechei a porta.

— Você não pode fugir pra sempre, Wade. Candy pode ser um chantagista, claro. Fácil, fácil. Ele pode mesmo ser um cara gentil a esse respeito... gosta de você e ao mesmo tempo pode levantar uma nota. O que há por trás... mulher?

— Você acredita naquele idiota do Loring? — disse, com olhos fechados.

— Não é bem assim. E a irmã... aquela que morreu?

Foi um tiro no escuro em certo sentido, mas deu para quebrar o gelo. Seus olhos se abriram enormemente. Nos lábios saliva...

— E isso... por que você está aqui? — perguntou, lentamente, numa voz murmurante.

— Você sabe muito bem. Fui convidado. Você me convidou.

A cabeça rolou de volta de um lado pro outro no travesseiro. Apesar do seconal, estava com os nervos à flor da pele. O rosto coberto de suor.

— Não sou o primeiro marido bem casado que virou adúltero. Me deixe em paz, porra. Me deixe em paz.

Fui até o banheiro, peguei uma toalha e passei no rosto dele. Sorri, sarcástico. Eu era o patife dos patifes. Espere até alguém estar por baixo, depois dê-lhe um chute e chute-o novamente. Fraco, não poderá resistir ou chutar de volta.

— Um dia desses vamos conversar sobre isso — disse.

— Não sou maluco.

— Pelo menos é o que você espera...

— Tenho vivido num inferno.

— Mas, claro. Parece óbvio. O ponto que interessa é: por quê? Toma mais um — peguei mais uma pílula de seconal da mesinha e outro copo d'água. Ele levantou um dos ombros e tentou agarrar o copo, mas não conseguiu por centímetros. Coloquei-o na sua mão. Ele apoiou-se num cotovelo para tomar a pílula e beber a água. Depois deitou novamente prostrado, o rosto sem qualquer emoção. As narinas abertas.

Quase que se poderia dizer — um homem morto. Não estava jogando ninguém escada abaixo numa noite dessas. Aparentemente, em noite nenhuma.

Quando seus olhos fecharam de vez, saí do quarto. O peso do revólver contra minha cintura, enchendo meu bolso. Comecei a ir para baixo. A porta de Eileen estava aberta.

O quarto, escuro, mas havia luz suficiente da lua para mostrar sua silhueta de pé, quase ao lado da porta. Ela chamou alguma coisa que soava como um nome, mas não era o meu.

Fui mais pra perto dela.

— Baixe a voz. Ele voltou a dormir.

— Sempre soube que você voltaria — disse ela, suavemente. — Mesmo dez anos depois.

Olhei-a de perto. Um de nós dois estava pirado.



— Feche a porta — disse ela, na mesma voz acariciante.

— Me guardei para você todos estes anos.

Virei e fechei a porta. Parecia uma boa idéia àquela altura.

Quando fiquei de frente, ela já vinha caindo sobre mim. Portanto, segurei-a. Juntou seu corpo ao meu e seus cabelos roçaram meu rosto. Sua boca veio e se aproximou pra ser beijada. Tremia. Os lábios abertos, os dentes abertos e a língua espichada. As mãos então caíram e o robe aberto mostrou que, por baixo, ela estava nua como a lua, mas sem nenhuma neblina em volta.

— Ponha-me na cama — pediu.

Foi o que eu fiz. Passei meus braços em volta dela e toquei aquela pele nua, aquela pele fina, carne dadivosa. Levantei-a e carreguei-a alguns passos até a cama. Ela manteve seus braços em volta do meu pescoço. Da sua garganta vinha um assobiozinho suave. Então se soltou e gemeu. Foi a conta.

Eu parecia um garanhão. Estava perdendo meu controle. A gente não recebe este tipo de convite daquele tipo de mulher com muita freqüência, de qualquer maneira.

Candy me salvou. Ouvei um som agudo, virei e vi a maçaneta da porta se mexendo. Levantei e pulei para a porta. Puxei-a, atravessei-a e vi o mexicano correndo pelo corredor, escada abaixo. Quase lá embaixo ele parou, virou e me olhou com malícia. Depois, foi-se.

Voltei para a porta do quarto e fechei-a — desta vez do lado de fora. Barulhos estranhos vinham da mulher deitada na cama, mas era isso mesmo. Barulhos estranhos. O encanto se fora.

Desci as escadas rápido, fui até o escritório, agarrei uma garrafa

de uísque e tirei a tampa. Bebi pelo gargalo.

Quando não podia mais engolir, me encostei na parede, ofegante, e deixei o líquido me queimar por dentro até os vapores atingirem meu cérebro.

Fazia muito tempo que eu havia jantado. Fazia muito tempo desde que acontecera qualquer coisa de normal. O uísque me atingiu pra valer e rápido; eu fiquei esperando até o escritório começar a rodar e todos os móveis ficarem fora de lugar e a lâmpada do abajur se transformar numa fogueira ou num relâmpago de verão. Depois me estendi no sofá, tentando equilibrar a garrafa no meu peito. Parecia estar vazia. Rolou e caiu no chão. Foi o último incidente do qual tive nítida consciência.

## 30

Um raio de luz me fez cócegas. Abri os olhos e vi a copa de uma árvore movendo-se suavemente contra um céu nebuloso e azul. Virei e senti o couro tocando minha face.

Um machado partindo minha cabeça ao meio. Sentei. Havia uma manta em cima de mim. Joguei-a pra longe e coloquei os pés no chão. Dei uma olhada no relógio. O relógio dizia que faltava um minuto para as seis e meia.

Fiquei em pé e pra isso precisava de convicção. Força de vontade. Precisava de muita coisa e não havia muito a gastar como nos bons tempos. Os anos pesados e duros que me formaram.

Arrastei-me até chegar ao pequeno banheiro; tirei a gravata e a camisa e joguei água fria no rosto com as duas mãos; molhei a cabeça. Quando estava pingando, me enxuguei com a toalha sem nenhuma delicadeza. Vesti a camisa de novo, arrumei a gravata e procurei o paletó com o revólver no bolso, jogado contra a parede. Tirei a arma, abri o tambor e deixei cair as balas na mão: cinco intactas e uma vazia. Depois pensei que não iria adiantar, sempre existem mais balas. Coloquei-as de volta, levei o revólver para o escritório e deixei numa das gavetas da escrivaninha.

Quando levantei os olhos, Candy estava em pé na porta, limpo e lampeiro com seu casaco branco, cabelos penteados pra trás, pretos e brilhantes, olhos amargos.

— Quer café?

— Sim, obrigado.

— Apaguei as luzes. O patrão está bem. Dorme. Fechei a porta do quarto dele. Por que o senhor se embebedou?

— Precisava.

Sorriu.

— Não conseguiu transar com ela, hem? Ela cortou a sua, hem, detetive?

— Se é isso que você acha...

— Não me parece muito durão nesta manhã, detetive.

Não é durão nunca.

— Traga esse maldito café — gritei.

— Hijo de la puta.

Num pulo peguei-o pelo braço. Não se mexeu. Apenas ficou me olhando. Ri e larguei o braço dele.

— Tem razão, Candy. Não sou mesmo um durão.

Virou as costas e saiu. Num segundo estava de volta com uma bandeja de prata e um pequeno bule de prata de café, açúcar, creme e um guardanapo triangular, limpo. Colocou tudo em cima da mesinha, tirou a garrafa vazia e os apetrechos de bebida. Pegou uma outra garrafa no chão.

— Quentinho. Fiz agora — disse, e saiu.

Tomei duas xícaras de café preto. Tentei fumar um cigarro. Não caiu mal. Eu continuava pertencendo à raça humana. Candy voltou:

— Deseja um café da manhã completo?

— Não, obrigado.

— OK, então pode sair. Nós não queremos vê-lo por aqui.

— Nós, quem?

Levantou a tampa de uma cigarreira e pegou um cigarro. Acendeu e jogou fumaça em mim.

— Do patrão cuidado eu.

— Ele te paga bem?

Franziu o cenho, depois concordou: — Claro. Um bom dinheiro.

— E quanto por fora... pra não falar do que você sabe?

Voltou a falar espanhol.

— No entendido.

— Entendeu muito bem. Quanto consegue descolar dele? Aposto que não é mais que um par de *yards* .

— O que é isso? Um par de *yards*!

— Duzentos dólares.

Sorriu.

— Me dê o senhor um par de *yards*, detetive. Aí eu nao conto pro patrão que estive no quarto dela ontem à noite.

— Isto compraria um bando de mexicanos ilegais no país como você.

Não gostou.

— O patrão costuma ficar muito bravo quando perde as estribeiras. É melhor pagar, detetive.

— Conversa mole. Você só está conseguindo receber uns trocados. Muitos homens costumam dar suas voltinhas quando sentem

vontade. E ela sabe de tudo. Você não tem nada pra vender.

O olhar dele brilhou:

— É melhor não aparecer mais por aqui, durão.

— Estou de saída.

Levantei e contornei a mesa. Ele só se mexeu para acompanhar meus movimentos. Olhei para a sua mão, mas evidentemente ela não segurava uma faca logo pela manhã. Quando estava suficientemente próximo, dei-lhe um tabefe no rosto.

— Não sou chamado de filho da puta por um empregado com os cabelos cheios de graxa, e fica por isso mesmo. Vim aqui pra trabalhar e vou voltar à hora que quiser. Cuidado com o que disser daqui por diante. Pode levar uma coronhada. Seu rostinho bonito nunca mais será o mesmo.

Simplemente não reagiu, nem mesmo ao tapa. O tapa e o fato de falar do seu cabelo cheio de graxa devem ter-lhe soado como insultos mortais. Mas ficou parado, o rosto impassível. Depois, sem uma palavra, pegou a bandeja de café e levou embora.

— Obrigado pelo café — disse às suas costas.

Continuou andando. Quando desapareceu, senti a barba na minha cara, me ajeitei e decidi ir embora. Havia tido uma boa amostra da família Wade.

Quando atravessava a sala, Eileen vinha descendo as escadas, de calças brancas, sandálias abertas e uma blusa azul clara. Olhou-me completamente surpresa.

— Não sabia que estava aqui, sr. Marlowe — disse, como se não me visse há uma semana quando eu teria apenas passado pra tomar

um chá.

— Coloquei o revólver na escrivaninha dele.

— Revólver? — Parecia vir à tona. — Ah, a noite passada foi um pouco confusa, não foi? Mas eu pensei que o senhor tivesse ido pra casa.

Caminhei em sua direção. Tinha uma corrente de ouro fininha em volta do pescoço e algum tipo de belo pingente de ouro e azul em esmalte branco. A parte azul esmaltada parecia um par de asas, mas não abertas. Em cima disso havia um esmalte branco e uma adaga dourada trespassada por um selo. Não cheguei a ler as palavras. Mas era algum tipo de emblema militar.

— Fiquei bêbado. Deliberada e não civilizadamente bêbado. Me senti um pouco solitário.

— Não era pra se sentir assim — e seus olhos eram claros como água. Não havia um traço de malícia neles.

— Questão de opinião. Estou indo embora e não sei se voltarei. A senhora ouviu o que eu disse sobre a arma?

— Colocou-a na escrivaninha. Talvez seja uma boa idéia colocá-la em algum outro lugar. Mas ele não queria, no fundo, se matar, não é?

— Não sei dizer. Mas da próxima vez, pode ser.

Balançou a cabeça.

— Não acredito. Realmente não acredito. Nos deu uma ajuda e tanto na noite passada, sr. Marlowe. Não sei como lhe agradecer.

— A senhora bem que tentou.

Ela enrubesceu. Depois riu. E falou lentamente, olhando por cima

do meu ombro: — Tive um sonho muito curioso esta noite. Alguém que conheci há muito tempo estava aqui em casa. Alguém que já morreu há dez anos. — Seus dedos tocaram o emblema esmaltado e dourado. — Por isso estou usando isto hoje.

Foi ele quem me deu.

— Também tive um sonho curioso. Mas não vou contar o meu. Me diga depois como Roger está indo e se tem alguma coisa que eu possa fazer.

Baixou os olhos e olhou nos meus.

— O senhor disse que não voltaria mais aqui.

— Disse que não tinha certeza. Talvez precise voltar. Espero que não. Existe alguma coisa de errado nesta casa. E apenas parte desta coisa tem a ver com garrafas.

— O que quer dizer?

— Acho que a senhora sabe do que estou falando.

Cuidadosamente, parecia pensar a respeito do que eu dissera. Os dedos continuavam a tocar suavemente o emblema. O olhar ficou lento e paciente.

— Sempre existe outra mulher — disse, tranqüilamente.

— Numa época ou noutra. Não chega a ser uma coisa fatal.

Estamos falando com subterfúgios, não é mesmo? Talvez não estejamos nem mesmo falando da mesma coisa.

— Pode ser. — Ela continuava em pé na escada, o terceiro degrau de baixo pra cima. Continuava a passar o dedo no emblema. Continuava parecendo um sonho dourado. — Especialmente se a



senhora pensa que essa outra mulher é Linda Loring.

Largou o emblema e desceu mais um degrau.

— O dr. Loring parece que concorda comigo — disse, indiferente.  
— Deve ter uma boa fonte de informação.

— A senhora disse que ele havia feito aquele tipo de cena com metade dos homens do vale.

— Disse isso? Bem... era o tipo de coisa conveniente para se dizer na hora. — Desceu mais um degrau.

— Não fiz a barba.

Ela se surpreendeu. Depois riu.

— Ah, não estava esperando que o senhor fizesse amor comigo.

— O que estava esperando de mim, sra. Wade — no começo, quando primeiro me convenceu a vigiar Roger? Por que eu, o que eu tenho para oferecer?

— É uma pessoa confiável. Quando isto não acontece, a coisa fica mais difícil.

— Fico sensibilizado. Mas não creio que seja essa a razão.

Desceu o último degrau e me olhou então nos olhos — Qual seria então a razão?

— Se for essa... é uma razão muito fraca. Talvez a pior razão do mundo.

Sua testa se enrugou um pouco: — Por quê?

— Porque o que eu fiz — sendo confiável — é alguma coisa que nem um imbecil faria duas vezes.

— Sabe de uma coisa, nossa conversa está ficando muito

enigmática.

— A senhora é uma senhora muito enigmática. Adeus e boa sorte. Se realmente se importa com Roger, é melhor encontrar o médico certo pra tratar dele — e rápido.

Riu novamente.

— Ah, o ataque que teve ontem à noite foi brincadeira.

O senhor deveria ver quando ele está realmente ruim. Vai acordar e hoje à tarde estará trabalhando.

— Tenho certeza que sim.

E dei-lhe o último "soco" direto nos dentes, bastante nojento: — A senhora não quer salvá-lo de verdade, não é? Quer apenas aparentar que está a fim de salvá-lo.

— O que acaba de me dizer é uma coisa realmente abjeta.

Passou por mim, cruzou a sala de jantar, atravessou a porta e de repente a grande sala estava vazia; atravessei a porta principal e saí. Era uma manhã perfeita de verão naquele vale brilhante e afastado. Longe demais da cidade para pegar a poluição, protegido pelas montanhas da umidade do oceano. O dia seria quente mas de uma maneira suave e exclusiva, nada de brutalmente quente como o calor do deserto, nada de pegajoso como o calor da cidade. Idle Valley era um lugar perfeito pra se morar. Perfeito. Boa gente com boas casas, bons carros, bons cavalos, bons cachorros e possivelmente boas crianças.

Mas tudo que um homem chamado Marlowe queria daquele vale, no momento, era distância. E rápido.

## 31

Fui pra casa, tomei uma ducha, fiz a barba, mudei de roupa e comecei a me sentir limpo de novo. Fritei uns ovos, comi, lavei a louça, varri a cozinha e a entrada de serviço, enchi um cachimbo e liguei pro serviço de recado. Resolvi não sair. Por que ir ao escritório? Não teria nada pra fazer a não ser observar outros insetos mortos e outras camadas de poeira. No cofre, estaria meu "retrato de Madison". Poderia ir até lá e me envolver com insetos e poeira, e ficar brincando com as notas dobradas de cem dólares que ainda cheiravam a café. Poderia, sim, mas não estava a fim. Havia alguma coisa azeda dentro de mim. Nada daquele dinheiro realmente me pertencia. Havia recebido o dinheiro em pagamento de quê?

Até onde um homem morto pode usar a lealdade? Bah! Olhava a minha vida pelo prisma da ressaca.

Era o tipo da manhã que parecia interminável. Estava mole, cansado, chateado e os minutos passando pareciam cair num vazio, com um som lento como um zumbido, como um foguete apagado. Pássaros chilreavam na árvore do lado de fora, carros iam e vinham pra cima e pra baixo do Boulevard Laurel Canyon numa trajetória sem fim. Geralmente nem prestaria atenção a eles. Mas estava encolhido e irritável, chato e supersensível. Resolvi acabar com a ressaca.

Normalmente não sou um cara que bebe de manhã. O clima do Sul da Califórnia não é apropriado pra essas coisas. A gente não chega a metabolizar a bebida com rapidez.

Mas misturei um drinque grande e gelado desta vez, sentei na cadeira de balanço com a camisa aberta, peguei uma revista e fiquei lendo um conto maluco sobre um cara que tinha duas vidas e dois psicanalistas, um era humano e o outro uma espécie de inseto dentro de uma casaca. O cara continuava indo de um pro outro analista e a história toda era tão louca como sei-lá-o-que, mas engraçada de certa maneira porque não era convencional. Segurava o drinque devagar, um golinho de vez em quando, me cuidando.

Era perto do meio-dia quando o telefone tocou e uma voz disse: — É Linda Loring quem fala. Liguei pra seu escritório e o serviço de recados disse que tentasse ligar pra sua casa. Gostaria de vê-lo.

— Por quê?

— Prefiro explicar pessoalmente. O senhor aparece no seu escritório de vez em quando, suponho.

— Sim. De vez em quando. Algum dinheiro na jogada?

— Não tinha pensado dessa maneira. Mas não faço objeção, se deseja ser pago. Eu poderia estar no seu escritório dentro de uma hora.

— Ótimo.

— O que há com o senhor? — perguntou, secamente.

— Ressaca. Mas não estou paralisado. Estarei lá. A não ser que a senhora prefira vir até aqui.

— No escritório é melhor pra mim.

— Aqui onde moro é sossegado. Rua sem saída, sem vizinhos por perto.

— As insinuações não chegam a me atrair, se é que entendi bem.

— Ninguém me entende, sra. Loring. Sou enigmático. Tudo bem, vou fazer força pra chegar no escritório.

— MUITÍSSIMO obrigado — e desligou.

Demorei a chegar na cidade porque parei no caminho pra comer um sanduíche. Voei pro escritório, liguei a campainha de entrada, coloquei minha cabeça na porta e lá estava ela, sentada na mesma poltrona em que Mendy Menendez estivera sentado, folheando o que poderia ser a mesma revista. Vestia um conjunto bege de gabardine e parecia bastante elegante.

Colocou a revista de lado, me olhou seriamente e disse: — Sua planta precisa de água. Creio que precisa de um outro vaso, também. As raízes estão saindo.

Segurei a porta aberta pra ela. A planta que se danasse. Deixei a porta intermediária fechada, levei a cadeira do cliente até ela, que estava dando uma geral no escritório, a geral de sempre. Dei a volta na mesa e sentei no meu lugar.

— Seu escritório não é exatamente luxuoso. O senhor não tem nem uma secretária?

— É uma vida sórdida, mas estou acostumado.

— E acredito que não muito lucrativa.

— Ah, isso eu não sei. Depende. Deseja ver um retrato de Madison?

— O quê?

— Uma nota de cinco mil dólares. Honorários. Está bem guardada.

Levantei e fui até o cofre. Abri o segredo, puxei uma gaveta

interna; abri o envelope e deixei a nota cair em frente dela. Olhou-a como se estivesse se divertindo.

— Não se engane com a aparência do escritório. Trabalhei para um cara aí que estava a fim de gastar até vinte milhões. Mesmo seu velho, quando passasse por ele, lhe diria "como vai?" O escritório dele não é melhor do que o meu, exceto pelo fato dele ser surdo e ter o teto à prova de som. No chão, nada de tapete, linóleo puro.

Levantou o retrato de Madison, segurou entre os dedos e virou a nota. Colocou-a na mesa.

— Ganhou esta nota de Terry, não foi?

— Meu Deus, sabe tudo, não é, sra. Loring?

Afastou a nota, enrugando a testa.

— Ele tinha uma nota dessas. Levava sempre consigo desde que ele e Sílvia se casaram pela segunda vez. Chamava essa nota de seu "dinheiro maluco". Não foi encontrada no seu corpo.

— Poderia haver outras razões para isso.

— Sei disso. Mas quantas pessoas andam por aí carregando uma nota de cinco mil dólares? Quantas pessoas teriam condições de dar ao senhor uma nota dessas?

Não valia a pena responder. Apenas balancei a cabeça. Ela continuou:

— E o que precisava fazer por esse dinheiro, sr. Marlowe? Ou será que não me diria? Em sua última viagem a Tijuana ele teve bastante tempo para conversar. O senhor deixou bem claro no outro dia que não acreditava na sua confissão. Será que ele lhe forneceu uma lista dos amantes de sua esposa, de modo que o senhor pudesse encontrar

um assassino entre eles?

Também não respondi à provocação, mas por razões diferentes.

— E será que o nome de Roger Wade constaria dessa lista, por acaso? Se Terry não matou sua esposa, o assassino teria de ser um homem muito violento e irresponsável, um lunático ou um bêbado terrível. Apenas estes tipos de homem poderiam, para usar a sua frase repulsiva, bater na cara dela até transformá-la numa esponja de sangue. É por isso que o senhor tem se mostrado tão prestativo com os Wade — uma verdadeira mãe que vai correndo ajudá-lo quando é chamado porque ele está bêbado, que sai para encontrá-lo quando ele está perdido, que o traz pra casa quando ele não pode nem se mexer?

— Permita que esclareça uma série de pontos, sra. Loring.

Pode ou não ter sido Terry quem me deu esta bela nota de dinheiro. Mas não me forneceu nenhuma lista, nem mencionou nenhum nome. Não me pediu que fizesse coisa alguma a não ser o que a senhora parece ter certeza de que eu fiz, que foi levá-lo até Tijuana. Meu envolvimento com os Wade foi obra de um editor de Nova Iorque que está desesperado pelo fato de Roger Wade não conseguir terminar seu livro, para o que necessitaria andar razoavelmente sóbrio e ainda, por outro lado, significaria descobrir qual o problema específico, se existe, que o faz embriagar-se tanto. Se isto puder ser descoberto, o próximo passo seria um esforço para remover o problema. Digo "esforço" porque há chances de que isso não possa ser feito. Mas precisamos tentar.

— Poderia lhe dizer numa simples frase por que ele bebe tanto — disse, altiva. — Aquele pedaço de loira anêmica com quem está

casado.

— Não sei. Eu não a chamaria de anêmica.

— Acha mesmo? Que interessante. — Seus olhos brilharam.

Peguei minha nota com o retrato de Madison.

— Não insista muito nesse ponto, sra. Loring. Não estou dormindo com ela. Desculpe decepcioná-la.

Fui até o cofre, guardei o dinheiro e fechei a porta.

Rodei o segredo.

— Pensando bem — ela disse, às minhas costas —, duvido muito que quem quer que seja esteja dormindo com ela.

Voltei e me sentei na ponta da escrivaninha.

— Está baixando o nível, sra. Loring. Por quê? Anda caída por nosso amigo alcoólatra?

— Odeio afirmações desse tipo. Detesto. Possivelmente aquela cena idiota do meu marido faz com que o senhor se julgue com o direito de me insultar. Não, não estou caída por Roger Wade. Nunca, mesmo quando era um homem sóbrio que se comportava muito bem. Menos agora ainda que ele é o que é.

Voltei pra minha cadeira, peguei uma caixa de fósforos e olhei-a. Ela olhava o relógio de pulso.

— Vocês... esse pessoal com muito dinheiro é realmente engraçado — disse eu. — Acham que qualquer coisa que resolvam falar, por mais baixo nível que seja, é perfeitamente normal. A senhora pode fazer comentários maldosos a respeito de Wade e sua mulher para alguém que mal conhece, mas se lhe dou o troco, isso é



um insulto. Muito bem, vamos baixar o nível desta vez. Qualquer bêbado eventualmente vai acabar com uma mulher dissoluta. Wade é um bêbado, mas a senhora não é uma mulher dissoluta. Estou apenas dando uma sugestão, caso seu marido importante resolva abrilhantar uma festa qualquer. Ele não falou pra valer, estava apenas contando uma piada. Portanto a senhora fica de fora e vamos procurar uma mulher dissoluta noutra lugar. Onde devemos procurar, sra. Loring... para encontrar uma que chegue a envolvê-la, a ponto de trazê-la até aqui para trocar farpas comigo? Deve ser uma pessoa muito especial, não é mesmo? Do contrário, por que iria se incomodar?

Permaneceu sentada em completo silêncio, apenas olhando. Um longo meio minuto passou-se. Os cantos de sua boca estavam brancos e as mãos estavam rígidas na bolsa de gabardine que combinava com a roupa.

— O senhor não é de perder tempo, não é? — falou, finalmente. — Como parece conveniente que esse editor de Nova Iorque tenha pensado em contratá-lo! Quer dizer que Terry não lhe falou em nenhum nome! Unzinho sequer? Mas isto não importa, não é, sr. Marlowe? Seu instinto não erra nunca. Posso lhe perguntar qual será seu próximo passo?

— Nenhum.

— Por quê? Mas que desperdício de talento! Como pode conciliar isso com sua obrigação em relação ao retrato de Madison? Com toda a certeza deve existir alguma coisa que possa fazer.

— Só entre nós dois, sra. Loring: a senhora está ficando bastante vulgar. Quer dizer que Wade conhecia sua irmã.

Obrigado por me informar, embora de uma maneira indireta. Já havia deduzido. E daí? Foi apenas um dos que parece ter sido uma coleção razoavelmente rica de nomes. Vamos parando por aqui. E vamos direto ao assunto que a trouxe ao meu escritório. Será que a senhora andou se sentindo meio perdida?

Levantou-se. Olhou mais uma vez para o relógio.

— Tenho um carro lá embaixo. Poderia levá-lo até em casa para tomar uma xícara de chá?

— Vamos — respondi. — Vamos tomar esse chá.

— Não quero parecer misteriosa. Tenho um hóspede que gostaria de conhecê-lo.

— O velho?

— Não é assim que costumo chamá-lo.

Levantei e me inclinei por cima da escrivaninha.

— Meu bem, às vezes é uma gracinha. De verdade. Tudo bem se eu for armado?

— Não vai me dizer que está com medo do "velho"? — Mexeu os lábios para mim.

— Por que não? Aposto que a senhora tem... e muito.

— Sim, acho que tenho medo dele. Sempre tive. As vezes, ele pode ser terrível.

— Melhor levar dois revólveres, então — disse, mas em seguida me arrependi.

A aparência da casa era uma das mais terríveis que já vi. Uma caixa quadrada e cinzenta de três andares de altura, com um telhado em mansarda, bem inclinado, e quebrado por vinte ou trinta águas-furtadas com um monte de enfeites tipo bolo de noiva em volta e entre elas. A entrada tinha colunas duplas de pedra, uma de cada lado, mas o máximo da coisa toda era uma escada em espiral do lado de fora com corrimão de granito, encimada por um quarto em forma de torre do qual se poderia ver o lago em toda a sua extensão.

O pátio dos carros era pavimentado de pedra. O que o lugar parecia realmente precisar era de algumas centenas de metros de pavimentação normal de estrada, um parque com veados, um jardim selvagem, um terraço em três níveis, algumas centenas de rosas do lado de fora da janela da biblioteca, uma enorme vista de verde para cada janela terminando em floresta, silêncio e tranqüilidade. O que havia era um muro de pedras em volta de 40 a 60 mil confortáveis metros quadrados, o que significa alguma coisa em termos de terreno em nosso pequeno e superpopulado município. A entrada de carro era ladeada por ciprestes que faziam a curva.

Havia todo tipo de árvore ornamental em grupos aqui e ali, e das nem pareciam árvores da Califórnia. Coisa importada.

O cara que construiu esse local estava tentando arrastar à força as margens do Atlântico por sobre as Montanhas Rochosas. Tentava muito, mas não conseguia.

Amos, o motorista negro de meia-idade, parou o Cadillac suavemente em frente da entrada com colunas, desceu e deu a volta para abrir a porta da sra. Loring. Desci antes e ajudei-o a segurar a porta. Dei a mão para que ela saísse. Ela praticamente não falou comigo desde que entramos no carro na frente do meu edifício. Parecia cansada e nervosa. Talvez aquele monstrengo arquitetônico a deprimisse. Na realidade, deixaria deprimido até um asno bem-humorado, fazendo-o arruinar como um pombo de luto.

— Quem construiu este prédio? E com quem o cara estava zangado?

Finalmente sorriu:

— Ainda não conhecia?

— Nunca estive por estes lados.

Caminhou na minha frente para o lado oposto da entrada de carro e apontou: — O construtor se jogou do quarto da torre e aterrissou mais ou menos aí onde você está. Era francês, um conde chamado La Tourelle e, ao contrário da maioria dos condes, tinha muito dinheiro. A esposa dele chamava-se Ramona Desborough e tampouco ela era pouca coisa. Nos tempos do cinema mudo chegava a ganhar trinta mil por semana. La Tourelle construiu este local para ser o lar deles. Era para ser uma miniatura do Chateau de Blois. Claro, você sabe disso.

— Como dois e dois são quatro. Agora me lembro. Estava numa daquelas reportagens de jornais de domingo. A mulher o abandonou e ele se matou. Havia ainda um testamento estranho, não é?

— Sim. Ele deixou alguns milhões para o sustento da ex-mulher e deixou o resto num fundo de administração. A casa era pra continuar

como estava. Nada podia ser mudado, a mesa de jantar precisava ser arrumada em grande estilo a cada noite, e ninguém poderia entrar na propriedade a não ser os empregados e os advogados. O testamento não foi seguido à risca, claro. Normalmente a propriedade foi dividida e quando me casei, meu pai me deu de presente de casamento. Deve ter custado uma fortuna simplesmente para adequá-la à vida normal. Odeio isto tudo. Sempre odiei.

— E precisa ficar morando aqui?

— Parte do tempo, pelo menos. Pelo menos uma de suas filhas precisava lhe mostrar alguns sinais de estabilidade. Meu marido gosta daqui.

— Faz sentido. Um cara capaz de fazer aquele tipo de cena que fez na casa dos Wade deve usar polainas com o pijama.

Suas sobrancelhas arquearam.

— Bem , obrigado pelo interesse, sr. Marlowe. Mas acho que já conversamos demais. Vamos entrar? Meu pai não gosta muito de esperar.

Atravessamos novamente a estrada de entrada e subimos os degraus de pedra. Metade das grandes portas duplas se abriram silenciosamente e um sujeito caro e esnobe pôs-se de lado para que entrássemos. O corredor era maior do que todo o espaço da sala da casa em que eu vivia. O chão era de mosaico, parecia, ao fundo, haver janelas de vidro pintado, e se houvesse alguma luz entrando poderia ver melhor o que havia por lá. Do corredor passamos a mais algumas portas entalhadas e duplas e demos numa sala na penumbra que não deveria ter mais do que vinte metros de comprimento. Um homem sentado nos esperava, em silêncio. Olhou pra nós, friamente.

— Estou atrasada, papai? — disse a sra. Loring, rápido.

— Este é o sr. Marlowe. Sr. Harlan Potter.

O homem mal olhou pra mim e moveu seu queixo pra baixo meio centímetro.

— Peça um chá — disse ele. — Sente-se, sr. Marlowe.

Sentei e olhei pra ele. E ele me olhava como um entomologista olha um inseto. Ninguém disse nada. O silêncio foi completo até o chá chegar e ser colocado numa enorme bandeja de prata em cima de uma mesa chinesa. Linda sentou e começou a servir.

— Duas xícaras — Harlan Potter falou. — Você poderá tomar seu chá em outra sala, Linda.

— Sim, papai. Como prefere o chá, sr. Marlowe?

— De qualquer maneira. — Minha voz pareceu ecoar na distância e ficar pequena e solitária.

Passou uma xícara para o velho e depois outra para mim. Silenciosamente levantou e saiu da sala. Olhei-a sair.

Tomei um gole de chá e tirei um cigarro.

— Não fume, por favor. Tenho asma.

Coloquei o cigarro de volta no maço. Olhei-o. Não sei como uma pessoa se sente valendo centenas de milhões de dólares, mas ele não parecia estar se divertindo muito.

Era um homem enorme, quase dois metros, bem construído. Vestia um terno de *tweed* cinza, sem ombreiras. Seus ombros não precisavam. Camisa branca, gravata preta e nenhum lenço. No lugar, uma caixa de óculos. Preta como os sapatos. Também pretos eram

seus cabelos, nada grisalhos.

Penteados para os lados, à maneira de MacArthur. Tive o pressentimento de que não havia nada debaixo dos cabelos a não ser uma careca. As sobrancelhas eram grossas e pretas. A voz parecia vir de longe. Bebeu o chá como se odiasse isso.

— Pra ganhar tempo, sr. Marlowe, vou direto ao assunto. Creio que o senhor anda interferindo nos meus negócios. Se estou certo, proponho que pare com isso.

— Não conheço suficientemente seus negócios para interferir neles, sr. Potter.

— Discordo.

Bebeu um pouco mais de chá e colocou a xícara na mesa. Inclinou-se para trás na grande cadeira e me reduziu a pedacinhos com seus olhos duros e cinza.

— Sei quem o senhor é, certamente. E como ganha a vida — se é que se pode dizer assim — e também como acabou se envolvendo com Terry Lennox. Disseram-me que ajudou Terry a sair do país, que tem dúvidas a respeito da culpabilidade dele, e que depois entrou em contato com um homem que era conhecido da minha falecida filha. Não chegaram a me explicar por que razão. Explique.

— Se esse homem tem um nome, pode dizê-lo.

Sorriu levemente mas não como se estivesse seduzido por mim, claro.

— Wade. Roger Wade. Um escritor qualquer, acredito. Um escritor, é o que me disseram, de livros bastante sensuais, os quais não estou interessado em ler. E do meu conhecimento que este

homem é um alcoólatra perigoso. Talvez isto faça com que o senhor tenha uma opinião formada sobre ele.

— Talvez seja melhor deixar que eu tenha minhas opiniões sobre as pessoas, sr. Potter. Não que sejam importantes, claro, mas são o que tenho. Em primeiro lugar, não acredito que Terry tenha matado a esposa, não só pela maneira como isso aconteceu, como também pelo tipo de homem que era. Em segundo lugar, não entrei em contato com Wade. Fui convidado a passar uns tempos na casa dele para mantê-lo sóbrio e poder terminar o livro que está escrevendo. Em terceiro lugar, se ele é um alcoólatra perigoso, não vi sinal nenhum disso. Em quarto lugar, meu primeiro contato com Wade foi a pedido de um editor de Nova Iorque e não tinha, àquela altura, a mínima idéia de que Roger Wade sequer conhecia a sua filha. Quinto, recusei essa oferta de trabalho mas aí então a sra. Wade me pediu que o encontrasse, pois estava em algum lugar se tratando. Encontrei-o e levei-o para casa.

— Bastante metódico — disse, secamente.

— Ainda não terminei de ser metódico, sr. Potter. Em sexto lugar — acho que este é o número correto —, o senhor ou alguém seguindo instruções suas me enviou um advogado chamado Sewell Endicott para me tirar da cadeia. Ele não disse a mando de quem viera, mas só poderia ser do senhor. Sétimo: quando saí da prisão, um *gangster* chamado Mendy Menendez andou me pressionando e me ameaçando, dizendo que não metesse meu nariz onde não fora chamado, e me deu letra e música de uma canção que dizia como Terry havia salvo a vida dele e a de um jogador de Las Vegas chamado Randy Starr. A história pode até ser verdadeira, pelo que sei. Menendez fingia estar muito sentido pelo fato de Terry não lhe



ter pedido ajuda para chegar ao México e em vez disso ter pedido a um João-ninguém como eu. Ele, Menendez, poderia ter feito isto com muito mais *know-how*, e a um simples estalar de dedos.

— Com certeza — disse Harlan Potter, sorriso apagado — o senhor não está achando que eu tenha o sr. Menendez e o sr. Starr entre minhas relações.

— Não saberia dizer, sr. Potter. Ninguém consegue fazer fortuna como o senhor fez, de uma maneira que eu consiga entender. A próxima pessoa a me advertir fora do tribunal foi sua filha, sra. Loring. Nos encontramos por coincidência num bar e conversamos porque ambos bebíamos *gimlet*, a bebida favorita de Terry, mas bastante rara por estas bandas. Não sabia quem era até ela me dizer. Disse-lhe um pouco do que sentia em relação a Terry e ela me insinuou como a minha carreira seria curta e infeliz se eu magoasse o senhor. Está zangado, sr. Potter?

— Quando estiver — disse, friamente —, o senhor não precisará me perguntar. Não terá nenhuma dúvida a respeito.

— Era o que pensava. Fiquei mais ou menos esperando a vinda de um monte de bandidos, mas até agora não apareceu. Tampouco fui incomodado pelos tiros. Poderia acontecer. Poderiam não me deixar em paz e acho que tudo o que senhor quer, sr. Potter, é paz. O que foi que eu fiz que o perturbou?

Deu um sorriso. Foi do tipo amargo, mas era um sorriso. Juntou seus dedos longos e amarelados, cruzou uma perna sobre o joelho e recuou confortavelmente.

— Saiu-se muito bem, sr. Marlowe, e permiti que se saísse bem. Agora o senhor vai me escutar. Está totalmente certo quando diz que

tudo o que eu quero é paz. É bem possível que sua ligação com os Wade não passe de mera coincidência, incidental e acidental. Vamos dizer que sim. Sou um homem de família numa idade em que as coisas não têm mais tanta importância assim. Uma das minhas filhas casou-se com um pedante de Boston e a outra cometeu uma série de casamentos idiotas, sendo o último com um pobre complacente que permitia que ela vivesse uma vida sem sentido e imoral, até o dia em que, de repente e com nenhuma boa razão, ele perdeu seu autocontrole e matou-a. O senhor acha isso impossível de se acreditar devido à brutalidade com que foi feito. Pois está errado. Ele deu um tiro nela com uma Mauser automática, a mesma arma que levou para o México. E depois de atirar nela, fez o que fez para despistar o buraco da bala. Admito a brutalidade do ato, mas lembre-se que o sujeito esteve na guerra, foi brutalmente ferido, sofreu muitíssimo e viu outros sofrerem. Talvez não tivesse a intenção de matá-la. Deve ter havido alguma luta, já que a arma pertencia à minha filha. Era um revólver pequeno porém potente, calibre 7.65, um modelo PPK. A bala atravessou completamente a cabeça dela e se alojou na parede atrás da cortina. Não foi encontrada de imediato e este dado não chegou a ser publicado. Bem, vamos agora considerar... — Ele cortou a frase e me olhou. — O senhor precisa tanto assim de um cigarro?

— Desculpe, sr. Potter. Peguei sem pensar. Força do hábito. — E coloquei o cigarro no maço pela segunda vez.

— Terry acabara de matar sua esposa. Tinha motivos de sobra do ponto de vista limitado da polícia. Mas tinha também uma excelente defesa: a arma era dela, ele havia tentado tirá-la das mãos dela, não conseguiu, e ela se matou, ao disparar. Um bom advogado faria isto

render muito. Possivelmente poderia ser julgado inocente. Se tivesse falado comigo então, eu o teria ajudado. Mas ao transformar o crime num caso brutal para despistar as marcas da bala, tornou a coisa impossível. Precisava fugir e mesmo isso fez mal feito.

— Com toda a certeza, sr. Potter. Mas ele ligou para o senhor em Pasadena, não ligou? Foi o que ele me disse.

O grandalhão concordou.

— Disse-lhe que desaparecesse e veria o que poderia fazer. Não queria saber onde se encontrava. Este ponto era fundamental. Não poderia encobrir um criminoso.

— Parece razoável, sr. Potter.

— Será que o senhor está sendo sarcástico? Não importa. Quando soube dos detalhes, vi que não poderia fazer nada. Não poderia permitir o tipo de julgamento que este tipo de crime provocaria. Para ser franco, fiquei muito contente quando soube que ele se matou no México e deixou uma confissão.

— Claro que sim, sr. Potter.

Piscou os olhos na minha direção.

— Cuidado, rapaz. Não gosto de ironias. Pode compreender agora por que não iria tolerar maiores investigações de qualquer espécie da parte de qualquer pessoa? E por que usei de toda a minha influência para transformar a investigação que já havia em algo tão breve quanto possível, e o menos divulgada possível?

— Certamente... se o senhor está convencido que ele a matou.

— Claro que ele a matou. Com que intenção, é outra história. Não é mais importante. Não sou uma figura pública e nem tenho intenção

de ser. Sempre tive muito trabalho evitando qualquer tipo de publicidade. Tenho influência mas não abuso. O procurador-geral de Los Angeles é um homem ambicioso que teve suficiente bom senso para não acabar com sua carreira devido a uma celebridade momentânea. Vejo um brilho nos seus olhos, Marlowe. Pode apagá-lo. Nós vivemos no que se chama de democracia, regida pela maioria do povo. Uma idéia ótima se chegasse a funcionar. O povo elege, mas são as máquinas partidárias que nomeiam, e as máquinas partidárias, para serem eficientes, precisam de muito dinheiro. Alguém precisa dar este dinheiro a eles e este alguém, seja um indivíduo, um grupo financeiro, um sindicato ou o que você quiser, espera alguma coisa em troca. O que eu e gente como eu esperamos é simplesmente viver nossa vida numa decente privacidade. Sou dono de jornais, mas não gosto deles. Encaro-os como uma constante ameaça ao que nos resta de privacidade. Os gritos constantes em favor da liberdade de imprensa, com algumas honrosas exceções, significam liberdade para lidar com escândalos, crimes, sexo, sensacionalismo, ódio, alusões indiretas e os usos políticos e financeiros da propaganda. Um jornal é um negócio feito para faturar através das vendas de publicidade. Esta é uma pré-condição à sua circulação e você sabe do que a circulação depende.

Levantei e dei uns passos em volta da cadeira. Ele me seguiu com os olhos, com fria atenção. Sentei de novo. Precisava de um pouco de sorte. Porra, precisava de uma enxurrada de sorte.

— Muito bem, sr. Potter, e onde é que vamos chegar?

Não estava ouvindo. Escutava seus próprios pensamentos.

— Há uma coisa especial em relação a dinheiro — continuou. —

Em grandes quantidades, tende a ter vida própria, até mesmo uma consciência própria. Fica muito difícil de se controlar o poder do dinheiro. O homem sempre foi um animal venal. O crescimento das populações, os enormes custos das guerras, a incessante pressão confiscatória dos impostos — tudo isso faz o homem cada vez mais venal. O homem comum está cansado e assustado, e um homem cansado e assustado não pode ter ideais. Precisa comprar comida pra sua família. Na nossa época presenciamos um declínio chocante tanto na moral pública quanto na moral privada. Não se pode esperar qualidade de pessoas cujas vidas são uma sujeição à falta de qualidade. Não se pode ter qualidade com produção em massa.

Não se deseja isso porque demoraria muito a chegar. Portanto, para substituir isso há o estilo, que é um logro comercial com a intenção de produzir coisas obsoletas e artificiais. A produção de massa não poderia vender seus produtos no ano que vem a não ser que faça o que vendeu este ano ficar fora de moda. Temos as cozinhas mais brancas e os banheiros mais brilhantes do mundo. Mas na adorável cozinha branca a dona-de-casa americana média não consegue cozinhar uma refeição boa de se comer, e o adorável banheiro brilhante é sobre-tudo um receptáculo para desodorantes, laxativos, soníferos e produtos desta quadrilha de vigaristas que se chama indústria de cosméticos. Nós fazemos as embalagens mais bonitas do mundo, sr. Marlowe. O que está lá dentro é, na maior parte, lixo.

Tirou do bolso um enorme lenço branco e levou às têmporas. Lá estava eu sentado com minha boca aberta, imaginando o que havia atingido aquele cara. Ele simplesmente odiava tudo e qualquer coisa.

— Esta região aqui é um pouco quente demais pro meu gosto —

ele disse. — Estou acostumado a climas mais frios. Devo estar parecendo um editorial que acabou perdendo o essencial do que queria dizer.

— Entendi muito bem o que disse, sr. Potter. Não gosta do rumo que o mundo vai tomando, portanto, usa o poder que tem para fechar-se num cantinho exclusivo e levar uma vida tão próximo quanto se recorda da vida que as pessoas viviam há cinqüenta anos, antes da era da produção em massa. O senhor tem cem milhões de dólares e tudo o que conseguiu comprar foi uma tremenda dor de cabeça.

Segurou o lenço pelas duas pontas opostas, depois formou um retângulo e colocou no bolso.

— E, daí? — perguntou.

— Só isso, não existe nada além disso. O senhor está pouco ligando pra saber quem matou a sua filha. Já a havia colocado entre os maus negócios há muito tempo. Mesmo que Terry Lennox não a tivesse matado e o verdadeiro assassino ande por aí, livre, estaria pouco se lixando. Não gostaria que fosse descoberto, porque isto iria reviver o escândalo, teria de haver um julgamento e a defesa dele iria elevar sua privacidade à altura do Empire State Building. A não ser, é claro, que o cara fosse generoso a ponto de se suicidar antes de qualquer julgamento. De preferência no Taiti, na Guatemala ou no meio do deserto do Saara. Em qualquer lugar em que as autoridades detestassem ter de mandar alguém para verificar o que aconteceu.

Ele sorriu inesperadamente, um grande e enrugado sorriso, com uma razoável pitada de simpatia nele.

— O que quer de mim, Marlowe?

— Se está querendo dizer "quanto dinheiro", nada. Não vim aqui porque quis. Fui trazido. Disse-lhe a verdade a respeito de como encontrei Roger Wade. Mas ele conhecia, sim, sua filha e tem uma reputação de violento, embora eu não tenha visto nada. Ontem à noite, tentou o suicídio. Trata-se de um homem apavorado. Tem um enorme complexo de culpa. Se eu estivesse procurando um bom suspeito, ele me serviria. Tenho consciência de que é apenas um entre muitos, mas acontece que é o único que eu conheço.

Ergueu-se e, em pé, era um sujeito realmente grande. Durão, também. Aproximou-se e ficou na minha frente.

— Um simples telefonema, sr. Marlowe, iria privá-lo de sua licença. Não tente me enfrentar, sairia perdendo.

— Dois telefonemas e eu iria acordar beijando a sarjeta... sem a parte de trás da minha cabeça.

Ele riu de uma forma desagradável.

— Não é assim que ajo. Deduzo que na sua linha de trabalho é natural que pense desta maneira. Já gastei demais meu tempo com o senhor. Vou chamar o mordomo para lhe mostrar a porta de saída.

— Não precisa — me levantei. — Vim até aqui e sei o caminho. Obrigado pelo seu tempo.

Ele estendeu a mão.

— Obrigado por ter vindo. Acho que é um exemplar de homem bem honesto. Não banque o herói, rapaz. Não se leva nenhuma porcentagem nisso.

Apertei sua mão. Tinha a força de uma ferramenta. Sorriu, desta vez com certo ar de bondade. Ele era o sr. Grande, o vencedor, tudo

sob controle.

— Um dia destes pode ser que eu lhe arrume algum trabalho. E não saia daqui pensando que sou do tipo de comprar políticos e funcionários da lei. Não preciso fazer isso. Adeus, sr. Marlowe. E novamente obrigado por ter vindo.

Lá ficou ele me olhando sair da sala. Estava na porta da frente quando Linda Loring apareceu da sombra, como que por encanto.

— E daí? — perguntou, tranqüilamente. — Como foi sua conversa com papai?

— Ótima. Ele me explicou o que é a civilização. Quer dizer, como ele a vê. Vai permitir que ela continue assim por algum tempo. Mas é melhor tomarmos cuidado e não nos metermos com sua vida privada. Caso contrário, está pronto a dar um telefonema pra Deus e cancelar tudo.

— Saiu sem grandes esperanças — ela disse.

— Eu? Sem esperanças? Minha senhora, dê uma olhada no seu velho. Comparado com ele, eu não passo de um bebê de olhos azuis com um chocalho novinho.

Saí da casa e Amos estava no Cadillac me esperando. Ele me levou de volta a Hollywood. Eu lhe ofereci um dólar mas recusou. Ofereci para lhe comprar os poemas de T. S. Eliot. Ele disse que já tinha.



## 33

Uma semana se passou sem que eu nada soubesse dos Wade. Estava quente, o ar pesado e o cheiro ácido da poluição chegara até Beverly Hills. Do alto de Mulholland Drive a gente podia ver a poluição espalhada pela cidade toda, um nevoeiro baixo. Quando a gente está no meio dele, pode sentir seu gosto, cheirá-lo, e os olhos ficam ardendo. Todo mundo se sente oprimido com isso. Em Pasadena, para onde os grandes milionários se mandaram depois que Beverly Hills foi considerada estragada devido ao pessoal de cinema, os pais da cidade gritavam com raiva. Tudo era por culpa da poluição. Se o canário não cantasse mais, se o leiteiro estivesse atrasado, se o pequinês tivesse pulgas, se uma velha bichona de colarinho duro tivesse um ataque do coração a caminho da igreja, a culpa era da poluição. Onde eu morava o ar era geralmente limpo de manhã cedo e quase sempre à noite. De vez em quando o dia todo era claro e limpo; ninguém sabia por quê.

Foi num dia como esse — uma quinta-feira, por acaso —, que Roger Wade me telefonou.

— Como é que vai? É Wade. — Pela voz parecia bem.

— Ótimo, e você?

— Sóbrio, infelizmente. Dando duro pelo dinheiro de cada dia. Precisamos conversar. Além disso, acho que lhe devo alguma grana.

— Negativo.

— Bem, que tal almoçarmos juntos, hoje? Poderia vir até aqui por

volta de uma hora?

— Acho que sim. Como vai Candy?

— Candy? — Pareceu confuso. Devia ter tido um branco total na outra noite. — Ah, ele ajudou você a me botar na cama naquela noite.

— É. Ele é um cara prestativo — em termos. E a sra. Wade?

— Vai bem, também. Hoje foi à cidade fazer compras.

Desligamos, sentei e fiquei rodando na minha cadeira. Deveria ter lhe perguntado como ia o livro. Acho que a gente sempre precisa perguntar a um escritor como vai indo o livro. Mas podia ser que ele estivesse mais do que cansado desse tipo de pergunta.

Pouco depois o telefone tocou de novo — a voz era estranha.

— Quem fala é Roy Ashterfelt. George Peters me disse pra ligar pra o senhor.

— Sim, claro. Obrigado. O senhor é a pessoa que conheceu Terry Lennox em Nova Iorque. Disse que ele se chamava Marston naquela época?

— Isso mesmo. Ele parecia seguro de si, mas era o mesmo sujeito, tenho certeza. Dificilmente alguém se enganaria em relação a ele. Aqui na Califórnia eu o vi uma vez no Chasen's com a esposa. Eu estava com um cliente. O cliente conhecia o casal. Infelizmente não posso lhe dizer o nome do cliente.

— Compreendo. Não é lá muito importante a esta altura. Qual era seu primeiro nome?

— Espere um pouquinho... Deixa eu pensar... Ah, sim, Paul. Paul Marston. E tinha mais uma coisa, se lhe interessar. Usava um emblema do Exército inglês. A versão inglesa da nossa águia de

braços abertos.

— Compreendo. O que aconteceu com ele?

— Não sei. Vim pra cá, pro Oeste. Outra vez que vi o sujeito ele andava por aqui também, casado com a filha fogosa de Harlan Potter. Mas isso você sabe.

— Ambos estão mortos agora. Mas obrigado por me telefonar.

— De nada. Gosto de ajudar. Isso vai adiantar pra alguma coisa?

— Em nada — eu menti —, porque nunca perguntei nada sobre sua vida. Ele é que me disse uma vez que havia sido criado num orfanato. Mas não é possível que você tenha se equivocado?

— Com aquele cabelo branco e aquele rosto com cicatrizes, meu irmão? De maneira nenhuma. Não vou dizer que eu seja do tipo que nunca se esquece de um rosto, mas aquele rosto...

— E ele, viu você?

— Se viu, não deu sinal de reconhecer. Dificilmente me reconheceria, naquelas circunstâncias. Mas não deve ter me reconhecido. Como disse antes, estava sempre muito seguro de si lá em Nova Iorque.

Agradei mais uma vez, ele respondeu que era um prazer e desligamos.

Fiquei pensando. O barulho do tráfego lá na rua produzia um *obbligato* nada musical como fundo para meus pensamentos. Alto demais. No calor de verão qualquer coisa fica alta demais. Levantei, fechei a parte de baixo da janela e liguei para o sargento-detetive Green, do Departamento de Homicídios. Ele fez o obséquio de me atender.

— Escute — disse eu, depois do papo preliminar —, soube de uma coisa a respeito de Terry Lennox que me deixou intrigado. Um sujeito que conheço costumava encontrá-lo em Nova Iorque, mas ele tinha outro nome. Você checkou a participação dele na guerra?

— Vocês nunca aprendem. Simplesmente não entendem que precisam saber onde pisam. O assunto está encerrado, fechado, acorrentado com chumbo e jogado no oceano. Deu pra entender?

— Passei parte de uma tarde com Harlan Potter, na semana passada. Na casa da filha dele, em Idle Valley. Quer checkar?

— Fazendo o quê? Vamos supor que eu tenha acreditado.

— Conversando, conversando. Fui convidado. Ele gosta de mim. Por falar nisso, ele me disse que a filha levou um tiro de uma Mauser 7.65mm, modelo PPK. Sabia disso?

— Continue.

— O revólver era dela mesma, amigo. Faz alguma diferença, pode ser. Mas não me entenda mal. Não estou procurando mexer com coisa nenhuma. É apenas um problema pessoal. Onde Lennox conseguiu aquelas cicatrizes?

Green ficou em silêncio. Ouvi uma porta se fechando nos fundos. Depois, disse, baixinho: — Provavelmente numa briga de faca do lado de lá da fronteira.

— Mas que diabo, Green, você tinha as impressões digitais do cara, mandou-as para Washington, como sempre.

Tudo o que perguntei foi a respeito da ficha dele no Exército durante a guerra.

— Quem disse que ele tinha uma ficha no Exército?

— Bem, Mendy Menendez, por exemplo. Parece que Lennox lhe salvou a vida certa vez e foi por causa disso que ganhou aquelas cicatrizes. Foi pego pelos alemães e eles lhe deram aquele rosto...

— Menendez, hem? E você acredita naquele filho da puta? Tem o que na cabeça? Lennox não era fichado no Exército no que se refere à guerra. Aliás, não tinha nenhum tipo de registro sob nome nenhum. Satisfeito?

— Se você está dizendo... Mas não vejo por que Menendez iria se incomodar de vir até aqui e me aconselhar a não meter meu nariz no caso Lennox por conta de sua amizade com ele e com Randy Starr em Las Vegas; não queriam ninguém se metendo nesse assunto. Afinal de contas, Lennox já estava morto.

— Quem pode adivinhar o que vai na cabeça de um *gangster!* — perguntou Green, de mau humor. — Ou por quê? Talvez Lennox formasse uma quadrilha com eles antes de se casar com todo aquele dinheiro e virar respeitável. Não passava de um simples gerente de salão de um dos lugares de Starr em Vegas, por algum tempo. Foi lá que encontrou a mulher. Um sorriso, um olhar e um *smoking*. Deixe os fregueses felizes e dê uma olhada nos jogadores da casa. Acho que tinha certa classe para esse tipo de trabalho.

— Charme ele tinha. É coisa que não se usa muito na atividade policial. Muito obrigado, sargento. Como vai o capitão Gregorius, por falar nisso?

— Se aposentou. Não leu nos jornais?

— Não leio as notícias policiais. São sórdidas demais.

Comecei a me despedir mas ele aproveitou: — O que o milionário queria com você?

— Só tomamos chá juntos. Uma visita social. Disse que poderá me chamar para algum trabalho. Também sugeriu — apenas sugeriu, em poucas palavras — que qualquer tira que me olhasse atravessado poderia ter um futuro meio sombrio.

— Ele não dirige o Departamento de Polícia.

— Ele sabe disso. Nem precisa comprar comissários ou promotores, me disse. Mas o pessoal, quando precisa subir, gosta de um empurrãozinho dele.

— Vá pro inferno — Green desligou.

Tarefa ingrata, ser policial. Nunca se sabe que estômago — ou estômago de quem — está a salvo de se revirar.

## 34

O trecho de chão mal pavimentado da auto-estrada na curva da colina dançava no calor do meio-dia e o mato nos dois lados da estrada de terra era branco-farinha com poeira, desta vez. O cheiro de ervas daninhas era nauseante.

Soprava uma brisa fina, quente, acre. Eu estava sem casaco e com as mangas enroladas, mas a porta parecia quente demais para pousar meu braço. Um cavalo preso dormitava desajeitado sob a copa de vivos carvalhos. Um mexicano pardo sentado no chão comia alguma coisa em cima de um jornal. Um bolo de mato rolava preguiçosamente atravessando a estrada e logo descansou junto a um pedaço de pedra; um lagarto, que ali se encontrava, desapareceu um pouco antes sem sequer parecer que se mexia.

Logo me encontrava do outro lado da colina, no asfalto, num outro país. Cinco minutos depois entrei no terreno da casa dos Wade, parei o carro, andei e apertei a campainha.

O próprio Wade me abriu a porta, com uma camisa xadrez marrom e branca, de mangas curtas; calças azul-claro e chinelos. Me pareceu bronzeado e bem. Havia uma mancha de tinta na sua mão e um resquício de cinza de cigarro num dos lados do nariz.

Seguiu na minha frente até o escritório e sentou atrás da escrivaninha, onde havia uma pilha grande de folhas datilografadas. Coloquei meu paletó na cadeira e sentei no divã.

— Obrigado por ter vindo, Marlowe. Bebe alguma coisa?

Recebi aquele olhar no rosto que a gente sente quando um bêbado nos pergunta se queremos beber alguma coisa.

Podia sentir. Ele sorriu.

— Eu vou beber uma Coca — ele disse.

— Você entrou nos eixos rápido. Não vou querer uma bebida por agora. Aceito uma Coca, também.

Pressionou alguma coisa com o pé e depois de algum tempo Candy apareceu. Com um ar insolente. De camisa azul, com um lenço alaranjado e sem o casaco branco. Sapatos de duas cores, preto e branco, calças de gabardine muito elegantes.

Wade pediu as Coca-Colas. Candy me lançou um olhar duro e saiu.

— O livro? — disse eu, apontando para as folhas de papel.

— Sim. Fede.

— Não acredito. Muito adiantado?

— Cerca de dois terços do trabalho — mas de que adianta? Ainda é muito pouco. Sabe quando um escritor pode saber que está fracassado?

— Não sei nada sobre escritores. — Coloquei fumo no cachimbo.

— Quando começa a ler coisas antigas em busca de inspiração. Não tem erro. Tenho quinhentas páginas de manuscrito, pra mais de cem mil palavras. Meus livros são grossos. O leitor gosta de livros grossos. O bobo do leitor acha que se um livro tem um monte de páginas deve ter também muita coisa boa. Não tenho coragem de ler o que escrevi. E nem consigo me lembrar da metade. Estou simplesmente com medo de dar uma olhada no meu próprio



trabalho.

— Mas você está com boa cara. Pensando naquela outra noite, é incrível a mudança. Possui mais força de vontade do que pensa.

— O que preciso agora é mais do que força de vontade. É alguma coisa que não se consegue simplesmente querendo. Acreditar em si mesmo. Sou um escritor mimado que não acredita mais em nada. Tenho uma bela casa, uma bela mulher e belas vendas de livros. Mas tudo o que realmente quero é encher a cara e esquecer.

Apoiou o queixo nas mãos juntas e olhou além da mesa.

— Eileen disse que tentei me matar. O negócio foi tão feio assim?

— Não se lembra?

Balançou a cabeça: — De coisa nenhuma, a não ser que caí e cortei a cabeça. E pouco depois, estava na cama. E você estava lá. Foi Eileen quem chamou?

— Sim. Foi o que ela disse?

— Não tem conversado muito comigo nesta última semana. Acho que anda por aqui. Por aqui — e pôs a mão na testa. — Aquele show que Loring andou apresentando aqui em casa não ajudou em nada.

— A sra. Wade disse que não deu bola para aquilo.

— Bem, não daria bola, daria? Acontece que era verdade, mas não acredito que ela tenha acreditado. O sujeito é simplesmente um ciumento anormal. Se você toma um ou dois drinques com a mulher dele num canto e ri um pouco e lhe dá um beijo de despedida, automaticamente acha que você anda dormindo com ela. Uma das razões pra isso é que ele não anda funcionando.

— O que gosto a respeito de Idle Valley é que todo mundo vive

uma vida tão normal, tão confortável.

Franziu as sobrancelhas; a porta se abriu e Candy chegou com duas Cocas, copos e serviu os refrigerantes. Pôs um copo na minha frente sem me olhar.

— Almoço dentro de meia hora — disse Wade. — E onde está seu casaco?

— Hoje é meu dia de folga — Candy falou, impassível.

— Não sou cozinheiro, patrão.

— Prato frio ou sanduíches servem. E cerveja. O cozinheiro também está de folga hoje. E meu amigo veio pra almoçar.

— O senhor julga que ele é seu amigo? — Candy perguntou, com escárnio. — É melhor perguntar à sua esposa.

Wade inclinou-se pra trás na cadeira e sorriu.

— Cuidado com essa boca, baixinho. Tem boa vida aqui em casa. Não é sempre que eu peço um favor pra você, é?

Candy olhou para o chão. Depois de um momento, olhou para cima e sorriu.

— Está bem, patrão. Vou pôr o casaco. Vou arrumar o almoço.

Candy virou-se com leveza e saiu. Wade observou a porta se fechar. Depois encolheu os ombros e me olhou.

— Antigamente eram chamados de empregados. Hoje são auxiliares domésticos. Fico pensando quanto tempo vai levar para chegar ao ponto de termos de levar café pra eles na cama. Estou pagando este sujeito bem demais. Ficou mal acostumado.

— Salário... ou alguma coisa por fora?

— Como assim? — perguntou, em cima.

Levantei e entreguei a ele umas folhas dobradas.

— É melhor ler isto. É lógico que não se lembra de ter pedido que rasgasse estas folhas. Estava na sua máquina de escrever, sob a capa.

Desdobrou as folhas e preparou-se para lê-las. O copo de Coca-Cola espumava intacto na mesa, na frente dele. Lia lentamente, franzindo as sobrancelhas. Quando chegou ao fim, dobrou as folhas de novo.

— Eileen leu isso? — perguntou, cuidadosamente.

— Não sei. Pode ter lido.

— Coisa forte, não é?

— Eu gostei. Especialmente naquele trecho que fala de um bom homem morrendo por você.

Novamente abriu as folhas, rasgou-as em grandes pedaços e jogou tudo na cesta de lixo.

— Acho que um sujeito bêbado pode escrever ou dizer qualquer coisa — falou lentamente. — Pra mim não tem sentido. Candy não está me chantageando. Ele gosta de mim.

— Talvez seja melhor você ficar bêbado de novo. Vai se lembrar do que estava querendo dizer. Vai se lembrar de muita coisa. Já falamos sobre isso... na noite em que apareceu aquele revólver. Acho que a segunda pílula pra dormir lhe deu um branco. Antes, parecia bastante consciente. Mas agora finge não se lembrar de ter escrito isso aí que lhe entreguei. Não é de se admirar que não consiga escrever seu livro, Wade. É de se admirar como é que consegue permanecer vivo.

Moveu-se pro lado e abriu uma gaveta da escrivaninha. Sua mão vasculhou lá dentro e voltou com um talão de cheque. Abriu-o e pegou uma caneta.

— Devo-lhe mil dólares — disse, baixinho. Foi preenchendo o cheque. Depois escreveu no controle. Tirou o cheque do talão, deu a volta na escrivaninha e jogou-o na minha frente. — Está certo?

Me encostei, olhei pra ele, não toquei no cheque, não respondi. Seu rosto estava tenso e vincado. Os olhos, profundos e vazios.

— Creio que você acha que eu a matei e deixei Lennox levar a culpa. Ela era uma vagabunda, sim senhor. Mas não se bate na cabeça de uma mulher por ela ser uma vagabunda. Candy sabe que fui até a casa dela algumas vezes. O mais engraçado disso é que não acredito que ele desse com a língua nos dentes. Posso estar errado, mas acho que não.

— Não iria adiantar nada se ele falasse. Os amigos de Harlan Potter não o quereriam ouvir. Além disso, ela não foi assassinada com aquele negócio de bronze. Levou um tiro na cabeça, um tiro da sua própria arma.

— Talvez tivesse um revólver — disse, como que sonhando. — Mas não sabia que ela foi morta com um tiro. Não saiu nos jornais.

— Não sabia ou não se lembra? Não, não saiu nos jornais.

— O que está querendo de mim, Marlowe? — Sua voz continuava como num sonho, quase gentil. — O que quer que eu faça? Contar pra minha mulher? Contar pra polícia? De que adiantaria?

— Disse que um homem bom morreu por você.

— O que eu queria dizer era que, se tivesse havido alguma

investigação para valer, eu poderia ser identificado como um — apenas um — dos possíveis suspeitos. O que pra num seria um desastre, em vários sentidos.

— Não vim aqui pra acusá-lo de assassinato, Wade. O que está lhe comendo por dentro é que você mesmo não tem certeza. Tem um passado de violência em relação a sua mulher. O branco que lhe dá quando enche a cara. Dizer que não se bate na cabeça de uma mulher só por ela ser uma vagabunda não é argumento. Foi isso exatamente o que alguém fez. E o cara que levou a culpa disso me parece bem menos capaz dum ato desses do que você.

Andou até as portas abertas que davam pro terraço e ficou lá olhando o refluxo do calor em cima do lago. Não respondeu. Não se moveu nem falou por alguns minutos, até que bateram na porta e Candy entrou empurrando um carrinho de chá, com urra toalha branca, travessas tampadas de prata, um bule de café, duas garrafas de cerveja.

— Abro as cervejas, patrão? — perguntou, às costas de Wade.

— Traga uma garrafa de uísque. — Wade não se virou.

— Desculpe, patrão. Mas uísque, não.

Wade virou-se e gritou com ele, mas Candy não se mexeu. Viu o cheque em cima da mesinha de coquetel e torceu a cabeça enquanto o lia. Depois olhou pra mim e murmurou alguma coisa por entre os dentes. Olhou depois para Wade.

— Vou indo. É meu dia de folga.

Deu as costas e saiu. Wade riu.

— Pois então eu mesmo pego — disse rudemente, e saiu também.

Levantei uma das tampas e vi alguns sanduíches triangulares. Peguei um, me servi de cerveja, comi o sanduíche em pé. Wade voltou com a garrafa e um copo. Sentou no sofá, serviu-se generosamente e começou a mamar. Houve um barulho de carro saindo da casa, provavelmente Candy.

Peguei outro sanduíche.

— Sente-se e fique à vontade. Temos a tarde inteira pela frente. — Já estava animado; a voz, vibrante e eufórica.

— Você não gosta de mim, não é, Marlowe?

— Esta pergunta já foi feita e respondida.

— Sabe de uma coisa? Você é um bom filho da puta durão. É capaz de qualquer coisa para encontrar o que procura. A ponto de fazer amor com a minha mulher enquanto eu estava lá morrendo de bêbado no quarto ao lado.

— Costuma acreditar em tudo o que esse atirador de faca diz?

Serviu-se de mais uísque e segurou o copo contra a luz.

— Não, em tudo, não. Cor bonita a deste uísque, não é?

Para mergulhar num riacho dourado... nada mal. "Para cessar à meia-noite, sem dor." Como é que continua? Ah, desculpe, você não deve saber. Literário demais. Não passa de um detetive particular, não é? Se importa de me dizer o que está fazendo aqui?

Bebeu mais uísque e sorriu pra mim. Pegou o cheque de cima da mesa. Abriu bem e leu por cima do copo.

— Parece que está destinado a alguém chamado Marlowe. Me pergunto por que, qual a razão? Parece que é assinado por mim. Que imbecil sou eu? Sou um cara frustrado.

— Pare de fazer teatro. Onde está sua esposa?

— Minha esposa voltará pra casa na hora certa. Sem dúvida, quando chegar já vou estar chumbado e ela poderá lhe fazer companhia. A casa será toda sua.

— Onde é que está o revólver? — perguntei, de repente.

Ficou pálido. Eu havia lhe dito que tinha colocado a arma na gaveta.

— Não está mais lá, tenho certeza. Pode procurar, se quiser. Só não me roube nenhuma fita de máquina.

Fui até a escrivaninha e procurei. Nenhum revólver. Já era alguma coisa. Provavelmente Eileen o havia escondido.

— Escute aqui, Wade, perguntei onde anda sua mulher.

Acho que é hora dela voltar pra casa. Não por minha causa, meu amigo, mas por sua causa. Alguém precisa tomar conta de você e não vou ser eu.

Olhou-me vagamente. Continuava segurando o cheque. Pôs o copo na mesa e rasgou o cheque em pedacinhos, varias vezes, deixando cair os pedaços no chão.

— Evidentemente a quantia era pequena demais. Seus serviços são de alta classe. Mesmo mil dólares mais minha esposa não lhe bastam. Pior pra você, não posso pagar mais do que isso. A não ser com isso — deu um tapinha na garrafa.

— Estou indo.

— Mas por quê? Queria que eu me lembrasse. Bem... minha memória está aqui, nesta garrafa. Fique à vontade, meu chapa. Quando eu me sentir suficientemente iluminado, vou lhe contar a

respeito de todas as mulheres que assassinei.

— Tudo bem, Wade. Vou ficar por perto algum tempo. Mas não aqui. Se precisar de mim, basta espatifar uma cadeira contra a parede.

Saí e deixei a porta aberta. Atravessei a sala grande, fui até o pátio, coloquei uma das cadeiras na sombra e me espichei nela. Através do lago via-se uma névoa azul contra as montanhas. A brisa do oceano havia começado a se infiltrar pelas baixas montanhas do oeste. Varria o ar limpo e levava pra longe as ondas de calor. Idle Valley estava tendo um verão perfeito. Alguém o havia planejado desta forma. Paraíso, Companhia Limitada, e também Altamente Exclusiva. Só as melhores pessoas. Ninguém da Europa Central, sob nenhuma hipótese. Apenas a nata, o pessoal da alta, gente adorável, adorável. Como os Loring e os Wade. Puro ouro.



## 35

Fiquei lá cerca de meia hora tentando organizar a minha cabeça e saber o que fazer. Uma parte de mim queria que ele ficasse bêbado pra ver se revelava algo. Não que achasse que nada demais fosse acontecer dentro do seu escritório, da sua casa. Poderia cair novamente, mas não tão cedo. O cara era bom de copo. E de alguma maneira os bêbados nunca chegam a se machucar pra valer. Podia ser que lhe voltasse aquela sensação de culpa. Mas era provável que desta vez simplesmente acabasse dormindo.

A outra parte de mim queria ir embora e ficar de fora, mas esta era a minha parte que eu nunca escuto. Porque, se a escutasse, teria ficado na cidade em que nasci, trabalhando no armazém local, casado com a filha do patrão, com cinco filhos, lendo pra eles as histórias em quadrinhos dos jornais dominicais, lhes dando uns tapas quando saíssem da linha e discutindo com a mulher a respeito do quanto estava gastando com as crianças e quais programas eles deveriam ouvir ou assistir no rádio e na televisão. Poderia mesmo ter ficado rico — rico de cidade pequena, com casa de oito quartos, dois carros na garagem, galinha na mesa todo domingo e as *Seleções* em cima da mesinha da sala, a mulher com permanente nos cabelos e eu com um cérebro como um saco de cimento. Siga você esse caminho, amigo. Eu prefiro a cidade grande, sórdida, aleijada, suja.

Levantei e fui até o escritório. Lá estava ele sentado e olhando pra coisa nenhuma; a garrafa de uísque já pela metade, um ar desligado no rosto e um brilho opaco nos olhos.

Olhou pra mim como um cavalo olha para uma cerca.

— O que você quer?

— Nada. Tudo bem aí?

— Não me chateie. Tem um homenzinho no meu ombro me contando histórias.

Peguei mais um sanduíche e outro copo de cerveja. Mastiguei o sanduíche e bebi a cerveja encostado na escrivaninha.

— Sabe de uma coisa? — perguntou, subitamente; a voz de repente pareceu muito mais clara. — Uma vez tive um secretário homem. Despedi-o. Me incomodava ficando sentado por aí esperando eu criar alguma coisa. Cometi um erro. Devia tê-lo deixado ficar. Iam começar a dizer por aí que eu era homossexual. Os garotos inteligentes que escrevem resenhas de livros, porque não conseguem escrever mais nada, iam se encarregar de espalhar a notícia e minha carreira estaria feita.

É preciso cuidar da carreira da gente, você sabe. São todos uns veados, todos eles. A bicha é o juiz artístico da nossa era, meu chapa. O pervertido é quem está por cima agora.

— É mesmo? Sempre estiveram por aí, não é verdade?

Me olhava. Continuava falando. Mas ouviu o que eu disse.

— Claro, há milhares de anos. E especialmente em todas as grandes eras artísticas. Atenas, Roma, a Renascença, a Era Elizabetana, o movimento romântico na França — cheio deles. Bichas por toda parte. Já leu *O Ramo de Ouro*? Não, claro, é grosso demais pra você. Talvez uma versão resumida. Devia ler. Prova que nossos hábitos sexuais não passam de pura convenção, como usar

gravata preta e smoking. Eu sou um escritor erótico, mas cheio de volteios e amarras.

Olhou pra mim e sorriu.

— Sabe de uma coisa? Não passo de um mentiroso. Meus personagens têm quase dois metros de altura e minhas heroínas têm calos no bumbum de tanto deitar na cama com os joelhos pra cima. Laços e fitas, espadas e carruagens, elegância e gentileza, duelos e mortes galantes. Tudo mentira. Usavam perfume em vez de sabonete, os dentes delas apodreciam porque nunca os escovavam, as unhas eram negras de sujeira de estábulos. A nobreza francesa mijava nas paredes dos corredores de mármore de Versalhes, e quando finalmente se conseguia tirar as várias roupas de baixo da adorável marquesa, a primeira coisa que a gente notava era que ela precisava tomar um banho. Deveria escrever assim.

— E por que não?

— Claro; e iria morar numa casa de cinco cômodos em Compton... se tivesse sorte.

Ficou em pé e deu um tapinha na garrafa de uísque vazia.

— Você está muito solitária, minha chapa. Precisa de companhia.

Caminhou, razoavelmente seguro de si, pra fora do escritório. Esperei, pensando em nada. Um barco deslizava lá longe, no lago. Quando pude vê-lo melhor, notei que estava bem acima do nível da água, puxando por uma corda, um sujeito queimado de sol. Fui até a porta e cheguei a vê-lo fazendo uma curva abrupta. Bem rápido, o barco quase virou. O homem em cima do esqui dançou num pé só tentando readquirir o equilíbrio, depois prosseguiu deslizando em cima d'água. O barco parou e o homem na água foi até ele nadando

preguiçosamente, depois chegou perto, segurou na amurada e se jogou pra dentro do barco.

Wade voltou com outra garrafa de uísque. O barco rugiu e desapareceu na distância. Wade colocou sua garrafa novinha ao lado da outra. Sentou-se e ficou meditando.

— Meu Deus, você não vai beber tudo isso, vai?

— Se manda, cara. Vá pra casa e fique varrendo a cozinha ou qualquer coisa do gênero. Está me enchendo.

A voz estava pastosa novamente. Devia ter tomado umas doses na cozinha, como sempre.

— Se precisar de mim, basta gritar.

— Não desceria tanto a ponto de ter de precisar de você.

— Claro, obrigado. Vou ficando por aqui até a sra. Wade chegar. Já ouviu falar em alguém chamado Paul Marston?

Sua cabeça levantou-se lentamente. Os olhos entraram em foco, mas com certo esforço; lutava para se controlar. Ganhou a luta — no momento. O rosto ficou inexpressivo.

— Nunca — disse cuidadosamente, devagar. — Quem é ele?

Na próxima espiada que resolvi dar ele dormia, com a boca aberta, os cabelos grudados de suor, cheirando a uísque. Os lábios se distanciavam dos dentes e a superfície de sua língua parecia seca.

Uma das garrafas estava vazia. O copo na mesa tinha cerca de um centímetro de bebida e a outra garrafa estava com três quartos. Coloquei a garrafa vazia no carrinho de chá e tirei do escritório, depois voltei pra fechar a porta e baixar as cortinas. O barco podia voltar e acordá-lo. Fechei a porta do escritório.

Empurrei o carrinho até a cozinha, que era azul e branca, espaçosa e vazia. Continuava com fome. Comi outro sanduíche e bebi o que havia sobrado da cerveja, depois me servi de café e bebi. A cerveja estava choca mas o café conhnua quente. Voltei então para o pátio. Demorou muito até que o barco voltasse cortando as águas do lago. Eram quase quatro horas quando ouvi seu ronronar distante que se transformou num conjunto enlouquecedor de barulho. Deveria haver uma lei contra isso. Provavelmente existia e o cara no barco a motor estava pouco se lixando. Se divertia chateando os outros, como certas pessoas que eu vinha encontrando. Caminhei até a beira do lago.

Desta vez conseguiu. O homem no barco diminuiu a velocidade suficientemente para fazer a curva e o cara do esqui virou bem longe, distanciando-se do centro centrífugo. O esqui estava quase que fora d'água, mas uma ponta continuava tocando n'água. O barco se endireitou, mas o cara do esqui ainda tinha muita água pela frente, e ambos voltaram para o local de onde tinham vindo — e acabou-se.

As ondas aumentavam à medida que o barco passava e batiam na margem do lago, aos meus pés. Batiam forte contra os montes de pedra e subiam e desciam. Continuavam assim quando virei as costas e voltei para a casa.

Ao chegar ao pátio escutei a campainha vindo da cozinha.

Quando soou outra vez, calculei que apenas a porta da frente teria campainha. Fui até lá e abri.

Era Eileen Wade, olhando pro outro lado da casa.

Quando se virou, disse:

— Desculpe, esqueci as chaves. — Só então viu que era eu. — Ah...

pensei que fosse Roger ou Candy.

— Candy saiu. Hoje é quinta-feira.

Entrou e fechei a porta. Colocou a bolsa na mesa entre dois sofás. Parecia fria e distante. Tirou as luvas brancas.

— Alguma coisa errada?

— Bem, alguém andou bebendo. Nada demais. Dorme no sofá do escritório.

— Ele chamou você?

— Sim, mas não pra isso. Me chamou pra almoçar. Acho que não chegou a comer nada.

Sentou-se lentamente num dos sofás.

— Ah, me esqueci completamente que hoje era quinta-O cozinheiro também está de folga. Que burrice.

— Candy serviu um lanche antes de sair. Agora está na hora de eu ir. Espero que meu carro não tenha atrapalhado o seu.

Sorriu.

— Não. Há espaço bastante. Gostaria de tomar um chá? Eu vou tomar.

— Tudo bem. — Não sabia por que tinha respondido que sim. Não estava querendo tomar chá nenhum. Falei por falar.

Tirou sua jaqueta de linho. Não usava chapéu.

— Vou só dar uma olhadinha pra ver se Roger está bem.

Fiquei olhando-a atravessar a sala e abrir a porta do escritório. Depois, fechou a porta e voltou.

— Continua dormindo. Fazendo barulho. Preciso subir um minuto. Volto já.

Vi quando pegou a jaqueta, as luvas, a bolsa e subiu as escadas — ia pro quarto. Porta fechada. Cruzei até o escritório com a idéia de levar a garrafa. Se ele estava dormindo, não ia precisar dela.

## 36

Com as portas fechadas o escritório ficava abafado e com as cortinas baixadas o ambiente estava sombrio. Havia um cheiro ácido no ar e um silêncio pesado. Da porta ao sofá não havia mais de quatro metros e não precisei andar a metade desta distância para perceber que um homem jazia morto no sofá.

Estava de lado, com o rosto voltado para o lado de trás do sofá, um braço torcido em cima do corpo e o ante-braço do outro pousado praticamente entre os olhos. Entre o Peito e os fundos do sofá havia uma piscina de sangue e, nessa piscina, estava o revólver. O lado do rosto era uma máscara borrada.

Inclinei-me, espreitando o lado do olho bem aberto, o braço despido e brilhante, na curva do qual pude ver um buraco negro e cheio de cabelos na cabeça, de onde o sangue ainda jorrava.

Deixei-o como estava. O pulso parecia quente mas não havia a menor dúvida de que estivesse morto. Procurei em volta alguma nota ou bilhete. Nada, apenas a pilha de páginas na escrivaninha. Não costumam deixar notas. A máquina de escrever, descoberta. Nada nela. No mais, tudo parecia normal. Suicidas costumam se preparar de maneiras diferentes, alguns com bebida, outros com refinados jantares acompanhados de champanha. Alguns com roupas de noite, outros sem roupas. Tem gente que se pendura no alto do teto, em salas, nos banheiros, na água, em cima d'água e debaixo d'água. Costumam se enforcar em celeiros ou se asfixiar com gás na garagem. Este parecia simples. Não ouvi nenhum tiro, mas devia ter



havido um enquanto eu andava lá perto do lago olhando o barco a motor dando voltas. Houve muito barulho. Por que o barulho coincidira com a morte de Roger Wade era coisa que não saberia dizer. Talvez não. O impulso final coincidiu com a arrancada do barco? Não gostava daquilo, mas ninguém se importava com o que eu gostasse ou deixasse de gostar.

Os pedacinhos do cheque rasgado continuavam ainda no chão — deixei-os. As folhas rasgadas do texto que ele escrevera na outra noite continuavam na cesta de lixo. Mas isso não deixei onde estava. Peguei e coloquei no bolso. A cesta, praticamente vazia, tornou fácil a operação. Não adiantava ficar imaginando onde estaria o revólver. Lugares demais para escondê-lo. Poderia estar numa cadeira ou no sofá, debaixo de uma das almofadas. Poderia estar no chão, entre os livros, em qualquer lugar.

Saí e fechei a porta. Fiquei escutando. Da cozinha, sons. Fui até lá. Eileen usava um avental azul e a chaleira começava a assobiar. Ela baixou o fogo e me olhou de um modo impessoal, rápido.

— Como prefere o chá, sr. Marlowe?

— Como vier, vem bem.

Fui até a parede e acendi um cigarro apenas para ter o que fazer com os dedos. Segurei-o, cortei-o em dois e joguei metade no chão. Seus olhos seguiram a metade do cigarro caindo. Me agachei e peguei-o. Amassei as duas metades na mão, embolei-as.

— Sempre gosto do meu com creme e açúcar. Estranho, porque café costumo tomar puro. Aprendi a beber chá na Inglaterra. Lá estava-se usando sacarina em vez de açúcar.

Quando veio a guerra, não tinham creme, lógico.

— A senhora morou na Inglaterra?

— Trabalhei lá. Fiquei no país durante a guerra. Encontrei um homem... mas já lhe falei sobre isso.

— Onde conheceu Roger?

— Em Nova Iorque.

— Se casaram em Nova Iorque?

Ela se mexia, arrumando as coisas.

— Não, não nos casamos em Nova Iorque. Por quê?

— Apenas pra ter o que falar enquanto o chá não fica pronto.

Olhou pro lado de fora da casa através da janela. Podia ver algo lá embaixo. Inclinou-se sobre a pia e seus dedos desdobraram uma pequena toalha de chá.

— Ele precisa parar — disse — e não sei como. Talvez precise ser internado numa clínica. Mas não consigo me ver fazendo uma coisa destas. Seria necessário que eu assinasse algum documento, não é mesmo?

Virou-se quando fez a pergunta.

— Ele mesmo poderia assinar. Quer dizer, poderia até há pouco.

O chá estava pronto. Ela virou-se e passou-o de uma chaleira pro bule. Colocou o bule numa bandeja onde já estavam as xícaras arrumadas. Me afastei, peguei o carrinho e empurrei com a bandeja até a mesinha entre os dois sofás, na sala. Ela se sentou no lado oposto ao meu e serviu as duas xícaras. Peguei a minha e deixei-a na minha frente, esperando que esfriasse um pouco. Olhei-a colocar duas pedras de açúcar e o creme. Provou.

— O que quis dizer com sua última observação? De que ele poderia assinar "até há pouco"?... Internar-se numa clínica, é o que você quis dizer?

— Acho que foi um golpe fatal. A senhora escondeu o revólver de que lhe falei? Quer dizer, naquela manhã depois daquela encenação toda lá no andar de cima.

— Esconder? — repetiu, ar preocupado. — Não. Não cos turno esconder nada. Não acredito nisso. Por que pergunta?

— E a senhora se esqueceu das chaves hoje?

— Sim, já lhe disse que sim.

— Mas não a chave da garagem. Geralmente em casas como esta as chaves costumam ser especiais.

— Não preciso de chave para a garagem. Ela abre apertando um botão. Tem um mecanismo elétrico qualquer dentro da porta principal que se pressiona pra cima quando a gente sai. Depois outro contato no lado de fora da garagem abre a porta. Geralmente deixamos a garagem aberta. Ou então Candy vai até lá e fecha.

— Entendi.

— O senhor está fazendo alguns comentários bastante peculiares — disse ela, com a voz ácida. — Como na outra manhã.

— Tive algumas experiências peculiares nesta casa.

Revólveres sendo disparados à noite, bêbados deitados no gramado da frente e médicos chegando sem querer fazer coisa nenhuma. Mulheres adoráveis passando os braços em volta de mim e falando como se eu fosse outra pessoa; empregados mexicanos jogando facas. A respeito do revólver, é uma pena... Mas a senhora

não ama realmente seu marido, não é mesmo? Acho que também já falei isso antes.

Levantou-se lentamente. Estava tão calma como um doce de creme, mas os olhos violeta não pareciam manter a mesma cor, nem a mesma suavidade. A boca então começou a tremer.

— Está acontecendo... alguma coisa de errado lá em cima? — disse muito lentamente, olhando em direção ao escritório.

Praticamente não tive tempo de dizer que sim: ela já estava correndo. Chegou até a porta num segundo. Empurrou-a e entrou. Se eu estivesse esperando um grito desesperado, teria errado. Não ouvi nada. Me senti um sacana. Deveria tê-la mantido afastada, facilitando a rotina das más notícias, preparando, a senhora não quer se sentar, temo ter de dizer que algo de muito sério acaba de acontecer. Blá-blá-blá. E depois de fazer tudo isso, não se consegue suavizar o fato em nada. Geralmente, até piora.

Levantei e segui-a até o escritório. Ela se ajoelhou ao lado do sofá com a cabeça encostada no peito dele, sujando-se toda de sangue. Não emitia nenhum tipo de som. Os olhos, fechados. Balançava nos joelhos pra frente e pra trás como podia, agarrando-o com força.

Saí, encontrei um telefone e uma lista. Liguei para a subdelegacia que me parecia mais próxima. Não era importante, emitiriam a notícia por rádio de qualquer maneira. Fui depois à cozinha, abri a água e deixei-a cair nas linhas das páginas que estavam no meu bolso. Então joguei tudo no incinerador. Esvaziei a chaleira de folhas de chá. Fechei a água e tapei a lata de lixo. Voltei pra sala, abri a porta de entrada e saí da casa.

Deveria haver um carro de polícia nas proximidades, pois em

coisa de seis minutos lá estava ele. Quando levei o policial ao escritório, ela continuava ajoelhada aos pés do sofá. O policial aproximou-se sem hesitação.

— Desculpe, madame. Compreendo como deve estar se sentindo, mas não deveria tocar em nada.

Ela virou a cabeça, depois jogou-se a seus pés.

— É o meu marido... Foi baleado.

Ele tirou o quepe e colocou-o na escrivaninha. Procurou o telefone.

— O nome dele é Roger Wade — disse ela num tom de voz alto e entrecortado. — É o romancista famoso...

— Sei quem ele é, madame — o policial falou, e começou a discar.

Olhou para a blusa dela.

— Posso sair e mudar de roupa? — Ela perguntou.

— Claro — ele concordou e falou ao telefone, depois desligou e virou-se. — A senhora disse que ele foi baleado. Isso significa que alguém deu um tiro nele?

— Acho que esse homem aí matou meu marido — ela disse sem me olhar e saiu rapidamente do escritório.

O policial me olhou. Tirou uma caderneta do bolso. Escreveu alguma coisa nela.

— É melhor dizer seu nome — falou tranqüilamente — e endereço. Foi o senhor quem telefonou?

— Foi. — Dei-lhe meu nome e endereço.

— Vamos ficar calmos até o tenente Ohls chegar.

— Bernie Ohls?

— Sim. Conhece?

— Claro. Conheço e não é de hoje. Trabalhou no escritório do procurador-geral.

— Ultimamente, não. É assistente-chefe do Departamento de Homicídios. O senhor é amigo da família, sr. Marlowe?

— Não é o que a sra. Wade deu a entender.

Enrugou o rosto e meio que sorriu.

— Calma, sr. Marlowe, calma. Não está armado, está?

— Hoje não.

— É melhor eu ver.

Foi o que fez. Depois olhou no sofá.

— Em situações como esta, não é de se esperar que a esposa diga alguma coisa que faça sentido. Vamos esperar lá fora.

Ohls era um homem compacto de altura mediana, com cabelos curtos, loiros, sem viço, e olhos azuis desbotados. As sobrancelhas eram duras e brancas. Quando o conheci costumava usar chapéu e a gente sempre se surpreendia quando o tirava — havia muito mais cabeça do que se esperava.

Era um policial duro, severo, e que possuía uma visão sombria da vida — mas debaixo daquela capa, era um sujeito muito decente. Deveria ter sido promovido a capitão há alguns anos. Passou nos exames entre os três primeiros lugares meia dúzia de vezes. Mas o xerife não gostava dele e ele não gostava do xerife.

Desceu as escadas cocando o lado do queixo. Flashes se acenderam no escritório muitas vezes. Homens iam e vinham. Eu continuava sentado na sala, com um detetive à paisana, esperando.

Ohls sentou-se na beirada de uma cadeira, balançando as mãos. Mastigava um cigarro apagado. Olhou-me meditativamente.

— Lembra-se dos bons tempos quando havia um grande portal e polícia particular aqui em Idle Valley?

— Lembro. E jogo, também.

— Claro. Não se pode impedir. O vale todo continua sendo propriedade particular. Como Arrowhead costumava ser. E Emerald Bay. Faz tempo que não entro num caso com jornalistas pulando à minha volta. Alguém deve ter soprado alguma coisa no ouvido do xerife Petersen. O caso não entrou no teletipo.

—Tiveram muita consideração — respondi. — Como vai a sra. Wade?

— Devagar; muito calma. Deve ter engolido algumas pílulas. Há meia dúzia de pílulas diferentes nesta casa — até demerol. É uma droga ruim. Seus amigos não têm tido muita sorte ultimamente, hem? Acabam morrendo. Quanto a isto não tinha nada a dizer.

— Suicídio a bala sempre me interessou — Ohls falou, lentamente. — Fácil de fingir. A esposa diz que você matou o cara. Por que diria uma coisa destas?

— Deve ter falado em sentido figurado.

— Não havia mais ninguém na casa. Disse que você sabia onde estava o revólver, sabia que o cara estava se embebedando, sabia que havia dado um tiro uma noite dessas quando ela teve de lutar com ele pra jogar o revólver pra longe. Estava aqui naquela noite também. Não parece ter ajudado muito, não acha?

— Procurei na sua gaveta hoje. Nada do revólver. Havia dito a ela onde estava o revólver e que ela o guardasse em outro lugar. Agora diz que não acredita nessas coisas.

— "Agora" quando?

— Depois que chegou e antes de eu ligar para a subdelegacia.

— Procurou na escrivaninha. Por quê? — Ohls levantou as mãos e colocou nos joelhos. Olhava pra mim de um modo indiferente, como se estivesse pouco ligando com o que eu viesse a dizer.

— Estava ficando bêbado. Pensei que seria uma boa idéia deixar o revólver num outro lugar qualquer. Mas acontece que na outra noite ele não tentou se matar. Tudo não passou de encenação.



Ohls balançou a cabeça. Tirou o cigarro mordido da boca, jogou num cinzeiro e pegou um outro, novo.

— Parei de fumar. Estava me dando tosse demais. Mas o maldito vício continua me rondando. Não consigo me sentir à vontade sem um cigarro nos lábios. Era pra você ficar cuidando do sujeito quando ele estivesse sozinho?

— Claro que não. Ele me chamou pra vir almoçar. Conversamos e ele andava meio deprimido pelo fato do seu trabalho não estar indo muito bem. Resolveu pedir ajuda pra garrafa. Acha que deveria ter tirado a garrafa de suas mãos?

— Não estou achando nada por enquanto. Estou apenas tentando ter uma visão geral. Você bebeu?

— Apenas cerveja.

— Sorte sua estar aqui, Marlowe. Para que era o cheque? Aquele preenchido, assinado e rasgado?

— Todos eles queriam que eu viesse morar aqui uns tempos para mantê-lo, na linha. "Todos eles" significa o próprio, a esposa e seu editor, um homem chamado Howard Spencer. Mora em Nova Iorque, se não me engano. Poderá checar com o próprio. Recusei. Mais tarde, ela me procurou, disse que o marido havia desaparecido, que estava preocupada e será que eu não poderia encontrá-lo e trazê-lo de volta pra casa? Foi o que fiz. A próxima coisa que sei é que o carreguei do gramado em frente e joguei-o na cama. Não queria nenhum envolvimento com esta história, Bernie. Mas é como se tivessem me envolvido.

— Alguma coisa a ver com o caso Lennox?

— Ah, pelo amor de Deus. Não existe nenhum caso Lennox.

— É verdade — disse Ohls, secamente. Apertou os joelhos. Um homem surgiu na porta central e falou com o outro detetive, depois veio em direção a Ohls.

— Tenente, tem um dr. Loring aí fora. Disse que foi chamado. É o médico da senhora.

— Pode deixá-lo entrar.

O detetive recuou e o dr. Loring entrou com sua limpa maleta preta. Entrou frio e elegante num terno de tropical.

Passou por mim sem me olhar.

— No andar de cima? — perguntou a Ohls.

— Sim, no quarto dele. — Ohls se levantou. — Por que o senhor fornece receitas de demerol a ela, doutor?

O dr. Loring franziu a testa.

— Prescrevo o que julgo apropriado aos meus pacientes — respondeu, friamente. — Não tenho necessidade de explicar minhas razões. Quem disse que eu dei demerol à sra. Wade?

— Eu. O recipiente está lá em cima com seu nome nele. Ela possui uma verdadeira farmácia no banheiro. Talvez o senhor não saiba, doutor, mas temos lá em cima uma exposição completa de pequenas pílulas. Azuis, vermelhas, amarelas, bolinhas e tudo o mais. Demerol é a pior de todas. Era na base de demerol que Goering vivia, li em algum lugar. Tomava dezoito pílulas por dia quando foi pego. Os médicos do exército levaram três meses para conseguir livrá-lo do vício.

— Não sei de que o senhor está falando.

— Não sabe? Que pena. As pílulas azuis são amital de sódio. As vermelhas, seconal. Amarelas são nembutal. Bolinhas são barbitúricos com base em benzedrina. Demerol é um narcótico sintético que costuma viciar. O senhor apenas facilitou as coisas, não é? Será que a senhora anda sofrendo de algo tão sério assim?

— Um marido bêbado pode ser realmente uma causa bastante séria para uma mulher sensível — o dr. Loring falou.

— O senhor não gostava muito dele, não é mesmo? Que pena. A sra. Wade está lá em cima, doutor. Obrigado por me conceder seu tempo.

— O senhor é um impertinente. Vou dar parte do senhor.

— Claro, por favor — disse Ohls. — Mas antes de dar parte de mim, faça mais alguma coisa. Deixe a cabeça da senhora Wade desanuviada. Preciso fazer algumas perguntas a ela.

— Farei exatamente o que achar conveniente de acordo com as condições em que ela estiver. O senhor sabe quem eu sou, por acaso? E para botar as coisas em pratos limpos, o sr. Wade não era meu paciente. Não trato de alcoólatras.

— Apenas de esposas de alcoólatras, não é? Sim, eu sei quem o senhor é, doutor. Estou me remoendo por dentro de puro pânico. Meu nome é Ohls, tenente-detetive Ohls.

O dr. Loring subiu a escada. Ohls sentou-se novamente e me sorriu.

— A gente precisa de diplomacia pra lidar com esse pessoal.

Um homem saiu do escritório e se aproximou de Ohls. Um homem magro de aparência séria, com óculos e testa inteligente.

— Tenente.

— Fale...

— O ferimento é compacto, típico de suicida, com uma boa dose de distensão devido à pressão da bala. Os olhos estão exoftálmicos, pela mesma razão. Não creio que haja impressões digitais na parte externa da arma. Houve muito sangramento.

— Não poderia ser homicídio caso o sujeito estivesse dormindo ou desmaiado de bêbado?

— Com certeza, mas não há nenhuma indicação disto.

O revólver é um Webley Hammerless. Tipicamente, uma arma difícil de se engatilhar mas de fácil disparo. O coice do tiro explica a posição do revólver. Até o momento, não vejo nenhum indício contrário à idéia de suicídio. A concentração alcoólica no sangue deverá se revelar altíssima. Se for alta demais — parou e fez um sinal de desinteresse — poderei me inclinar a uma idéia contrária à de suicídio.

Ohls bocejou e olhou para o relógio. Depois olhou pra mim.

— Quer ir embora?

— Claro, se você deixar. Pensei que eu fosse um suspeito.

— Poderemos convocá-lo mais tarde. Fique em local onde possa ser encontrado, só isso. Você já fez isso, sabe como são as coisas. Há casos em que precisamos trabalhar com rapidez antes que as provas desapareçam. Este é o contrário. Se foi homicídio, quem gostaria que ele morresse? Sua esposa? Não estava aqui. Você? Ótimo, tinha a casa toda a sua disposição e sabia onde estava o revólver. Uma combinação perfeita. Com tudo, menos um motivo, e você com

certeza deve saber agir pela experiência que tem. Calculo que se estivesse querendo matar um cara, faria a coisa de uma maneira menos óbvia.

— Obrigado, Bernie. O que acaba de dizer é verdade.

— Os empregados não estavam em casa. Folga. Portanto deve ter sido alguém que apareceu por acaso. Este alguém precisava saber onde se encontrava o revólver de Wade, precisava tê-lo encontrado suficientemente embriagado a ponto de estar dormindo ou desmaiado, e precisava puxar o gatilho no momento exato em que aquele barco a motor estava fazendo a curva para que o som fosse abafado. Além disso precisaria ter fugido antes de você voltar à casa. Isto, com toda a experiência que eu tenho, não engulo. A única pessoa que tinha os meios e a oportunidade é a única pessoa que não os usaria, pela simples razão de ser a pessoa que sabia disso tudo.

Levantei-me para sair.

— Tudo bem, Bernie. Estarei em casa a tarde toda.

— Mas tem uma coisa... — Ohls falou, meditativamente. — Este Wade era um escritor profissional. Cheio de grana, cheio de reputação. A mim, este tipo de coisa não impressiona. É possível a gente encontrar pessoas mais legais do que seus personagens num bordel. É uma questão de gosto e, enquanto policial, não tenho nada a ver com isso. Com todo o dinheiro que tinha, morava numa casa bonita num dos melhores lugares pra se viver na cidade. Tinha uma bela esposa, montes de amigos e nenhum problema. O que eu gostaria de saber é por que tudo ficou tão duro de suportar a ponto dele apertar o gatilho. É mais do que claro que havia alguma coisa. Se você souber, é melhor se preparar pra me contar direitinho. A

gente se vê.

Fui até a porta. O homem parado na porta olhou para Ohls, que lhe fez sinal; me deixou passar. Entrei no carro e tive de margear o estacionamento para poder passar pelos vários carros oficiais que lotavam o local. No portão, outro policial me olhou mas não disse nada. Pus meus óculos escuros e fui para a auto-estrada. Ela estava vazia e tranqüila.

O sol da tarde batia sobre os gramados e as casas grandes, cheias de quartos e caras além deles. Um homem, não de todo desconhecido, morrera numa piscina de sangue dentro de sua casa em Idle Valley, mas a tranqüilidade e preguiça à sua volta não foram perturbadas. Até agora, se dependesse dos jornais, o crime poderia ter ocorrido no Tibete.

Numa curva da estrada as paredes de duas propriedades se juntavam num cotovelo e um carro verde-escuro do xerife lá estava estacionado. Um policial desceu e levantou a mão. Parei. Veio até a minha janela.

— Posso ver sua carta de motorista, por favor?

Tirei minha carteira, estendi para ele, aberta.

— Apenas a carta de motorista, por favor. Não tenho o direito de tocar na sua carteira.

Olhei pra cima e dei a carta a ele.

— Qual é o problema?

Deu uma olhada no carro e me devolveu a carta.

— Não há problema. Verificação de rotina. Desculpe tê-lo incomodado.

Despediu-se com o braço e voltou para o carro. Exatamente como um policial. Eles nunca dizem pra gente por que estão fazendo o que quer que seja. Assim, a gente não fica sabendo o que eles próprios não sabem.

Fui pra casa, tomei um par de drinques gelados; saí para jantar, voltei, abri as janelas e a camisa — esperando que alguma coisa acontecesse. Esperei um tempão. Eram nove horas quando Bernie Ohls me ligou, dizendo que fosse a seu encontro sem parar no caminho para comprar um buquê de flores, por favor.

Lá estava Candy sentado numa cadeira dura contra a parede na antecâmara do xerife. Os olhos me lançaram raios de ódio quando passei por ele em direção à sala grande e quadrada em que o xerife Petersen pontificava em meio a um aglomerado de testemunhos, de um público grato por seus vinte anos de fidelidade ao serviço público. As paredes estavam cheias de fotografias de cavalos e o xerife Petersen fazia uma aparição pessoal em cada uma delas. Os cantos da mesa eram talhados com cabeças de cavalos. O tinteiro era um casco de cavalo polido e ornamentado, as canetas ficavam no meio do casco cheio de areia branca. Uma plaqueta de ouro dizia qualquer coisa, com data e tudo. No meio de um mata-borrão imaculado em cima da mesa havia um pacote de fumo Bull Durham e um pacotinho de papéis de enrolar cigarro. Petersen enrolava seus cigarros. Conseguia enrolar um com uma só mão montado a cavalo, e geralmente o fazia, em especial quando liderava uma parada em cima de um grande cavalo branco com sela mexicana ornada de um belo trabalho de prata mexicana. Montado, usava um enorme sombrero mexicano. Cavalgava lindamente, e seu cavalo sempre sabia quando parar, quando dobrar as pernas e saudar o xerife que, com um sorriso calmo e misterioso, trazia o cavalo sob controle com uma só mão. O xerife costumava apresentar uma boa atuação. Tinha um perfil simpático, tipo águia, a essa altura já um pouco enrugado debaixo do queixo, mas sabia como erguer a cabeça de modo que isso não aparecesse muito. Trabalhou intensamente para conseguir tirar essas



fotos. Andava pelos cinqüenta e tanto e seu pai, um dinamarquês, deixou-lhe muito dinheiro. Mas ele não parecia dinamarquês, pois seus cabelos eram escuros e a pele morena; tinha a pose de estátua de índio-de-tabacaria e mais ou menos o mesmo tipo de inteligência. Mas ninguém jamais o chamou de salafrário. Já houvera casos de salafrários em seu departamento e eles acabaram passando Petersen pra trás, assim como passavam todo mundo pra trás, mas nenhum desses malandros se encostava no xerife Petersen. Ele seguia em frente sempre se reelegendo, até sem fazer força, montando cavalos brancos na frente dos desfiles e interrogando suspeitos em frente das câmaras fotográficas.

Pelo menos era o que diziam as legendas. Pra falar a verdade, nunca interrogava ninguém. Não saberia como. Apenas ficava sentado na sua escrivaninha olhando firmemente para o suspeito e mostrando seu perfil para as câmaras. Os flashes pipocavam, o fotógrafo agradecia ao xerife com certa deferência e o suspeito era imediatamente removido da sala sem ter sequer aberto a boca — e o xerife ia embora para sua casa em San Fernando Valley. Onde sempre podia ser encontrado. Se não fosse encontrado em pessoa, podia-se deixar recado com um de seus cavalos.

De vez em quando, tempo de eleição, algum político mal informado tentava concorrer ao posto de Petersen, e chegava ao ponto de chamá-lo de coisas como O-Cara-Com-Um-Perfil-Construído ou O-Presunto-Que-Se-Queimava-A-Si-Mesmo, mas não chegava a lugar nenhum. O xerife Petersen seguia em frente, sempre reeleito, uma prova viva do fato de que neste país uma pessoa pode continuar para sempre num cargo importante, e sem qualificações para tanto, tendo apenas um nariz limpo, um rosto fotogênico e a

boca fechada. E se além disso tudo o sujeito souber lidar com cavalos, passa a ser então imbatível.

Ao entrarmos, Ohls e eu, Petersen estava de pé atrás da mesa e os fotógrafos estavam saindo por uma outra porta. O xerife tinha seu chapéu Stetson branco na cabeça. Enrolava um cigarro. Todo preparado para ir embora. Olhou pra mim, fixamente.

— Quem é? — perguntou, com voz rica de barítono.

— Philip Marlowe, chefe — falou Ohls. — A única pessoa que estava na casa quando Wade se matou. Quer uma foto dele?

O xerife ficou me estudando. Depois: — Acho que não — e virou-se para um homem grande, de aparência cansada e cabelos grisalhos. — Se precisar de mim, estarei no rancho, capitão Hernandez.

— Sim, senhor.

Petersen acendeu o cigarro com um fósforo de cozinha. Acendeu-o na unha. Nada de isqueiros para o xerife Petersen. Era estritamente do tipo enrole-seu-próprio-cigarro-e-acenda-o-com-uma-só-mão.

Disse boa-noite e saiu. Um personagem sem nenhuma expressão facial, olhos duros e negros foi com ele, seu guarda-costas pessoal. A porta fechou-se. Depois que saiu, o capitão Hernandez sentou-se na enorme cadeira do xerife.

O estenógrafo veio do canto da sala e trouxe seus apetrechos, da parede para perto da mesa. Ohls sentou-se numa ponta da mesa e parecia se divertir.

— OK, Marlowe — disse Hernandez. — Vamos lá.

— Como é que pode não tirarem uma foto minha?

— Você ouviu o que o xerife falou.

— Sim, mas por quê? — disse em tom de lamento.

Ohls riu.

— Sabe muito bem por quê.

— Está querendo dizer porque eu sou alto, moreno simpático e alguém poderia olhar para mim?

— Corta essa — disse Hernandez, friamente. — Vamos logo com seu depoimento. Comece pelo começo.

Comecei pelo começo: minha conversa com Howard Spencer; meu encontro com Eileen Wade, ela me pedindo para descobrir onde encontrar Roger; minha descoberta de onde ele estava; ela me convidando para ficar na casa; o que Wade me pediu para fazer e como encontrei-o desmaiado perto dos arbustos e assim por diante. O estenógrafo tomou nota de tudo. Ninguém me interrompeu. Tudo o que disse era verdade. A verdade e nada mais do que a verdade. Mas não exatamente toda a verdade. O que deixei de fora era parte do meu trabalho.

— Ótimo — disse Hernandez quando acabei. — Mas falta alguma coisa. — Ele era frio, competente e perigoso, pelo menos alguém no escritório de Petersen precisava ser.

— A noite em que Wade deu um tiro pro alto no quarto dele você foi até o quarto da sra. Wade e lá ficou por algum tempo com a porta fechada. O que é que foi fazer lá?

— Ela me chamou pra perguntar como ele estava.

— E por que fechar a porta?

— Wade estava meio dormindo e eu não queria fazer barulho. Além disso, o empregado andava rondando com os ouvidos atentos.

Além disso, ela me pediu para que fechasse a porta. Não pensei que fosse importante...

— Quanto tempo ficou lá dentro?

— Não sei. Três minutos, talvez.

— Minha opinião é que você ficou lá dentro algumas horas — disse Hernandez, voz dura. — Será que falei claro?

Olhei para Ohls. Ohls não olhava para coisa nenhuma. Mastigava o cigarro apagado, como sempre.

— O senhor está mal informado, capitão.

— Veremos. Depois que você saiu do quarto, foi lá pra baixo, para o escritório, passou a noite no divã. Talvez deva dizer "o resto da noite".

— Faltavam dez minutos para as onze quando ele me chamou. Já passava das duas quando fui para o escritório pela última vez naquela noite. Pode chamar de "resto da noite" se quiser.

— Chame o empregado — disse Hernandez.

Ohls saiu e voltou com Candy. Colocaram Candy numa cadeira. Hernandez fez-lhe algumas perguntas para saber quem era ele, essas coisas. Depois disse: — Está bem, Candy — vamos chamá-lo assim para facilitar —, depois que você ajudou Marlowe a botar Roger Wade na cama, o que aconteceu?

Mais ou menos pressenti o que ele ia dizer. Candy contou sua história num tom de voz tranqüilo e selvagem, com muito pouco sotaque. Parecia que podia contar a história de trás pra frente, de acordo com a sua vontade. Sua história era a de que ficou zanzando lá por baixo em caso de ser chamado de novo, um pouco pela

cozinha, onde comeu alguma coisa, um pouco na sala. Quando estava na sala sentado numa poltrona perto da porta da frente, viu Eileen Wade em pé na porta do seu quarto e viu quando ela deixou cair a roupa. Havia visto ela colocar um robe com nada embaixo e me viu entrar no quarto dela, fechar a porta e lá ficar durante muito tempo, algumas horas, achava ele. Subiu as escadas e ficou escutando. Ouviu o estrado da cama fazer barulho. Ouviu sussurros.

O que deu a entender era bastante óbvio. Quando terminou, me lançou um olhar corrosivo, a boca retorcendo-se de ódio.

— Podem levá-lo — disse Hernandez.

— Espere aí — disse eu. — Quero fazer umas perguntas.

— Quem faz perguntas aqui sou eu — disse Hernandez, abruptamente.

— O senhor não sabe como foi, capitão. O senhor não estava lá. Esse cara está mentindo; ele sabe disso e eu sei disso.

Hernandez inclinou-se pra trás e pegou uma das canetas do xerife. Entortou-a um pouco. Era uma caneta longa e pontuda, feita de crina de cavalo. Quando afrouxou a ponta, a caneta voltou a sua forma.

— Vá em frente — disse, finalmente.

Virei-me para Candy.

— Onde estava você quando viu a sra. Wade tirar roupa?

— Sentado numa poltrona perto da porta da frente disse, num tom de voz seguro.

— Entre a porta da frente e os sofás um em frente do outro?

— Foi o que eu disse.

— Onde estava a sra. Wade?

— Bem na porta do seu quarto. A porta estava aberta.

— Que luz estava acesa na sala?

— Uma lâmpada. Aquela lâmpada do abajur de suporte alto.

— Que luz estava acesa no balcão?

— Nenhuma. A luz era no quarto dela.

— Que tipo de luz no quarto dela?

— Pouca luz. A luzinha da cabeceira, talvez.

— Nenhuma luz no teto?

— Não.

— Depois que ela tirou a roupa — em pé praticamen na porta do quarto, segundo você diz — ela vestiu um robe. Que tipo de robe?

— Azul. Um robe longo como um casacão. Amarrou-o com um cinto.

— Portanto se na verdade não chegou a vê-la tirando a roupa não saberia o que ela vestia debaixo do robe, não é?

Fez cara feia. Pareceu vagamente preocupado.

— *Sí.* É verdade. Mas eu a vi tirando a roupa.

— Você é um mentiroso. Não existe um lugar na sala de onde pudesse vê-la tirando a roupa bem ali perto da porta do quarto, muito menos dentro do quarto. Era preciso que ela tivesse vindo até o balcão. Se tivesse feito isso, ela o teria visto também.

Ele mal me olhava. Virei-me para Ohls.

— Você viu a casa. O capitão Hernandez não viu — ou será que viu?

Ohls balançou levemente a cabeça. Hernandez franziu a testa e nada disse.

— Não existe nenhum lugar na sala, capitão Hernandez, de onde ele pudesse sequer ver o alto da cabeça da sra. Wade — mesmo que ele estivesse de pé e ele disse que estava sentado — já que ela se encontrava recuada em relação à porta do quarto ou mesmo lá dentro. Sou bem mais alto do que ele, e só poderia ver dali a parte de baixo da porta aberta, mesmo assim estando de pé na parte de dentro da sala, perto da porta da frente. Era preciso que ela viesse até o final do balcão para que ele visse o que diz ter visto. Por que ela faria isto? Por que iria tirar a roupa perto da porta aberta? Não faz sentido nenhum.

Hernandez apenas me olhava. Depois olhou para Candy.

— E o que me diz do tempo transcorrido? — disse, suavemente, fazendo a pergunta pra mim.

— É a palavra dele contra a minha. Estou falando de uma coisa que pode ser provada.

Hernandez desandou a falar espanhol com Candy, rápido demais pra que chegasse a entender. Candy ficou só olhando para ele, de mau humor.

— Leve este cara daqui — disse Hernandez.

Ohls fez um gesto com o polegar e abriu a porta. Candy saiu. Hernandez tirou um maço de cigarro do bolso, colocou um na boca e acendeu-o com um isqueiro dourado.

Ohls voltou à sala. Hernandez falou calmamente: — Apenas disse pra ele que, se houver um inquérito e ele repetir o que disse aqui, ia acabar pegando de um a três anos de prisão por perjúrio. O que não o impressionou muito.

Parece evidente o que é que está remoendo ele. A velha história de mulheres sedutoras. Se estivesse na casa, e tivéssemos alguma razão para suspeitar de assassinato, ele seria o pato ideal — a não ser pelo fato de que teria usado uma faca. Antes tinha a impressão de que ele havia sofrido com a morte de Wade. Alguma pergunta que você queira fazer, Ohls?

Ohls balançou a cabeça. Hernandez me olhou e disse: — Volte amanhã de manhã para assinar seu depoimento. Até lá já estará datilografado. Precisamos entregar um relatório por volta das dez horas, um relatório preliminar pelo menos. Alguma coisa que não esteja gostando a respeito deste drama todo, Marlowe?

— Poderia reformular sua pergunta? Da maneira como colocou parece que existe alguma coisa, a respeito disso, que eu esteja gostando.

— Tudo bem. Pode sair. Vou pra casa.

Levantei-me.

— Claro que não cheguei a acreditar nesta história que Candy nos contou — disse ele. — Foi só provocação. Espero que não tenha ficado chateado.

— Nenhuma chateação, capitão. Nenhuma chateação mesmo. Ficaram me olhando sair e não disseram boa-noite.

Caminhei pelo longo corredor até a entrada da Hill Street, entrei



no carro e me mandei para casa.

Nenhuma chateação — isso mesmo. Eu estava tão vazio e oco quanto os buracos entre as estrelas. Quando cheguei em casa, preparei uma bebida, fiquei perto da janela aberta da sala, bebi, fiquei escutando o barulho dos carros no asfalto do Laurel Canyon Boulevard e olhei o brilho da cidade grande e feroz contra as encostas dos morros através dos quais o boulevard foi aberto. Bem longe, os gritos fantasmagóricos da polícia ou sirenes de bombeiros aumentavam e diminuía, nunca chegando ao completo silêncio. Vinte e quatro horas por dia alguém está fugindo e outro alguém está tentando pega-lo. Lá fora, na noite de mil crimes, pessoas estavam morrendo, sendo mutiladas, cortadas por vidros voadores, amassadas contra volantes de carros ou sob pesados pneus. Pessoas estavam sendo espancadas, roubadas, estranguladas e assassinadas. Sentiam fome, se sentiam doentes, chateadas, desesperadas de solidão ou remorso, ou de medo, ódio, crueldade, febre, com acessos de choro. Uma cidade que não era pior que as outras, uma cidade rica e vigorosa e cheia de orgulho; uma cidade perdida e agredida e cheia de vazio.

Tudo depende de onde você se posiciona e qual o seu projeto pessoal. Eu não tinha nenhum. Não importava.

Terminei a bebida e fui pra cama.

A sessão do tribunal foi um fracasso. O juiz pegou o caso pra valer antes mesmo que as provas do médico-legista estivessem completas, por medo da publicidade que cairia sobre ele. Não precisaria ter se importado com isto. A morte de um escritor — mesmo de um escritor famoso — não é notícia que permaneça muito tempo nos jornais e naquele verão havia coisas demais para competir. Um rei abdicou e um outro foi assassinado. Numa semana três grandes aviões de passageiros caíram. O dirigente de uma grande empresa foi baleado e virou picadinho dentro de seu próprio carro. Vinte e quatro prisioneiros morreram queimados num incêndio na prisão. O juiz do município de Los Angeles andava sem sorte. Estava perdendo as boas coisas da vida.

Ao sair do banco das testemunhas, vi Candy. Tinha um sorriso malicioso, aceso no rosto — não tinha idéia por quê — e como sempre vestia-se um pouco bem demais, com um terno de gabardine marrom com camisa branca de náilon e uma gravata borboleta azul. No banco das testemunhas ele ficou tranqüilo, dando boa impressão. Sim, o patrão ultimamente costumava beber bastante. Sim, havia ajudado a colocá-lo na cama na noite em que um tiro foi disparado no andar de cima. Sim, o patrão havia pedido uísque antes que ele, Candy, saísse no dia da morte, mas recusara-se a trazer a bebida. Não, ele não sabia nada a respeito do trabalho literário do sr. Wade, mas sabia que o patrão havia perdido o estímulo. Continuava escrevendo e jogando as folhas na cesta de lixo. Não, nunca ouvira o

sr. Wade discutindo com ninguém. E assim por diante. O juiz fora brando com Candy, como se ele não tivesse importância. Alguém havia "preparado" direitinho o empregado mexicano.

Eileen Wade vestia-se de branco e preto. Pálida, falava com uma voz clara e baixa que mesmo o microfone não conseguia piorar. O juiz lidou com ela como se usasse luvas de veludo. Falava com ela como se tivesse dificuldade de controlar os soluços. Quando ela saiu do banco das testemunhas, ele levantou-se e inclinou-se; ela deu-lhe um sorriso pálido e fugidio que praticamente fez com que ele se afogasse na sua própria saliva.

Ela passou por mim praticamente sem me olhar; depois, no último momento, virou a cabeça um pouquinho e me saudou levemente, como se eu fosse alguém que tivesse encontrado há muitos anos mas que não conseguia precisar quem fosse.

Do lado de fora, nas escadas, quando tudo havia terminado, corri em direção a Ohls. Ele estava olhando o tráfego passar ou fingia olhá-lo.

— Bom trabalho — disse ele, sem virar o rosto. — Parabéns.

— Você preparou Candy direitinho.

— Eu, não, meu chapa. O procurador-geral achou que aquela história de sexo era irrelevante.

— Que história de sexo?

Foi então que olhou para mim.

— Ha, ha, ha. E não estou me referindo a você. — Sua expressão ficou remota de repente. — Tenho visto coisas demais nesses anos todos. Os homens se consomem por causa disso. Esse Wade em

especial consumiu-se dentro de uma garrafa selecionada. De adega privada. Um comércio estritamente seletivo. Até mais, bobão. Pode me procurar quando estiver usando camisas de vinte dólares. Aí eu apareço e ajudo a segurar seu casaco.

Gente à nossa volta subia ou descia os degraus. Ficamos parados na escada. Ohls tirou um cigarro do bolso, olhou-o, jogou-o no chão e transformou-o em nada com o salto do sapato.

— Que desperdício — eu disse.

— É apenas um cigarro, amigo. Não é uma vida. Passado algum tempo talvez você se case com a garota, hem?

— Corta essa.

Ele riu asperamente. E disse: — Tenho falado coisas erradas para as pessoas certas. Algum problema?

— Nenhum problema, tenente — disse, e fui descendo os degraus. Ele falou qualquer coisa atrás de mim mas continuei meu caminho.

Fui até uma espelunca da Flower Street comer alguma coisa. Estava de acordo com meu humor. Um aviso nada sutil na entrada dizia: "Proibida a entrada de cachorros e mulheres". O serviço lá dentro era igualmente bem educado. O garçom que jogava a comida na sua frente precisava fazer a barba e deduzia sua gorjeta sem pedir licença. A comida era simples porém muito boa, e havia uma cervejinha escura sueca que caía fundo como um bom Martini.

Quando voltei para o escritório o telefone tocava. Ohls falou: — Estou indo pra aí. Precisamos conversar.

Provavelmente se encontrava nas proximidades da subestação de Hollywood, pois chegou no escritório em vinte minutos. Plantou-se

na cadeira de cliente, cruzou as pernas e grunhiu: — Passei um pouco da conta. Desculpe. Esqueça.

— Esquecer por quê? Vamos abrir a ferida?

— Comigo tudo bem. Mas civilizadamente. Algumas pessoas acham que você é um cara errado. Nunca soube de nada a seu respeito que se pudesse dizer que você seja um sacana.

— Que papo foi aquele a respeito de camisas de trinta dólares?

— Ah, fui apenas maldoso. Eu estava pensando no velho Potter. Como ele disse à secretária para dizer ao advogado que dissesse ao procurador-geral Springer que por sua vez dissesse ao capitão Hernandez que você era um bom amigo dele.

— Ele não iria se dar a esse trabalho.

— Você se encontrou com ele. Gastou seu tempo.

— Estive com ele, e ponto. Não gostei dele, mas talvez por pura inveja. Mandou me chamar para me dar uns conselhos. Ele é poderoso e durão e mais do que isso não sei. Não creio que seja um bandido.

— Não existe uma maneira limpa de se ganhar cem milhões de dólares — disse Ohls. — Talvez o cabeça de tudo ache que suas mãos estejam limpas mas em algum ponto de sua trajetória alguém foi empurrado contra a parede, comerciantes pequenos e bonzinhos tiveram o tapete tirado de sob seus pés e precisaram vender seus negócios a preço de banana, gente decente perdeu o emprego, ações subiram no mercado, procuradores foram comprados a peso de ouro e o pessoal dos cinco por cento e as grandes firmas de advogados receberam vultosos honorários para dobrar certas leis que as pessoas

querem que existam mas que os caras ricos não querem, tudo isso em nome do lucro. Dinheiro graúdo é poder graúdo e poder graúdo é poder mal usado. Assim é o sistema. Talvez seja o melhor possível, mas mesmo assim está longe de ser meu ideal de vida.

— Você parece um comunista falando — disse, só para provocá-lo.

— Não posso saber. Ainda não fui investigado. Pra você o veredicto que dá tudo como suicídio lhe parece bom, não é?

— O que mais poderia ter sido?

— Nada mais, acho. — Colocou as mãos vigorosas na escrivaninha e olhou as sardas nas costas das mãos. — Estou ficando velho. Os médicos chamam essas manchas marrons de Keratosis. Elas só aparecem depois que a gente passa dos cinqüenta. Sou um velho policial e um velho policial é um velho filho da mãe. Existem algumas coisas a respeito da morte de Wade que eu não gosto.

— Por exemplo...? — Inclinei-me pra trás e percebi um raio de sol brincar em volta de seus olhos.

— A gente consegue cheirar de longe quando uma encenação é mal montada, mesmo que se saiba que não se pode fazer porra nenhuma. Daí a gente fica sentado e falando como agora. Não me agrada o fato dele não ter deixado nenhuma mensagem.

— Estava bêbado. Provavelmente tudo não passou de um impulso maluco.

Ohls levantou os olhos pálidos e retirou as mãos da escrivaninha.

— Vasculhei a escrivaninha dele. Escreveu cartas pra si mesmo. Escreveu, escreveu e escreveu. Bêbado ou sóbrio, bateu nas teclas da máquina. Algumas das cartas eram desvairadas, meio engraçadas, e

outras, tristes. O cara tinha alguma caraminhola na cabeça. Escreveu e deixou os papéis à sua volta; praticamente não tocava mais neles. Um sujeito assim teria deixado uma carta de duas páginas se chegasse a se suicidar.

— Estava bêbado — repeti.

— O que não era de se levar em conta, em relação a ele.

Outra coisa que não gosto é o fato de ter escrito tudo isso no escritório e ter deixado sua mulher encontrá-lo morto... Está certo, estava bêbado. Mesmo assim a coisa não me cheira bem. Outra coisa ainda que não gosto é o fato de ter ele puxado o gatilho exatamente no momento em que o barulho do barco a motor poderia abafar o tiro. Que diferença faria pra ele? Mais coincidência, hem? Mais coincidência ainda do que o fato da esposa ter esquecido as chaves no dia de folga dos empregados precisando tocar a campainha para entrar em casa.

— Ela poderia ter contornado a casa e entrado pelos fundos — disse eu.

— Claro, sei disso. Estou falando é sobre uma situação. Ninguém para atender a campainha a não ser você, mas ela disse no tribunal que não sabia que você estava na casa. Wade não teria escutado a campainha se estivesse vivo e trabalhando no escritório. A porta do escritório é à prova de som. O empregado estava fora. Quinta-feira. Disso tudo ela não se lembrou. Como não se lembrou de levar as chaves.

— Você está se esquecendo de uma coisa, Bernie. Meu carro estava no pátio. Portanto, ela sabia que eu estava lá — ou que alguém estava lá — quando tocou a campainha.

Sorriu.

— Esqueci disso, não é? Pois muito bem, o panorama é o seguinte. Você desceu até o lago, o barco a motor estava fazendo aquela barulheira toda — por falar nisso, eram alguns rapazes de Lake Arrowhead, apenas de visita; carregavam o barco num trailer — Wade dormia no escritório ou estava desmaiado, alguém pegou o revólver na gaveta da escrivaninha; ela sabia que você o tinha colocado lá porque você mesmo havia dito pra ela naquela outra noite. Agora, vamos supor que ela não tenha esquecido as chaves, que tenha entrado na casa, olhado para o pátio e visto você lá longe no lago; olhou depois para dentro do escritório e viu Wade dormindo; sabia onde estava o revólver, apanhou-o, esperou o momento apropriado, acertou-lhe o tiro, deixou cair o revólver onde foi encontrado, voltou para fora da casa, aguardou um pouco até o barco a motor se afastar, e só então apertou a campainha e esperou que você abrisse a porta. Alguma objeção?

— Qual o motivo?

— Sim, claro — disse ele, amargo. — É aí que a coisa pega. Se quisesse liquidar o marido, seria fácil. Ele vivia dentro de uma garrafa, sempre bêbado, já havia sido violento com ela. Teria uma excelente pensão, uma bela residência muito bem localizada. Nenhum motivo. Mesmo assim o *timing* me parece evidente demais. Cinco minutos antes e ela não poderia ter cometido o crime, a não ser que voce estivesse em conluio com ela.

Ia dizer alguma coisa mas fez sinal com a mão.

— Calma, calma. Não estou acusando ninguém, apenas especulando. Cinco minutos mais tarde e o problema seria o mesmo.



Ela tinha dez minutos para executar o plano.

— Dez minutos — comecei a me irritar — que não poderiam ter sido previstos, muito menos planejados.

Ficou me olhando, inclinado contra a cadeira.

— Sei disso. Você tem resposta pra tudo. Eu tenho respostas pra tudo. E mesmo assim a coisa não me cheira bem. Que diabo andava você fazendo com essa gente, afinal de contas? O sujeito lhe preenche um cheque de mil, depois rasga-o. Ficou com raiva de você, é o que você diz. E você não queria o cheque de qualquer maneira, é o que você diz. Quem sabe. Será que ele estava achando que você andava dormindo com sua esposa?

— Devagar, Bernie.

— Não perguntei se dormiu com ela, perguntei se ele achava.

— Minha resposta é a mesma.

— Muito bem, vamos tentar outra coisa. O que é que o mexicano tinha contra ele?

— Nada, que eu saiba.

— Esse mexicano tem dinheiro demais. Mais de mil e quinhentos dólares no banco, todo tipo de roupa, um Chevrolet novinho em folha.

— Talvez transe com drogas — disse eu.

Ohls, num impulso, saiu da cadeira e olhou pra mim arqueando as sobrancelhas: — Você é um sujeito de uma sorte incrível, Marlowe. Por duas vezes se saiu bem de enrascadas tremendas. Pode ser que tenha ficado com excesso de autoconfiança. Você foi bastante prestativo para esse pessoal e não ganhou um centavo por isso. Você

foi bastante prestativo com um cara chamado Lennox também, segundo soube. E não ganhou um centavo com isso tampouco. O que é que você faz pra ganhar dinheiro pra comer, meu chapa? Tem bastante dinheiro investido a ponto de não precisar mais trabalhar?

Levantei-me e dei a volta na escrivaninha e encarei-o — Sou um sujeito romântico, Bernie. Escuto vozes gritando no meio da noite e vou lá ver o que está acontecendo Não se ganha um centavo com isso. Você tem bom senso, fecha as janelas e liga o som da televisão bem alto. Ou vai tomar um banho quente de chuveiro, ficando bem longe disso tudo. Ficando bem longe dos problemas das outras pessoas. Tudo o que consegue com isso é um sentimento de derrota. A última vez que vi Terry Lennox ele bebeu uma xícara de café comigo, que eu mesmo fiz aqui, e fumou um cigarro. Daí, quando soube que estava morto, fui pra cozinha e fiz café e servi uma xícara para ele e acendi um cigarro pra ele, e quando o café estava frio e o cigarro havia se fumado a si mesmo, disse-lhe boa-noite. Não se ganha um centavo com coisas assim. Você não faria uma coisa destas. É por isso que você é um bom policial e eu sou um detetive particular. Eileen Wade está preocupada com o marido, portanto eu saio e encontro seu marido e o trago de volta pra casa. Outra vez, tinha problemas e me telefonou para ir até lá e lá fui eu, carreguei-o do gramado e coloquei-o na cama, e não ganhei nenhum centavo com isso. Nenhuma percentagem na jogada. Nada, nada, a não ser o fato de, de vez em quando, alguém me bater no rosto, ou me pôr em cana ou receber ameaças de um desses caras que ganham dinheiro rápido, como Mendy Menendez. Mas nada de dinheiro, nem um centavo. Tenho uma nota de cinco mil dólares no cofre, mas nunca gastei um centavo desse dinheiro. Porque havia alguma coisa de errado na

maneira como cheguei a ganhá-lo. No princípio brinquei um pouco com a nota e ainda pego-a de vez em quando e fico olhando pra ela. Mas é só isso — nem um centavo de dinheiro pra gastar.

— Deve ser uma nota falsa — disse ele, secamente. — Mas não costumam falsificar notas altas assim. Mas e daí, onde é que você quer chegar com todo esse papo?

— A lugar nenhum. Já disse que sou um romântico.

— Ouvi. E você não ganha nenhum centavo com isso. Ouvi isso também.

— Mas sempre posso mandar um policial à merda. Vá à merda, Bernie.

— Você não me mandaria à merda se estivesse comigo numa cela escura, meu chapa.

— Talvez um dia desses a gente pode ver se isso acontece.

Ele caminhou até a porta e escancarou-a.

— Quer saber de uma coisa, garoto? Você se acha uma gracinha mas não passa de um bobo. De uma sombra na parede. Tenho vinte anos de vida policial nas costas e sem nenhuma mancha profissional. Sei perfeitamente quando estão me manobrando e sei quando um cara está me bloqueando. Os espertos só conseguem enganar a eles mesmos. Vai por mim, meu chapa. Estou sabendo.

Recuou a cara da porta e fechou-a. Ouvi seus passos pelos corredor, como um martelo. Conseguia ainda ouvi-lo quando o telefone soou. A voz, num tom claramente profissional, disse: — Nova Iorque chamando Philip Marlowe.

— Pode ligar.

— Obrigado. Um momento, por favor, sr. Marlowe.

A outra voz eu conhecia.

— Howard Spencer, sr. Marlowe. Soubemos do que aconteceu com Roger Wade. Foi um golpe bastante duro. Não temos maiores detalhes, mas seu nome parece estar envolvido no caso.

— Estava lá quando tudo aconteceu. Ele simplesmente encheu a cara e se matou. A sra. Wade havia chegado em casa pouco antes. Os empregados estavam fora — quinta-feira é o dia de folga.

— O senhor estava sozinho com ele?

— Não estava com ele. Estava do lado de fora da casa, fazendo hora até a esposa dele chegar.

— Compreendo. Bem, acredito que o caso vá ao tribunal.

— Já foi, sr. Spencer. Suicídio. E as notícias foram estranhamente escassas.

— Verdade? Que curioso. — Não que parecesse desapontado, mais confuso e surpreso. — Ele era tão conhecido.

Eu deveria ter pensado... bem, não importa o que eu tenha pensado ou venha a pensar. Acho melhor pegar um avião e ir até aí, mas só vou conseguir viajar no próximo fim de semana. Vou mandar um telegrama para a sra. Wade. Talvez possa fazer alguma coisa por ela... e também pelo livro. Quero dizer, deve haver bastante material escrito de maneira que poderemos arrumar alguém que termine o livro por ele. Posso concluir que, depois de tudo, o senhor acabou aceitando o trabalho?

— Não. Embora ele próprio tenha me convidado. Fui logo lhe dizendo que não poderia fazer com que parasse de beber.

— Aparentemente o senhor nem mesmo tentou.

— Escute, sr. Spencer o senhor desconhece os primeiros lances desta situação toda. Por que não procura conhecer os detalhes antes de chegar a uma conclusão? Não que eu mesmo não me culpe um pouco. Acho inevitável quando uma coisa como esta acontece e a gente fica na berlinda.

— Claro. Desculpe o comentário. Bastante desprovido de propósito. Será que Eileen Wade estará em casa agora...

ou o senhor não saberia?

— Não saberia dizê-lo, sr. Spencer. Por que não tenta ligar pra ela?

— Não me parece que ela esteja em condições de falar com quem quer que seja por enquanto — disse ele, lentamente.

— Por que não? Ela falou com o juiz e sequer piscou um olho.

Ele limpou a garganta.

— O senhor não parece estar sendo simpático com ela.

— Roger Wade está morto. Ele era meio filho da mãe e talvez meio gênio também. Estou até aqui com este caso todo. Ele era um bêbado egoísta e odiava suas próprias entranhas. Me causou um monte de problemas e, no fim, um monte de tristeza. Por que, com os diabos, teria eu de ser simpático?

— Eu estava falando a respeito da sra. Wade — disse, em poucas palavras.

— Pois eu também.

— Ligo para o senhor quando chegar aí — falou, cortando o

assunto. — Adeus.

Desligou. Desliguei. Olhei para o telefone por algum tempo sem me mexer. Peguei depois a lista, coloquei-a em cima da mesa e procurei um número.

Liguei para o escritório de Sewel Endicott. Alguém disse que ele estava no Tribunal e só voltaria ao escritório no fim da tarde. Queria deixar um recado? Não.

Liguei o número da espelunca de Mendy Menendez na Strip. Chamava-se El Tapado este ano, não era um nome ruim. Em espanhol-americano, significa tesouro enterrado, entre outras coisas. No passado teve outros nomes, vários outros nomes. Um ano, era só um número em luz de gás neon azul numa parede alta e vazia dando para o lado sul da Strip, com a parte de trás virada para a colina e uma rua elevada fazendo ali a curva em volta de um dos lados da rua de baixo. Bastante exclusivo. Ninguém sabia muita coisa a respeito do local a não ser policiais corruptos e gangsters e gente que podia gastar trinta dólares por um bom jantar e qualquer quantidade acima de cinquenta na grande e tranqüila sala no andar de cima.

Uma mulher entrou na linha e não sabia nada de nada.

Depois veio um sujeito com sotaque mexicano.

— O senhor quer falar com o sr. Menendez? Quem está falando?

— Sem essa de nomes, *amigo*. Assunto pessoal.

— Un momento, por favor.

A espera foi longa. Desta vez veio um garotão ríspido. Parecia falar através da abertura de um carro blindado.

Era provavelmente apenas o orifício do seu rosto.

— Fale logo. Quem quer falar com ele?

— Marlowe.

— Quem é Marlowe?

— É Chick Agostino?

— Não, *num* é Chick. Vamos lá, diga logo a senha.

— Vá se fritar.

Houve um riso disfarçado. — Espere um pouco.

Finalmente outra voz disse: — Alô, chapa. Que macaco te mordeu?

— Está sozinho?

— Pode falar, chapa. Estou olhando alguns números para o espetáculo da casa.

— Que tal cortar a sua garganta num deles?

— E se pedissem bis?

Ri. Ele riu também.

— Tem deixado seu nariz de fora da sujeira? — perguntou.

— Não ficou sabendo? Por acaso me tornei amigo de um outro sujeito que se suicidou. Vão acabar me chamando de "O Cara do Beijo da Morte" daqui por diante.

— Engraçado, hem?

— Não, não é engraçado. Além disso uma tarde dessas andei tomando um chá com Harlan Potter.

— Belas maneiras. Eu mesmo nunca tomei dessas coisas.

— Ele disse que você deveria ser legal comigo.



— Nunca encontrei o cidadão e não estou sacando.

— Ele é muito influente. Tudo o que preciso é de uma pequena informação, Mendy. Sobre Paul Marston.

— Nunca ouvi falar.

— Respondeu rápido demais. Paul Marston era o nome que Terry Lennox usava em Nova Iorque antes de vir pro Oeste.

— E daí?

— As impressões digitais foram checadas nos arquivos do FBI. Nenhum registro. Isto quer dizer que ele nunca serviu nas Forças Armadas.

— E daí?

— Será que preciso te fazer um desenho do caso? Ou o ato de bravura de vocês numa trincheira é pura balela, ou aconteceu em outras circunstâncias.

— Eu não disse onde aconteceu, chapa. Ouça minhas boas palavras e esqueça o resto. Foi como te disse, deixa como está.

— Claro, pra ver como é que fica. É só eu fazer alguma coisa que lhe desagrade e lá vou eu nadando para Catalina com um bonde amarrado nas costas. Não tente me assustar, Mendy. Já enfrentei profissionais. Você já esteve na Inglaterra?

— Seja esperto, chapa. Muita coisa pode acontecer às pessoas numa cidade como a nossa. Coisas podem acontecer com garotões fortes e grandes como Big Willie Magoon.

Dê uma olhada no jornal de hoje.

— Vou comprar, se você quiser. É possível até que tenha uma foto

minha. O que aconteceu com Magoon?

— Como disse... tem coisa que pode acontecer. Não saberia como, a não ser pelo que leio na imprensa. Parece que Magoon andou querendo checar quatro garotos num carro com placa de Nevada. Estava estacionado bem em frente à sua casa. Placas de Nevada, com aqueles números grandes que nem existem. Deve ter sido algum tipo de desentendimento. Só Magoon não está achando graça, com os dois braços quebrados e o queixo com arames em três partes e uma perna engessada. Magoon não é mais um durão. O mesmo poderia acontecer com você.

— Ele andou te incomodando, não é? Eu vi quando ele enxotou teu moleque de recado, Chick, depois de jogá-lo contra a parede em frente ao Victor's. Será que deveria ligar para um amigo no escritório do xerife e contar tudo?

— Pois faça isso, chapa — disse ele, lentamente. — Faça.

— E poderei mencionar que, naquele dia, eu estava por lá tomando uma bebidinha com a filha de Harlan Potter. Dupla testemunha, em certo sentido, não acha? Será que pensa em quebrar os ossos dela também?

— Escute bem direitinho, chapa...

— Já estive na Inglaterra, Mendy? Você e Randy Starr e Paul Marston ou Terry Lennox ou qualquer que fosse o nome dele? No Exército inglês, quem sabe? Algumas contravençõezinhas no Soho, a coisa ficou preta e vocês sacaram que entrar pro exército era um bom refúgio, hem?

— Fique na linha.

Fiquei. Nada aconteceu; apenas esperei, meu braço ficou cansado. Passei o fone para o outro braço. Finalmente, voltou.

— Agora escute com atenção, Marlowe. Se você remexer o caso Lennox, será um homem morto. Terry era um grande chapa e eu ainda tenho sentimentos. Você também tem sentimentos. Até aí vou com você. Foi uma operação de comandos. Ingleses. Aconteceu na Noruega, numa daquelas ilhas na costa. São milhões delas. Novembro de 1942. Agora pode se deitar e descansar um pouco essa sua cabecinha cansada?

— Obrigado, Mendy. É o que vou fazer. Seu segredo está a salvo comigo. Não vou contá-lo a ninguém, apenas pras pessoas que conheço.

— Compre o jornal, chapa. Leia e lembre-se. O grande e durão Willie Magoon. Levou porrada em frente de casa. Puxa, como não deve ter ficado surpreso quando voltou a si.

Desligou. Saí, comprei um jornal e tudo aconteceu como Menendez falou. Havia uma foto de Big Willie Magoon numa cama de hospital. Podia-se ver metade do seu rosto e um olho. O resto era ataduras. Ferido seriamente embora não criticamente. Os rapazes tiveram cuidado quanto a isso. Queriam que continuasse vivo. Afinal, tratava-se de um tira. Na nossa cidade, não se mata um tira. Esta função se deixa para os delinqüentes juvenis. E um tira vivo que tenha passado pelo moedor de carne é um aviso bem mais eficiente. Eventualmente acaba se restabelecendo e volta pro trabalho. Mas dali pra frente alguma coisa parece que fica faltando — a última polegada de aço que faz toda a diferença. Passa a ser então uma lição ambulante de que seria um erro pressionar demais os gangsters —

especialmente se o policial está lotado na delegacia de entorpecentes e costuma comer nos melhores restaurantes e dirigir um Cadillac.

Fiquei sentado pensando naquilo tudo, mas depois liguei para a Carne Organization e pedi para falar com George Peters. Não estava. Deixei meu nome e disse que era urgente. Deveria chegar aí pelas cinco e meia.

Fui até a Biblioteca Pública de Hollywood, fiz algumas perguntas na sala de informações, mas não consegui encontrar o que queria. Voltei para meu Oldsmobile e fui para o centro, para a Biblioteca Central. Encontrei lá as informações que desejava num livro pequeno e encadernado de vermelho, editado na Inglaterra. Copiei o que precisava e voltei pra casa. Liguei para a Carne Organization de novo. Peters continuava na rua; pedi à secretária que ele me ligasse de volta.

Armei o tabuleiro de xadrez na mesinha de café e me coloquei um problema chamado Esfinge. Está publicado nas páginas finais de um livro sobre xadrez de Blackburn, o mago inglês do xadrez, provavelmente o mais dinâmico jogador de xadrez de todos os tempos, embora não fosse de lançar as primeiras jogadas na base da guerra fria como se joga hoje em dia. A Esfinge é um jogo de onze lances e faz jus ao nome. Problemas de xadrez raramente chegam a mais do que quatro ou cinco movimentos. Além disso, a dificuldade de resolvê-los aumenta quase que em progressão geométrica. Um de onze movimentos é pura tortura mental.

Uma vez na vida quando me sinto muito por baixo costumo armar esse lance e procuro descobrir novas maneiras de resolver o problema. É um modo bastante tranqüilo de enlouquecer. A gente

não precisa nem gritar, embora se chegue bem próximo disso. George Peters me ligou às cinco e quarenta. Trocamos saudações e condolências.

— Andou se metendo numa outra enrascada, já sei — falou, alegremente. — Por que não tenta um trabalho mais tranqüilo como o de embalsamador?

— Leva muito tempo pra aprender. Escute, estou querendo virar um cliente da agência de vocês, se não for caro demais.

— Depende do que você quer que seja feito, companheiro. E precisaria falar com Carne em pessoa.

— Não.

— Bem, então diga lá.

— Londres está cheia de profissionais como eu, mas não saberia distinguir um do outro. Lá eles se chamam de agentes privados de investigação. A sua organização deve ter contatos em Londres. Eu teria de pegar um nome ao acaso e provavelmente quebraria a cara. Preciso de algumas informações que devem ser fáceis de se conseguir, e preciso delas pra ontem. Pelo menos para o fim da próxima semana.

— Desembuche.

— Preciso saber alguma coisa sobre a participação na guerra de Terry Lennox ou Paul Marston, não sei qual o nome que usava. Participou dos Comandos ingleses. Foi capturado ferido em novembro de 1942 num ataque em uma ilha da Noruega. Precisava saber em que grupo estava e o que aconteceu com ele. O Ministério da Guerra deve ter tudo isso. Não se trata de informação secreta,

pelo menos é o que penso. Vamos dizer que um problema de herança está em jogo.

— Não precisa de um investigador particular para isso. Pode obter essas informações diretamente. Escreva uma carta.

— Corta essa, George. Pode ser que dentro de três meses me chegasse uma resposta. Preciso disso em cinco dias.

— Acho que tem razão, companheiro. Alguma coisa mais?

— Só uma. Eles guardam todos os registros pessoais num lugar chamado Somerset House. Quero saber se consta o nome dele lá e algum tipo de informação — nascimento, casamento, naturalização, qualquer coisa.

— Por quê?

— Por quê? Qual é a tua? Quem está pagando a conta?

— Vamos supor que nenhum dos nomes conste no arquivo deles?

— Nesse caso, estou perdido. Caso constem, quero cópias autenticadas de qualquer coisa que se encontrar. Quanto é que você vai me explorar por isso?

— Vou precisar perguntar a Carne. É possível que ele concorde. Mas nós não queremos o tipo de publicidade que você costuma atrair. Se ele permitir que me encarregue do caso, e você concordar em não mencionar nossa ligação, diria que tudo sairia por trezentos dólares. Esse pessoal lá do outro lado não ganha muito pelos nossos padrões. Pode ser que façam por dez guinéus, menos de trinta dólares. Em cima disso, todas as despesas. Vamos dizer cinquenta dólares e Carne não abriria uma pasta no seu arquivo por menos de duzentos e cinquenta dólares.

— Preços profissionais.

— Ha, ha. Ele nunca ouviu falar em profissionais.

— Você me liga, George. Quer jantar comigo?

— No Romanoff's?

— Ótimo, se é que aceitam reserva da minha parte, o que duvido.

— Podemos nos sentar na mesa de Carne. Por acaso sei que ele tem hoje um jantar particular. É um freguês habitual do Romanoffs. Vale a pena estar no topo da profissão. Carne é um sujeito importante nesta cidade.

— É, claro. Conheço alguém — e conheço-o pessoalmente — que poderia aniquilar Carne simplesmente apertando as unhas do polegar.

— Bom contato, garotão. Sempre soube que chegaria perto da mina. Encontro você aí pelas sete horas no bar do Romanoff's. Diga ao chefe dos ladrões do restaurante que você está esperando pelo coronel Carne. Ele vai abrir um espaço a sua volta de modo a não ser roçado por nenhum desses pés rapados, como roteiristas de cinema ou atores de televisão.

— Nos vemos às sete.

Desligou e eu voltei para o tabuleiro de xadrez. Mas a Esfinge não parecia mais me interessar. Em pouco tempo Peters ligou de novo e disse que estava tudo bem em relação a Carne, desde que o nome da sua agência permanecesse desvinculado dos meus problemas. Peters me disse que mandaria uma carta para Londres aquela noite mesmo.

## 41

Howard Spencer me ligou na quinta-feira seguinte pela manhã. Estava no Ritz-Beverly e sugeriu que aparecesse para um drinque no bar.

— É melhor no seu quarto — falei.

— Muito bem, se prefere assim. Quarto 828. Acabei de falar com Eileen Wade. Me pareceu bastante consolada. Leu os escritos deixados por Roger e disse que considera que o livro pode ser facilmente terminado. Vai ser bem menor que os outros, o que poderá ser contrabalançado pela publicidade, no caso. Calculo que nos considere, a nós, editores, um bando de corvos. Eileen vai ficar em casa a tarde toda. Naturalmente quer me ver e eu quero vê-la.

— Estarei aí dentro de meia hora, sr. Spencer.

Ele se hospedara numa bela suíte do lado oeste do hotel. A sala tinha janelas altas abrindo para uma varanda pequena, com uma grade. Os móveis combinavam com as cortinas e tapetes, feitos de algum material em tiras e tudo isso com o *design* pesado de flores do tapete dava ao quarto um ar antiquado, a não ser pelo fato de que qualquer coisa onde se pudesse repousar um drinque tinha um suporte de vidro e por haver dezenove cinzeiros espalhados pelas proximidades. Um quarto de hotel é uma boa indicação dos costumes dos hóspedes. O Ritz-Beverly não esperava que os hóspedes tivessem qualquer hábito próprio.

Spencer apertou minha mão.



— Sente-se. O que deseja beber?

— Qualquer coisa, ou nada. Não sou obrigado a beber.

— Estou querendo um copo de Amontillado. A Califórnia é pobre em bebidas no verão. Em Nova Iorque conseguimos beber quatro vezes mais pela metade da ressaca.

— Aceito um uísque *sour*.

Dirigiu-se ao telefone e fez o pedido. Depois sentou-se numa das cadeiras de tirinhas enfeitadas, tirou seus óculos e limpou-os num lenço. Colocou-os no rosto de novo e olhou para mim.

— Tenho a impressão que o senhor tem alguma coisa em mente. Por isso preferiu se encontrar comigo aqui no quarto e não lá embaixo no bar.

— Vou levá-lo até Idle Valley. Também gostaria de ver a sra. Wade.

Pareceu-me um pouco contrafeito.

— Não tenho certeza de que ela gostaria de vê-lo.

— Sei que não. Mas posso entrar com seu convite.

— O que não seria muito diplomático da minha parte, seria?

— Ela lhe disse que não gostaria de me ver?

— Não exatamente, não com tantas palavras. — Limpou a garganta. — Tive a impressão que ela culpa você pela morte de Roger.

— Sim. Ela já disse isso... para o policial que apareceu na tarde em que ele morreu. Provavelmente disse a mesma coisa para o tenente do departamento de homicídios que investigava a morte

dele. No entanto, não disse isso ao juiz, não é estranho?

Ele encostou-se e coçou a parte de dentro da mão com um dedo, lentamente. Apenas uma espécie de gesto mecânico.

— Qual a vantagem pra você encontrá-la de novo, Marlowe? Foi uma experiência terrível para ela. Imagino que toda a sua vida tenha lhe parecido bastante assustadora por algum tempo. Por que trazer as coisas à tona? Espera convencê-la de que você não se descuidou um pouco?

— O que ela disse à polícia foi que eu o matei.

— Certamente não quis dizer isso no sentido literal. De outra forma...

A campainha tocou. Ele se levantou e foi até a porta; abriu-a. O garçom entrou com as bebidas e colocou-as na mesinha com toda solenidade como se estivesse servindo um jantar de sete talheres. Spencer assinou a nota e deu-lhe uma gorjeta. O cara foi embora. Spencer pegou o copo de *sherry* e afastou-se como se não quisesse me passar a bebida que me cabia. Deixei-a ficar lá mesmo onde estava.

— De outra forma, o quê? — perguntei-lhe.

— De outra maneira ela *teria* dito alguma coisa ao juiz, não acha?

— Franziu as sobrancelhas. — Creio que estamos tendo uma conversa sem sentido. A propósito de que você estava querendo me ver?

— Quem estava querendo se encontrar comigo era você.

— Apenas — falou lentamente — porque quando falei com você de Nova Iorque, você disse que eu estava tirando conclusões apressadas. O que significa, no meu entender, que você teria alguma explicação a

me dar. Bem, que explicação é essa?

— Gostaria de falar sobre isso diante da sra. Wade.

— A idéia não me incomoda. Acho que é melhor você arrumar sozinho esse encontro. Tenho grande consideração pela sra. Wade. Como homem de negócios gostaria de salvar o trabalho de Roger Wade, se for possível. Se Eileen sente realmente o que você sugere que ela sente em relação a você, eu é que não posso ser o meio de fazê-lo entrar na casa dela. Seja razoável.

— Está certo. Esqueça. Posso ir vê-la sem maiores problemas. Pensei apenas em ter alguém comigo como testemunha.

— Testemunha de quê? — quase me fulminou.

— Vai saber por ela ou não vai saber de nada.

— Concluo que não vou saber de nada.

Levantei-me.

— Provavelmente sua atitude seja correta, Spencer. Quer o livro de Wade — se ele puder ser publicado. E quer ser um bom menino. Ambições ambas louváveis. Não compartilho de nenhuma delas. Boa sorte e adeus.

Levantou-se de repente e veio na minha direção.

— Espere um pouco, Marlowe. Não sei o que vai aí dentro dessa sua cabeça mas parece que leva a coisa a sério. Existe algum mistério a respeito da morte de Roger Wade?

— Mistério nenhum. Ele levou um tiro na cabeça com um revólver Webley Hammerless. Não viu uma cópia do relatório da investigação?

— Certamente. — Estava agora em pé perto de mim e parecia preocupado. — O que foi publicado nos jornais do Leste e alguns dias depois um relato mais completo num jornal de Los Angeles. Ele estava sozinho em casa, embora você não estivesse muito longe. Os empregados tinham saído, Candy e o cozinheiro, Eileen estivera na cidade fazendo compras e chegou em casa logo depois do que aconteceu. No momento da morte um ruído muito forte de barco a motor no lago abafou o barulho do tiro, tanto que nem mesmo você conseguiu ouvi-lo.

— Correto. Depois o barco a motor desapareceu e eu voltei pra casa; vim caminhando pela margem do lago até a casa, escutei a campainha da porta tocar e abri-a para descobrir que Eileen Wade havia esquecido as chaves. Roger já estava morto. Ela, da porta de entrada, olhou para o escritório, pensou que ele estivesse dormindo no sofá, foi até a cozinha a fim de fazer um chá. Pouco mais tarde, portanto, olhei para dentro do escritório, notei que não havia nenhum som de respiração e fui descobrir por quê. Como deveria fazer, chamei os representantes da lei.

— Não vejo nenhum mistério — disse Spencer calmamente; o tom agudo da sua voz havia desaparecido. — O revólver era do próprio Roger e uma semana antes ele mesmo havia dado um tiro no quarto. Você encontrou Eileen lutando para tirar o revólver das mãos dele. Seu estado mental, seu comportamento, sua depressão em relação ao trabalho — tudo isso foi levado em conta.

— Ela não lhe disse que o que ele escreveu é coisa boa? Por que estaria deprimido em relação ao trabalho?

— É a opinião dela, entende? Pode ser muito ruim. Ou ele poderia

ter achado tudo muito pior do que realmente era.

Vá em frente. Não sou burro. Percebo que tem mais *coisa* pra dizer.

— O detetive de Homicídios que investigou o caso é um velho amigo meu. É um brutamontes, acostumado a cheirar sangue, um velho e experiente policial. Não gosta de muitas coisas em relação a esta história. Por que Roger Wade não deixou nenhuma mensagem, já que era um escritor compulsivo? Por que se matou de tal maneira que permitiu que o choque da descoberta do cadáver recaísse sobre a esposa? Por que se incomodou de escolher exatamente o momento em que eu não poderia escutar o barulho do tiro? Por que ela se esqueceu das chaves para ter de ser introduzida na casa pelas mãos de outra pessoa? Por que resolveu deixá-lo sozinho em casa no dia em que os empregados estavam de folga? Lembre-se, ela disse que não sabia que eu estava lá. Se soubesse, poderíamos esquecer as duas últimas perguntas.

— Meu Deus, está querendo me dizer que esse policial estúpido suspeita de Eileen?

— Suspeitaria, se conseguir descobrir um motivo.

— Ridículo. Por que não suspeitar de você? Você teve a tarde toda. Deve ter havido apenas alguns minutos para que ela pudesse cometer o crime — e ela havia esquecido as chaves de casa.

— Que motivo teria eu?

Ele recuou, pegou meu copo de uísque *sour* e bebeu-o de um gole. Colocou o copo na mesa com cuidado, enxugou os lábios e os dedos molhados pelo copo. Guardou o lenço.

Olhou-me.

— A investigação continua?

— Não sei. Uma coisa é certa. Eles sabem a esta altura se ele realmente bebeu a ponto de perder a consciência. Se isso aconteceu, pode ser que ainda haja trabalho pela frente.

— E você quer falar com ela — disse, lentamente — na presença de uma testemunha.

— Exatamente.

— Isso pra mim significa uma coisa ou outra, Marlowe: ou você está terrivelmente assustado ou você acha que ela está.

Concordei com a cabeça.

— Qual das duas possibilidades?

— Eu não estou assustado.

Olhou para o relógio.

— Só espero que você esteja ficando louco.

Olhamos um para o outro, em silêncio.

Ao Norte, através de Coldwater Canyon, começava a esquentar. Quando chegamos ao topo e o vento começou a baixar em direção ao vale de San Fernando, o ar ficou irrespirável, um bafo quente. Olhei de lado para Spencer.

Vestia um paletó mas o calor não parecia incomodá-lo. Tinha outra coisa para incomodá-lo muito mais. Olhava pra frente através do vidro do carro, sem nada dizer. Uma espessa camada de neblina baixava sobre o vale. De cima pareceria um lençol de neblina e logo estávamos dentro dela, o que tirou Spencer do seu silêncio.

— Meu Deus, pensei que houvesse um clima decente na Califórnia do Sul. O que é que fazem por aqui, ficam queimando velhos pneus de caminhão?

— O tempo vai ficar bom em Idle Valley. Lá existe uma brisa que vem do oceano.

— Fico contente de saber que existe lá alguma coisa além de bêbados. Pelo que tenho visto do pessoal local desses ricos subúrbios, acho que Roger Wade errou redondamente em vir morar aqui. Um escritor precisa de estímulo...

e não do tipo de estímulo que costumam engarrafar. Não existe nada aqui por perto a não ser uma grande ressaca bronzeada. Me refiro à nata das pessoas, claro.

Virei o volante e diminuí a marcha entrando na empoeirada via que ia dar em Idle Valley, depois chegamos à parte pavimentada e

mais além a brisa do mar se fez notar, baixando pelas curvas das colinas até o fim do lago. Grandes pedregulhos se revolviam sob as rodas na grande e larga entrada e a água fazia um som monótono ao bater na grama da margem. A esta hora todos os bem situados na vida estavam em algum outro lugar. E o que se podia concluir pelas casas fechadas e pela posição dos carros dos jardineiros atravessados na estrada. Finalmente chegamos à casa dos Wade; avancei o carro pela entrada e parei-o atrás do Jaguar de Eileen. Spencer desceu e caminhou altivamente por sob as bandeiras do pórtico da casa. Tocou a campainha e a porta como que se abriu na mesma hora. Era Candy com seu casaco branco e o rosto escuro e bonito, olhos negros e afiados.

Tudo em ordem.

Spencer entrou. Candy me lançou um breve olhar e literalmente fechou a porta na minha cara. Aguardei; nada aconteceu. Carreguei o dedo na campainha e ouvi o barulho lá dentro.

A porta se abriu e Candy apareceu do lado de fora, rosnando.

— Se manda. Desaparece. Vai querer uma facada na barriga?

— Vim pra ver a sra. Wade.

— Ela não quer nada com o senhor.

— Saia do meu caminho, camponês. Vim a trabalho.

— Candy! — Era a voz dela, uma voz aguda.

Fez-me mais uma carranca e recuou para dentro da casa. Entrei e fechei a porta. Ela estava em pé no lado de lá de um dos sofás da sala; Spencer ao seu lado. Ela parecia como se valesse um milhão de dólares. Vestia calças brancas, muito elegantes, e uma camisa branca



de esporte de mangas curtas, um lenço lilás pendendo do bolso em cima do seu seio esquerdo.

— Candy anda muito ditatorial ultimamente — disse ela para Spencer. — Que bom vê-lo, Howard. Muito gentil de sua parte vir de tão longe. Não sabia que vinha com alguém.

— Marlowe me trouxe de carro. Além disso, queria vê-la.

— Não consigo imaginar por quê — disse ela, friamente. Finalmente me olhou mas não como se o fato de não me ver há uma semana tivesse deixado um vazio na sua vida. — Bem?

— Vai levar algum tempo — disse eu.

Ela sentou-se devagar. Sentei-me no outro sofá.

Spencer, com um ar preocupado. Tirou os óculos e limpou-os, o que lhe deu oportunidade de franzir o cenho com mais naturalidade. Depois sentou-se na outra extremidade do sofá onde eu estava.

— Tinha certeza que você chegaria a tempo de almoçar — disse-lhe ela, sorrindo.

— Hoje não, obrigado.

— Não? Bem, claro, se anda muito ocupado. Quer dizer que só quer dar uma olhada nos escritos?

— Se puder.

— Claro. Candy! Ah, ele desapareceu. Estão na escrivania do escritório de Roger. Vou pegá-los.

Spencer se levantou:

— Posso apanhá-los?

Sem esperar resposta ele andou através da sala. Dois metros além

dela, parou e deu-me uma olhada enviesada.

Depois foi em frente. Fiquei sentado e aguardei que a cabeça dela se virasse e seus olhos me olhassem de uma maneira impessoal e fria.

— Por que é que o senhor queria me ver?

— Detalhes. Estou vendo que a senhora está usando o emblema novamente.

— Costumo usá-lo com certa constância. Foi-me dado por um amigo muito querido há muitos anos.

— Sei. A senhora já me disse. É um emblema militar inglês, não é?

Ela retirou-o da corrente em volta do pescoço.

— É uma reprodução feita por um joalheiro. Menor que o original e de ouro e esmalte.

Spencer voltou à sala, sentou-se novamente e colocou uma grossa pilha de folhas datilografadas na quina da mesinha em frente dele. Olhou-a preguiçosamente, logo seus olhos estavam apontados para Eileen.

— Posso vê-lo mais de perto? — perguntei a ela.

Ela me passou a jóia, praticamente deixou-a cair na minha mão. Depois colocou as mãos no colo e ficou olhando, curiosa.

— Por que esse interesse? É o emblema de um regimento chamado Artists' Rifles, um regimento territorial. O homem que me deu esse emblema nunca foi encontrado depois. Foi em Andalsnes, na Noruega, na primavera de um ano terrível — 1940. — Ela sorriu e fez um breve gesto com a mão. — Ele estava apaixonado por mim.

— Eileen viveu em Londres durante a grande *blitz* — disse Spencer, numa voz vazia. — Não podia sair do país.

Ignoramos Spencer ambos.

— E a senhora estava apaixonada por ele — eu disse.

Baixou os olhos e depois levantou a cabeça e nossos olhos se encontraram.

— Foi há muitos anos. E havia uma guerra. Estranhas coisas costumam acontecer em ocasiões como essas.

— Há mais coisa do que isso, sra. Wade. Creio que a senhora se esqueceu o quanto se abriu comigo a este respeito. "O tipo de amor selvagem, misterioso e improvável que só aparece uma vez na vida." Estou citando suas palavras. De certa forma, a senhora continua apaixonada por ele. É muita gentileza da minha parte ter as mesmas iniciais que ele. Creio que isso andou pesando um pouco quando a senhora foi me procurar.

— O nome dele não tinha nada a ver com o seu — disse ela friamente. — E ele está morto, morto, morto.

Passei o emblema dourado e esmaltado para Spencer.

Ele pegou-o com certa relutância.

— Já o vi antes — murmurou.

— Cheque pra mim o *design* — eu disse. — Consiste de uma larga adaga em esmalte branco com uma margem dourada. A adaga aponta para o interior e a bandeira da lâmina cruza em frente a um par de asas azuis esmaltadas. Depois cruza no fundo com um selo. E, no selo, as seguintes palavras: "QUEM OUSA VENCE".

— Parece correto — disse ele. — Mas que importância tem isso?

— Ela diz que é um emblema dos Artists' Rifles, um regimento territorial. Que lhe foi dado por um homem que pertenceu a esse Comando e que se perdeu na Noruega lutando com o Exército inglês, na primavera de 1940, em Andalsnes.

Consegui captar a atenção deles. Spencer me olhava fixamente. Não estava falando à toa e ele sabia disso. Eileen também sabia. Suas delicadas sobrancelhas crispavam-se, mostrando confusão, uma confusão que poderia ser mesmo verdadeira. Mas também era nada amistosa.

— Trata-se de um emblema para se usar na manga — prossegui.  
— Foi criado pelos Artists' Rifles, que copiaram do Serviço Aéreo Especial. Originariamente pertencia a um Regimento de Infantaria. Este emblema só veio a existir em 1947. Portanto, ninguém o deu à sra. Wade em 1940.

Além disso, nenhum grupo chamado Artists' Rifles lutou em Andalsnes, na Noruega, em 1940. Sherwood Foresters e Leicestershires, sim. Ambos grupos de terra. Artists' Rifles, não. Estou sendo inconveniente?

Spencer colocou a jóia na mesa e empurrou-a lentamente até deixá-la em frente de Eileen. Não disse nada.

— O senhor acha que eu não saberia disso? — perguntou Eileen.

— A senhora acha que o Ministério da Guerra inglês não saberia disso? — perguntei-lhe, em cima do lance.

— É óbvio que deve haver algum equívoco — Spencer falou, suavemente.

— É uma maneira de colocar o problema — disse-lhe, depois de

mudar de lugar e de encará-lo.

— Outra maneira de colocar o problema é dizer que sou uma mentirosa — disse Eileen, friamente. — Nunca conheci ninguém chamado Paul Marston, nunca o amei ou ele me amou. Ele nunca me deu uma reprodução do seu emblema de regimento, nunca desapareceu em ação, nunca existiu. Eu mesma comprei este emblema numa loja de Nova Iorque especializada em importações de coisas inglesas, coisas como produtos de couro, sapatos feitos à mão, gravatas militares e de universidades e *blasers* para jogar *cricket*, bugigangas com brasões e assim por diante. Será que uma explicação como esta o satisfaz, sr. Marlowe?

— A parte final, sim. Não a inicial. Sem dúvida alguém lhe disse que se tratava de um emblema dos Artists'Rifles, esquecendo-se de dizer de que gênero, ou talvez nem o soubesse. Mas a senhora conheceu Paul Marston e ele serviu naquele Comando e foi dado como desaparecido na Noruega. No entanto isso não aconteceu em 1940, sra. Wade. Aconteceu em 1942 e ele nessa época estava no Comando, mas não em Andalsnes, e sim numa pequena ilha longe da costa onde os Comandos fizeram uma ação-relâmpago.

— Não vejo razão para ser hostil em relação a isso tudo — disse Spencer num tom de voz executivo. Ele mexia nas folhas do original à sua frente. Não sabia se estava concordando comigo ou se estava apenas chateado. Pegou um monte de folhas e ficou com elas nas mãos, como se as pesasse.

— Vai comprar esse original por quilo? — perguntei-lhe.

Pareceu espantado, depois sorriu, um sorriso difícil e pequeno.

— Eileen passou uma época bem difícil em Londres — ele falou. —

As coisas se confundem na memória das pessoas.

Peguei do bolso um papel dobrado. Disse: — Certamente. Por exemplo: com quem uma pessoa se casou. Esta é uma cópia autenticada de uma certidão de casamento. O original está no Cartório de Registros de Caxton Hall. A data do casamento é agosto de 1942. Os cônjuges se chamavam Paul Edward Marston e Eileen Victoria Sampsell. Numa coisa, a sra. Wade está certa. Não existe ninguém com o nome de Paul Edward Marston. Trata-se de um nome falso porque, no Exército, precisa-se de permissão para se casar. O homem falsificou a identidade. No Exército, seu nome era outro. Tenho todo seu histórico militar. Espanto-me de que as pessoas pareçam nunca imaginar que tudo o que se precisa fazer para descobrir as coisas é sair perguntando.

Spencer estava bem quieto agora. Encostou-se e ficou olhando. Mas não para mim. Olhava para Eileen. Ela retribuiu o olhar com um desses sorrisos frágeis, meio depreciatórios, meio sedutores que as mulheres sabem dar tão bem.

— Mas ele estava morto, Howard. Bem antes de eu encontrar Roger. Qual a importância que isso teria? Roger sabia de tudo. Nunca deixei de usar meu nome de solteira. Nestas circunstâncias, era necessário. Está no meu passaporte. Mas então, depois que ele foi morto em ação... — Parou e soltou um pequeno suspiro; deixou a mão cair lenta e maciamente no joelho. — Tudo terminado, tudo encerrado, tudo perdido.

— Tem certeza de que Roger sabia? — ele perguntou-lhe devagar.

— Sabia de alguma coisa — eu disse. — O nome Paul Marston tinha um significado pra ele. Perguntei-lhe uma vez e ele ficou com

um olhar esquisito. Mas não me disse por quê.

Ela ignorou o que eu falei e disse para Spencer: — Ora, claro que Roger sabia de tudo a respeito.

Ela agora sorria pacientemente para Spencer como se ele estivesse sendo lento demais para reagir. Os truques que elas têm.

— Por que então mentir em relação às datas? — Spencer perguntou secamente. — Por que dizer que o homem foi dado como perdido em 1940 quando isso teria acontecido em 1942? Por que usar um emblema que ele não lhe poderia ter dado e ficar dizendo que foi um presente dele?

— Talvez me encontrasse perdida no meio de um sonho — disse ela, suavemente. — Ou de um pesadelo, para ser mais objetiva. Muitos amigos meus morreram durante os bombardeios. Quando se dizia "boa-noite" naqueles dias a gente tentava não parecer estar dizendo "adeus". Mas era de adeus que freqüentemente se tratava. E quando se dizia até logo a um soldado... era pior ainda. Geralmente os mais gentis e bonzinhos eram os que acabavam morrendo.

Ele nada disse. Eu nada disse. Ela olhou para baixo, para o emblema em cima da mesa bem à sua frente. Pegou-o e colocou-o na corrente em volta do pescoço e se recostou com elegância.

— Sei que não tenho nenhum direito de investigar você, Eileen — disse Spencer lentamente. — Vamos esquecer.

Marlowe conseguiu ir bastante longe a partir de um emblema, de uma certidão de casamento e assim por diante. Conseguiu que eu ficasse imaginando coisas por momentos.

— O sr. Marlowe — ela falava para Spencer — faz grandes coisas

de coisinhas pequenas. Mas quando enfrenta uma coisa realmente grande — como salvar a vida de um homem — ele fica lá na beira do lago olhando um estúpido barco a motor.

— E a senhora nunca mais viu Paul Marston de novo?

— disse eu.

— Como poderia, se ele morreu?

— A senhora não sabia que ele estava morto. Não houve nenhuma comunicação sobre a morte dele no relatório da Cruz Vermelha. Poderia ter sido aprisionado.

Ela tremeu de repente. Depois falou, lentamente: — Em outubro de 1942, Hitler baixou uma ordem que fazia com que todos os prisioneiros dos Comandos fossem entregues para a Gestapo. Creio que todos nós sabemos o que isto significava. Tortura e morte em alguma masmorra da Gestapo. — Tremeu novamente. Depois voltou-se para mim, emocionada: — O senhor é um homem horrível. Está querendo que viva tudo isso de novo só para me punir por causa de uma mentira trivial. Vamos supor que alguém que o senhor amasse fosse capturado por essa gente e o senhor soubesse o que lhe tinha acontecido. É tão estranho assim que eu tenha tentado construir um outro tipo de lembrança, mesmo falsa?

— Preciso beber alguma coisa — disse Spencer. — Preciso realmente beber alguma coisa. Posso?

Ela bateu palmas e Candy surgiu de lugar nenhum como sempre. Inclinou-se frente a Spencer.

— O que gostaria de beber, *señor* Spencer?

— Scotch puro, e bastante.



Candy se afastou e abriu o bar embutido na parede. Tirou uma garrafa e serviu uma boa dose num copo. Voltou e pôs a bebida em frente de Spencer. Começou a sair.

— Talvez, Candy — Eileen falou calmamente —, o sr. Marlowe gostasse também de beber alguma coisa Parou e olhou para ela — o rosto escuro e inflexível.

— Não, obrigado — disse eu. — Pra mim, nada.

Candy emitiu um som qualquer e saiu. Houve mais uma pausa. Spencer bebeu a metade do uísque. Acendeu um cigarro. Falou para mim, sem me olhar: — Tenho certeza que a sra. Wade ou Candy poderão me levar de volta a Beverly Hills. Ou posso pegar um táxi.

Chego à conclusão que o senhor já disse o que tinha para dizer. Dobrei de novo a cópia da certidão de casamento. Coloquei-a no bolso.

— Tem certeza que é assim que o senhor prefere?

— É assim que todos nós preferimos.

— Ótimo. — Fiquei em pé. — Acho que fiz papel de bobo tentando encaminhar o assunto da forma que fiz. Sendo o senhor um grande editor e tendo cérebro para tanto — se é que isto é necessário — deve ter chegado à conclusão que não vim aqui apenas para bancar o durão. Não fiz reviver antigas histórias nem gastei dinheiro do meu bolso para saber a verdade apenas para jogá-la na cara de quem quer que seja. Não investiguei Paul Marston porque a Gestapo eventualmente o teria assassinado, porque a sra. Wade estava usando o emblema errado, porque se confundiu com as datas, porque se casou com ele num daqueles casamentos rápidos da época de guerra. Quando comecei a investigá-lo não sabia de nada disso.

Tudo o que sabia era o seu nome. Agora, como é que acha que vim a saber do nome dele?

— Sem dúvida alguém lhe falou — disse Spencer.

— Certo, sr. Spencer. Alguém que o conheceu em Nova Iorque depois da guerra e mais tarde viu-o aqui mesmo, no Chasen's, com sua esposa.

— Marston é um nome bastante comum — disse Spencer, e bebeu um gole do uísque. Virou a cabeça pro lado e seu olho direito pendeu por uma fração de segundo. Então, sentei-me novamente. — Mesmo o nome Paul Marston dificilmente poderia ser único. Existem dezenove Howard Spencers na lista de telefones da Grande Nova Iorque, por exemplo. E quatro deles são Howard Spencer mesmo, sem inicial no meio.

— Sim. Quantos Paul Marstons você diria que tiveram um lado do rosto destruído por um fragmento de morteiro e mostravam as cicatrizes e marcas de uma cirurgia plástica que tentou reparar o dano?

A boca de Spencer ficou aberta. Emitiu um som pesado e esquisito. Pegou um lenço e enxugou o suor das têmporas.

— Quantos Paul Marstons diria você que salvaram as vidas de uma dupla de jogadores da pesada chamados Mendy Menendez e Randy Starr, na mesma ocasião? Eles ainda andam por aí e possuem boa memória. Podem falar a este respeito, se quiserem. Por que continuar tapando o sol com a peneira, Spencer? Paul Marston e Terry Lennox são a mesma pessoa. O que pode ser provado sem a menor sombra de dúvida.

Não esperava que ninguém desse um pulo de um metro em pleno

ar ou gritasse como um doido — nada disso aconteceu. Mas houve um tipo de silêncio que soava quase tão alto quanto um grito — isso eu ouvi. Ouvi bem à minha volta, espesso e duro. Na cozinha podia escutar a água pingando.

Lá fora, na estrada, podia escutar o barulho surdo do jornal dobrado caindo na calçada, depois um assobio leve e desafinado de um rapaz pedalando sua bicicleta.

Senti uma fina alfinetada no pescoço. Livrei-me logo dela, me virando. Candy estava lá em pé com a faca na mão. O rosto escuro parecia impassível, mas havia alguma coisa nos seus olhos que eu não havia notado antes.

— O senhor está cansado, *amigo* — disse ele, docemente. — Vou lhe servir uma bebida, não?

— Bourbon *on the rocks*, obrigado.

— De pronto, *señor*.

Ele acionou um botão e a faca fechou-se; deixou-a cair no bolso do casaco branco e foi saindo de leve.

Finalmente olhei para Eileen. Sentava-se inclinada pra frente, as mãos juntas, bem apertadas. A posição do rosto escondia sua expressão, se é que havia alguma. E quando falou sua voz tinha a lucidez vazia dessas vozes mecânicas que se ouve no serviço telefônico da hora certa, e se a gente continua ouvindo, o que as pessoas não fazem por não ter nenhuma razão para isso, ficam dizendo as passagens de segundos para sempre, sem a menor mudança de inflexão.

— Cheguei a vê-lo uma vez, Howard. Apenas uma vez.

Não falei com ele, não mesmo. Nem ele comigo. Ele havia mudado tanto, tanto! Os cabelos estavam brancos e o rosto... quase que não era o mesmo rosto. Mas, claro, eu o reconheci e ele me reconheceu. Nos olhamos. Foi só isso. Depois ele saiu da sala e no dia seguinte abandonou a casa dela. Foi na casa dos Loring que eu o vi — e a vi também. Num final de tarde. Você estava lá, Howard. E Roger também. Creio que você também o viu.

— Fomos apresentados. Sabia com quem ele estava casado.

— Linda Loring me disse que ele simplesmente havia desaparecido. Não disse o motivo. Não houve brigas. Depois de certo tempo a mulher pediu divórcio. E mais tarde soube que ela o reencontrou. A vida dele tinha altos e baixos. E se casaram de novo. Só Deus sabe por quê. Calculo que ele não tivesse dinheiro, mas eu estava pouco ligando pra ele. Ele sabia que eu estava casada com Roger. Estávamos perdidos um para o outro.

— Por quê? — perguntou Spencer.

Candy colocou a bebida na minha frente sem dizer uma palavra. Olhou para Spencer e Spencer sacudiu a cabeça. Candy foi embora. Ninguém prestou atenção a ele. Parecia o aderecista de uma peça chinesa, o sujeito que move as coisas no palco — atores e público agem como se ele não estivesse lá.

— Por quê? — ela repetiu. — Ah, você não iria compreender. O que nós havíamos tido, estava perdido. Jamais poderia ser recuperado. A Gestapo não o havia pego, no fim das contas. Deve ter aparecido algum nazista decente que não obedeceu a ordem de Hitler em relação aos Comandos. Ele sobreviveu, portanto; voltou. Costumava fingir para mim mesma que iria encontrá-lo de novo, mas

da forma como ele havia sido, impetuoso, jovem, puro. No entanto, descobri-lo casado com aquela prostituta de cabelos ruivos... foi decepcionante. Eu sabia sobre ela e Roger. Não tinha dúvidas que Paul também sabia. Da mesma forma que Linda Loring, que é também uma vagabunda, mas não como a outra. Estavam todos na mesma história. Agora, você vai me perguntar por que não abandonei Roger e voltei para Paul. Depois que estive entre os braços daquela mulher e Roger também naqueles mesmos braços ansiosos? Não, obrigada. Preciso um pouco mais de inspiração do que isso. Podia perdoar Roger. Bebia, não sabia o que estava fazendo. Preocupava-se com o trabalho e se odiava por se considerar um mercenário. Era um homem fraco, que não se reconciliou consigo mesmo, frustrado, mas compreensível. Não passava de um marido. Paul era ou muito mais do que isso ou não era nada. No final, não era nada.

Dei um gole no bourbon. Spencer já terminara seu uísque. Passava o dedo no material do sofá. Havia esquecido a pilha de papel à sua frente, o romance inacabado de um autor popular muito mais do que acabado.

— Eu não diria que ele era nada — falei.

Ela ergueu os olhos e me olhou vagamente; deixou-os cair de novo.

— Menos que nada — disse, com um novo tom de sarcasmo na voz. — Sabia quem ela era e mesmo assim se casou. Depois, por ela ser o que ele sabia que era, matou-a. E depois fugiu e se matou.

— Ele não a matou — eu disse — e a senhora sabe disso.

Ela se recompôs, contrafeita, com um leve movimento — me

olhou como se olhasse um ponto vago. Spencer emitiu um som qualquer, indistinto.

— Roger matou-a, e a senhora também sabe disso.

— Ele disse isso pro senhor? — perguntou baixinho.

— Não foi preciso. Forneceu-me uma série de indicações. No momento apropriado, teria dito, para mim ou outra pessoa. Estava se remoendo por dentro por não confessar.

Ela balançou levemente a cabeça.

— Não, sr. Marlowe. Não era isso que estava remoendo Roger por dentro. Ele não sabia que a havia matado. Teve um branco total. Sabia que havia alguma coisa de errado e tentava se lembrar, mas não conseguia. O choque acabou destruindo sua memória em relação a isso. Talvez tudo viesse a tona, talvez nos últimos momentos de sua vida tudo tenha vindo à tona. Mas não antes. Não antes.

Spencer falou, um som que parecia mais um rosnado.

— Essa espécie de coisa não costuma acontecer, Eileen.

— Ah, acontece sim — eu disse. — Conheço dois casos idênticos. Um foi o de um bêbado que não entendia mais nada e acabou matando uma mulher que pegara num bar. Estrangulou-a com um lenço que ela usava. Ela foi pra casa dele e o que aconteceu lá não se sabe, a não ser o fato de que ela acabou morrendo; quando a polícia pegou-o ele estava usando o lenço dela no pescoço como se fosse uma gravata — não tinha a mínima idéia onde o havia conseguido.

— Nunca admitiu? — perguntou Spencer. — Ou negou apenas na hora?

— Nunca admitiu. E não anda mais por aí para confirmar.

Mataram-no na câmara de gás. O outro foi o caso de uma ferida na cabeça. O sujeito morava com um rico pervertido, o tipo que costuma colecionar primeiras edições, gosta de cozinhar comida sofisticada, possui uma biblioteca secreta e muito cara atrás de um painel da parede. Os dois tiveram uma briga. Brigaram pela casa toda, de um quarto a outro, a casa ficou uma zona e o sujeito rico acabou perdendo. O assassino, quando o pegaram, tinha uma dúzia de ferimentos pelo corpo e um dedo quebrado. Tudo o que sabia com certeza era que estava com uma dor de cabeça monumental e não conseguia encontrar o caminho de volta para Pasadena. Ficava andando em círculos e parando para perguntar o caminho, sempre no mesmo posto de gasolina. O cara do posto concluiu que se tratava de um maluco e chamou a polícia. Assim que apareceu outra vez no posto, a polícia estava lá esperando por ele.

— Não acredito nessa hipótese em relação a Roger — disse Spencer. — Ele era tão psicótico quanto eu.

— Quando bebia, a memória se bloqueava — falei.

— Eu estava lá. E o vi fazendo tudo aquilo... — Eileen disse tranqüilamente.

Sorri para Spencer. Era um tipo de sorriso amarelo, mas pude sentir meu rosto formando o sorriso.

— Ela vai nos contar como foi. Vamos escutar. Ela vai nos contar. A esta altura, não agüenta mais.

— Pois é, é verdade — disse Eileen, gravemente. — Existem coisas que ninguém gosta de contar a respeito de um inimigo, quanto mais a respeito de seu próprio marido. E se for obrigada a dizer isso publicamente ou no banco de testemunhas, você não vai gostar nem

um pouquinho, Howard. Seu ótimo, talentoso, popular e lucrativo autor vai parecer bem banal. Sexo era sobre o que ele escrevia e faturava, não é? Quer dizer, no papel. Mas o pobre bobo resolveu ter a experiência ao vivo! Aquela mulher não passava de um troféu pra ele. Eu os espionava. Deveria sentir vergonha por isso. Mas é preciso que eu diga. Não sinto vergonha de nada. Vi toda a cena nojenta. A casa de hóspedes que ela usava para seus encontros amorosos fica separada de tudo e bem perto da garagem com entrada pela rua lateral, uma rua sem saída, sombreada por grandes árvores. A hora chegou, como sempre acontece para pessoas que nem o Roger, a hora em que não mais podia ser um amante satisfatório. Um pouquinho bêbado demais. Ele tentou ir embora, mas ela saiu atrás dele gritando, completamente nua, segurando uma estatueta qualquer na mão. A linguagem era de sarjeta, de depravada, que eu não conseguiria reproduzir. Vocês dois são homens e devem saber que nada choca mais um homem do que ouvir uma mulher supostamente refinada usar linguagem de baixo nível, de banheiro público. Roger estava bêbado, havia tido alguns acessos de violência e teve então outro desses acessos. Tirou a estatueta das mãos dela. O resto vocês podem imaginar.

— Deve ter havido sangue à beca — falei.

— Sangue? — Riu, um riso amargo. — Precisava ter visto quando chegou em casa. Quando corri para o carro para sair daquele lugar, ele continuava lá em pé olhando para ela.

Depois inclinou-se, pegou-a pelos braços e carregou-a até a casa de hóspedes. Percebi que o choque o havia deixado parcialmente sóbrio. Uma hora depois, chegava em casa.



Muito quieto. Ficou espantado quando me viu esperando por ele. Mas não estava mais bêbado. Estava estupefato. Havia sangue pelo seu rosto, nos cabelos, em toda a parte da frente do paletó. Levei-o até o lavatório do escritório, tirei sua roupa, limpei-o e levei-o lá pra cima para tomar uma ducha.

Coloquei-o na cama. Peguei uma velha maleta, desci as escadas e enchi-a com as roupas ensangüentadas. Limpei a banheira e o chão, depois peguei uma toalha molhada e limpei o carro dele. Peguei o meu e saí, com a maleta cheia de roupas ensangüentadas e toalhas, e joguei tudo na represa Chatsworth.

Parou. Spencer coçava a palma da mão esquerda. Ela deu-lhe uma olhada rápida e continuou.

— Enquanto estive fora, ele se levantou e bebeu muito uísque. No dia seguinte não se lembrava de nada. Quer dizer, não disse uma palavra sequer sobre o assunto, nem se comportou como se tivesse alguma coisa na cabeça além de uma boa ressaca. E eu não disse nada.

— Mas ele deve ter dado falta das roupas — eu disse.

— Acho que sim, mas não fez nenhum comentário. Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo naqueles dias. Os jornais estavam cheios do caso, Paul sumira e depois foi encontrado morto no México. Como é que eu iria saber o que viria a acontecer? Roger era meu marido. Havia feito uma coisa horrível, mas ao mesmo tempo ela era uma mulher horrível. E ele não sabia o que estava fazendo. De repente, como começaram, os jornais pararam de dar notícias. O pai de Linda deve ter mexido os pauzinhos. Roger lia os jornais, claro, e fez apenas um tipo de comentário que qualquer pessoa faria quando acaba de

saber de um crime e de quem estava envolvido nele.

— Você não sentiu medo? — Perguntou-lhe Spencer.

— Estava morta de medo, Howard. Se ele se lembrasse, iria provavelmente me matar. Era um bom ator — como a maioria dos escritores — e talvez já soubesse de tudo e estivesse apenas esperando uma oportunidade. Mas não posso ter certeza disso. Ele poderia — apenas poderia — ter esquecido tudo para sempre. E Paul estava morto.

— Se nunca mencionou as roupas que a senhora jogou na represa, isto prova que ele suspeitava de alguma coisa — disse eu. — E lembre-se, naquelas folhas que deixou em cima da máquina de escrever da outra vez — quando deu um tiro para cima e eu a encontrei tentando tirar a arma dele — Roger disse que um bom homem morreu por ele.

— Disse isso? — seus olhos se abriram ao máximo.

— Disse, não, escreveu, e à máquina. Rasguei as folhas; ele me pediu que as rasgasse. Calculei que a senhora já havia visto as folhas antes.

— Nunca li nada que ele tenha escrito no seu escritório.

— A senhora leu a nota que ele deixou quando Verringer levou-o desta casa. A senhora chegou mesmo a procurar mais coisas na cesta.

— Era diferente — a voz continuava fria. — Procurava uma pista para saber onde ele poderia estar.

— Muito bem — disse, e me inclinei pra trás. — Mais alguma coisa?

Ela balançou lentamente a cabeça, com uma profunda tristeza.

— Acho que não. No máximo, na tarde em que se matou, pode ser que ele tenha se lembrado. Jamais saberemos.

E precisamos saber?

Spencer limpou a garganta e falou: — Mas o que é que Marlowe teria que ver com tudo isso? Foi idéia sua chamá-lo a sua casa. Você me pediu que o chamasse.

— Eu estava com um medo terrível. Medo de Roger e medo por Roger. O sr. Marlowe era amigo de Paul, possivelmente a última pessoa conhecida dele a vê-lo. Paul poderia ter-lhe dito alguma coisa. Precisava ter certeza. Se ele fosse perigoso, queria que estivesse do meu lado. Se chegasse a descobrir a verdade, talvez ainda houvesse uma maneira de salvar Roger.

De repente, e por nenhuma razão que eu pudesse perceber, Spencer falou duramente. Inclinou-se para frente e pareceu esticar o queixo para a frente.

— Deixe-me pôr essas coisas em pratos limpos, Eileen. Tínhamos um detetive particular que já estivera em maus lençóis com a polícia. Esteve preso. Suspeito de ter ajudado Paul — chamo-o de Paul porque você o chamou assim — a pular a fronteira para o México. Isto é um crime, no caso de Paul ser um assassino. Portanto se descobrisse a verdade e pudesse limpar a sua barra, iria simplesmente ficar sentado sem fazer nada? Era isso que você pensava?

— Eu tinha medo, Howard. Será que você não pode entender? Estava morando numa casa com um assassino que podia ser um louco. Ficava sozinha com ele boa parte do tempo.

— Entendo muito bem — disse Spencer, ainda ríspido. — Mas

Marlowe não aceitou o caso e você continuou sozinha. Daí Roger deu o tiro pro alto e uma semana depois você continuava sozinha. Depois Roger se matou e — muito convenientemente — desta vez era Marlowe que estava sozinho com ele.

— É verdade. Mas e daí? O que é que eu podia fazer?

— Está certo — continuou Spencer. — É possível que você pensasse que Marlowe poderia descobrir a verdade, e com o que havia acontecido antes com o revólver poderia ele entregar a arma a Roger e dizer alguma coisa como: 'Escute aqui, meu chapa, você é um assassino; eu sei e sua mulher sabe. Ela é uma ótima mulher. Teve a sua cota de sofrimento — e bastante. Não vamos mencionar o marido de Sílvia Lennox. Por que não fazer uma coisa decente na vida, que seria puxar este gatilho? Hem? Todo mundo irá pensar que foi consequência de excesso de bebedeira. Portanto vou dar um passeio na lagoa, fumar um cigarro, meu velho. Boa sorte e adeus. Ah, aqui está o revólver. Está carregado e é todo seu".

— Você está ficando terrível, Howard. Nunca pensei em nada desse gênero.

— Você disse ao policial que Marlowe havia matado Roger. O que é que queria dizer com isso?

Ela me olhou rapidamente, quase que timidamente.

— Errei e errei muito quando falei isso. Não sabia o que estava dizendo.

— Talvez você tenha pensado que Marlowe houvesse matado Roger — sugeriu Spencer, calmamente.

Seus olhos apertaram-se.

— Ah, não, Howard. Por quê? Por que ele o mataria?

Esta suposição é abominável.

— Abominável por quê? — Spencer quis saber. — O que existe de abominável nela? A polícia teve a mesma idéia. E Candy deu a eles um motivo. Disse que Marlowe esteve no seu quarto por duas horas na noite em que Roger fez aquele buraco no teto — depois de ter sido posto na cama, cheio de pílulas para dormir.

Ela corou até as raízes dos cabelos. Olhou para ele com ar embotado.

— E você estava sem roupas — disse Spencer, brutalmente. — Foi o que Candy declarou à polícia.

— Mas no tribunal... — Ela começou a falar de modo entrecortado, mas Spencer interrompeu.

— A polícia não acreditou em Candy. Por isso ele não repetiu a história no tribunal.

— Ah! — Era um sinal de alívio.

— Além disso — continuou Spencer no mesmo tom — a polícia suspeitou de você. Ainda suspeita. Tudo o que necessita é descobrir o motivo do crime. Me parece que agora eles poderiam armar as peças direitinho.

Ela ficou em pé.

— Acho melhor vocês dois saírem da minha casa — estava zangada. — E quanto mais cedo, melhor.

— Bem, foi ou não foi você? — perguntou Spencer calmamente, só se mexendo para pegar o copo e descobri-lo vazio.

— Fui ou não fui eu, o quê?

— Quem matou Roger.

Ela ficou encarando-o. O rubor no rosto desaparecera. As faces estavam brancas, tensas, zangadas.

— Estou apenas lhe dando uma amostra do que você teria de agüentar no tribunal.

— Eu estava fora. Havia me esquecido das chaves. Precisei tocar a campainha para entrar em casa. Quando cheguei ele estava morto. Tudo isso já é sabido. O que é que aconteceu com você, pelo amor de Deus?

Ele tirou o lenço e esfregou na boca.

— Eileen, estive aqui nesta casa umas vinte vezes. Nunca soube que aquela porta da frente ficasse fechada a chave durante o dia. Não estou dizendo que você atirou nele. Apenas perguntei. E não venha me dizer que seria impossível. Pela maneira que as coisas aconteceram teria sido fácil.

— Eu matar meu próprio marido? — perguntou lenta e vagamente.

— Admitindo — Spencer continuou no mesmo tom indiferente — que ele fosse seu marido. Você tinha um outro quando se casou com ele.

— Obrigado, Howard. Muitíssimo obrigado. O último livro de Roger, seu canto de cisne, está aí na sua frente. Pode pegá-lo e desapareça. E acho melhor ligar para a polícia e dizer o que pensa. Será um fim encantador para a nossa amizade. Bastante encantador. Adeus, Howard. Estou muito cansada e com dor de cabeça. Vou pro

meu quarto me deitar um pouco. Quanto ao sr. Marlowe — suponho que ele o tenha deixado bem informado — posso apenas dizer a ele que, se não matou Roger num sentido literal, certamente levou-o à morte.

Virou-se para sair da sala. Falei asperamente: — Sra. Wade, espere um pouco. Vamos terminar o trabalho. Não faz sentido a senhora sentir-se amarga. Estamos todos tentando fazer a coisa corretamente. A maleta que a senhora jogou na represa Chatsworth... era pesada?

Ela virou-se e me olhou.

— Era uma maleta velha, foi o que eu disse. Sim, era bem pesada.

— Como é que a senhora conseguiu jogá-la por cima da cerca alta de arame farpado da represa?

— O quê? A cerca? — Fez um gesto de desamparo. — Acredito que numa emergência uma pessoa encontre forças incomuns para fazer o que precisa ser feito. De uma maneira ou de outra, consegui. É isso.

— Não existe nenhuma cerca — disse eu.

— Nenhuma cerca? — Ela repetiu monotonamente, como se eu não quisesse dizer coisa nenhuma.

— E não havia sangue nas roupas de Roger. E Sílvia Lennox não foi assassinada do lado de fora da casa de hóspedes, mas dentro, na cama. E praticamente não havia sangue porque ela já estava morta — morta com um tiro — e quando alguém usou a estatueta para bater no rosto dela até transformá-lo numa pasta, estava batendo numa mulher morta. E os mortos, sra. Wade, costumam sangrar muito pouco.

Ela mordeu os lábios e me olhou com desprezo: — Devo concluir que o senhor estava lá.

Foi então que saiu da sala.

Ficamos vendo-a sair. Subiu os degraus lentamente, movendo-se com uma tranqüila elegância. Desapareceu no quarto e a porta se fechou suave mas firmemente atrás dela.

Silêncio.

— Que história foi essa da cerca alta? — perguntou Spencer, vagamente. Movia a cabeça de um lado pro outro.

Estava vermelho e suado. Tentava levar a coisa como se fosse um jogo, o que não lhe parecia fácil.

— Apenas uma brincadeira. Nunca estive suficientemente perto da represa Chatsworth para saber como ela é.

Talvez tenha uma cerca em volta, talvez não.

— Entendi — disse ele, infeliz. — Mas o importante é que ela tampouco sabia.

— Claro que não. Foi ela quem matou os dois.



## 43

Então alguma coisa se mexeu lentamente e Candy surgiu ao lado do sofá — e me olhava. Tinha a faca na mão.

Apertou o botão e a lâmina apareceu. Outro aperto e ela voltou pra dentro do cabo. Havia um brilho esquisito nos seus olhos negros.

— *Millon de perdones, señor*. Eu me enganei a seu respeito. Ela matou o patrão. Acho que... — parou de falar e a lâmina saiu novamente.

— Não. — Levantei-me e levantei a mão também. — Me dê essa faca, Candy. Você é apenas um bom empregado mexicano. Eles iriam te enforcar e ainda por cima iriam gostar muito. O tipo de execução que faria os olhos deles brilharem de prazer. Você não sabe do que estou falando. Mas eu sei. Eles estão tão amarrados em seus preconceitos que mesmo se quisessem não conseguiriam se livrar deles. E não querem. Arrancariam uma confissão sua tão rápido que você não teria tempo nem de dizer seu próprio nome inteiro. E lá estará você sentado numa cela de San Quentin, condenado à morte — três semanas a partir de terça-feira.

— Já disse antes que não sou mexicano. Sou chileno, de Viña del Mar, perto de Valparaíso.

— A faca, Candy. Sei disso tudo. Você é um cara livre. Tem dinheiro guardado. Provavelmente deve ter oito irmãos e irmãs lá na sua terra. Seja esperto e volte para lá. Este seu emprego acabou.

— Emprego tem à beca — disse ele calmamente. Mas depois

pegou a faca e deixou-a cair na minha mão. — Faça isso pelo senhor.

Coloquei a faca no bolso. Ele olhou para a varanda lá em cima: — *La señora...* o que vamos fazer agora?

— Nada. Não vamos fazer nada. A *señora* está muito cansada. Ela tem vivido sob muita tensão. Não deseja ser incomodada.

— Precisamos chamar a polícia — disse Spencer.

— Por quê?

— Meu Deus, Marlowe, é preciso...

— Amanhã. Pegue a pilha desse romance inacabado e vamos embora.

— Precisamos chamar a polícia. A lei existe para ser cumprida.

— Não somos obrigados a fazer nada disso. Não possuímos provas suficientes para levantar a lebre. Deixe o pessoal da polícia fazer o trabalho sujo. Deixe os advogados entrarem em ação. Eles escrevem as leis para outros advogados dissecarem-nas em frente de outros advogados chamados juizes, de modo que outros juizes possam dizer aos primeiros juizes que eles estão errados, e a Corte Suprema possa dizer ao segundo grupo de advogados que eles estão equivocados. Claro que a lei existe para ser cumprida. Estamos enterrados até o pescoço nesse esquema. Acima de tudo, isso significa um bom negócio para os advogados. Quanto tempo você acha que iriam continuar existindo os grandes chefões de quadrilhas se os advogados não dissessem a eles como devem agir?

Zangado, Spencer falou:

— Não tem nada a ver com o caso. Um homem foi assassinado nesta residência. Por acaso era um escritor e um escritor de muito

sucesso e fama, mas isso tampouco tem a ver com o caso. Era um homem, e tanto você quanto eu sabemos quem o matou. O que se chama Justiça existe.

— Amanhã.

— Você é tão mau quanto ela, se deixar que ela se saia bem disso tudo. Estou começando a pensar em relação a você, Marlowe. Você poderia ter salvo a vida dele se tivesse ficado colado nele. Em certo sentido você permitiu que ela se saísse bem desta história. E pelo que sei toda esta encenação aqui hoje não foi mais do que isso — uma encenação.

— Você está certo. Uma velada história de amor. Pôde perceber que Eileen é louca por mim. Quando as coisas se acalmarem poderemos nos casar. Vai ser preciso que ela esteja em ótimas condições. Até agora não faturei um dólar com a família Wade. Estou começando a perder a paciência.

Ele tirou os óculos e os limpou. Havia pingos de suor em volta dos círculos dos olhos; repôs os óculos e olhou para o chão.

— Desculpe. Levei um golpe forte demais na tarde de hoje. Já foi difícil saber que Roger se matara. Mas esta outra versão me faz sentir aviltado, apenas por tomar conhecimento dela. — Olhou para mim. — Posso confiar em você?

— Para fazer o quê?

— A coisa correta... qualquer que seja. — Dobrou-se e pegou a pilha de originais e colocou-a debaixo do braço. — Não, esquece. Acho que você sabe o que está fazendo. Sou um bom editor mas isso não é coisa da minha especialidade. Acho que não passo mesmo apenas de um cara metido a besta.

Caminhou passando por mim, mas Candy colocou-se à sua frente, indo rapidamente até a porta da casa e abrindo-a. Spencer seguiu adiante, passou por ele com uma breve saudação de cabeça. Segui-o. Parei ao lado de Candy e olhei nos seus olhos pretos e brilhantes.

— Não faça bobagem, *amigo*, — A *señora* está muito cansada — disse, rapidamente. — Foi pro quarto. Não será perturbada. Não sei de nada, *señor*. No me acuerdo de nada... A sus órdenes, *señor*.

Tirei a faca do bolso e entreguei-a a ele. Ele sorriu.

— Ninguém confia em mim, mas eu confio em você, Candy.

— Lo mismo, *señor*. Muchas gracias.

Spencer já aguardava dentro do carro. Entrei e liguei o motor; dei marcha à ré, entrei com o carro na estrada e levei-o de volta a Beverly Hills. Deixei-o na entrada lateral do hotel.

— Vim pensando o caminho todo — disse ele, ao descer. — Ela deve estar louca. Acho que eles não irão prendê-la.

— Não irão nem tentar — falei. — Mas ela não sabe disso.

Ele se atrapalhou com a pilha de originais debaixo do braço, arrumou-os direitinho e se despediu com um gesto. Fiquei vendo-o atravessar a porta aberta. Desci o breque e o Oldsmobile deslizou — aquela foi a última vez que vi Howard Spencer.

Cheguei em casa tarde, cansado e deprimido. Era uma daquelas noites em que o ar está abafado e os barulhos noturnos parecem surdos e longínquos. Havia uma lua no céu, alta, enevoadada, indiferente. Andei dentro de casa, toquei alguns discos mas praticamente não os escutei. Tinha a impressão de escutar um pesado tique-taque vindo de algum lugar, mas não havia nada dentro

da casa que fizesse tique-taque. O tique-taque estava dentro da minha cabeça. Eu era um relógio de um homem morto.

Pensei na primeira vez em que vi Eileen Wade, e na segunda e na terceira e na quarta vez. Mas depois disso alguma coisa em relação a ela saía dos eixos. Ela não me parecia mais uma figura real. Um assassino é sempre irreal na medida em que a gente sabe que ele é um assassino. Existe quem mata por ódio ou por medo ou por cobiça. Existem os assassinos ardilosos que planejam o crime e esperam ficar livres da polícia. Existem assassinos com ódio e que não pensam em coisa nenhuma. E existem assassinos apaixonados pela morte, para quem o assassinato é uma forma remota de suicídio. São todos loucos, em certo sentido, mas não no sentido que Spencer pensava. O sol já havia praticamente aparecido quando consegui ir pra cama.

O som do telefone me trouxe para fora do poço negro do sono. Rolei na cama, procurei os chinelos e percebi que não havia dormido mais do que um par de horas. Me senti como uma refeição mal digerida, comida numa espelunca cheia de gordura. Meus olhos estavam pregados e a boca cheia de areia. Consegui erguer meu peso e ficar em pé; me arrastei com dificuldade até a sala, tirei o fone do gancho e falei: — Aguarde um pouco na linha.

Deixei o telefone de lado e fui até o banheiro; joguei bastante água fria no rosto. Do lado de fora da janela alguma coisa fazia snipe-snipe-snipe. Olhei vagamente e vi um rosto amarelo e sem expressão. Era o jardineiro japonês que vinha uma vez por semana — costumava chamá-lo de *Harry Coração-Duro*. Ele estava cuidando das flores — à maneira que um jardineiro japonês tem de cuidar das flores. A gente faz a mesma pergunta pra ele quatro vezes e ele responde, "na próxima semana", e depois chega às seis horas da manhã e começa a

trabalhar do lado da janela do nosso quarto de dormir.

Enxuguei o rosto e voltei ao telefone.

— Sim?

— É Candy, *señor*.

— Bom-dia, Candy.

— La señora es muerta.

Morta. Que palavra mais silenciosa, fria e negra em qualquer língua. A patroa está morta.

— Nada que você tenha feito, espero.

— Acho que os remédios. Chama-se demerol. Acho que quarenta, cinqüenta num vidro. Agora vazio. Não houve jantar a noite passada. Hoje de manhã subi na escada e olhei pela janela. Vestida como ontem à tarde. Quebrei a janela e entrei. *La señora es muerta. Fria como água de nieve*.

— Chamou alguém?

— *El dr. Loring*. Ele chamou a polícia. Ainda não chegou.

— Dr. Loring, ham? O homem que sempre chega tarde demais.

— Não mostrei a carta pra ele — disse Candy.

— Carta endereçada a quem?

— Ao *señor* Spencer.

— Entregue-a à polícia, Candy. Não deixe o dr. Loring pegá-la. Apenas à polícia. E não faça mais nada, Candy. Não esconda nada, não diga nenhuma mentira à polícia. Nós estivemos aí. Diga a verdade. Desta vez a verdade e só a verdade.

Uma pequena pausa. Depois ele disse: — *Sí*. Saquei. *Hasta la vista, amigo*.

Desligou.

Liguei para o Hotel Ritz-Beverly e pedi para falar com Howard Spencer.

— Um momento, por favor. Vou ligar pra portaria.

Uma voz de homem:

— Portaria. Em que posso ajudá-lo?

— Preciso falar com Howard Spencer. Sei que é cedo demais, mas é urgente.

— O sr. Spencer saiu ontem do hotel. Pegou o avião das vinte horas para Nova Iorque.

— Bem, desculpe. Não sabia.

Fui até a cozinha fazer café — montes de café. Forte, rico, amargo, implacável. O sangue vital para homens exaustos.

Algumas horas mais tarde Ohls me telefonava.

— OK, espertinho. Venha até aqui para sofrer.

Foi como na vez anterior, só que era dia; estávamos no escritório do capitão Hernandez e o xerife se encontrava em Santa Bárbara abrindo a Semana da Fiesta. Além do capitão Hernandez, estavam ali Bernie Ohls e um homem do escritório do juiz e o sr. Loring, que parecia ter sido pego em flagrante fazendo aborto, mais um homem chamado Lawford, um assessor do escritório do procurador-geral, um homem alto e magro e sem expressão, cujo irmão — era o que se comentava vagamente — chefiava a quadrilha do jogo de números do Distrito da Avenida Central.

Hernandez tinha à sua frente algumas folhas manuscritas de um bloco de notas — folhas cor-de-rosa, com margens e escritas com tinta verde.

— Esta reunião é informal — disse Hernandez, quando todos já estavam confortáveis como se pode ficar confortável numa cadeira dura. — Sem estenografia, nem gravadores. Podem dizer o que quiserem. O dr. Weiss representa o juiz Que irá decidir se será necessária uma investigação ou não. Dr. Weiss, por favor...

Era gordo, de bom humor e parecia competente.

— Acho que não deverá haver uma investigação. Todos os indícios aparentes apontam para um envenenamento por narcóticos. Quando a ambulância chegou a mulher ainda respirava, muito fraca, em profundo estado de coma e todos os reflexos eram negativos. Num estágio destes não se consegue salvar um entre cem. A pele estava



fria e só se percebia a respiração escutando-a de perto. O empregado pensou que já estivesse morta. Ela morreu aproximadamente uma hora depois. Fui informado que a senhora de tempos em tempos sofria de ataques violentos de bronquite asmática. O demerol foi receitado pelo dr. Loring para casos de emergência.

— Alguma informação ou dedução sobre a quantidade que ela tomou de demerol, dr. Weiss?

— Uma dose fatal — ele disse, sorrindo palidamente. — Não existe uma maneira rápida de se determinar uma coisa dessas sem conhecer o histórico médico, a tolerância adquirida ou natural da pessoa. De acordo com a confissão dela, tomou dois mil e trezentos miligramas, o que corresponde a quatro ou cinco vezes a dose letal mínima para uma pessoa não-viciada.

Olhou inquisitivamente para o dr. Loring.

— A sra. Wade não era viciada — disse o dr. Loring, friamente. — A dose prescrita era de uma ou duas pílulas de cinqüenta miligramas. Três ou quatro num período de vinte e quatro horas seria o máximo que eu permitiria.

— Mas o senhor lhe forneceu cinqüenta pílulas de uma só vez — falou o capitão Hernandez. — Uma droga bem perigosa para se ter em casa numa quantidade destas, o senhor não acha? E a bronquite asmática, era muito grave, doutor?

Dr. Loring sorriu, desagradavelmente.

— Era intermitente, como toda asma. Nunca chegou ao ponto que chamamos de *status asthmaticus*, um ataque tão severo que o paciente corre perigo de morrer sufocado.

— Algum comentário, dr. Weiss?

— Bem — disse, lentamente —, assumindo que a nota nunca existiu e assumindo que não possuímos outra evidência da quantidade de pílulas ingeridas, poderia ser o caso de uma superdose acidental. A margem de segurança não é muito ampla. Saberemos com certeza amanhã. Você não pretende suprimir a nota, Hernandez, pelo amor de Deus, não é?

Hernandez fechou a cara, olhando para a mesa: — Estava só pensando. Não sabia que narcóticos costumam ser receitados normalmente para casos de asma. Vivendo e aprendendo.

Loring enrubesceu.

— Para casos de emergência, foi o que eu disse, capitão. Um médico não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Uma crise aguda de asma costuma acontecer de repente.

Hernandez lançou-lhe um rápido olhar e virou-se para Lawford.

— O que irá acontecer no seu departamento se eu fornecer esta carta à imprensa?

O representante do procurador-geral me olhou, um olhar vazio: — O que é que este sujeito está fazendo aqui, Hernandez?

— Eu o convidei.

— Como é que você sabe que ele não irá repetir cada frase que foi dita aqui para um repórter qualquer?

— Claro, ele é um grande falador. Vocês mesmos descobriram isso. O tempo que ele esteve detido.

Lawford sorriu, depois limpou a garganta. Daí disse, cuidadosamente: — Li esta dita confissão. E não acredito numa

palavra do que li. Existe por trás um pano de fundo de exaustão emocional, desolação, certo uso de drogas, a tensão de uma experiência de vida na Inglaterra sob as bombas durante a guerra, o tal casamento clandestino, o homem vindo para cá, e assim por diante. Sem dúvida, ela desenvolveu um complexo de culpa e tentou se autopunir por uma espécie de transferência.

Parou e olhou em volta, mas tudo o que viu foi faces inexpressivas.

— Não posso falar pelo procurador-geral, mas a impressão que tenho é que esta confissão não irá pesar para enquadrar ninguém, mesmo que a mulher tivesse sobrevivido.

— E tendo já acreditado numa outra confissão não iria se importar em acreditar numa outra que contradiz a primeira — disse Hernandez, causticamente.

— Vamos com calma, Hernandez. Qualquer repartição de aplicação da lei precisa levar em conta as relações públicas. Se os jornais publicarem esta confissão, teremos problemas. Com toda a certeza. Temos grupos reformistas fanáticos demais e apenas à espera de uma oportunidade deste tipo para empurrar uma faca na gente. Tivemos um grande julgamento na semana passada que já nos deu bastante nervosismo em relação ao tenente do seu Departamento de Narcóticos.

Hernandez falou:

— Muito bem, o problema é seu. Assine o protocolo pra mim.

Juntou as folhas cor-de-rosa e Lawford inclinou-se para assinar o formulário. Pegou as folhas rosadas, dobrou-as, colocou-as no bolso interno do paletó e saiu da sala.

O dr. Weiss se levantou. Era forte, de boa índole, não era de se impressionar.

— O último inquérito que tivemos da família Wade andou rápido demais. Acho que não vamos nos incomodar abrindo mais um.

Despediu-se de Ohls e de Hernandez, apertou a mão do dr. Loring e saiu. Loring levantou-se para sair, mas hesitou.

— Acredito que poderei informar certa pessoa interessada de que não haverá mais investigação sobre este assunto, correto?

— Desculpe por tê-lo mantido longe de seus pacientes por tanto tempo, doutor.

— O senhor não respondeu à minha pergunta — disse Loring, com certa petulância. — Preciso adverti-lo que...

— Vê se se manda daqui, cara — falou Hernandez.

O dr. Loring quase teve um choque. Depois virou-se e encontrou rapidamente o caminho até a porta. A porta se fechou e passou-se meio minuto antes que alguém dissesse uma palavra. Hernandez balançou a cabeça e acendeu um cigarro. Depois olhou para mim.

— E então?

— Então, o quê?

— O que é que você está esperando?

— Quer dizer que o fim é este mesmo? Final? Kaput?

— Diga a ele, Bernie.

— Sim, claro que é o fim — disse Ohls. — Estava tudo acertado para convocá-la para interrogatório. Wade não se matou. Álcool demais no cérebro. Mas como havia lhe dito, onde estava o motivo do

crime? Sua confissão pode estar errada nos detalhes, mas prova que costumava espioná-lo.

Conhecia a planta da casa de hóspedes de Encino. A fragilidade de Lennox conseguiu fazer com que ela perdesse os dois homens. O que aconteceu na casa de hóspedes é exatamente aquilo que se pode imaginar. Uma pergunta você se esqueceu de fazer a Spencer. Tinha Wade sua própria Mauser PPK? Sim, possuía uma pequena Mauser automática. Falamos ainda hoje com Spencer pelo telefone. Wade bebia até apagar tudo na cabeça. O pobre e desgraçado filho da mãe, ou pensou que havia matado Sílvia Lennox ou realmente chegou a matá-la ou ainda tinha razões para acreditar que sua esposa a matara. De qualquer maneira teria problemas no futuro. Claro, ele já andava dando suas voltinhas fora de casa há muito tempo, mas era um homem casado com uma beleza de mulher que não era nada. O mexicano sabia de tudo. O filho da mãe do mexicano sabia praticamente de tudo. Que ela era uma mulher que vivia dentro de um sonho.

Uma parte dela estava aqui e agora, mas grande parte dela estava lá fora e em outra época. E se alguma vez se excitou não era por causa do marido. Dá pra entender o que é que estou dizendo?

Não lhe respondi.

— Ela conseguiu chegar bem pertinho de você, não foi mesmo?

Dei-lhe a mesma "resposta".

Tanto Ohls quanto Hernandez sorriram amarelo.

— Nós não somos uns sujeitos desprovidos de inteligência — falou Ohls. — Sabíamos que havia alguma coisa naquela história dela tirar a roupa. Você discutiu com Candy e ele o deixou. Estava

sentido, confuso, gostava de Wade e queria ter certeza. Quando teve certeza resolveu usar sua faca. Foi um problema pessoal com ele. Nunca falou mal de Wade. A mulher de Wade, sim, deliberadamente ela embaralhou as cartas para confundir Wade. Tudo se encaixa. No final, creio que ela estava apavorada. Mas Wade jamais jogou-a escada abaixo.

Não passou de um acidente. Ela escorregou e ele tentou segurá-la. Candy viu isso também.

— Nada disso explica por que ela queria que eu ficasse por perto.

— Poderia pensar em algumas razões. Uma delas é a velha história. Todo policial já passou por isso no mínimo umas cem vezes. Você era o elo fraco da corrente, o cara que havia ajudado Lennox a escapar, seu amigo e provavelmente seu confidente. O que é que ele sabia e o que é que ele havia lhe contado? Ele levou o revólver que matara Sílvia e sabia que o revólver fora disparado. Ela poderia ter pensado que ele fizera isso por causa dela. O que fez com que ela concluísse que ele sabia que ela havia atirado. Quando ele se matou, ela ficou certa de que esta era a verdade. Mas, e quanto a você? Você continuava sendo o elo fraco. Ela pretendia amaciá-lo, possuía o charme necessário para tal, e uma situação armada como desculpa para ficar perto de você. E se precisava de um cara em dificuldades, este cara era você mesmo. Pode-se dizer que ela costumava colecionar sujeitos em dificuldades.

— Você está pondo inteligência demais na cabeça dela — disse eu.

Ohls quebrou um cigarro em dois e começou a mastigar uma das metades. Colocou a outra metade atrás da orelha.

— Outra razão era que ela desejava um homem, um cara forte e

grande que pudesse apertá-la em seus braços e conseguisse fazê-la sonhar de novo.

— Ela me odiava. Essa, não.

— Claro — colocou Hernandez friamente. — Você a rejeitou. Mas ela conseguiria passar por cima deste detalhe. Mas de repente você explode com toda a verdade na cara dela e com Spencer ouvindo tudo.

— Vocês dois andam visitando algum psiquiatra ultimamente?

— Meu Deus — disse Ohls —, será que você não está sabendo? Tivemos esses caras nos nossos calcanhares o tempo todo nesses últimos dias. Temos dois deles aqui no departamento. Isso tudo não é mais um problema de polícia. Começa a ser um ramo da máfia dos médicos. Eles entram e saem das celas, do tribunal, das salas de interrogatório. Escrevem relatórios de quinze páginas a respeito de como determinado delinqüente juvenil assaltou uma loja de bebidas ou estuprou uma colegial ou vendeu um negócio qualquer para os alunos do último ano. Daqui a dez anos, sujeitos como Marty e eu estaremos fazendo teste de Rorschach e associação de palavras em vez de interrogar as pessoas e treinar tiro ao alvo. Quando sairmos em campo investigando um caso, carregaremos pequenas maletas pretas com detetor de mentiras portáteis e garrafas de soro da verdade. É pena não termos agarrado os quatro macacos que acertaram Big Willie Magoon. Talvez pudéssemos conseguir reajustá-los à sociedade e fazer com que voltassem a amar suas mães.

— Tudo bem se eu for embora?

— Você ainda não está convencido de quê? — perguntou Hernandez.

— Estou convencido. O caso está encerrado. Ela está morta, todos morreram. A bela e fácil rotina de sempre. Nada a fazer a não ser ir pra casa e esquecer que tudo isso chegou a acontecer. É o que pretendo fazer.

Ohls pegou a metade do cigarro atrás da orelha, olhou-a como se se perguntasse como é que aquilo fora parar lá, e jogou-a por cima dos ombros.

— Por que você está chorando? — Hernandez falou. — Se ela não fosse pouco dada a revólveres, teria feito um bom trabalho.

— Além disso — falou Ohls, sorridente —, o telefone estava funcionando ontem...

— Ah, claro — eu disse. — Vocês iriam correndo e tudo o que encontrariam seria uma história confusa que nada concluiria a não ser algumas mentiras bobas. Já na manhã de hoje vocês tinham em mãos o que suponho seja uma confissão completa. Vocês não me deixaram lê-la, mas não ligariam para o procurador-geral se se tratasse apenas de um bilhete de amor. Se algum trabalho pra valer fosse realizado em relação ao caso Lennox na época, alguém teria descoberto seu passado na guerra e onde ele havia sido ferido e todo o resto do enredo. Em algum lugar desta história se iria descobrir uma ligação com os Wade. Roger Wade sabia quem era Paul Marston. Da mesma forma como sabia um outro detetive particular. Eu, por acaso, entrei em contato com ele — É possível — admitiu Hernandez —, mas não é assim que a investigação policial funciona. Não se fica dando voltas à toa com um caso em aberto e fechado ao mesmo tempo, mesmo que não haja mais energia para finalizá-lo ou esquecê-lo. Já investiguei centenas de homicídios. Alguns são uma



beleza, claros, limpos e de acordo com os livros. A maioria deles faz sentido num ponto, não faz em outros. Mas quando se encontra um motivo, os meios, a oportunidade, uma confissão escrita e um suicídio logo em seguida, a gente deixa andar. Nenhum departamento de polícia no mundo possui homens ou tempo para questionar o que parece evidente. A única coisa contra a idéia de Lennox ser um assassino era o fato de que alguém achava que ele era um cara legal, um cara que não faria uma coisa daquelas, e que havia outros que poderiam igualmente ter feito aquilo. Mas os outros não confessaram, não deram um tiro na cabeça. Ele, sim. E quanto a ser ele um sujeito legal, calculo que de sessenta a setenta por cento de todos os criminosos que acabam na câmara de gás ou na cadeira elétrica são pessoas sobre as quais os vizinhos pensavam serem tão inofensivos quanto qualquer vendedor ambulante. Tão inofensivo, tranqüilo e bem-nascido quanto a sra. Roger Wade. Você quer ler o que ela deixou escrito? Muito bem, pois leia. Preciso dar um pulo lá embaixo.

Levantou-se, abriu uma gaveta e deixou uma folha em cima da mesa.

— São cinco cópias fotostáticas, Marlowe. E não me permita pegá-lo olhando pra elas.

Foi até a porta, voltou a cabeça e disse a Ohls: — Você não quer conversar com Peshorek comigo?

Ohls concordou e seguiu-o. Quando fiquei sozinho na sala levantei a capa de uma pasta de arquivo e olhei as cópias. Tocando apenas as beiradas, contei-as. Eram seis, algumas com várias páginas grampeadas. Tirei uma da pasta, enrolei-a e coloquei-a no bolso.

Depois li a seguinte da pilha. Quando terminei de ler, sentei-me e fiquei esperando.

Em cerca de dez minutos, Hernandez voltou sozinho. Sentou-se atrás de sua mesa, arrumou as cópias na pasta de arquivo e colocou-a de volta na gaveta.

Levantou os olhos e me olhou sem nenhuma expressão.

— Satisfeito?

— Lawford sabe que você possui essas cópias?

— Se souber, não será por mim. Nem por Bernie. Bernie tirou as cópias. Por quê?

— O que aconteceria se uma delas se perdesse?

Sorriu, contrafeito:

— Não vai desaparecer. Mas, se isso acontecer, a culpa não será de ninguém aqui desta delegacia. A procuradoria-geral também tem máquinas de cópias fotostáticas.

— Você não gosta muito do procurador Springer, não é, capitão?

Pareceu surpreso.

— Eu? Gosto de todo mundo, até de você. Agora desapareça daqui. Preciso trabalhar.

Levantei-me. Subitamente ele falou: — Você tem andado armado nesses últimos dias?

— As vezes.

— Big Willie Magoon andava com dois revólveres. Não sei por que não usou nenhum deles.

— Acho que pensava que todo mundo tinha medo dele.

— Pode ser — disse Hernandez. Pegou um elástico e esticou-o entre os polegares. Esticou-o cada vez com mais força. Finalmente, o elástico partiu-se em dois. Esfregou o polegar onde o elástico havia cedido. — Qualquer coisa pode ser esticada a ponto de rebentar — falou. — Não importa a aparência de dureza. A gente se vê.

Atravessei a porta e saí rápido do edifício. Uma vez otário sempre otário.

De volta à minha caixa de sapato no sexto andar do Edifício Cahuenga entreguei-me à brincadeira corriqueira do correio matinal. Da caixa de correio para a escrivaninha e para a cesta de lixo. Abri um espaço no centro da mesa e desenrolei a cópia fotostática. Tinha-a enrolado de maneira a não fazer nenhum vinco.

Li-a de novo. Era suficientemente detalhada e suficientemente razoável para satisfazer qualquer pessoa suficientemente inteligente. Eileen Wade matara a esposa de Terry Lennox num ataque de ciúmes, e mais tarde, quando surgiu a oportunidade, matara Roger Wade porque tinha certeza que ele sabia de tudo. O tiro disparado contra o teto do quarto aquela noite fazia parte da encenação. A pergunta não respondida e para sempre não respondida era por que Roger Wade continuara naquela casa e permitira que ela desenvolvesse seu plano. Deveria saber como aquela história iria terminar. No entanto, continuou escrevendo e não se importou. Palavras eram sua profissão, ele tinha palavras para tudo, mas para isso, nenhuma.

"Tenho quarenta e seis pílulas de demerol ainda da última receita", escreveu ela. "Pretendo agora tomá-las todas e me deitar sem riscos de me salvar. Isto, Howard, precisa ser compreendido. O que escrevo, escrevo em presença da morte. A mínima palavra é verdadeira. Não tenho arrependimentos — exceto, possivelmente, pelo fato de não ter conseguido encontrá-los juntos para matá-los. Não me arrependo por Paul, que você achava chamar-se Terry

Lennox.

Ele era a casca vazia do homem a quem amei e com quem havia me casado. Não significava mais nada para mim. Quando o vi naquela tarde, a única vez desde que voltara da guerra — a princípio sequer o reconheci. Em seguida, sim, reconheci-o, e ele me reconheceu de cara. Deveria ter morrido jovem nas neves da Noruega, amante meu a quem eu destinei à morte. Ele voltou como amigo de jogadores, marido de uma rica prostituta, um homem estragado e arruinado, possivelmente algum tipo de vigarista em seu passado recente.

O tempo transforma tudo em coisa vil, miserável e enrugada. A tragédia da vida, Howard, não é que coisas bonitas morram jovens, mas que fiquem envelhecidas e más. O que não irá acontecer comigo. Adeus, Howard."

Coloquei a cópia na gaveta e fechei-a. Era hora do almoço mas não estava com disposição de almoçar. Apanhei a garrafa na gaveta de baixo e me servi de um trago; depois peguei a lista telefônica e procurei o número do telefone do *Journal*. Liguei pra lá e pedi à telefonista para falar com Lonnie Morgan.

— O sr. Morgan só deve chegar lá pelas quatro horas. O senhor poderá tentar falar com ele na sala de imprensa da Prefeitura.

Liguei para lá. E consegui falar com ele. Sim, se lembrava muito bem de mim.

— Você tem andado bastante ocupado, pelo que tenho ouvido falar.

— Possuo uma coisa que pode lhe interessar. Mas não tenho certeza se você vai querer...

— Sim? E o que é?

— Uma cópia de uma confissão de dois assassinatos.

— Onde é que você está?

Disse a ele. Queria mais informações. Não lhe daria nenhuma pelo telefone. Ele disse que não cobria a parte policial do jornal. Disse-lhe que mesmo assim ainda era um jornalista e um jornalista no único jornal independente da cidade. Ele ainda quis contrargumentar.

— Onde é que você conseguiu essa cópia, seja lá o que for? Como é que posso saber se não estarei perdendo meu tempo?

— O escritório da procuradoria-geral tem o original. Eles não irão divulgá-lo. Pela simples razão que irá revelar uma série de coisas que eles mantêm fechada a sete chaves.

— Ligo pra você. Preciso consultar o chefe.

Desligamos. Fui até a lanchonete, comi um sanduíche de salada de galinha e bebi uma xícara de café. O café estava super-requentado e o sanduíche cheio de um rico sabor igual ao de um pedaço de camisa velha. Os americanos comem qualquer coisa desde que seja com pão torrado preso com palitos e tendo pedaços de alface aparecendo dos lados, de preferência um pouco murcha.

As três e meia mais ou menos Lonnie Morgan apareceu. Era o mesmo exemplar cansado e inexpressivo de humanidade, alto e magro, que me trouxe para casa na noite em que saí da prisão. Apertamos as mãos e ele procurou logo seu amarfanhado maço de cigarros.

— O sr. Sherman, que é o editor-chefe, disse que eu podia vir até

aqui ver do que se tratava.

— É uma informação confidencial, a menos que concorde com minhas condições.

Abri a gaveta e entreguei-lhe a cópia. Ele leu rapidamente as quatro folhas, depois leu-as de novo mais lentamente. Pareceu excitado — tão excitado quanto um agente funerário num enterro barato.

— Deixe-me usar o telefone.

Empurrei-o por cima da mesa. Discou, esperou e falou: — É Morgan. Quero falar com o sr. Sherman. — Aguardou, outra mulher entrou na linha e finalmente conseguiu falar com quem queria. Iriam ligar de outro telefone.

Desligou e ficou com o telefone no colo, com o dedo pressionando o botão. Tocou novamente e ele levou o fone ao ouvido.

— Aqui vai, sr. Sherman.

Leu lentamente, pronunciando claramente as palavras. No final, houve uma pausa. Depois, "Um momento, senhor". Baixou o fone e me olhou através da escrivaninha.

— Ele quer saber como você conseguiu esta cópia.

Inclinei-me e tirei a cópia das mãos dele.

— Diga a ele que como eu a consegui é problema meu.

Onde, aí é outra coisa. O carimbo nas costas das folhas mostra isso.

— Sr. Sherman, trata-se aparentemente de um documento oficial do escritório do xerife de Los Angeles. Creio que poderemos checar

sua autenticidade facilmente. Além disso, tem um preço.

Escutou mais um pouco e depois falou: — Sim, senhor. Agora mesmo.

Empurrou o telefone na minha direção.

— Quer falar com você.

Era uma voz brusca e autoritária.

— Sr. Marlowe, quais são suas condições? Lembre-se que o *Journal* é o único jornal de Los Angeles que iria sequer considerar a possibilidade de tocar num material dessa ordem.

— O senhor não fez muita coisa em relação ao caso Lennox, sr. Sherman.

— Tenho consciência disso. Mas naquela oportunidade tratava-se puramente de uma questão do escândalo pelo escândalo. Não havia dúvidas sobre quem era o culpado. O que temos agora, se o seu documento for autêntico, é algo bastante diferente. Quais são suas condições?

— Que o senhor publique a confissão toda, na forma da reprodução fotostática. Caso contrário, não publique nada.

— Precisamos checá-la, o senhor entende.

— Não vejo como, sr. Sherman. Se for perguntar à procuradoria-geral eles irão ou negá-la ou fornecê-la a todos os jornais da cidade. Se perguntar no escritório do xerife, eles o colocarão em contato com o procurador-geral.

— Não se preocupe, sr. Marlowe. Temos meios de verificar isso. E sobre suas condições?



— Acabo de dizê-las.

— Ah, o senhor não está pensando em ser pago pelo material?

— Não com dinheiro.

— Bem, o senhor conhece seu trabalho, acredito. Posso falar com Morgan?

Entreguei o telefone de volta a Lonnie Morgan. Ele falou pouco e desligou.

— Concordou. Levo a cópia comigo e ele faz a checagem. Fará o que você disse. Reduzido seu tamanho pela metade, deve dar metade da primeira página.

Dei-lhe a cópia de volta. Segurou-a e levou-a quase até a ponta de seu longo nariz.

— Se incomoda se eu disser que você está sendo um idiota?

— Concordo.

— Ainda tem tempo de mudar de idéia.

— Nada disso. Lembra-se daquela noite que me trouxe em casa saindo lá da Bastilha da cidade? Você disse que eu tinha de dizer adeus a um amigo. Não cheguei na verdade a dizer-lhe adeus. A publicação dessa cópia significará esse adeus a ele. Foi há muito tempo — há muito, muito tempo.

— Está bem, companheiro. Mas continuo achando que você é um idiota. Será que preciso dizer por quê?

— Diga, de qualquer maneira.

— Sei mais a seu respeito do que você pensa. Esta é a parte mais frustrante do trabalho jornalístico. A gente sempre sabe de coisas

que não podem ser publicadas. Nos tornamos cínicos. Se esta confissão for publicada no *Journal*, muita gente vai ficar sentida. O procurador-geral, o juiz, o pessoal do xerife, um influente e poderoso cidadão chamado Potter e um par de gente barra-pesada como Menendez e Starr. Você possivelmente irá terminar no hospital ou na cadeia de novo.

— Não acredito.

— Acredite no que quiser, companheiro. Estou dizendo o que eu acho. O procurador-geral vai se chatear por já ter jogado uma mortalha em cima do caso Lennox. Mesmo que o suicídio e a confissão de Lennox já tenha satisfeito alguém, muita gente vai querer saber como Lennox, um homem inocente, chegou a assinar uma confissão, como veio a morrer, será que ele realmente cometeu suicídio ou foi ajudado por alguém; por que não houve uma investigação nessas circunstâncias e como é que pode todo o caso ter sido resolvido tão rapidamente? Além disso, se tem o original desta cópia vai pensar que foi traído pelo pessoal que trabalha com o xerife.

— Não precisam editar os carimbos identificativos das folhas.

— Não precisamos. Somos amigos do xerife. Achamos que ele é um cara correto. Não podemos culpá-lo por não conseguir impedir a ação de sujeitos como Menendez. Ninguém consegue acabar com o jogo enquanto o jogo for ilegal em todas as formas em alguns lugares e legal em algumas modalidades em todos os lugares. Você roubou isto do escritório do xerife. Não sei como é que conseguiu. Quer me dizer?

— Não.

— Tudo bem. O juiz vai ficar chateado porque ele endossou o suicídio de Wade. O procurador-geral ajudou-o nisso também. Harlan Potter vai ficar chateado porque alguma coisa pela qual jogou todo seu poder para abafar vai ser reaberta. Menendez e Starr vão ficar chateados por razões que não sei bem quais sejam, mas sei que você já foi advertido por eles. E quando esse pessoal fica chateado com alguém esse alguém sai machucado. Você poderá receber o mesmo tipo de tratamento que recebeu Big Willie Magoon.

— É provável que Magoon estivesse ficando pesado demais para o tipo de trabalho que fazia.

— Por quê? Porque esses caras precisam ser durões. Se eles têm o trabalho de lhe dizer para deixar rolar, você deixa rolar. Se você não obedecer e ficar por isso mesmo, eles vão levar a fama de fracos. Os chefões que dirigem os negócios, as grandes engrenagens, o conselho de diretores não necessitam de sujeitos fracos. Os fracos são perigosos. Além disso, tem Chris Mady.

— Ele é dono de Nevada, segundo soube.

— Pois soube a verdade, companheiro. Mady é um cara legal mas sabe do que Nevada precisa. Os ricos superchefões que operam em Reno e Las Vegas são bastante cuidadosos para não incomodarem o sr. Mady. Se o fizerem, suas porcentagens irão subir rapidamente e a cooperação que conseguem da polícia irá decrescer de igual maneira. Daí os principais chefões lá do Leste vão acabar por decidir que algumas mudanças precisam ser feitas. Um operador que não consegue se dar bem com Chris Mady não está operando corretamente. Mande-se logo o cara pro inferno e arrume-se outro pro seu lugar. Mandar o cara pro inferno tem apenas um significado

pra eles. É colocá-lo num caixão de madeira.

— Eles nunca ouviram falar de mim — disse eu.

Morgan franziu a testa, subiu e desceu o braço num gesto sem sentido.

— Não precisam. A propriedade de Mady do lado de Nevada, em Tahoe, é vizinha da propriedade de Harlan Potter. É possível que eles se cumprimentem de vez em quando. Pode ser que algum sujeito que conste na folha de pagamento de Mady ouça um outro sujeito que está na folha de pagamento de Potter dizer que um cara chamado Marlowe está falando demais sobre coisas que não lhe dizem respeito. Pode ser que esse comentário fortuito siga em frente até um telefone que toque num certo apartamento de Los Angeles; e daí um cara bastante musculoso sinta vontade de sair, para se exercitar um pouco com dois ou três amigos. Se é a vontade de alguém que você leve porrada ou seja esmagado, esses homens musculosos não precisam de nenhuma explicação. Pra eles, é mera rotina. Nenhum problema pessoal. Apenas ficam assistindo um deles quebrar seu braço. É isso que você quer?

Ele segurou a cópia da confissão.

— Você sabe o que é que eu quero — falei.

Morgan levantou-se lentamente e colocou a cópia no bolso interno do casaco.

— Posso estar errado — disse. — Você pode saber mais do que eu sobre isso tudo. Eu não saberia dizer como um homem como Harlan Potter encara esses problemas.

— Com uma careta — disse eu. — Encontrei-o, sim. Mas não creio

que iria operar com uma quadrilha de brutamontes.

Não conseguiria conciliar isto com sua opinião de como gosta de viver.

— Pelo amor de Deus — disse Morgan, incisivo —, parar uma investigação sobre um crime através de um telefonema e parar esta mesma investigação nocauteando as testemunhas é apenas uma questão de método. E ambos os métodos cheiram mal às narinas da civilização. A gente se vê... espero.

Saiu do escritório como alguma coisa levada pelo vento.

## 46

Fui até o Victor's com a idéia de tomar um *gimlet* e ficar sentado até a edição vespertina do jornal aparecer nas ruas. Mas o bar estava cheio, não tinha graça nenhuma. Quando o sujeito do bar que eu conhecia se aproximou, me chamou pelo nome.

— O senhor gosta com uma pitada de *bitter*, não é?

— Nem sempre. Apenas hoje, duas pitadas de *bitter*.

— Não tenho visto seu amigo ultimamente. Aquele com gelo esverdeado no rosto.

— Nem eu.

Ele foi-se e voltou com a bebida. Quebrei o gelo pra ver se durava mais pois não estava com vontade de ficar de pilequinho. Ou eu ficava realmente de porre ou permaneceria sóbrio. Depois de algum tempo, pedi mais um. Mal passava das seis quando o garoto com os jornais entrou no bar.

Um dos caras do bar gritou para que fosse embora, mas ele conseguiu se virar rapidamente entre os clientes antes que um garçom conseguisse pegá-lo e jogá-lo pra fora. Um desses clientes era eu. Abri o *Journal* e dei uma olhada na primeira página. Conseguiram. Estava tudo lá. Fizeram uma reversão da cópia fotostática tornando-a branca e preta e reduzindo-a a um tamanho que encaixaram na metade de cima da página. Havia um pequeno e duro editorial numa outra página. E meia coluna escrita e assinada por Lonnie Morgan, numa outra página.

Terminei minha bebida, saí do bar e fui para outro lugar, onde jantei e depois voltei pra casa.

O texto de Lonnie Morgan era uma recapitulação detalhada dos fatos e acontecimentos envolvendo o caso Lennox e o "suicídio" de Roger Wade — os fatos conforme haviam sido publicados. Não acrescentava nada, não fazia nenhuma dedução. Era um relato claro, conciso, profissional. Já o editorial era outra coisa. Fazia perguntas — o tipo de perguntas que os jornais fazem quando pegam funcionários do Governo com o rabo preso.

Cerca de nove e meia o telefone tocou; Bernie Ohls disse que daria um pulo em casa, no seu caminho de volta.

— Viu o *Journal!* — perguntou como quem não quer nada, e desligou antes da resposta.

Quando chegou, subiu as escadas e disse que tomaria uma xícara de café se tivesse. Respondi que ia fazer. Enquanto preparava o café, andou pela casa como se se sentisse bastante à vontade.

— Você vive bastante sozinho para um sujeito que costuma criar atritos com os outros — falou. — O que é que tem lá em cima na colina dos fundos?

— Uma outra rua. Por quê?

— Só pra perguntar. Suas plantas precisam de água.

Levei o café até a sala; ele parou de andar e tomou um gole. Acendeu um dos meus cigarros e ficou soltando fumaça por um ou dois minutos. Depois apagou-o.

— Não gosto muito desta marca. Talvez seja por causa dos comerciais de televisão. Eles conseguem fazer a gente odiar qualquer

coisa que desejam nos vender. Meu Deus, devem achar que o público é débil mental. Toda vez que um bestalhão de casaco branco com um estetoscópio em volta do pescoço segura alguma pasta de dente ou um maço de cigarro ou uma garrafa de cerveja ou um vidro de xampu ou uma caixinha de pastilhas que fazem um mau hálito de lutador barrigudo se transformar em flores da montanha, sempre tomo nota para nunca comprar nada disso. Porra, não compraria um produto desses mesmo que gostasse. Leu o *Journal*, hem?

— Um amigo meu me chamou a atenção. Um repórter.

— Você tem amigos? — perguntou, com um ar vago. — Ele não lhe disse como conseguiram esse material, disse?

— Não. E no nosso estado ele não é obrigado a dizer uma coisa dessas.

— Springer está dando pulos de raiva. Lawford, o vice-Procurador, que levou a carta hoje de manhã, alega que entregou-a diretamente ao seu chefe, mas isso dá o que pensar. O que o *Journal* editou parece uma clara reprodução do original.

Tomei um gole de café e não disse nada.

— Acho que lhe interessa direitinho — continuou Ohls.

— Springer deve ter entregado a carta. Pessoalmente, não creio que tenha sido Lawford. Ele também é um político.

Olhou-me, impassível.

— Por que veio até aqui, Bernie? Você não vai com a minha cara. Chegamos a ser amigos, tão amigos quanto se pode ser com um tira durão. Mas a coisa azedou um pouco.

Inclinou-se pra frente e sorriu — um sorriso de lobo.



— Nenhum tira gosta quando um cidadão faz trabalho policial nas nossas costas. Se tivesse feito a ligação entre Wade e Lennox e me comunicado quando Wade morreu, eu teria tirado minhas próprias conclusões. Se você tivesse feito a ligação entre a sra. Wade e esse Terry Lennox, eu teria os dois na palma da mão — e vivos. Se você tivesse jogado limpo desde o início, Wade poderia estar vivo. Sem mencionar Lennox. Você se considera um macaco bastante esperto, não é mesmo?

— O que é que você quer que eu diga?

— Nada. Tarde demais. Já lhe disse antes que um cara esperto só consegue enganar a si mesmo. Disse-lhe isso com todas as letras. Você não quis escutar. Neste momento será esperto da sua parte sair da cidade. Ninguém gosta de você e um par de sujeitos que não gosta de certas pessoas costuma agir a este respeito. Um passarinho me contou.

— Não sou tão importante assim, Bernie. Vamos parar de fazer cara feia um pro outro. Até Wade morrer, você não tinha sequer entrado no caso. Depois, pareceu não dar importância ao caso, assim como o juiz, o procurador-geral ou quem quer que seja. Talvez eu tenha feito muita coisa errada. Mas a verdade veio à tona. Ontem à tarde vocês poderiam ter trazido esta mesma verdade à tona — e com o quê?

— Com o que você tinha a nos dizer a respeito dela.

— Eu? Com o trabalho policial que fiz às costas de vocês?

Levantou-se subitamente. O rosto vermelho.

— Muito bem, espertinho. Ela ainda estaria viva. Poderíamos tê-la arrolado como suspeita. Você queria que ela morresse, seu lixo, e

você sabe disso.

— Queria que desse uma boa, longa e tranqüila olhada nela mesma. O que acabou fazendo é assunto que diz respeito a ela mesma. Eu queria limpar o nome de um homem inocente. Estava pouco ligando como conseguiria isso e ainda estou. Continuarei por aí mesmo quando você tiver vontade de fazer alguma coisa comigo.

— Os durões vão se encarregar de você, meu chapa. Eu não preciso me incomodar. Você não se acha suficientemente importante para provocá-los. Como um detetive particular chamado Marlowe, é melhor investigar o caso. Você, sim, não é importante. Mas como um sujeito que foi avisado para não mexer em certas coisas e saiu jogando merda no ventilador na cara de certas pessoas, e pelo jornal, a coisa muda de figura. O orgulho deles fica machucado.

— É uma pena. Só em pensar nisso me sinto sangrando por dentro, para usar uma expressão sua.

Ele atravessou a sala, foi até a porta e abriu-a. Ficou em pé olhando a escada de sequóia e as árvores nas colinas à volta do caminho e o terreno inclinado no final da rua.

— Lugar bonito e tranqüilo, o seu. Tranqüilo o bastante.

Desceu os degraus, entrou no carro e partiu. Tiras nunca dizem adeus. Estão sempre achando que vão encontrar com a gente de novo na fila de identificação de culpados.

Por pouco tempo no dia seguinte as coisas pareciam mais ou menos ganhar vida. O procurador-geral Springer convocou cedo uma entrevista coletiva e emitiu uma declaração. Ele era do tipo grande, corado, moreno, prematuramente grisalho que sempre sai bem em política.

— Eu havia lido o documento que se supunha ser a confissão de uma mulher infeliz e sem sorte que recentemente acabou com a vida; um documento que pode ser autêntico ou não, mas, se autêntico, é obviamente produto de uma mente perturbada. Tenho por mim que o *Journal* publicou o referido documento de boa-fé, a despeito de seus vários absurdos e inconsistências que não vou incomodá-los em enumerar. Se Eileen Wade escreveu essas palavras, e meu departamento juntamente com a equipe do meu respeitável coadjutor, o xerife Petersen, irá determinar em breve se ela realmente o escreveu ou não, devo então dizer que ela não escreveu estas linhas com a cabeça clara nem com uma mão firme. Há apenas algumas semanas a desafortunada senhora encontrou seu marido chafurdando em seu próprio sangue, conseqüência de um ato de sua própria mão. Podemos imaginar o choque, o desespero, a terrível solidão que deve ter-se seguido a tão grave tragédia! E agora ela juntou-se a ele na amargura da morte. Poder-se-ia ganhar alguma coisa remexendo as cinzas dos mortos?

Nada, meus amigos, além da venda de alguns exemplares a mais de um jornal que está precisando muito de aumento de circulação.

Nada, meus amigos, nada. Vamos deixar como está. Como foi dito de Ofélia na grande obra-prima dramática chamada *Hamlet*, do imortal William Shakespeare, Eileen Wade carregou seu penar com infelicidade. Meus inimigos políticos gostariam de acentuar bastante esta infelicidade, mas meus amigos e companheiros eleitores não irão se decepcionar. Eles sabem que meu departamento sempre se ergue a favor de uma madura e sábia aplicação da lei, a favor de uma justiça temperada com perdão, a favor de um governo sólido, estável e conservador. O *Journal* defende o que eu desconheço, e por isto o que ele defende não chega a me importar realmente. Que o público esclarecido julgue por si mesmo.

O *Journal* publicou este papo furado na primeira edição (é um jornal de várias edições diárias) e Henry Sherman, o editor-chefe, foi em cima de Springer com um comentário assinado: "O senhor procurador-geral Springer estava em boa forma na manhã de hoje. Trata-se de uma boa figura de homem e fala com uma rica voz de barítono que é um prazer de se escutar. Ele não nos chateou com nenhum fato. A qualquer momento que o sr. Springer se preocupar em pedir para verificar a autenticidade do documento em questão, o *Journal* terá muito prazer em comprová-la. Não esperamos que o sr. Springer aja de alguma maneira para reabrir casos que já foram oficialmente concluídos com a sua sanção ou sob sua direção, assim como não esperamos que o sr. Springer fique de cabeça para baixo no alto da torre da Prefeitura. Como o sr. Springer tão apropriadamente diz, não há nada que se possa ganhar remexendo as cinzas dos mortos. Ou, como o *Journal* preferiria dizer numa forma não tão elegante quanto a dele, poder-se-á ganhar alguma coisa descobrindo quem cometeu um assassinato quando o

assassinado já está morto?

Nada, claro, a não ser justiça e verdade.

"Em relação ao falecido William Shakespeare, o *Journal* gostaria de agradecer ao sr. Springer por seu elogio a *Hamlet*, e por sua substancial, embora não exatamente correta, alusão a Ofélia. 'Você deve vestir seu penar com infelicidade' não foi dito de Ofélia mas sim por Ofélia, e exatamente o que ela queria dizer é algo que nunca chegou a ficar claro mesmo para as nossas mentes mais eruditas. Mas deixemos passar.

Soa bem e ajuda a confundir o problema. Talvez também possamos citar, igualmente da produção dramática oficialmente aprovada de *Hamlet*, uma boa coisa que acontece ter sido dita por um mau homem: 'E onde existir ofensa, que se deixe cair o grande cutelo'."

Lonnie Morgan me ligou por volta do meio-dia para saber o que é que eu tinha achado. Disse-lhe que não acreditava que fosse fazer nenhum mal à reputação de Springer.

— Apenas com os intelectuais — disse Lonnie Morgan — e eles já não o adoram. Mas quis me referir a você.

— Quanto a mim, nada. Estou aqui sentado esperando que algum gangster bonzinho apareça e me acerte um soco na cara.

— Não era exatamente o que eu queria dizer.

— Continuo com saúde. Pare de querer me assustar. Consegui o que queria. Se Lennox ainda estivesse vivo, poderia caminhar até onde Springer estivesse e cuspir no olho dele.

— Fez isso por ele. E a esta altura Springer está sabendo. Eles têm

mil maneiras de atrapalhar a vida de um sujeito que lhes desagrade. Não consigo imaginar por que você acha que isso tenha lhe valido a pena. Lennox não era um homem tão legal assim.

— O que é que tem a ver?

Ficou em silêncio. Depois disse: — Desculpe, Marlowe. Calo minha boca grande. Boa sorte.

Desligamos depois do habitual adeus.

Cerca de duas da tarde, Linda Loring me ligou: — Sem falar em nomes, por favor — disse ela. — Eu estava passeando à beira do lago quando vi alguém lá puxando os cabelos devido ao que foi publicado no *Journal* de ontem à noite. Meu quase ex-marido recebeu o golpe entre os olhos. O pobre estava chorando quando o deixei. Ele saiu voando para depor.

— O que é que você quer dizer com quase ex-marido?

— Não seja bobo. Uma vez na vida, papai concordou.

Paris é um excelente lugar para se obter um divórcio sem barulho. Portanto em breve estarei partindo para lá. E se você tiver ainda algum bom senso deveria também fazer uma viagem por uns tempos.

— Por que é que eu teria de viajar?

— Esta é a segunda pergunta boba que você me faz.

Você não está enganando ninguém a não ser a você mesmo, Marlowe. Sabe como é que se costuma matar tigres?

— Como saberia?

— Amarra-se um bode num pau fincado e as pessoas se escondem

atrás das árvores. Costuma ser complicado para o pobre bode. Gosto de você. Não sei nem por que, mas gosto. Odeio a idéia de vê-lo representando o papel do bode. Você tentou muito fazer as coisas certas... como achava que deveriam ser.

— Gentil da sua parte — disse. — Se coloquei meu pescoço pra fora e ele for cortado, o pescoço continua sendo o meu.

— Não tente ser um herói, seu bobo. Só porque alguém que nós conhecíamos resolveu cair na vida, você não precisa imitá-lo.

— Convido-a para um drinque se continuar na cidade ainda por algum tempo.

— Convide-me para um drinque em Paris. Paris é adorável no outono.

— Gostaria muito. Mas me disseram que ainda é melhor na primavera. Nunca fui, não saberia dizer.

— Do jeito que você anda, nunca chegará a conhecer Paris.

— Adeus, Linda. Espero que encontre o que deseja.

— Adeus — ela disse, friamente. — Sempre encontro o que eu desejo. Mas quando encontro, não desejo mais.

Desligou. O resto do dia foi pura rotina. Jantei, deixei meu Oldsmobile numa garagem que funciona noite e dia para checar as lonas dos freios. Peguei um táxi de volta pra casa.

A rua estava vazia como sempre. Na caixa de correio havia alguns cupons que davam direito a sabão de graça. Fui subindo os degraus lentamente. Era uma noite gostosa com um pouco de neblina no ar. As árvores lá nas colinas mal se mexiam. Nenhuma brisa. Abri a porta e empurrei-a abrindo-a um pouco, mas logo me detive. A porta

abriu-se uns três centímetros. Escuro lá dentro, nenhum som. Mas tive a sensação que a sala não estava vazia. Talvez uma mola tivesse rangido de leve ou um paletó branco tivesse brilhado ali.

Talvez numa noite quente e calma como esta, a sala além da porta não estivesse suficientemente aquecida, mas ainda assim aquecida. Talvez houvesse um cheiro de homem pelo ar.

E talvez eu estivesse apenas nervoso.

Caminhei pra trás no pátio e me agachei contra os arbustos. Nada aconteceu. Nenhuma luz se acendeu lá dentro, não havia nenhum movimento onde quer que fosse que eu chegasse a perceber. Eu tinha um revólver no coldre do lado esquerdo, um pequeno revólver Police .38. Tirei-o do coldre, o que não me levava a nada. O silêncio continuava. Decidi que estava bancando o bobo. Me endireitei e me preparei para ir até a porta de entrada, mas aí um carro fez a curva e subiu a colina bem depressa, parando quase sem fazer barulho ao pé da escada da minha casa. Era um grande sedã preto com as linhas de um Cadillac. Poderia ser Linda Loring, a não ser por duas coisas. Ninguém abriu a porta do carro e as janelas que davam pro meu lado permaneceram bem fechadas. Esperei e escutei, espremido contra o arbusto; não havia nada para escutar e nada para esperar. Apenas um carro negro imóvel nos pés da escada de sequóia da minha casa, com as janelas fechadas. Se o motor continuava ligado, não conseguia escutar. Mas então uma luz vermelha em cima do carro acendeu-se e o jato de luz pousou uns sete metros além da quina da casa. E depois, bem lentamente, o carrão deu marcha à ré até a luz varrer a frente da casa.

Policiais não dirigem Cadillacs. Cadillacs com luzes vermelhas na



capota pertencem aos graúdos, prefeitos, comissários de polícia, talvez procuradores-gerais. Talvez a *gangsters*.

O jato de luz atravessou a distância. Deitei-me colado ao chão, mas mesmo assim ele me achou. Me focalizou. Nada mais do que isso. Ainda assim a porta do carro não se abriu; mesmo assim a casa continuava silenciosa e de luzes apagadas.

Uma sirene então soou em tom baixo apenas por um ou dois segundos, depois parou. E daí finalmente a casa encheu-se de luzes e um homem vestindo um *dinner-jacket* branco apareceu no alto dos degraus e olhou para o lado, pelo pátio e os arbustos.

— Apareça, seu detetive barato — Menendez falou, com um risinho. — Você tem companhia.

Sem problema nenhum poderia ter acertado um tiro nele. Logo ele deu um passo pra trás e era tarde demais — mesmo que eu pudesse ter dado um tiro. Uma janela se abriu na parte de trás do carro e pude ouvir o barulho dela se abrindo. Então uma pistola automática apareceu e disparou alguns tiros acertando uns arbustos a uns dez metros de onde eu me encontrava.

— Apareça logo, detetive barato — disse Menendez de novo da porta da casa. — Você não pode sair pra lugar nenhum.

Levantei-me e fui; o *spotlight* me seguia me enquadrando direitinho. Coloquei o revólver no coldre. Subi o último degrau e entrei na casa — parei ao passar pela porta.

Havia ali um homem sentado com as pernas cruzadas, com um revólver pousado ao lado. Parecia magro e forte, a pele tinha aquele aspecto seco de pessoas que vivem em climas ensolarados. Usava um casaco de gabardine escura e o zíper estava aberto quase até a

cintura. Me olhava e nem seus olhos nem o revólver se mexiam.  
Parecia tão calmo quanto uma parede de adobe sob a luz do luar.

Olhei pra ele durante muito tempo. Houve um rápido movimento ao meu lado que mal percebi — e uma dor entorpecedora no meu ombro. Todo meu braço ficou morto até a ponta dos dedos. Voltei-me e vi um mexicano grande com cara de mau. Não sorria, apenas observava. O .45 na sua mão parda pendeu para o lado. Tinha bigode e na cabeça avultava seu cabelo preto-oleoso penteado pra cima e pros lados e pra trás e pra baixo. Havia um *sombrero* sujo na parte de trás da cabeça e sua tira de couro pendia frouxa sobre uma camisa de malha que cheirava a suor. Nada mais durão do que um mexicano durão, assim como não há nada mais gentil do que um mexicano gentil, nada mais honesto do que um mexicano honesto e acima de tudo nada mais triste do que um mexicano triste. Este sujeito era barra-pesada. Impossível ser mais barra-pesada que ele.

Esfreguei o braço. Latejava um pouco mas a dor permanecia, e o torpor. Se tivesse tentado sacar o revólver provavelmente o teria deixado cair.

Menendez estendeu a mão para o brutamontes. Sem parecer nem olhar ele jogou o revólver e Menendez apanhou-o.

Estava agora sentado à minha frente; seu rosto brilhava.

— Onde você gostaria que o acertasse, detetive barato? — seus olhos dançavam.

Olhei simplesmente pra ele. Não há respostas para uma pergunta como esta.

— Te fiz uma pergunta, detetive barato.

Molhei os lábios e respondi-lhe com outra pergunta: — O que houve com Agostino? Pensei que ele fosse seu pistoleiro.

— Chick amoleceu — disse, gentilmente.

— Ele sempre foi mole... como o chefe dele.

O homem na cadeira piscou os olhos. Quase, mas não chegou a sorrir. O durão que havia paralisado meu braço não se mexeu nem falou. Sabia que estava respirando. Podia sentir o cheiro disso.

— Alguém machucou seu braço, detetive barato?

— Escorreguei numa *enchilada*.

Sem muita convicção, tampouco me encarando, bateu no meu rosto com o cano da arma.

— Não banque o engraçadinho, detetive barato. Foi-se o tempo em que você poderia fazer isso. Você já foi avisado e foi avisado direitinho. Quando me dou ao trabalho de chamar alguém pessoalmente e de dizer ao sujeito pra ficar na sua — ele fica na sua. Ou se deita na cama ou nunca mais se levanta.

Senti o sangue escorrendo pela minha bochecha. Senti toda a dor entorpecedora do golpe na ponta do meu queixo. Ela se espalhou até que toda minha cabeça doía. Não havia sido um golpe forte, mas o que ele usou era duro. Ainda podia falar e ninguém tentou me impedir.

— Quer dizer que você mesmo costuma dar porrada, Mendy? Pensei que esse tipo de trabalho sujo fosse para sujeitos do tipo que surraram Big Willie Magoon.

— É um toque pessoal — ele disse, voz macia —, já que tive razões

peçoais para te advertir. O trabalho com Magoon foi estritamente profissional. Ele passou a achar que podia ficar me pressionando — eu, eu que comprei as roupas dele, o carro, pus dinheiro em sua poupança e paguei as prestações da sua casa. Esses carinhos do departamento de narcóticos são todos iguais. Cheguei a pagar escola para o filho dele. Seria de se pensar que o filho da puta tivesse alguma gratidão. E o que é que ele fez? Entra no meu escritório particular e me dá uma bofetada na frente dos empregados.

— Por conta de quê? — perguntei-lhe, na vaga esperança de que ele ficasse zangado com outra pessoa que não eu.

— Por conta de uma rameira cheia de laquê que disse que eu estava usando dados viciados. Parece que a vadia era uma de suas comidas eventuais. Expulsei-a do clube — levando cada centavo com que havia entrado.

— Parece compreensível — eu disse. — Magoon deveria saber que nenhum jogador profissional trapaceia. Não precisa disso. Mas o que é que eu lhe fiz?

Ele me bateu novamente, desta vez com força.

— Você me fez parecer idiota. No meu ramo, a gente não avisa duas vezes. Nem mesmo um figurão. O cara sai em campo e faz o que tem de fazer, senão, não se tem mais controle. Se não se tem controle, não se tem negócio.

— Tenho a impressão que existe alguma coisa além disso. Desculpe-me, preciso pegar um lenço.

O revólver ficou apontado pra mim enquanto eu tirava o lenço do bolso e tirava o sangue no meu rosto.

— Um bisbilhoteiro que não vale um centavo furado — disse Menendez lentamente — acha que pode transformar Mendy Menendez num palhaço. Pode é me fazer rir na cara dele. Não passa de uma grande piada... logo eu, Menendez. Devia era usar uma faca em você, detetive barato. Devia te cortar em fatias de carne crua.

— Lennox era seu chapa — disse, e olhei seus olhos. — Ele foi morto. Enterrado como um cão sem mesmo um nome em cima da terra suja onde colocaram o corpo dele. E eu tive um pouco a ver com o fato de provar que ele era inocente. Portanto é isto que faz você parecer um idiota, hem? Ele salvou a sua vida e perdeu a dele, o que não significa porra nenhuma pra você. Tudo o que significa alguma coisa pra você é ficar bancando o grande chefão. Você não daria a mão a ninguém que estivesse no inferno a não ser você mesmo. Você não é grande, você é apenas um falastrão.

Seu rosto se congelou e ele jogou o braço pra trás para me bater uma terceira vez. O braço ainda estava indo pra trás quando dei meio passo pra frente e chutei-lhe a boca do estômago.

Não pensei. Não planejei. Não calculei minhas chances ou mesmo se tinha alguma. Simplesmente não agüentava mais aquela situação e sentia dores e sangrava; talvez estivesse um pouco tonto a essa altura.

Ele dobrou-se; o revólver caiu da sua mão. Catou-o no chão como um louco, fazendo sons estranhos com a garganta. Acertei meu joelho no seu rosto. Ele gritou.

O homem na cadeira riu, o que me espantou. Mas em seguida se levantou e o revólver na sua mão veio com ele.

— Não o mate — disse, tranqüilo. — Precisamos dele como isca

viva. — Houve então um movimento na sombra do corredor e Ohls apareceu na porta, olhar vago, sem expressão, totalmente calmo.

Olhou para Menendez no chão. Menendez estava de joelhos com a cabeça no assoalho.

— Frouxo — disse Ohls. — Bastante frouxo.

— Ele não é frouxo — eu disse. — Está machucado. Qualquer pessoa pode se machucar. Big Willie Magoon era frouxo?

Ohls me olhou. O outro homem também me olhou. O mexicano durão, na porta, mão se mexeu.

— Tira esse maldito cigarro dos lábios — gritei com Ohls. — Ou fuma logo ou deixe-o em paz. Estou cansado de vê-lo. Estou de saco cheio com você, ponto. Estou com o saco cheio de tiras.

Pareceu surpreso. Depois sorriu.

— Isso é coisa que se faça, garotão? — disse, ironicamente. — Você bateu pra valer? E esses caras nojentos bateram na sua carinha? Bem, aposto que tudo isso estava previsto e não deixa de ser proveitoso para você que tenha acontecido.

Olhou para Mendy ainda no chão. Ajoelhado. Estava tentando se levantar, alguns centímetros de cada vez. Respirava, ofegante.

— Mas que sujeito mais falador — Ohls disse —, quando ele não tem três capangas com ele para costurar sua boca.

Empurrou Menendez a seus pés. O nariz de Mendy sangrava. Tirou o lenço de seu *dinner jacket* branco e levou-o ao nariz. Não disse uma palavra.

— Nessa você se machucou, benzinho — Ohls disse-lhe cuidadosamente. — Não chego a lamentar muito o que aconteceu

com Magoon. Era de se esperar. Mas ele era um policial e lixos como você têm de parar de chatear a polícia — sempre e para sempre.

Menendez baixou o lenço e olhou Ohls. Olhou para mim. Olhou para o homem que estivera sentado na cadeira.

Voltou-se lentamente e olhou o mexicano durão parado na porta. Todos olharam pra ele. Não havia nada no rosto deles. Aí uma faca apareceu de algum lugar e Mendy tentou acertar Ohls. Ohls saiu de lado e segurou-o pela garganta com uma só mão e tirou a faca de sua mão com facilidade, quase que com indiferença. Ohls espalhou seus pés, endireitou as costas, inclinou levemente as pernas e levantou Menendez bem acima do chão com uma mão segurando-lhe o pescoço. Caminhou com ele pela sala e jogou-o contra a parede. Deixou-o cair, mas não largou sua garganta.

— Me toque com um só dedo e será um homem morto — disse Ohls. — Um só dedo.

Largou depois as mãos.

Mendy sorriu-lhe sarcasticamente, procurou o lenço e dobrou-o para esconder o sangue. Levou-o novamente ao nariz. Olhou pra baixo e viu o revólver que havia usado para me bater. O homem da cadeira disse, com voz macia: — Está descarregado, mesmo que você conseguisse apanhá-lo...

— Uma traição — falou Mendy para Ohls. — Estou sacando agora.

— Você mandou pedir três tipos musculosos — disse Ohls.

— Vieram três agentes de Nevada. Alguém lá em Las Vegas não gosta da maneira como você se esqueceu de limpar a barra com eles. Este alguém quer falar com você. Poderá ir com os agentes ou poderá



ir até a cidade comigo pendurado na parte de trás da porta por um par de algemas. Há uns rapazes lá na delegacia que gostariam de vê-lo de perto.

— Pois viva Nevada — disse Mendy baixinho, olhando à volta de novo para o mexicano forte na porta. Depois se ajeitou rapidamente e passou pela porta da frente. O mexicano fortão seguiu-o. Depois o outro, o tipo com pele seca do deserto, pegou a arma e a faca e também saiu. Fechou a porta.

Ohls aguardou sem se mexer. Escutou-se um barulho de portas de carro se fechando, depois o carro desapareceu na noite.

— Tem certeza que esses caras são agentes? — perguntei a Ohls.

Virou-se como que surpreso por me ver ali.

— Eles usam distintivos — disse ele, em poucas palavras.

— Bom trabalho, Bernie. Excelente. Você acha que ele chegará com vida em Las Vegas, seu filho da mãe de coração de gelo.

Fui até o banheiro, deixei correr água fria e passei uma toalha no meu queixo machucado. Olhei-me no espelho. A bochecha estava inchada, azulada e havia sangue pisado nela devido à força de um cano de revólver batendo contra o osso da face. Havia ainda um hematoma embaixo do meu olho esquerdo. Deixaria de ser um cara bonito por alguns dias.

O reflexo do rosto de Ohls apareceu então atrás de mim no espelho. Ele mordia seu maldito cigarro que nunca fumava, como um gato atormentando um camundongo quase morto, tentando fazê-lo correr mais uma vez.

— Da próxima vez não tente antecipar a ação da polícia — disse,

com um tom de voz duro. — Acha que deixamos você roubar aquela cópia fotostática apenas de sacanagem? Tínhamos certeza que Mendy iria vir correndo atrás de você. Entramos em contato com Starr. Dissemos a ele que não podíamos impedir o jogo no município mas poderíamos tornar as coisas bastante difíceis. No nosso território, nenhum bandido pode bater num policial, nem mesmo num mau policial, e a coisa ficar por isso mesmo. Starr nos convenceu que não tinha nada a ver com isso, que o pessoal ficara chateado com essa história e Menendez iria ser advertido. Portanto, quando Mendy pediu um bando de durões de fora da cidade para vir até aqui e lhe dar um tratamento condigno, Starr mandou-lhe três sujeitos que conhecia, num de seus carros, às suas próprias custas. Starr é comissário da Polícia em Las Vegas.

Voltei-me e olhei Ohls.

— Os coiotes lá no deserto vão ter boa comida hoje à noite. Parabéns. O trabalho da polícia é maravilhoso, exemplar, idealista, Bernie. A única coisa errada com o trabalho da polícia são os policiais nele envolvidos.

— Pior para você, herói. Quase não consegui evitar rir quando caminhava pelo pátio para levar uma surra. Fiquei até contente, garotão. Era um trabalho sujo e tinha de ser sujo mesmo. Para fazer esses personagens falarem a gente precisa dar a eles uma sensação de poder. Você não chegou a se machucar demais, mas precisávamos deixá-los que lhe dessem umas porradinhas.

— Sinto muito — disse eu. — Sinto muito que tenha de sofrer tanto por isso.

Estendeu o rosto para mim.

— Odeio jogadores. Odeio-os como odeio traficantes.

Eles dão guarida a uma doença que é tão corruptora quanto a droga. Você acha que esses palácios em Reno e em Las Vegas são apenas para uma diversão inocente? Nada disso, eles foram feitos para o homem comum, o João-ninguém com seus trocadinhos, o cara que vai lá dar uma olhada com o dinheiro do ordenado no bolso e perde o dinheiro do armazém. O jogador rico perde muito, sai de lá rindo e volta no dia seguinte. O grande negócio está nos centavos, nos quartos de dólar e meios dólares e de vez em quando um dólar ou mesmo uma nota de cinco. O dinheiro grosso jorra como a água no seu chuveiro, um jorro firme que nunca pára. Toda vez que alguém quer pegar um jogador profissional, lá estou eu. Gosto. E toda vez que um governo estadual tira dinheiro do jogo e chama esse dinheiro de imposto, esse governo está ajudando as quadrilhas em seus negócios. O barbeiro ou as manicures são descontados em dois dólares. Vai para o Sindicato, que é que realmente fica com o lucro. O pessoal quer uma força policial honesta? Pra quê? Para proteger os caras com cartões de cortesia? Temos corrida de cavalo legal no nosso estado, o ano inteiro. A operação é honesta e o estado leva a sua parte, mas para cada dólar jogado nas corridas cinquenta *cents* ficam com os *bookmakers*. São oito ou nove corridas num programa e na metade delas, nas pequenas que ninguém nota, a malandragem pode surgir quando alguém mandar. Só existe uma maneira de um jóquei ganhar uma corrida, mas existem vinte maneiras dele perder, com um cavaliço a cada estágio da pista de olheiro, e sem poder fazer coisa nenhuma a respeito se o jóquei conhece sua profissão. Isto é jogo legal, meu chapa, negócio honesto e limpo, aprovado pelo estado. Portanto está certo, correto? Pelos meus princípios, não!

Porque é jogo e gera jogadores, e quando a gente soma tudo isso, o que sobra é um tipo só de jogo — o tipo errado.

— Sente-se melhor? — perguntei-lhe pondo iodo nos meus ferimentos.

— Não passo de um tira cansado e batido pela vida. Tudo o que sinto é angústia.

Virei-me e olhei pra ele.

— Você é um tira muito bom, Bernie, mas mesmo assim está todo contaminado. Em certo sentido todos os tiras são iguais. Estão sempre culpando as coisas erradas. Se um cara perde seu cheque de ordenado numa mesa de jogo, parem com o jogo. Se se embebedar, parem com a bebida. Se matar alguém num desastre de carro, parem de fabricar carros. Se se envolve com uma garota num quarto de hotel, parem com as relações sexuais. Se cair escada abaixo, parem de construir edifícios.

— Ah, cale a boca!

— Claro, cale-me você. Não passo de um cidadão, um indivíduo. Pare com isso, Bernie. Não temos quadrilhas e sindicatos de crime e gangsters por causa de políticos corruptos e seus asseclas na Câmara e na Justiça. Crime não é uma doença, é um sintoma. Policiais são como médicos que nos dão aspirina quando temos um tumor na cabeça, só que o policial preferiria curá-lo com uma porrada. Nós somos um povo grande, duro, rico, selvagem e o crime é o preço que pagamos por isso, e crime organizado é o preço que pagamos pela organização. O crime continuará conosco por muito tempo. Crime organizado é apenas o lado sujo do brilhante dólar.

— Qual é o lado limpo?

— Nunca consegui vê-lo. Talvez Harlan Potter pudesse lhe dizer. Vamos beber alguma coisa.

— Você estava ótimo atravessando aquela porta — disse Ohls.

— Você esteve melhor ainda quando Mendy puxou a faca pra você.

— Aperta aqui — disse ele, e me estendeu a mão.

Bebemos e ele saiu pela porta dos fundos por onde entrara abrindo-a tirando a tranca — e desapareceu na noite.

Portas dos fundos costumam ser macias quando se abrem com facilidade ou velhas demais devido à madeira ressecada e neste caso costumam ranger. A gente tira os parafusos da fechadura e o resto é fácil. Ohls me mostrou uma marca na porta quando saiu para contornar a colina e chegar a seu carro estacionado na outra rua. Poderia ter aberto a porta da frente quase com a mesma facilidade, mas teria de quebrar a fechadura. Seria evidente demais.

Olhei-o subindo por entre as árvores com a luz de uma lanterna à sua frente — depois desapareceu. Fechei a porta e fiz outro drinque suave, voltei para a sala e me sentei. Olhei o relógio. Ainda era ce.do. Parecia que eu havia chegado em casa há muito tempo.

Fui até o telefone, liguei para a telefonista e dei-lhe o número de Linda Loring. O mordomo perguntou quem queria falar com ela, depois foi ver se a sra. Loring estava em casa. Estava.

— Já fiz o papel de bode, sim, senhora, mas eles pegaram o tigre com vida. Estou um pouco arranhado.

— Você precisa me contar como foi, um dia desses. — Ela parecia tão distante que era como se já estivesse em Paris.

— Poderia contar tudo com um drinque, se tiver tempo disponível.

— Hoje à noite? Ah, estou arrumando minhas coisas para me mudar. Acho que não vai ser possível.

— Sim, compreendo. Bem, achei que você gostaria de ficar sabendo. Foi gentil de sua parte ter me avisado. Não teve nada a ver com o seu pai.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Espere um minuto. — Ela afastou-se do telefone, depois voltou e parecia mais cordial. — Talvez a gente pudesse tomar um drinque juntos. Onde?

— Onde você disser. Hoje estou sem carro, mas posso pegar um táxi.

— Nada disso. Vou aí pegá-lo, mas será dentro de uma hora ou mais. Qual é mesmo o endereço daí?

Disse-lhe e ela desligou; acendi a luz da frente e lá fiquei com a porta aberta cheirando a noite. Esfriara bastante.

Voltei pra dentro e tentei ligar para Lonnie Morgan mas não consegui. Depois, apenas movido por um impulso, liguei para o Terrapin Club de Las Vegas — para Randy Starr.

Provavelmente não atenderia. Mas atendeu. Tinha uma voz calma, competente, de homem de negócios.

— Bom ouvi-lo, Marlowe. Todo amigo de Terry é amigo meu. O que é que posso fazer por você?

— Mendy está a caminho.

— A caminho pra onde?

— Pra Las Vegas, com os três brutamontes que mandou para ajudá-lo num Cadillac preto com farol de luz vermelha e sirene. Calculo que o carro seja seu.

Ele riu.

— Em Las Vegas, como disse um jornalista, usa-se Cadillacs como se usa *trailers*. O que está querendo dizer com isso?

— Mendy entrou pela minha casa adentro com um par de caras fortes. Sua idéia era me dar uma surra — para dizer o mínimo — por causa de um negócio que saiu no jornal; ele parecia achar que era culpa minha.

— E foi culpa sua?

— Não sou dono de jornais, sr. Starr.

— Não sou dono de rapazes fortes em Cadillacs, sr. Marlowe.

— É possível que eles fossem agentes da polícia.

— Como poderia dizer? Mais alguma coisa?

— Ele me bateu com uma pistola. Chutei-lhe o estômago e acertei meu joelho no nariz dele. Parece que ele não gostou. De qualquer forma, espero que chegue com vida em Las Vegas.

— Tenho certeza que sim, se ele veio pra cá. Acho melhor cortar esta nossa conversa e logo.

— Espere um pouco, Starr. Mendy não estava chateado comigo pelo que me disse — não a ponto de invadir minha casa e me dar o mesmo tratamento que deu a Big Willie Magoon. Não havia tanto

motivo pra isso. Ele havia me advertido que eu mantivesse meu nariz fora do caso Lennox. Mas investiguei, porque acabou acontecendo assim. Portanto, ele fez apenas o que acabei de dizer. Portanto, deve ter uma razão mais forte por trás.

— Compreendo — disse ele, sempre devagar, voz macia e tranqüila. — Acha que existe alguma coisa de não muito cristão a respeito da morte de Terry? Que ele não se matou, por exemplo, mas alguém fez este serviço por ele?

— Os detalhes que tenho podem nos ajudar. Ele escreveu uma confissão que era falsa. Escreveu uma carta pra mim que chegou a ser posta no correio. Um garçom ou empregado do hotel ia apanhá-la pra ele. Ele estava preso no quarto e não podia sair. Havia uma nota de dinheiro na carta e ele havia terminado de escrever a carta no momento em que alguém bateu na porta. Eu gostaria de saber quem foi essa pessoa.

— Por quê?

— Se fosse o empregado ou o garçom, Terry teria terminado a carta com uma linha a mais dizendo isso. Se fosse um policial, a carta não teria sido colocada no correio. Portanto, quem era essa pessoa — e por que escreveu Terry aquela confissão?

— Não tenho idéia, Marlowe. Nenhuma idéia mesmo.

— Desculpe incomodá-lo, sr. Starr.

— Incômodo nenhum; foi bom ouvi-lo. Perguntarei a Mendy se ele tem alguma idéia a respeito.

— Sim... se o senhor chegar a vê-lo novamente... vivo. Se não, tente saber de qualquer forma. Ou alguém mais vai tentar.



— Você? — Sua voz endureceu desta vez, mas ainda era tranqüila.

— Não, sr. Starr. Eu, não. Alguém que tem poder de tirá-lo de circulação aí de Las Vegas sem mexer um dedo. Creia-me, sr. Starr. Pode acreditar em mim. O que lhe digo é estritamente verdadeiro.

— Verei Mendy com vida, sim. Não se preocupe, Marlowe.

— Calculei que o senhor sabe muito bem das coisas, sr. Starr.

## 49

Quando o carro parou em frente de casa e a porta se abriu, saí e fiquei no alto da escada para aguardá-la. Mas o motorista escuro e de meia-idade segurava a porta para ela.

Depois subiu com ela os degraus carregando uma pequena maleta, dessas de passar a noite fora. Esperei. Ela chegou ao alto da escada e virou-se para o motorista: — O sr. Marlowe me levará para o hotel, Amos. Obrigado por tudo. Ligo para você amanhã.

— Sim, sra. Loring. Poderia fazer uma pergunta ao sr. Marlowe?

— Certamente, Amos.

Ele colocou a maleta no chão, no interior da porta, e ela passou por nós e deixou-nos.

— "Envelheci... envelheci... / Andarei com os fundilhos das calças amarrotados." O que isto significa, sr. Marlowe?

— Coisa nenhuma. Apenas soa muito bonito.

Ele sorriu.

— É da "Canção de Amor de J. Alfred Prufrock", de Eliot. Eis outro trecho: "No saguão as mulheres vêm e vão / A falar de Miguel Ângelo". Lhe sugere alguma coisa?

— Sim... me sugere que o cara não sabia muita coisa a respeito das mulheres.

— Exatamente o que eu penso, senhor. No entretanto, admiro muito T. S. Eliot.

— O senhor disse "No entretanto"?

— Ué, sim, disse, sr. Marlowe. Por que, é incorreto?

— Não, mas não diga isso na frente de um milionário. Ele pode pensar que você está querendo passar por esnobe.

Sorriu, um sorriso triste.

— Nem sonhando faria isso. O senhor sofreu um acidente?

— Não. Foi uma coisa planejada. Boa-noite, Amos.

— Boa-noite, senhor.

Desceu a escada e entrei em casa. Linda Loring estava em pé no meio da sala, olhando à sua volta.

— Amos é formado pela Universidade de Howard — disse.

— Você não vive num lugar muito seguro... para um homem de vida tão insegura, não é?

— Não existem lugares seguros.

— Coitado do seu rosto. Quem foi que lhe fez uma coisa dessas?

— Mendy Menendez.

— Que foi que você fez pra ele?

— Não muito. Dei-lhe um ou dois chutes. Caiu numa armadilha. Está agora a caminho de Nevada na companhia de três ou quatro agentes durões. Esqueça.

Ela sentou-se no sofá.

— O que gostaria de beber? — perguntei. Tirei um maço de cigarro e ofereci-lhe. Ela disse que não queria fumar. Disse que beberia qualquer coisa.

— Pensei em champanhe. Não tenho balde de gelo, mas o champanhe está gelado. Guardado há muito tempo. Duas garrafas. Cordon Rouge. Acho que é bom. Não sei julgar.

— Guardando-a para quê?

— Para você.

Sorriu, mas continuava olhando para meu rosto.

— Você está todo cortado. — Estendeu os dedos e tocou minha face levemente. — Guardando o champanhe para mim? Será? Faz apenas alguns meses que nos conhecemos.

— Então estava guardando-a até que nos conhecêssemos. Vou apanhá-lo.

Peguei sua maleta e comecei a cruzar a sala com ela.

— Onde é que você está indo com isso aí? — ela perguntou, voz firme.

— É uma maleta com coisas para passar a noite, não é?

— Ponha-a no chão e volte aqui.

Foi o que fiz. Seus olhos brilhavam, ao mesmo tempo pareciam sonolentos.

— É uma situação nova esta — disse, lentamente. — Algo realmente novo pra mim.

— Em que sentido?

— Você nunca tocou um dedo em mim. Nenhum avanço, nenhum comentário malicioso, nenhum empenho, nada de nada. Pensei que você fosse um sujeito durão, sarcástico, mau e frio.

— Acho que sou... às vezes.

— Agora estou eu aqui e calculo que, sem preâmbulo nenhum, depois de bebermos uma quantidade razoável de champanhe, você pretenda me agarrar e me jogar na cama. É isto?

— Para falar a verdade, uma idéia parecida deve ter surgido no fundo da minha cabeça.

— Fico lisonjeada, mas vamos supor que não goste que as coisas ocorram desta maneira? Gosto de você. Mas o que se segue a isto não é a idéia de que gostaria de ir para a cama com você. Será que não está queimando etapas rápido demais... só porque trouxe por acaso uma maleta com roupas para passar a noite fora?

— Pode ser que eu tenha errado. — Fui e peguei sua maleta e coloquei-a perto da porta de entrada. — Vou apanhar o champanhe.

— Minha intenção não é de ferir seus sentimentos. Talvez você queira guardar o champanhe para uma ocasião mais auspiciosa.

— São apenas duas garrafas. Uma ocasião realmente auspiciosa exigiria no mínimo uma dúzia.

— Ah, entendi — disse ela, zangada. — Eu sirvo apenas como compensação enquanto não aparece alguém mais bonita e mais atraente do que eu. MUITÍSSIMO obrigado. Agora você é que feriu meus sentimentos. Mas concluo que já é alguma coisa saber que posso me sentir segura nesta casa. Se acha que uma garrafa de champanhe vai me transformar numa conquista fácil, posso assegurar que está redondamente enganado.

— Já admiti meu erro.

— O fato de eu ter-lhe dito que ia me divorciar do meu marido e que Amos tenha me deixado aqui com uma maleta com roupas não

faz de mim uma mulher tão fácil assim. — Ela continuava zangada.

— Que se dane essa maleta de roupas! — rosnei. — Que se dane! Se você mencioná-la de novo joga-a escada abaixo. Convidei-a para tomar um drinque. Vou até a cozinha preparar o drinque. Só isso. Não tenho a mínima intenção de deixá-la embriagada. Você não quer ir pra cama comigo. Entendo perfeitamente. Não há nenhuma razão para isso. Mas mesmo assim ainda podemos beber uma taça ou duas de champanhe, não é? Que isto não vire uma briga entre quem está a fim de seduzir quem, e quando e onde e qual a quantidade de champanhe necessária.

— Não precisa se irritar — disse ela, enrubescendo.

— Este é um outro lance. Jogo xadrez e conheço cerca de cinqüenta lances diferentes e odeio todos eles. São todos falsos e todos parecem ter uma certa malícia no fundo.

Ela levantou-se e aproximou-se de mim; passou a ponta do dedo delicadamente em cima do corte e lugares machucados do meu rosto.

— Desculpe. Sou uma mulher cansada e frustrada. Por favor, seja gentil comigo. Não gosto de ser menosprezada por ninguém.

— Você não é cansada nem está mais frustrada do que a maioria das pessoas. De acordo com as regras deveria ser a mesma garota mimada, estragada e promíscua que sua irmã foi. Por algum milagre, não é. Ficou com a honestidade e grande parte da força da sua família. Não precisa que ninguém seja gentil com você.

Virei as costas, saí da sala em direção à cozinha, tirei uma das garrafas de champanhe da geladeira, tirei a rolha e enchi duas taças rapidamente — bebi uma até o fim. Enchi de novo. Depois coloquei tudo em cima de uma bandeja e levei até a sala.

Ela não estava lá. A maleta também não. Coloquei a bandeja em cima da mesinha e abri a porta da casa. Não escutei nenhum som da porta ter sido aberta e ela estava sem carro. Não escutei nenhum som.

Mas ouvi sua voz vindo de trás de mim: — Seu bobo; achou que eu tinha fugido?

Fechei a porta e me virei. Ela havia soltado os cabelos, tinha chinelos nos pés e um robe de seda da cor da aurora numa gravura japonesa. Veio lentamente na minha direção com um sorriso inesperadamente tímido. Estendi-lhe uma taça. Ela pegou-a, tomou uns dois goles de champanhe e colocou-a na bandeja de novo.

— Muito bom. — Depois, com muita tranqüilidade e sem um traço de interpretação ou afetação, aconchegou-se em meus braços e apertou sua boca contra a minha, abriu os lábios e os dentes. A ponta de sua língua tocou a minha. Depois de muito tempo jogou a cabeça pra trás mantendo ainda os braços em volta do meu pescoço. Olhos nos olhos.

— Era o que eu queria desde o início — disse. — Mas precisava ser mais difícil. Não sei por quê. Talvez seja um pouco nervosa. Não sou na verdade uma mulher fácil. É pena que não seja?

— Se achasse que você fosse teria tentado alguma coisa na primeira vez que a gente se encontrou no bar do Victor's.

Balançou a cabeça lentamente e sorriu.

— Não acredito. Por isso é que estou aqui.

— Talvez não aquela noite. Aquele noite pertencia a alguém mais.

— Talvez você não seja do tipo de ficar dando cantadas em

mulheres nos bares.

— Nem sempre. A luz é pouca.

— Mas muitas mulheres vão para os bares apenas para receberem uma cantada.

— Muitas mulheres se levantam de manhã com a mesma idéia.

— Bebida é um afrodisíaco... até certo ponto.

— Os médicos recomendam.

— Quem é que falou em médico? Quero meu champanhe.

Beijei-a mais uma vez. Era um trabalho leve, agradável.

— Quero beijar sua pobre bochecha — ela disse e o fez.

— Tá quente que tá fervendo.

— O resto de mim está gelado.

— Não é verdade. Quero mais champanhe.

— Por quê?

— Ficaria mais contente se você não bebesse... Além disso gosto do seu rosto assim mesmo.

— Está bem.

— Você me ama muito? Ou irá me amar se eu for pra cama contigo?

— É possível.

— Você não é obrigado a ir pra cama comigo, sabe? Não insisto nisso, absolutamente.

— Obrigado.



- Quero mais champanhe.
- Quanto dinheiro você ainda tem?
- Ao todo? Como vou saber? Cerca de oito milhões de dólares.
- Pois então estou decidido a ir pra cama com você.
- Mercenário — ela disse.
- Paguei pelo champanhe.
- O champanhe que se dane — disse ela.

## 50

Uma hora mais tarde ela estendeu o braço nu, puxou minha orelha e disse: — Você consideraria a idéia de se casar comigo?

— Não iria durar seis meses...

— Bem, meu Deus... e supondo que não chegasse a tanto. Não valeria a pena? O que é que você espera da vida — cobertura total contra todos os riscos possíveis?

— Tenho quarenta e dois anos. A independência me estragou. Você foi um pouco estragada — não muito — pelo dinheiro.

— Tenho trinta e seis. Ter dinheiro não chega a ser uma desgraça, tampouco é uma desgraça casar-se com quem o tem. A maioria dos que agiram desta forma não mereciam o dinheiro nem sabem como se comportar com ele. Mas não irá durar muito. Teremos uma outra guerra e no fim dela ninguém mais terá dinheiro, a não ser os safados e os trapaceiros. Seremos todos sujeitos a impostos, até ficarmos sem nada.

Peguei seu cabelo e enrolei um pedaço dele no dedo.

— Pode ser que você tenha razão.

— Poderemos voar para Paris e viver uma temporada maravilhosa. — Ergueu-se, apoiada no cotovelo, e me olhou de cima. Podia ver o brilho em seus olhos, mas não conseguia ler sua expressão. — Tem alguma coisa contra casamento?

— Para duas pessoas em cada cem é uma coisa maravilhosa. O

resto apenas vai tocando. Depois de vinte anos tudo o que resta de um cara é uma bancada de carpinteiro guardada na garagem. As garotas americanas são incríveis. As esposas americanas tomam espaço demais. Além disso...

— Quero mais champanhe.

— Além disso, para você não passaria de um incidente. O primeiro divórcio é o mais duro de todos. Depois disso, tudo não passa de um problema de finanças. Nenhum problema em relação a você. Daqui a dez anos é possível que você passe por mim na rua e fique cismando onde com os diabos me viu antes. Se é que chegará a prestar atenção em mim.

— Seu filho da mãe autosuficiente, autocomplacente, autoconfiante, intocável. Quero mais champanhe.

— Desse jeito vai se lembrar de mim.

— Convencido, também. Uma montanha de convencimento. Levemente tocado neste momento. Acha que eu vou me lembrar de você? Não importa com quantos homens irei me casar ou dormir, acha que vou me lembrar de você? Por que deveria me lembrar?

— Desculpe. Dei importância demais ao meu caso. Vou pegar um pouco de champanhe pra você.

— Que pessoa mais doce e razoável — disse ela, gozando.

— Sou uma mulher rica, querido, e deverei ser infinitamente mais rica. Poderia comprar o mundo para você, se o mundo valesse a pena. O que é que você tem? Uma casa vazia para voltar, sem nem mesmo um cão ou um gato, um pequeno e entulhado escritório para ficar sentado, esperando. Mesmo que me divorciasse de você, não

deixaria que voltasse pra essa vida.

— Como conseguiria me impedir? Não sou Terry Lennox.

— Por favor. Não vamos falar nisso. Nem sobre aquele doce-de-coco dourado, a mulher de Wade. Nem sobre seu pobre bêbado e fracassado marido. Você quer ser o único homem a virar a minha cabeça? Que tipo de orgulho é esse? Fiz-lhe a maior das reverências que conheço para retribuir-lhe alguma coisa. Pedi que se casasse comigo.

Começou a chorar.

— Seu idiota, seu grande idiota! — As faces ficaram molhadas. Podia sentir as lágrimas descendo. — Suponhamos que durasse seis meses, ou um ano ou dois. O que haveria de ter perdido a não ser a poeira do seu escritório e a sujeira nas suas venezianas e a solidão de um tipo de vida bastante vazio?

— Ainda quer champanhe?

— Quero.

Puxei-a para perto e ela chorou no meu ombro. Não estava apaixonada por mim e ambos sabíamos disso. Não estava chorando por mim. Era apenas a hora certa para ela verter algumas lágrimas.

Depois ela sentou-se e levantou-se da cama; foi até o banheiro para dar um jeito no rosto. Trouxe o champanhe.

Quando ela voltou, estava sorrindo.

— Desculpe pelo choro. Daqui a seis meses não irei sequer me lembrar do seu nome. Traga o champanhe para a sala. Quero ver luzes.

Fiz o que ela disse. Sentou-se no sofá como antes.

Coloquei o champanhe na sua frente. Ela olhou para a taça mas não tocou nela.

— Terei de me apresentar? — disse eu. — Tomaremos um drinque juntos.

— Como hoje?

— Nunca mais será como foi hoje.

Levantou a taça de champanhe, bebeu um pouco, lentamente, virou o corpo no sofá e jogou o resto na minha cara. E começou a chorar de novo. Tirei o lenço, enxuguei meu rosto e enxuguei o dela também.

— Não sei por que fiz isto. Mas pelo amor de Deus não diga que sou uma mulher e que uma mulher nunca sabe por que faz ou deixa de fazer qualquer coisa.

Servi um pouco mais de champanhe na sua taça e ri. Bebeu-a lentamente, depois virou-se para o outro lado e aninhou-se nos meus joelhos.

— Estou exausta. Você vai ter de me carregar.

Passado um tempo, caiu no sono.

De manhã ainda dormia quando me levantei e fiz café. Tomei um chuveiro, fiz a barba e me vesti. Foi então que ela acordou. Tomamos café da manhã juntos. Chamei um táxi e carreguei sua maleta escada abaixo. Dissemos adeus um ao outro. Vi o táxi desaparecer. Voltei a subir os degraus e fui até o quarto; arrumei a cama. Havia um fio de cabelo comprido e preto no travesseiro. Havia uma massa informe na boca do meu estômago. Os franceses têm uma expressão para isso. Os desgraçados dos franceses têm uma frase para tudo e estão

sempre com a razão.

Dizer adeus é morrer um pouco.

Sewell Endicott disse que estava trabalhando até tarde e que eu podia passar por volta das sete e meia da noite.

Seu escritório ficava numa quina do prédio e tinha tapetes azuis, uma mesa de mogno vermelha com as pontas trabalhadas, muito antiga e evidentemente muito valiosa, a estante de sempre com vidro na frente, livros amarelo-mostarda de Direito, as habituais caricaturas de Spy de famosos juizes ingleses e um grande retrato do jurista Oliver Wendell Holmes na parede ao sul, solitário. A cadeira de Endicott era estofada de couro preto. Perto dele, um arquivo aberto transbordava de papéis. Era um escritório no qual nenhum decorador havia tido a oportunidade de delirar.

De mangas de camisa, parecia cansado, mas o rosto era o de sempre. Fumava um desses cigarros sem gosto nenhum. Cinzas caíam na sua gravata amassada. Seus cabelos negros lisos pareciam estar por toda parte.

Olhou-me silenciosamente depois que me sentei. Disse: — Você é um filho da puta muito do teimoso, se é que já encontrei um assim. Não venha me dizer que você continua cavoucando naquela bagunça.

— Tem uma coisa que ainda me preocupa. Tudo bem a esta altura se eu concluir que você estava representando Harlan Potter quando veio me ver na gaiola da prisão?

Concordou. Toquei o lado do meu rosto com os dedos, de leve. Estava bem melhor agora e as marcas desapareciam, mas um dos

ferimentos deveria ter atingido um nervo. Parte do meu queixo continuava entorpecido. Que ficasse assim mesmo. Com o tempo, sarava.

— E que, quando você foi a Otatoclan, você estava temporariamente como representante da equipe do procurador-geral?

— Sim, mas não me venha com complicações em relação a isso, Marlowe. Foi um envolvimento normal. Talvez eu tenha dado a essa função um peso excessivo.

— O envolvimento continua, espero.

Balançou a cabeça.

— Não. Terminou. O sr. Potter tem sua assessoria legal agora através de firmas de São Francisco, Nova Iorque e Washington.

— Desconfio que ele me odeia, se é que chega a pensar sobre mim.

Endicott sorriu.

— Curiosamente, ele põe toda a culpa no seu genro, o dr. Loring. Um homem como Harlan Potter precisa culpar alguém. Ele próprio jamais poderia estar errado. Acha que se Loring não tivesse alimentado aquela mulher com drogas perigosas, nada daquilo teria acontecido.

— Erro dele. Você viu o corpo de Terry Lennox em Otatoclan, não viu?

— Sim, com certeza. Nos fundos de uma loja qualquer. Eles não tinham nenhum necrotério apropriado. Um sujeito fazia o caixão ao mesmo tempo. O corpo estava frio como gelo. Vi o ferimento na



têmpora. Não havia dúvidas quanto à identidade, se é por aí que você me vem com algumas idéias.

— Não, sr. Endicott. No caso, não seria por aí. Ele estava meio disfarçado, não é?

— Rosto e mãos escurecidos, o cabelo pintado de preto. Mas as cicatrizes continuavam evidentes. E as impressões digitais, claro, foram facilmente checadas com coisas que ele havia tocado na sua casa.

— Que tipo de força policial havia por lá?

— Primitiva. O *jefe* mal sabia ler e escrever. Mas conhecia impressões digitais. A temperatura, muito quente, como você sabe. Quente demais. — Franziu as sobrancelhas e tirou o cigarro da boca; jogou-o com negligência numa enorme espécie de receptáculo de basalto preto. — Precisaram buscar gelo no hotel. Muito gelo. — Olhou-me novamente. — Lá não existe embalsamador. As coisas precisavam andar rápido.

— O sr. fala espanhol, sr. Endicott?

— Só algumas palavras. O gerente do hotel serviu de intérprete. — Sorriu. — Um sujeito bem vestido, elegante.

Parecia durão, mas era bastante polido e prestativo. Era prestativo a qualquer hora.

— Recebi uma carta de Terry. Creio que o sr. Potter sabe. Disse pra filha dele, sra. Loring. Mostrei a carta a ela.

Havia um retrato de Madison dentro da carta.

— Um quê?

— Uma nota de cinco mil dólares.

Levantou as sobrancelhas.

— Realmente. Bem, com toda certeza ele podia dispor de um dinheiro desse. Sua esposa havia lhe dado a quarta parte de um milhão na segunda vez que se casaram. Acho que ele foi para o México viver uma outra vida, bem distante do que havia acontecido aqui. Não sei o que aconteceu com o dinheiro. Não cheguei a entrar nesse assunto.

— Eis a carta, sr. Endicott, se o senhor não se importar de lê-la.

Tirei-a do bolso e entreguei-lhe a carta. Leu-a com cuidado, da maneira que os advogados lêem qualquer coisa. Colocou-a na mesa e inclinou-se pra trás, olhando para lugar nenhum.

— Um pouco literária, não é? Fico pensando por que ele fez isso.

— Isso o quê? Se matou, confessou ou escreveu a carta?

— Confessou e se matou, com certeza. A carta, é compreensível. Pelo menos você recebeu uma recompensa razoável pelo que fez por ele.

— A caixa de correio é que me incomoda — eu disse. — Onde ele diz que havia uma caixa de correio na rua perto da janela e o empregado do hotel ia pegar a carta antes dela ser enviada, de modo que Lennox pudesse ver a carta entrando na caixa.

Alguma coisa nos olhos de Endicott parecia ter adormecido.

— Por quê? — perguntou, com indiferença. Pegou outro cigarro com filtro. Levei meu isqueiro por cima da mesa até ele.

— Não haveria uma caixa de correio num local como Otatoclan — falei.

— Prossiga.

— Só percebi isso mais tarde. Aí fui conferir. Não passa de uma vila. População, vamos dizer, de dez ou doze mil.

Uma rua parcialmente pavimentada. O *jefe* tem um Ford Modelo A como carro oficial. O correio fica na esquina de um estabelecimento comercial, a *chanceria*, uma espécie de açougue. Um hotel, alguns botequins, nenhuma estrada boa, um pequeno campo de aterrissagem. Existe caça nas montanhas — muita caça. Daí o campo de aterrissagem. Única maneira decente de se chegar até lá.

— Prossiga. Sei a respeito da caça.

— Mas, segundo a carta, existe uma caixa de correio na rua. Como tem corrida de cavalos e de cachorros, campos de golfe, um parque com uma fonte colorida e um coreto.

— Portanto, ele cometeu um erro — disse Endicott friamente. — Talvez fosse alguma coisa que pareceu a ele ser uma caixa de correio, vamos dizer, um receptáculo de lixo.

Levantei-me. Peguei a carta e dobrei-a de novo; coloquei-a no bolso.

— Um receptáculo de lixo. Com toda a certeza, era isso.

Pintado com as cores mexicanas, verde, branca, vermelha e escrito com letras grandes: MANTENHA SUA CIDADE LIMPA. Em espanhol, claro. E, em volta dela, sete cachorros famintos.

— Não banque o engraçadinho, Marlowe.

— Desculpe se me expressei desta maneira. Há um outro ponto que já comentei com Randy Starr. Como é que a carta foi colocada no correio, da forma que foi? De acordo com a carta, foi tudo pré-

arranjado. Portanto alguém falou com ele sobre a caixa de correio. Alguém mentiu. No entanto alguém mesmo assim enviou a carta com a nota de cinco mil. Intrigante, não concorda comigo?

Soltou a fumaça e ficou olhando-a flutuar e desaparecer.

— Qual é sua conclusão? E por que envolver Starr?

— Starr e um pau-mandado chamado Menendez, atualmente removido do nosso meio, eram amigos de Terry no Exército inglês. Não eram pessoas certas em determinado sentido — melhor dizer: em quase todos os sentidos —, mas mesmo assim tinham lugar dentro deles para orgulho pessoal e assim por diante. Houve uma cobertura aqui, engendrada por razões óbvias. Houve outro tipo de arrumação em Otatoclan, por razões inteiramente diversas.

— Qual é sua conclusão? — perguntou-me novamente, e com mais ênfase.

— Qual é a sua?

Não me respondeu. Agradei-lhe pelo tempo concedido e saí.

Tinha o ar preocupado quando abri a porta, mas pensei que fosse uma honesta preocupação, fruto de confusão. Ou talvez estivesse tentando lembrar como era mesmo o lado de fora do hotel e se havia ou não uma caixa de correio por lá. Era mais um lance a começar — apenas. Levou todo um mês antes de acontecer qualquer coisa.

Daí, numa certa quinta-feira de manhã encontrei um estranho esperando por mim no escritório. Era um mexicano — ou sul-americano — muito bem vestido. Sentou-se perto da janela aberta e fumava um cigarro marrom com um cheiro forte. Alto, magro e muito elegante, bigode bem preto e cabelos também pretos, mais

longos do que costumamos usar — e vestia um terno marrom-claro de um material macio. Usava óculos escuros verdes. Levantou-se polidamente.

— *Señor* Marlowe?

— O que posso fazer pelo senhor?

Ele me entregou um papel dobrado.

— Un aviso de parte del *señor* Starr en Las Vegas, *señor*. Habla Usted español?

— Sim, mas devagar. Preferiria inglês.

— Inglês, então. Tanto faz pra mim.

Peguei o papel e li. "O objetivo desta é apresentar Cisco Maioranos, amigo meu. Creio que ele pode lhe esclarecer certas coisas. S."

— Vamos entrar, *señor* Maioranos.

Segurei a porta para ele. Cheirava a perfume, ao entrar. Os olhos eram terrivelmente afetados. Mas era provável que ele não fosse tão afetado quanto aparentava pois havia cicatrizes de facas nos dois lados do seu rosto.

Sentou-se na cadeira de cliente e cruzou as pernas.

— O senhor deseja certa informação a respeito do *señor* Lennox, segundo estou informado.

— Apenas sobre seus últimos momentos.

— Eu estava lá na época, *señor*. Ocupava um cargo no hotel. Sem importância e, claro, temporário. Era o porteiro do dia. — Falava um inglês perfeito mas com um ritmo espanhol. O espanhol — isto é, o espanhol-americano — tem uma subida acentuada e uma queda que para os ouvidos norte-americanos parecem nada ter a ver com o que estão dizendo. É como o barulho do mar.

— Não parece muito o tipo...

— Azares da vida.

— Quem colocou a carta pra mim no correio?

Segurou um maço de cigarros.

— Experimente um desses.

Balancei a cabeça.

— Forte demais. Gosto de cigarros colombianos. Os cubanos são morte certa.

Sorriu de leve, acendeu mais um cigarro, soprou a fumaça. O sujeito era tão elegante que começava a me chatear.

— Estou sabendo da carta, *señor*. O *mozo* tinha medo de subir ao

quarto deste *señor* Lennox depois que a guarda estava de olho. Os tiros ou polícias, como vocês dizem. Daí, eu mesmo levei a carta ao correio. Depois do tiroteio, o senhor entende.

— Era de se esperar que você desse uma espiadinha dentro do envelope. Lá dentro tinha uma nota alta.

— A carta estava colada — disse friamente. — *El honor no se mueve de lado como los cangrejos*. Significa: a honra não anda de lado como os caranguejos, *señor*.

— Minhas desculpas. Por favor, continue.

— O *señor* Lennox tinha uma nota de cem pesos na mão esquerda quando entrei no quarto e fechei a porta na cara do *guarda*. Na mão direita, uma pistola. Na mesa atrás dele estava a carta. Também outro papel que não li. Recusei o dinheiro.

— Era muito dinheiro — eu disse, mas ele não reagiu ao meu comentário sarcástico.

— Ele insistiu. Peguei então a nota e dei ao *mozo* mais tarde. Levei a carta para fora debaixo do guardanapo em cima da bandeja do café da manhã. O tira me olhou feio.

Mas não disse nada. Estava a meio caminho da portaria quando ouvi os tiros. Rapidamente escondi a carta e subi as escadas de volta. O tira estava tentando arrombar a porta com o pé. Usei minha chave. O *señor* Lennox estava morto.

Moveu suavemente as pontas dos dedos na quina da escrivaninha e me olhou.

— O resto o senhor já sabe.

— O hotel estava cheio?

— Cheio, não. Havia meia dúzia de hóspedes.

— Americanos?

— Dois *americanos del Norte*. Caçadores.

— Gringos de verdade ou mexicanos transplantados pra lá?

Ele moveu o dedo lentamente em cima do tecido colorido do joelho.

— Acho que um deles podia ser de origem espanhola.

Falava um espanhol da fronteira. Bastante deselegante.

— Algum deles chegou a se aproximar do quarto de Lennox?

Levantou o rosto num gesto rápido, mas não consegui ler nada em seus olhos.

— Por que fariam uma coisa dessas, *señor*?

Concordei.

— Bem, foi muito gentil da sua parte vir até aqui me contar tudo isso, *señor* Maioranos. Diga a Randy que lhe fico bastante grato, sim?

— *No hay de que, señor*. De nada.

— E mais tarde, se ele tiver tempo, diga que me mande alguém que saiba do que está falando.

— *Señor!* — A voz era suave porém gelada. — Duvida da minha palavra?

— As pessoas estão sempre falando sobre honra. Honra é a máscara dos ladrões — às vezes. Não fique zangado.

Continue sentado e permita-me dizer a mesma coisa de uma



outra maneira.

Encostou-se levantando o supercílio.

— Estou apenas tentando adivinhar, entenda. Posso estar errado. Mas também posso estar certo. Esses dois americanos estavam lá por alguma razão. Chegaram de avião. Fingiam ser caçadores. Um deles se chamava Menendez, um jogador. Registrou-se no hotel com um outro nome, ou não. Não poderia saber. Lennox sabia que eles estavam lá. Sabia por quê. Escreveu-me aquela carta porque tinha consciência culpada. Havia me feito de bobo mas era um cara legal demais para ficar se remoendo. Colocou a nota — era uma nota de cinco mil dólares — dentro da carta porque tinha um monte de dinheiro e sabia que eu não. Deixou também umas pistas que podiam ou não ser percebidas. Ele era o tipo da pessoa que sempre quer fazer as coisas certas mas de algum modo acaba fazendo uma outra coisa. Você diz que levou a carta até o *correo*. Por que não a colocou na caixa em frente do hotel?

— Caixa, *señor*?

— Caixa de correio. O *cajón cartero*, como vocês chamam, se não me engano.

Sorriu.

— Otatoclan não é a Cidade do México, *señor*. É um lugar muito primitivo. Uma caixa de correio em Otatoclan? Ninguém lá iria entender pra que ela serviria. Ninguém pegaria as cartas de uma caixa dessas.

— Ah. Muito bem, esqueça. Nunca retirou nenhuma bandeja de café do quarto do *señor* Lennox, *señor* Maioranos. O senhor não entrou no quarto dele passando pelo policial. Mas os dois americanos

sim, entraram. O policial era carta marcada, claro. Como muitas outras pessoas. Um dos americanos imobilizou Lennox por trás. Depois tirou a Mauser da mão dele, abriu o tambor, retirou as balas, deixou só uma e colocou o tambor da pistola de volta no seu lugar.

Depois colocou essa arma na testa de Lennox e puxou o gatilho. O ferimento foi feio, mas não chegou a matá-lo.

Depois ele foi carregado numa maca coberta e muito bem escondido. Foi quando chegou um advogado americano.

Lennox estava dopado e congelado e mantido num canto escuro de uma carpintaria onde um homem fazia o caixão. O advogado americano viu Lennox lá, ele era puro gelo, num estupor profundo, e havia um ferimento com sangue preto na testa dele. Parecia bem morto. No dia seguinte o caixão foi enterrado cheio de pedras dentro. O advogado americano voltou pra casa com as impressões digitais e determinado documento que era perfeito. O que é que o senhor acha desta história, *señor* Maioranos?

Ele encolheu os ombros.

— Teria sido possível, *señor*. Seria necessário dinheiro e influência. Seria possível, talvez, se este *señor* Menendez tivesse um relacionamento estreito com pessoas importantes em Otatoclan, o alcaide, o dono do hotel e assim por diante.

— Isso também é possível. Uma boa idéia. Explicaria por que escolheram um local pequeno e remoto como Otatoclan.

Ele sorriu, um sorriso rápido.

— Portanto o *señor* Lennox pode ainda estar vivo, não?

— Claro. O suicídio precisava ser uma espécie de encenação para

fortalecer a confissão. Precisava ser muito bem feito a ponto de enganar um advogado que já havia sido procurador-geral, mas poderia terminar com a carreira do atual procurador-geral se tudo falhasse. Este Menendez não é tão forte quanto pensa que é, mas foi suficientemente forte para me agredir com a pistola por eu não tirar meu nariz desta embrulhada. Ele precisava portanto ter suas razões para me agredir. Se a farsa fosse revelada, Menendez entraria numa fria internacional. Os mexicanos não gostam de trabalho policial corrupto, tanto quanto nós.

— Tudo isso é possível, *señor*, como sei muito bem. Mas o senhor me acusou de mentir. O senhor disse que eu não entrei no quarto onde o *señor* Lennox estava e peguei a carta.

— Você já estava lá dentro, meu chapa... escrevendo a carta.

Ele se levantou e tirou os óculos escuros. Ninguém consegue mudar a cor dos olhos de um homem.

— Acho que é um pouco cedo para um *gimlet* — ele disse.

Foi excelente o trabalho que fizeram em seu rosto, na Cidade do México — e por que não seria? Lá, os médicos, técnicos, hospitais, pintores, arquitetos são tão bons quanto os nossos. As vezes um pouco melhores. Um policial mexicano inventou o teste de parafina para descobrir nitratos de pólvora. Eles não poderiam fazer um rosto perfeito para Terry, mas fizeram um excelente trabalho. Chegaram mesmo a mudar seu nariz, tirando algum osso, deixando-o mais plano, menos nórdico. Não poderiam ter eliminado cada traço das cicatrizes, daí colocaram uma outra também no outro lado do rosto. Cicatrizes de faca não são pouco comuns nos países latinos.

— Chegaram a ponto de enxertar um nervo aqui — disse, tocando o que havia sido a parte feia do seu rosto.

— Cheguei muito perto da verdade?

— Bastante. Errou em alguns detalhes, mas sem importância. Foi um lance que teve de ser preparado rápido, portanto teve algumas improvisações e nem eu mesmo sabia o que iria acontecer. Fui orientado para fazer certas coisas e não deixar pista nenhuma. Mendy não gostou da idéia de eu escrever pra você, mas quanto a isto fiz pé firme. Ele o subestimava um pouco. Nunca chegou a perceber o detalhe sobre a caixa de correio.

— Ele sabia quem havia matado Sílvia?

Não me respondeu diretamente.

— É muito duro ter de entregar uma mulher por assassinato,

mesmo que esta mulher não signifique muita coisa pra gente.

— O mundo é que é duro. Harlan Potter estava sabendo de todos os lances?

Sorriu de novo.

— E ele é do tipo que deixe alguém perceber alguma coisa? Meu palpite é que não. Meu palpite é que ele acha que eu morri. Quem lhe contaria a verdade — a não ser você?

— Sobre o que eu disser a ele você pode ficar tranqüilo. Como vai Mendy ou onde está Mendy ultimamente?

— Está indo bem. Em Acapulco. Fugiu pra lá por causa de Randy. Mas os rapazes não são a favor de dar duro em relação a policiais. Mendy não é tão ruim quanto você pensa. Tem coração.

— Cobra também tem.

— Bem, e o nosso *gimlet*?

Levantei-me sem responder e fui até o arquivo. Abri um compartimento, tirei de lá o envelope com o retrato de Madison e as cinco notas que ainda cheiravam a café. Joguei-as todas em cima da mesa, depois peguei as cinco notas.

— Estas ficam comigo. Gastei mais do que isto em despesas e investigações. Gostei muito de brincar com o retrato de Madison. Agora é todo seu.

Fiquei em pé ao lado da mesa, frente a ele. Lennox olhou para o dinheiro mas não tocou nele.

— É pra você — disse. — Tenho o suficiente. Você poderia ter deixado a coisa por isso mesmo.

— Sei disso. Depois que ela matou o marido e ficou impune, poderia ter partido pra outra — melhor. Ele na verdade não tinha muita importância. Era apenas um ser humano com sangue, cabeça e emoções. Ele também sabia o que tinha acontecido e tentou bravamente conviver com aquilo tudo. Costumava escrever livros. Talvez você já tenha ouvido falar nele.

— Olha, realmente não poderia ter impedido que essas coisas acontecessem — falou, lentamente. — Não queria que ninguém se machucasse. Mas não fosse fazer o que fiz não teria a mínima chance de sobreviver. Estava apavorado e fugi. O que é que deveria ter feito?

— Não sei.

— Ela tinha uma aura de louca. Poderia tê-lo matado de qualquer maneira.

— Sim, poderia.

— Bem, amoleça um pouco. Vamos tomar um drinque num lugar fresco e tranqüilo.

— Não tenho tempo agora, *señor* Maioranos.

— Nós éramos bons amigos — disse ele, com uma voz infeliz.

— Éramos? Esqueci. A impressão que eu tenho é que se tratava de dois outros sujeitos. Você está no México pra sempre?

— Ah, sim. Mesmo agora não estou aqui legalmente. Nunca estive. Disse-lhe que nasci em Salt Lake City. Nasci em Montreal. Logo serei um mexicano naturalizado. Basta ter um bom advogado. Sempre gostei do México. Não seria um risco muito grande irmos até o Victor's para tomar aquele gimlet.

— Pegue seu dinheiro, *señor* Maioranos. Tem sangue demais

nele.

— Você é um homem pobre.

— Quem foi que disse?

Pegou a nota, rodou-a por entre seus dedos finos e colocou-a no bolso interno. Mordeu o lábio com os dentes branquíssimos que se tem quando a pele é morena.

— Naquela manhã que me levou até Tijuana eu não podia ter-lhe dito mais do que disse. Cheguei a lhe dar uma oportunidade de chamar a polícia e me entregar.

— Não estou chateado com você. Você é o tipo de sujeito que é. Por muito tempo não consegui imaginar. Tinha boas maneiras e boas qualidades, mas havia alguma coisa de errado. Você tinha padrão de vida e vivia segundo esses padrões, mas eram padrões pessoais. Não tinham relação nenhuma com ética ou escrúpulos. Era um cara bom porque tinha uma boa índole. Mas se sentia tão feliz entre rufiões ou gangsters como entre homens honestos. Uma vez que os gangsters falassem um inglês razoável e tivessem boas maneiras à mesa. Você é um traidor moral. Acho que isto talvez seja consequência da guerra ou então simplesmente nasceu dessa maneira.

— Não entendi. De verdade. Estou tentando pagá-lo e você não me deixa. Não poderia ter-lhe dito mais do que lhe disse. Não que você me solicitasse mais informação...

— É uma das melhores coisas que já disseram sobre mim.

— Fico contente pelo fato de você gostar de alguma coisa em relação a mim. Me envolvi numa enrascada infernal. Por coincidência conhecia o tipo de gente que sabe como lidar com

enrascadas infernais. Eles me deviam alguma coisa por conta de um incidente ocorrido há muito tempo durante a guerra. Provavelmente a única época na minha vida em que fiz o que deveria ser feito — certo e rápido. E quando precisei deles, eles funcionaram. E de graça. Você não é o único cara no mundo que não tem uma etiqueta de preço pendurada no pescoço, Marlowe.

Inclinou-se por sobre a mesa e pegou um dos meus cigarros. Havia um rubor mal espalhado no seu rosto, sob o bronzeado. As cicatrizes se revelaram contra o vermelho da face. Vi-o pegar um sofisticado isqueiro do bolso e acender o cigarro. Recebi uma lufada de perfume vinda dele.

— Você comprou muita coisa de mim, Terry. Por um sorriso, um gesto, um aceno de mão e alguns drinques tranqüilos num bar tranqüilo, aqui e ali. Foi bom enquanto durou. Até mais, amigo. Não vou dizer adeus. Disse-lhe adeus uma vez quando isso significava alguma coisa. Disse adeus quando isso era triste, solitário e definitivo.

— Demorei muito a aparecer — falou. — Este trabalho de cirurgia plástica levou muito tempo.

— Você não teria voltado se eu não tivesse jogado uma isca.

Inesperadamente, indícios de lágrimas nos seus olhos. Colocou os óculos escuros de novo, rapidamente.

— Não tinha certeza. Não havia me decidido. Eles não queriam que eu lhe contasse nada. Simplesmente não havia me decidido.

— Não se preocupe, Terry. Tem sempre alguém à sua volta que pode decidir por você.



— Eu fui dos Comandos, amigo. Eles não aceitam ninguém que seja frouxo. Fui muito ferido e a experiência com os médicos nazistas não foi brincadeira. Me marcou, de algum modo.

— Sei de tudo isso, Terry. Você é um sujeito doce em muitas coisas. Não estou julgando você. Nunca o julguei. Trata-se apenas do fato de que você não está mais aqui. Já partiu há muito tempo. Ganhou boas roupas, perfumes e é tão elegante quanto uma prostituta de cinquenta dólares.

— É apenas uma fraude — disse quase desesperado.

— Mas uma fraude que você adora, não é mesmo?

Sua boca abriu-se num sorriso triste. Contraíu os ombros num expressivo tique latino.

— Claro. Apenas uma fraude, não mais do que isso. Aqui — ele tocou o peito com o isqueiro — não existe mais nada. Tive minha cota, Marlowe. Tive minha cota há muito tempo. Bem... acho que isto acerta as coisas todas.

Levantou-se. Levantei-me. Ele estendeu a mão magra. Apertei-a.

— Até mais, *señor* Maioranos. Foi bom tê-lo conhecido... embora por tão pouco tempo.

— Adeus.

Virou-se, atravessou o escritório e saiu. Vi a porta se fechando. Escutei os passos se afastando na imitação de mármore do corredor. Após algum tempo, os passos ficaram fracos, depois silenciaram. Mesmo assim continuei escutando. Para quê? Será que eu queria que ele parasse de repente, virasse as costas, voltasse e conversasse comigo me tirando da sensação com que eu ficara? Bem, isso não

aconteceu. Foi a última vez que o vi.

Nunca mais vi nenhum deles — a não ser os tiras. Ainda não inventaram uma maneira de dizer adeus para os tiras.

## Sobre o Autor



Raymond Chandler

(1888-1959)

Raymond Chandler foi uma das grandes personalidades da literatura americana do século XX. Pontificou no gênero policial *noir* uma vertente, digamos assim, mais intimista e realista do que aquele tipo de literatura de crime e mistério que surgiu com Poe, Conan Doyle e Chesterton e que teve seguidores célebres como Agatha Christie, Ruth Rendell, Rex Stout e, de certa forma, Georges Simenon. Chandler e seu mestre, Dashiell Hammett, desprezavam essa comparação. Seus romances não tinham como elemento-chave o investigador superarguto e suas deduções geniais. Em vez de um elegante Hercule Poirot, de um curioso Padre Brown, de um impressionante Sherlock ou de seu pai literário, o inspetor Dupin, de

Poe, encontramos homens comuns (ou quase) tentando ganhar a vida trabalhando por “25 dólares por dia mais despesas”. Philip Marlowe, o fascinante detetive e principal personagem de Chandler, figurou em oito romances ambientados nos Estados Unidos em plena pós-recessão, um país cheio de incertezas com uma legião de desempregados andando pelas ruas em busca de um meio para sobreviver.

Raymond Chandler nasceu em Illinois, em 1888. Depois do divórcio dos pais, em 1896, foi morar com a mãe em Londres. Jamais voltou a ver o pai. Criado na Inglaterra, seguiu sendo cidadão americano, embora sua mãe tivesse se naturalizado inglesa. Retornou para os Estados Unidos em 1912 e, na Primeira Guerra Mundial, serviu nas forças canadenses e na britânica Royal Air Force. Tentou ser jornalista, empresário, detetive e até executivo de uma companhia de petróleo. Desenvolveu o gosto pela literatura e devorou livros durante a vida inteira. Em 1933, com 45 anos, conseguiu publicar seu primeiro conto na célebre revista *Black Mask*, da qual Dashiell Hammett foi um dos editores. Imediatamente foi considerado um bom escritor, e seus contos passaram a fazer muito sucesso entre os iniciados na literatura *noir*. Seu primeiro livro, *O sono eterno*, foi publicado em 1939. Nele, o protagonista já era Philip Marlowe, cujos caráter e personalidade foram desenvolvidos sob várias identidades em seus contos. A seguir, publicou os romances *Adeus, minha adorada* (1940), *Janela para a morte* (1942), *A dama do lago* (1943), *A irmãzinha* (1949), *O longo adeus* (1953) e *Playback* (1958). Deixou inacabada a novela *Amor & morte em Poodle Springs*, que foi concluída pelo escritor Robert Parker com a permissão da família e publicada em 1989. Seus contos

foram recolhidos e publicados em dois grandes volumes: *A simples arte de matar* e *Assassino na chuva*. Escreveu roteiros para Hollywood e teve todos os seus livros adaptados para o cinema, em filmes nos quais trabalharam grandes astros e estrelas, como Humphrey Bogart, Lauren Bacall, Robert Mitchum, Charlotte Rampling, James Stewart, Robert Montgomery, James Gardner, Elliot Gould, entre muitos outros. Tornou-se alcoólatra após a morte da mulher, em 1956, e morreu em Los Angeles em 1959, consagrado como um dos maiores escritores americanos de todos os tempos.

Coleção **L&PM** Pocket, vol.197  
Primeira edição na Coleção **L&PM** POCKET: maio de 2000  
Esta reimpressão: janeiro de 2007

Título original: *The Long Goodbye*  
Tradução: Flávio Moreira da Costa  
Revisão: Renato Deitos e Carlos Saldanha  
Prefácio: José Onofre  
Capa: adaptação do projeto gráfico de Steven Marking

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

C456L  
Chandler, Raymond, 1888-1959  
O longo adeus / Raymond Thornton Chandler; tradução de Flávio Moreira da  
Costa. — Porto Alegre: L&PM, 2007.  
384 p. ; 18 cm (Coleção L&PM Pocket)

Tradução de: *The Long Goodbye*  
ISBN: 85.254.1007-1

1. Ficção norte-americana-policiais. I. Título. II. Série  
CDD: 813.872  
CDU: 820(73)-312.4

---

Catalogação elaborada por Isabel A. Merlo, CRB 10/329.

© 1953 by Raymond Chandler  
Tradução adquirida conforme acordo com Editora Brasiliense S.A.  
Todos os direitos desta edição reservados a Newtec Editores Ltda  
PORTO ALEGRE: Rua Comendador Coruja, 326  
Floresta — RS — CEP: 90220-180

Fone: (0xx51) 3225.5777

Impresso na Gráfica Editora Pallotti Plínio Brasil Milano 2145

Porto Alegre — RS — Brasil — verão de 2007

[<sup>1</sup>] Investigador particular — detetive particular (N. do T.)

[<sup>2</sup>] Título de uma peça e, depois, filme de muito sucesso na época. A idéia, irônica, é chamá-la de volta à realidade. (N. do T.)